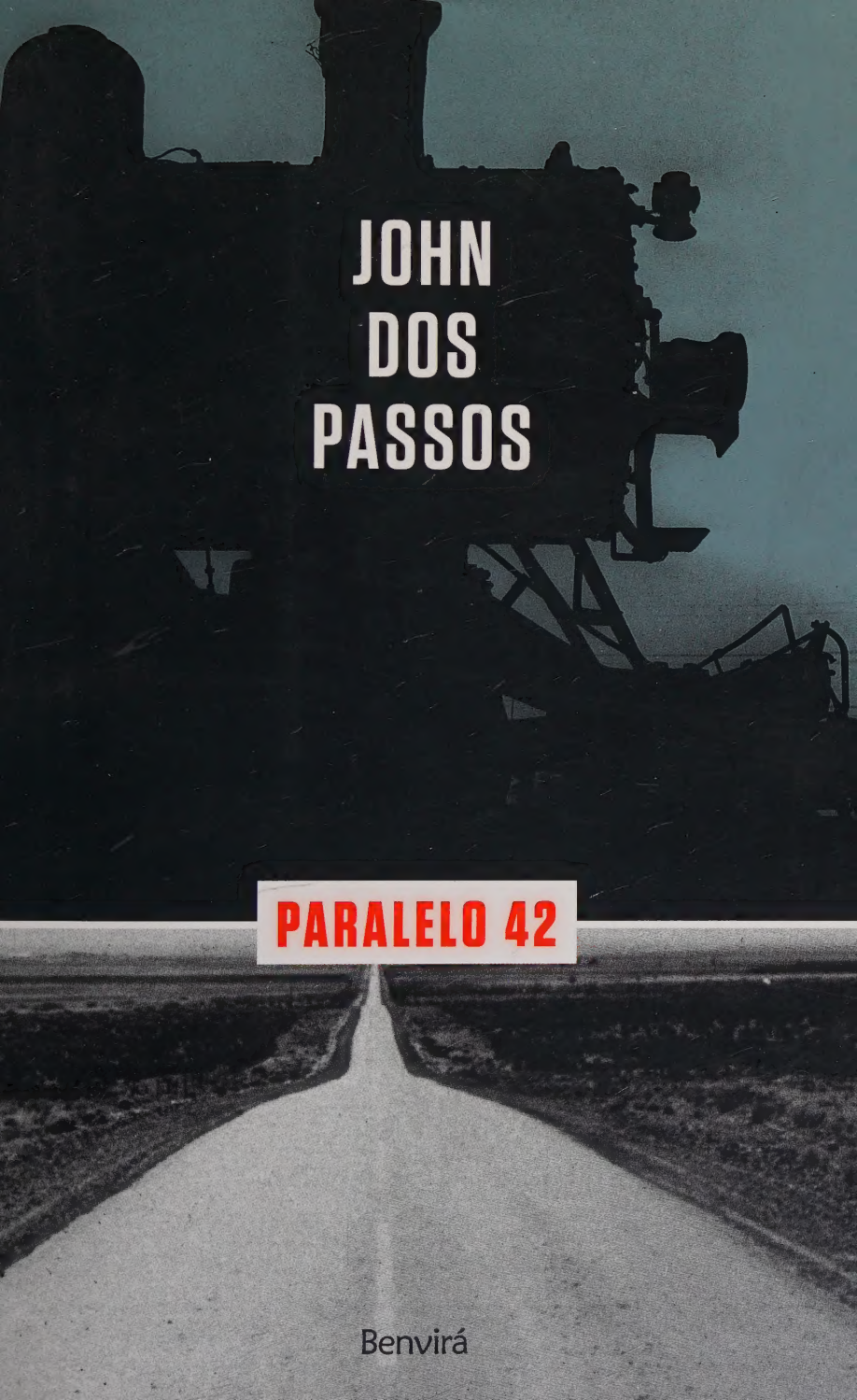

JOHN
DOS
PASSOS
PARALELO 42
Benvirá

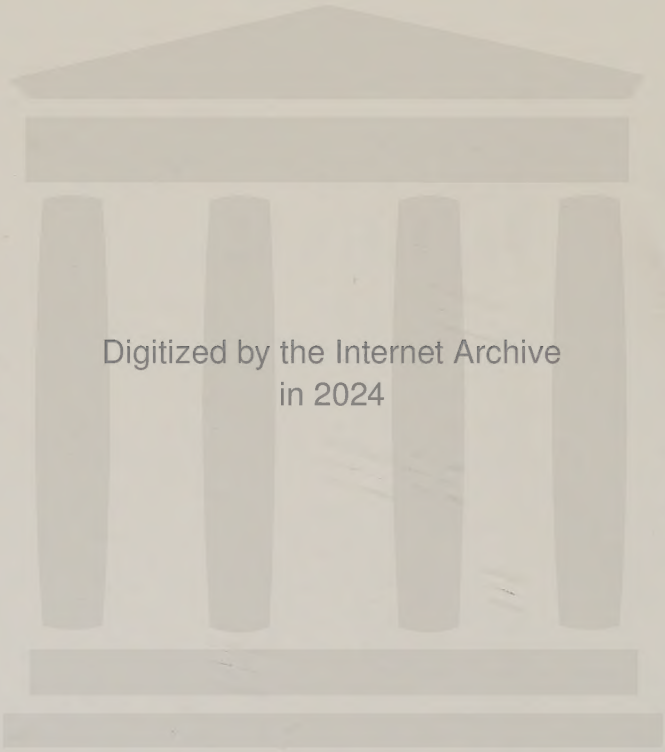
Paralelo 42 é uma das obras mais importantes de um dos maiores escritores da moderna literatura americana. Primeiro livro da trilogia **USA**, também composta por **1919** e **O grande capital**, alinha a vida de cinco personagens que buscam seu lugar ao sol para compor um painel social e político dos Estados Unidos no início do século XX.

Usando colagem de manchetes e notícias de jornais, letras de músicas, biografias de personagens conhecidos (como o inventor Thomas Edison e o empresário Andrew Carnegie) e pura ficção, John dos Passos integra com mestria técnicas narrativas diversas para retratar o nascimento de uma potência mundial, num parto difícil, com lutas de classe e batalhas econômicas.

Neste romance sem herói, como disse o crítico Edmund Wilson, "quando indivíduos comuns, apresentados independentemente, são finalmente postos em contato um com o outro, significados mais profundos começam a aparecer — e percebemos que estávamos testemunhando a formação da sociedade contemporânea dos Estados Unidos".

Admirado desde seu lançamento, em 1930, **Paralelo 42**, também nas palavras de Edmund Wilson, "é o mais importante romance escrito por qualquer americano da geração de Dos Passos"— e uma geração que tinha, entre outros, escritores brilhantes como Ernest Hemingway, T. S. Elliot e Scott Fitzgerald.

PARALELO 42



Digitized by the Internet Archive
in 2024

https://archive.org/details/paralelo420000john_v6y5

JOHN DOS PASSOS

PARALELO 42

Tradução
Marcos Santarrita

Benvirá

Copyrigth 1930 e © renovado em 1958, John dos Passos
Título original: *The 42nd parallel*

Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Luís Colombini
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Edição de arte: Carlos Renato
Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes

Preparação: Tulio Kawata
Revisão: Sandra Kato
Diagramação: Nobuca Rachi
Capa: Luciana Facchini
Imagem de capa: Time Life Picture/Getty Images e Dorothea/Getty Images
Impressão e acabamento: Ed. Loyola

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P321p

Dos Passos, John, 1896-1970.
Paralelo 42 / John dos Passos ; [tradução de Marcos Santarrita]. -
São Paulo : Benvirá, 2012.
512p. : 21 cm (Triologia USA, v. 1)

Tradução de: The 42nd parallel
ISBN 978-85-64065-41-3

1. Estados Unidos - História - 1865-1921 - Ficção. I. Título.
II. Título: Paralelo quarenta e dois. III. Série.

12-0633.

CDD: 813.52
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2012

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

544.304.001.001

Sumário

USA 11

Jornal da Tela I *Era aquela raça emancipada* 15

O Olho da Câmera (1) quando se anda pela rua é preciso pisar com cuidado 18

MAC 19

O Olho da Câmera (2) apressamo-nos sacolejando como um bote 27

MAC 28

Jornal da Tela II *Come on and hear* 39

O Olho da Câmera (3) o qu'il a des beaux yeux disse a dama 41

Amante da Humanidade 42

O Olho da Câmera (4) viajando de volta na chuva 45

MAC 46

Jornal da Tela III "É PRECISO CORAGEM PARA VIVER NESTE MUNDO" 77

O Olho da Câmera (5) e encenamos a batalha de Port Arthur 78

Jornal da Tela IV *Conheci meu amor no Alamo* 81

O Olho da Câmera (6) Vamos lá vamos lá disse
o diretor sr. Linwood 83
Jornal da Tela V INSETOS EXPULSAM BIÓLOGO 85
MAC 85
Jornal da Tela VI Paris Finalmente Escandalizada 113
O Olho da Câmera (7) patinando no lago perto
das fundições da companhia de prata 114
O Mago das Plantas 115
Jornal da Tela VII DIZ QUE ESTE É O SÉCULO EM QUE
OS BILHÕES E CÉREBROS GOVERNARÃO 119
O Olho da Câmera (8) você se sentava na cama
desatando os sapatos 120
MAC 121
O Olho da Câmera (9) durante todo o dia as fábricas
de fertilizantes soltavam um cheiro horrível 128
Big Bill 129
O Olho da Câmera (10) o velho major que me
levava ao Capitólio 133
MAC 134
Jornal da Tela VIII o professor Ferrer, ex-diretor
da Escola Moderna 147
O Olho da Câmera (11) os Pennypacker foram
para a igreja presbiteriana 148
Jornal da Tela IX PERDE ESTRELAS POR BEBER 151
MAC 152
O Olho da Câmera (12) quando todo mundo
se foi em viagem 174

Jornal da Tela X PATENTE DA LUA FRACASSA 177
O Olho da Câmera (13) era um comandante de rebocador e conhecia o rio 179
JANEY 180
O Olho da Câmera (14) nas noites de domingo quando tínhamos bolinhos de peixe e feijão frito 196
Jornal da Tela XI o governo dos Estados Unidos deve insistir 199
JANEY 201
O Olho da Câmera (15) na boca do Schuylkill 220
Jornal da Tela XII GREGOS EM BATALHA FOGEM DA POLÍCIA 223
O Jovem Orador do Platte 225
O Olho da Câmera (16) estava quente como um forno a passagem pelo canal 229
J. WARD MOOREHOUSE 230
O Olho da Câmera (17) na primavera podia-se ver o cometa de Halley 268
Jornal da Tela XIII Eu estava na frente do palácio nacional 271
ELEANOR STODDARD 272
O Olho da Câmera (18) ela era uma dama muito elegante 289
ELEANOR STODDARD 290
O Olho da Câmera (19) a esposa do pastor metodista era uma mulher alta e magra 305

Jornal da Tela XIV LANÇADOR DE BOMBA DETÉM AUSTRALIANO 307
O Imperador do Caribe 310
O Olho da Câmera (20) quando os trabalhadores dos bondes entraram em greve 313
J. WARD MOOREHOUSE 314
O Olho da Câmera (21) naquele agosto não choveu nem uma gota 330
Jornal da Tela XV as luzes se apagam quando se toca "Lar Doce Lar" 335
O Príncipe da Paz 337
O Olho da Câmera (22) por toda a semana o nevoeiro pairou sobre o mar 338
J. WARD MOOREHOUSE 339
Jornal da Tela XVI o homem de Filadélfia completara a décima terceira volta 349
O Olho da Câmera (23) a amiga de mamãe era uma mulher muito linda 350
ELEANOR STODDARD 352
O Olho da Câmera (24) chovia na histórica Quebec chovia 359
JANEY 361
O Mago da Eletricidade 374
O Olho da Câmera (25) naquelas noites de primavera as rodas dos bondes guinchavam 379
Jornal da Tela XVII um ataque de vários aviões hostis 381

MAC 382
Proteu 407
JANEY 410
O Olho da Câmera (26) o jardim estava cheio
e os arredores 434
Jornal da Tela XVIII *Adeus, Piccadilly, adeus,*
Leicester Square 437
ELEANOR STODDARD 438
Jornal da Tela XIX USA EM GUERRA 451
O Olho da Câmera (27) havia padres e freiras
no *Espagne* 452
Bob Lutador 454
CHARLEY ANDERSON 458

USA

O jovem anda rápido, sozinho, em meio à multidão que se rarefaz nas ruas noturnas; pés cansados de caminhar horas; olhos ávidos pela curva cálida de um rosto, lampejos de olhos que correspondam, a posição de uma cabeça, um erguer de ombro, a maneira como as mãos se abrem e fecham; o sangue fervilha de desejo; a mente é uma colmeia de esperanças zumbindo e ferroando; músculos doem do trabalho, o trabalho com a picareta e a pá do consertador de estradas, a perícia do pescador com o gancho quando recolhe a escorregadia rede da amurada da traineira adernada, o movimento do braço do homem na ponte ao jogar o rebite em brasa, a mão do maquinista experiente no afogador, o uso que o agricultor faz de todo o seu corpo quando, tocando as mulas, desengancha o arado do sulco. O jovem caminha sozinho, varrendo a multidão com olhos ávidos, ouvidos ávidos e tensos para escutar, sozinho, só.

As ruas estão vazias. As pessoas se amontoaram nos metrôs, tomaram bondes e ônibus; nas estações, debandaram em busca dos trens suburbanos; infiltraram-se em pensões e quartinhos, subiram em elevadores nos prédios de apartamentos. Numa vitrina dois vitrinistas pálidos, em mangas de camisa, trazem um

manequim mulher num vestido de noite vermelho, numa esquina soldadores com máscaras curvam-se sobre finas lâminas de chama azul consertando um trilho de bonde, alguns vagabundos bêbados passam cambaleando, uma triste prostituta inquieta-se debaixo da luz de um poste. Do rio sobe o profundo e estrepitoso apito de um vapor que deixa o cais. Um rebocador apita na distância.

O jovem anda sozinho, rápido mas não o bastante, longe mas não o bastante (rostos passam e desaparecem, conversas tornam-se farrapos, passadas perdem-se nos becos); ele precisa tomar o último metrô, o bonde, o ônibus, subir correndo as pranchas de embarque de todos os vapores, registrar-se em todos os hotéis, trabalhar nas cidades, atender aos anúncios de empregos, aprender os ofícios, pegar os empregos, morar em todas as pensões, dormir em todas as camas. Uma cama só não basta, um emprego só não basta, uma vida só não basta. À noite, a cabeça rodando de desejos, ele caminha sozinho, só.

Sem emprego, sem mulher, sem casa, sem cidade.

Só os ouvidos, à espera de uma fala, não estão sós; tensos, apanhados pelos tentáculos das palavras em frases, a conclusão de uma piada, o desvanecer cantado de uma história, a áspera queda de uma sentença; os tentáculos entrelaçados da fala desdobram-se pelos quarteirões da cidade, espalham-se pelas calçadas, brotam ao longo das avenidas amplas e arborizadas, passam chispando com os caminhões que partem em suas longas jornadas noturnas por rodovias ruidosas, sussurram descendo arenosas estradas laterais, passam por fazendas arruinadas, juntam cidades e postos de gasolina, rotundas de locomotivas, vapores, aviões que tateiam os caminhos do céu; palavras gritadas em

pastos montanheses derivam lentamente descendo rios que se abrem para o mar e as praias silenciosas.

Não era nas longas caminhadas em meio às multidões apressadas à noite que ele se sentia menos só, nem no campo de treinamento em Allentown, nem durante o dia nas docas de Seattle, nem no vazio mau cheiro das quentes noites de verão da infância na cidade de Washington, nem na comida da rua da Feira, nem ao nadar saltando dos vermelhos rochedos de San Diego, nem na cama cheia de pulgas em Nova Orleans, nem no frio vento cortante que vinha do lago, nem nos rostos cinzentos que tremiam ao ranger das marchas dos carros na rua sob a avenida Michigan, nem nas chaminés fumarentas dos trens expressos, nem atravessando o país, nem subindo a cavalo os secos canyons das montanhas, nem na noite sem saco de dormir entre geladas trilhas de ursos no Yellowstone, nem andando de canoa aos domingos no Quinnipiac;

mas nas palavras de sua mãe falando-lhe de muito tempo atrás, em seu pai falando de quando eu era menino, nas divertidas histórias dos tios, nas mentiras que os garotos contavam na escola, nas patranhas dos empregados, nas histórias cabeludas que os soldados de infantaria contavam após o toque de silêncio;

era o falar que ficava nos ouvidos, o elo que mexia com o sangue; USA.

Os USA são a fatia de um continente. Os USA são um grupo de companhias holding, alguns aglomerados de sindicatos, um volume de leis encadernado em couro de bezerro, uma rede de rádio, uma cadeia de cinemas, uma coluna de cotações da bolsa apagada e escrita por um rapaz da Western Union num quadro negro, uma biblioteca pública cheia de jornais velhos e livros de

história com os cantos das páginas dobrados e protestos garatujados nas margens a lápis. Os USA são o maior vale fluvial do mundo, bordejado de montanhas e colinas. Os USA são um conjunto de funcionários falastrões com contas bancárias demais. Os USA são um bando de homens enterrados de uniforme no cemitério de Arlington. USA são as letras no fim do endereço quando se está longe de casa. Mas acima de tudo os USA são o falar do povo.

Jornal da Tela I

Era aquela raça emancipada
Que atacava morro acima
Até onde os insurretos
Lutavam prontos para a chacina

FIM DO SÉCULO NA CAPITAL

O general Miles com seu uniforme vistoso e seu brioso cavalo era o centro das atenções de todos os olhares sobretudo porque o garanhão se mostrava extremamente agitado. No momento exato em que a banda passava pelo general comandante o cavalo ergueu-se nas patas traseiras e ficou quase ereto. No mesmo instante o general puxou as rédeas do assustado animal e enterrou-lhe as esporas tentando controlar a montaria que para horror dos espectadores caiu para trás desabando exatamente em cima do general comandante. Para grande satisfação da multidão o general Miles não se machucou mas o cavalo perdeu muita pele do flanco. O capote do general Miles ficou quase inteiramente

coberto com a poeira da rua e um buraco de quase três centímetros surgiu-lhe entre os ombros. Sem esperar que ninguém lhe espanasse o pó das vestes tornou a montar e passou em revista o desfile como se aquilo fosse uma ocorrência diária

O incidente naturalmente atraiu a atenção da multidão e isso fez notar o fato de que o general comandante jamais permite que uma bandeira desfile à sua frente sem se descobrir e assim permanecer até que ela tenha passado

E o bravo capitão da Companhia B
Lutava na vanguarda
Como um soldado nato
Não ligava para as balas

FUNCIONÁRIOS NADA SABEM DE VÍCIO

Diretores dos serviços sanitários transformam as águas do rio Chicago em canal de esgoto LAGO MICHIGAN LIGA-SE AO PAI DAS ÁGUAS Zuchterverein alemão aberto concurso de canários cantores luta pelo bimetalismo na proporção de 16 por 1 não está perdida diz Bryan

BRITÂNICOS DERROTADOS EM MAFEKING

Pois muitos homens foram assassinados em Luzon

REIVINDICAM AS ILHAS PARA SEMPRE

O Hamilton Club ouve discurso do ex-congressista Posey da Indiana

RUIDOSA RECEPÇÃO AO NOVO SÉCULO

TRABALHADORES SAÚDAM NOVO SÉCULO

IGREJAS SAÚDAM NOVO SÉCULO

O sr. McKinley dá duro em seu gabinete na entrada do ano novo.

NAÇÃO SAÚDA AURORA DO NOVO SÉCULO

Respondendo a um brinde — Salve Columbia! — no banquete do Columbia Club em Indianápolis, Indiana, o ex-presidente Benjamin Harrison disse, entre outras coisas: Nada tenho a dizer, aqui ou em qualquer outra parte, contra o expansionismo territorial; mas não vejo, como alguns, a expansão territorial como a via mais segura e mais atraente para o desenvolvimento nacional. Com as vantagens do carvão e do ferro abundantes e baratos, de uma enorme superprodução de alimentos e da engenhosidade e economia na produção, estamos hoje à frente das maiores nações colonizadoras.

Moças da Sociedade Chocadas: Dançaram com Detetives

Pois muitos homens foram assassinados em Luzon
e Mindanao

GAROTAS DO GAIETY ATACADAS POR MULTIDÃO EM NOVA JERSEY

Uma das litografias da estrela principal mostrava-a em trajes de banho menores que os de Atlantic City, sentada num fogão ao rubro; numa mão tinha uma taça de vinho transbordante, na outra fitas enroladas sobre um par de belas lagostas.

Pois muitos homens foram assassinados em Luzon
e Mindanao
e em Samar

Respondendo ao brinde "Ao século vinte", o senador Albert J. Beveridge disse entre outras coisas: *O século vinte será americano. O pensamento americano o dominará. O progresso americano lhe dará cor e direção. As conquistas americanas o tornarão ilustre.*

A civilização jamais perderá seu controle sobre Xangai. A civilização jamais sairá de Hong Kong. As portas de Pequim jamais tornarão a fechar-se aos métodos do homem moderno. A regeneração do mundo, física e moral, já se iniciou, e as revoluções jamais retrocedem.

Muitos homens de bem assassinados nas Filipinas
Jazem adormecidos em algum túmulo solitário.

O Olho da Câmera (1)

quando se anda pela rua é preciso pisar com cuidado nas pedras para não esmagar as verdes e ansiosas folhas de grama é mais fácil quando se pega a mão da Mamãe e se gruda nela dessa maneira pode-se dar topadas mas andando depressa se pisa em muitas folhas de grama as pobres línguas verdes machucadas se encolhem sob os pés talvez seja por isso que essas pessoas estão tão furiosas e seguem a gente mostrando os punhos estão jogando pedras gente adulta jogando pedras Ela caminha depressa e corremos os pés pontudos dela destacando-se vívidos entre as pobres folhas de grama pisadas sob as dobras agitadas do vestido de pano marrom inglês uma pedra resvala sobre as lajes do calçamento

Depressa querido depressa na loja de cartões-postais é tranquilo as pessoas furiosas estão do lado de fora e não podem entrar non nein nicht inglês amerikanisch americain Hoch

Amerika Vive l'Amèrique Ela ri Meu querido eles me assustaram mesmo

guerra do veldt Kruger Bloemfontein Ladysmith e a rainha Vitória uma velha senhora com uma touca de renda pontuda mandaram chocolate para os soldados no Natal

embaixo do balcão está escuro e a senhora a boa senhora holandesa que ama os americanos e tem parentes em Trenton mostra-lhe cartões-postais que reluzem no escuro belos hotéis e palácios O que* c'est beau schön linda linda e o luar ondula ondula debaixo de uma ponte e os pequenos reverbères reluzem no escuro debaixo do balcão e as janelinhas dos hotéis em volta do porto O que** c'est beau la lune

e a luazona

Mac

Quando o vento soprava das fundições de prata do outro lado do rio, o ar da cinzenta casa de madeira para quatro famílias em que Fainy McCreary nascera sufocava o dia todo, com o cheiro de sabão de óleo de baleia. Nos outros dias, cheirava a repolho e a bebês e aos tachos de lavar roupa da sra. McCreary. Fainy nunca podia brincar em casa porque o Pai, um aleijado de peito cavo, com um cerdoso bigode louro grisalho, era vigia noturno nas Fábricas Chadwick e dormia o dia inteiro. Só lá pelas cinco horas uma lufada de fumo de tabaco infiltrava-se da sala da frente até a

* "O que" em português no original. [N. T.]
** "O que" em português no original. [N. T.]

cozinha. Era o sinal de que o Pai acordara e estava de bom humor, e logo pediria seu jantar.

Aí mandavam Fainy correndo a uma das duas esquinas da lamacenta ruazinha de casas de madeira onde moravam.

À direita, era meia quadra até o Finley's, onde ele tinha de esperar no balcão, em meio a uma floresta de pernas de calças enlameadas, até que todas aquelas bocas fedorentas e vociferantes dos adultos fossem tapadas com cerveja e uísque. Voltava então para casa, dando cada passo com muito cuidado, a alça do balde espumante cortando-lhe a mão.

À esquerda, meia quadra até a Mercearia Fancy, Produtos Nacionais e Importados, dos Maginni. Fainy gostava do creme de trigo de papelão sujo na vitrina, do compartimento de vidro com diferentes tipos de salame, das barricas de batata e repolho, do cheiro pardo do açúcar, pó de serra, gengibre, arenque defumado, vinagre, pão, pimenta, banha.

- Uma bisnaga de pão, por favor, senhor, meia libra de manteiga e uma caixa de bolachas de gengibre.

Algumas noites, quando a mãe não se sentia bem, Fainy tinha de ir mais longe; dobrava a esquina dos Maginni, descia a avenida Riverside, onde passava o bonde, e atravessava a ponte vermelha sobre o riozinho que corria escuro entre margens cobertas de neve no inverno, amarelo e espumante nos degelos da primavera, e pardo e oleoso no verão. Do outro lado, ia até a esquina da avenida Riverside com a rua Principal, onde ficava a drugstore e onde viviam os boêmios e húngaros e poloneses. Os filhos deles brigavam o tempo todo com os filhos dos Murphy e O'Hara e O'Flanagan que moravam na rua do Pomar.

Fainy passava por ali com os joelhos tremendo, apertando o vidro de remédio embrulhado em papel branco na mão enluvada. Na esquina da rua Quince, tinha de passar por um grupo de garotos. Passar não era tão ruim; quando estava a uns vinte metros deles, porém, a primeira bola de neve passava zumbindo por sua orelha. Não tinha saída. Se disparasse a correr, eles o perseguiriam. Se deixasse o vidro de remédio cair, tomaria uma surra quando chegasse em casa. Uma bola mole batia-lhe fraca na nuca e a neve começava a escorrer-lhe pelo pescoço abaixo. Quando estava a meia quadra da ponte, arriscava e corria para ela.

"Medroso... Favelado irlandês... Murphy aleijado... Correndo para ir contar ao tira...", gritavam os garotos polacos e boêmios e húngaros entre bolas de neve. Endureciam-nas molhando-as e deixando-as congelar durante a noite; se uma dessas o atingisse, tirava sangue.

O quintal era o único lugar onde se podia brincar em segurança. Havia cercas caindo aos pedaços, latas de lixo amassadas, panelas e caçarolas velhas e outras demasiado esburacadas para poderem ser consertadas, um galinheiro vazio ainda com penas e titica pelo chão, lixo no verão, lama no inverno; mas a glória do quintal dos McCreary era a coelheira de Tony Harriman, onde ele criava lebres belgas. Tony Harriman tinha tuberculose e morava com a mãe no térreo à esquerda. Queria criar também todo tipo de outros bichos pequenos, guaxinins, lontras, até mesmo raposas prateadas, e ficar rico com isso. No dia em que morreu, ninguém conseguiu encontrar a chave do grande cadeado da porta da coelheira. Fainy alimentou as lebres durante

vários dias, enfiando folhas de repolho e alface através da grossa tela dupla de arame. Depois, veio uma semana de granizo e chuva, em que não pôde sair para o quintal. No primeiro dia em que foi dar uma olhada, uma das lebres estava morta. Fainy empalideceu; tentou convencer-se de que a lebre dormia, mas ela jazia estranhamente rígida, e não adormecida. As outras encolhiam-se num canto, olhando em redor com os focinhos inquietos, as longas orelhas caídas murchas nas costas. Coitadas; Fainy teve vontade de chorar. Subiu correndo até a cozinha de sua mãe, enfiou-se por baixo da tábua de passar roupa e tirou o martelo da gaveta da mesa. Na primeira tentativa, machucou o dedo, mas na segunda conseguiu arrancar o cadeado. Dentro da gaiola sentia-se um cheiro esquisito, rançoso. Fainy pegou a lebre morta pelas orelhas. A barriga branca, felpuda, começava a inchar, e um olho morto permanecia assustadoramente aberto. Alguma coisa apoderou-se subitamente dele e o fez largar a lebre na lata de lixo mais próxima e correr para casa. Ainda com frio e trêmulo, saiu nas pontas dos pés até o alpendre do fundo e olhou lá embaixo. Sem fôlego, ficou observando as outras lebres. Com saltinhos cautelosos, elas se aproximavam da porta da coelheira, que se abria para o quintal. Uma saiu. Sentou-se sobre as patas traseiras, as orelhas moles subitamente eretas. A mãe pediu-lhe que pegasse um ferro de passar do fogão. Quando ele retornou ao fundo da casa, todas as lebres haviam desaparecido.

Naquele inverno, houve uma greve nas Fábricas Chadwick e o pai perdeu o emprego. Passava o dia todo sentado na sala da frente, fumando e praguejando.

— Um homem em plena forma, por Deus se eu não podia liquidar um desses malditos polacos com a muleta amarrada nas

costas... Eu disse ao sr. Barry: Não vou aderir à greve. Sr. Barry, sou um homem sensato, calado, meio inválido, com mulher e filhos pra cuidar. Sou vigia há oito anos, e agora vocês me chutam para empregar um bando de arruaceiros de uma agência de detetives. Filhos da puta sujos, metidos a besta.

— Se esses malditos estrangeiros não tivessem abandonado o trabalho — respondia alguém para tranquilizar.

A greve não era vista com bons olhos na rua do Pomar. Significava que a Mãe teria de trabalhar cada vez mais, lavando cada vez mais roupa, e que Fainy e sua irmã mais velha Milly deveriam ajudar quando voltassem da escola. Um dia, a Mãe ficou doente e teve de voltar para a cama, em vez de começar a passar a ferro, e lá ficou com o rosto redondo, branco e enrugado, mais branco que o travesseiro, as mãos rachadas pela água cruzadas sob o queixo. Vieram o médico e a enfermeira do distrito, e todos os três aposentos do apartamento cheiravam a médicos e enfermeiras e remédios, e o único lugar que Fainy e Milly tinham para ficar era na escada. Sentavam-se lá e choravam baixinho, juntos. Depois, o rosto da Mãe no travesseiro foi encolhendo até tornar-se uma coisinha enrugada, igual a um lenço amarrotado, e disseram que ela morrera e a levaram.

O enterro ficou a cargo da funerária da avenida Riverside, na quadra seguinte. Fainy sentia-se muito orgulhoso e importante porque todo mundo o beijava e dava-lhe tapinhas na cabeça e dizia-lhe que estava se portando como um homenzinho. Também usava um terno negro novo, como os dos adultos, com bolsos e tudo, a não ser pelas calças curtas. Havia todo tipo de gente na funerária, gente da qual nunca se aproximara antes, o sr. Russell açougueiro, o padre O'Donnell e o Tio O'Hara, que viera de

Chicago, e o ambiente cheirava a uísque e a cerveja como no bar do Finley. Tio Tim era um homem magro, de nodoso rosto vermelho e olhos de um azul aguado. Usava uma gravata preta frouxa que preocupava Fainy, curvava-se de repente, dobrando na cintura como se fosse fechar-se que nem um canivete, e murmurava numa voz pastosa no seu ouvido.

— Não ligue pra eles, amigo velho, são um bando de vagabundos e hipócritas, a maioria já enterrada até as orelhas. Veja o padre O'Donnell, o porco gordo, já calculando o preço do enterro. Mas não ligue pra eles, se lembre de que é um O'Hara pelo lado de sua mãe. Eu não ligo pra eles, amigo velho, e ela era minha irmã de nascimento e sangue.

Quando chegaram em casa, ele estava morto de sono e tinha os pés frios e encharcados. Ninguém lhe deu a menor atenção. Sentou-se choramingando na beira da cama, no escuro. Da sala da frente vinham vozes e o som de facas e garfos, mas não se atrevia a ir lá. Enroscou-se contra a parede e foi dormir. A luz nos olhos acordou-o. O Tio Tim e o Pai estavam parados a seu lado, falando alto. Pareciam engraçados e aparentemente não muito seguros das pernas. O Tio Tim segurava a lâmpada.

— Bem, Fainy, amigo velho — disse o Tio Tim, fazendo o candeeiro balançar perigosamente perto da cabeça do garoto. Fenian O'Hara McCreary, se sente e preste atenção e diga à gente o que pensa da proposta de você se mudar para a grande e crescente cidade de Chicago. Middletown é um puta monte de lixo, se quer saber... Não é pra ofender, John... Mas Chicago... Deus do céu, velho, quando chegar lá você vai pensar que esteve morto e pregado num caixão esses anos todos.

Fainy estava assustado. Dobrou os joelhos, encostando-os no queixo e olhou tremendo para as duas grandes figuras oscilantes iluminadas pelo candeeiro oscilante. Tentou falar, mas as palavras secaram-lhe nos lábios.

— O garoto está dormindo, Tim, apesar de todo o seu discurso... Tire a roupa, Fainy, e caia na cama e tenha uma boa noite de sono. Vamos partir de manhã.

E já tarde, numa manhã chuvosa, sem nenhum desjejum, com um grande baú amarrado com cordas balançando precariamente em cima do táxi que haviam mandado Fainy chamar no Estábulo de Hodgeson, eles partiram. Milly chorava. O Pai não dizia uma palavra, mas chupava um cachimbo apagado. O Tio Tim cuidava de tudo, o tempo todo fazendo piadinhas das quais ninguém ria, sacando um rolo de notas do bolso a qualquer pretexto, ou tomando grandes goles gorgolejantes da garrafa chata que tinha no bolso. Milly chorava sem parar. Fainy olhava com grandes olhos enxutos as conhecidas ruas lá fora, todas de repente velhas e tortas, que passavam rolando pelo táxi; a ponte vermelha, as casas miseráveis onde moravam os poloneses, a drugstore Smith's and Smith's... lá estava Billy Hogan saindo com uma caixa de goma de mascar na mão. Gazeteando de novo. Fainy sentiu um impulso de gritar para ele, mas alguma coisa congelou o grito... A rua Principal com seus olmos e bondes, quadras de lojas após a esquina da igreja, e depois o corpo de bombeiros. Fainy olhou pela última vez para dentro da gruta escura onde brilhavam hipnoticamente as curvas de latão e cobre da máquina, depois as frentes de papelão da Primeira Igreja Congregacional, a Igreja Batista Carmel, a Igreja Episcopal de

Saint Andrew, construída de tijolos e enviesada em relação ao terreno, em vez de reta e com a face severa para a rua como as outras igrejas, depois os três alces de ferro fundido no gramado em frente à Câmara de Comércio, e as residências, todas com seu gramado, seus alpendres de volutas, seus pés de hortênsia. Depois as casas foram ficando menores, e os gramados desapareceram; o táxi passou sacolejando a curva depois da Simpson's Grain e o Feed Warehouse, uma fila de barbearias, bares e restaurantes, e chegaram à estação.

No balcão da lanchonete da estação, o Tio Tim mandou todo mundo sentar-se para o desjejum. Enxugou as lágrimas de Milly e assoou o nariz de Fainy num grande lenço novo, que ainda tinha a etiqueta no canto, e os pôs para comer toucinho defumado com ovos e café. Fainy nunca tomara café antes, e por isso a ideia de sentar-se como um homem e tomar café o fez sentir-se muito bem. Milly não gostou do dela, disse que estava amargo. Deixaram-nos sozinhos na lanchonete por algum tempo, com os pratos e xícaras vazios, sob os olhos de contas de uma mulher de pescoço comprido e rosto pontudo como uma galinha, que os observava desaprovadoramente de detrás do balcão. Depois, com um clangor enorme, despedaçante, bufando... puff, o trem entrou na estação. Eles foram agarrados e arrastados para o outro lado da plataforma, atravessaram um vagão fumacento e antes que percebessem o trem já se movia e a invernal paisagem avermelhada de Connecticut passava chacoalhando.

O Olho da Câmera (2)

apressamo-nos sacolejando como um bote no táxi embolorado e cheirando a estábulo Ele dizia o tempo todo Que você faria Lucy se eu convidasse um deles para a minha mesa? São pessoas muito amáveis Lucy a gente de cor e Ele tinha cravos numa caixinha de prata e um cheiro de uísque de centeio no hálito e corria para pegar o trem para Nova York

e Ela dizia Oh Deus espero que não nos atrasemos e Scott esperava com as passagens e tivemos de subir correndo a plataforma da estação da rua Sete e os canhõezinhos caíam o tempo todo do Olympia e todos paravam para pegá-los e o condutor Embarquem todos madame depressa madame

eram canhõezinhos de metal e brilhavam ao sol na plataforma da estação da rua Sete e Scott nos ergueu a todos e o trem se moveu e o sino da máquina tocava e Scott pôs-lhe na mão um punhadinho de minúsculos canhões que tinham apenas o tamanho suficiente para conter a menor bombinha vermelha na batalha da baía de Manila e disse Aqui está a artilharia Jack

e falava no carro-salão Ora Lucy se fosse necessário pela causa da humanidade eu sairia e seria fuzilado qualquer dia você saía não saía Jack? não saía carregador? que trazia Apollinaris e Ele tinha uma garrafa chata na valise onde os lenços de seda com iniciais sempre cheiravam a rum da baía

e quando chegamos a Havre de Grace Ele disse Lembra-se Lucy nós tínhamos uma lancha para atravessar o Susquehanna antes de a ponte ser construída

e para atravessar o Arroio da Pólvora também

Mac

Morros avermelhados, trechos de bosques, fazendas, vacas, um potro vermelho escoiceando num pasto, cercas de trilhos, pedaços de pântanos.

— Bem, Tim, eu me sinto como um vira-lata surrado... Durante toda a minha vida, Tim, eu tentei fazer a coisa certa — o Pai continuava repetindo numa voz chacoalhada. — E agora, que estarão dizendo de mim?

— Deus do céu, homem, você não podia ter feito outra coisa, podia? Que diabos se pode fazer quando não se tem dinheiro nenhum, emprego nenhum, e um bando de médicos e papa-defuntos e senhorios aparece com suas contas e a gente com dois filhos pra criar?

— Mas eu tenho sido um homem quieto e respeitável, estável e desgraçado desde que me casei e assentei. E agora, que estarão pensando de mim, escapulindo como um cão surrado?

— John, acredite em mim, eu seria o último a querer levar a desonra a uma morta que era minha irmã de nascimento e sangue... Mas não é culpa sua nem minha... é culpa da pobreza, e a pobreza é culpa do sistema... Fenian, escute o Tio O'Hara por um minuto, e você também, Milly, porque uma moça tem de saber essas coisas tanto quanto um homem, e uma vez nesta vida Tim O'Hara está dizendo a verdade... É culpa do sistema, que não dá a um homem o fruto de seu trabalho... O único homem que recebe alguma coisa do capitalismo é o escroque, e este chega a milionário em pouco tempo... Mas um trabalhador honesto como John ou eu pode trabalhar cem anos que não deixa o bastante pra enterrar a gente decentemente.

A fumaça rolava branca diante da janela, destacando de seu seio árvores e postes telegráficos e casinhas quadradas com telhados de madeira e cidadezinhas e bondes, e longas filas de charretes com cavalos fumegantes umas atrás das outras.

— E quem fica com o fruto de nosso trabalho, o maldito negociante, agentes, intermediários que jamais fizeram um trabalho produtivo na vida.

Os olhos de Fainy seguem os fios do telégrafo, que baixam e sobem.

— Agora, Chicago não é nenhum paraíso, isso eu posso garantir a você, John, mas é um mercado melhor para os músculos e o cérebro de um trabalhador, no momento, que o Leste. E por quê, você me pergunta por quê?... Oferta e procura, precisam de trabalhadores em Chicago.

— Tim, estou lhe dizendo que me sinto como um cão surrado.

— É o sistema, John, é o maldito sistema sujo.

Uma grande agitação no vagão acordou Fainy. Estava escuro. Milly chorava de novo. Ele não sabia onde estava.

Bem, cavalheiros - dizia o Tio Tim —, estamos chegando à velha Nova York.

Na estação estava claro; isso surpreendeu Fainy, que achava que já era noite. Ele e Milly foram deixados um longo tempo sentados numa mala na sala de espera. A sala de espera era imensa, cheia de gente de aparência estranha, pessoas assustadas como as que se viam nos livros de figuras. Milly continuava chorando.

— Ei, Milly, eu lhe dou um tapa se não parar de chorar.

— Por quê? — choramingou Milly, chorando ainda mais.

Fainy ficou o mais longe possível dela para as pessoas não pensarem que estavam juntos. Quando ele próprio já estava para chorar, apareceram o Pai e o Tio Tim, que os levaram com a mala para o restaurante. Um forte cheiro de uísque novo saía de seus hálitos, e eles pareciam ter os olhos muito brilhantes. Sentaram-se todos à mesa com uma toalha branca e um simpático negro de paletó branco entregou-lhes uma grande carta cheia de palavras impressas.

— Vamos comer um bom jantar — disse o Tio Tim —, mesmo que seja a última coisa que façamos nesta terra.

— Ao diabo com a conta — disse o Pai —, se a culpa é do sistema.

— Ao diabo com o papa — disse o Tio Tim. — Ainda vamos fazer de você um social-democrata.

Deram a Fainy ostras fritas e frango e sorvete e bolo, e quando todos tiveram de sair correndo para o trem ele sentia uma terrível pontada do lado. Entraram num vagão diurno que recendia a gás de iluminação e axilas.

— Quando vamos pra cama? – Milly começou a choramingar.

— Não vamos pra cama — disse alegremente o Tio Tim. — Vamos dormir bem aqui como ratinhos... como ratinhos num queijo.

— Eu não gosto de ratos — berrou Milly, com um novo dilúvio de lágrimas, quando o trem já partia.

Fainy sentia os olhos arder; nos ouvidos, o rugir contínuo, o clangor nos cruzamentos, o súbito rosnado sob as pontes. Era um túnel; o caminho todo até Chicago era um túnel. À sua frente, os rostos do Pai e do Tio Tim pareciam rubros e rosnantes, não

gostava da aparência deles, e a luz era fumarenta e trêmula e lá fora era tudo um túnel e seus olhos ardiam e as rodas e os trilhos rugiam nos ouvidos e ele adormeceu.

Quando despertou, estavam numa cidadezinha, e o trem corria pela rua principal. Era uma manhã de sol. Ele via as pessoas cuidando de seus afazeres, lojas, charretes e carroças paradas no meio-fio, meninos vendendo jornais, índios de madeira na frente das tabacarias. A princípio, julgou que sonhava, mas depois se lembrou e concluiu que devia ser Chicago. O Pai e o Tio Tim dormiam no assento defronte. Tinham a boca aberta, os rostos manchados, e ele não gostava da aparência deles. Milly encolhia-se, inteiramente coberta por um xale. O trem diminuía a marcha, era uma estação. Se fosse Chicago, teriam de descer. Nesse instante, passou o condutor, um velho que parecia um pouco com o padre O'Donnell.

— Por favor, senhor, isto aqui é Chicago?

— Chicago ainda está muito longe, filho — disse o condutor, sem sorrir. — Aqui é Syracuse.

E todos acordaram, e durante horas e horas os postes telefônicos passaram, e cidades, casas de madeira, fábricas de tijolos com filas e filas de janelas reluzentes, montes de lixo, pátios de trens, terra arada, pasto e vacas, e Milly ficou enjoada e as pernas de Fainy pareciam a ponto de cair, de ficar sentado no banco por tanto tempo; em alguns lugares nevava, em outros fazia sol, e Milly continuava vomitando e cheirando tristemente a vômito, e escureceu e todos dormiram; e fez-se dia de novo, e então as cidadezinhas e as casas de madeira e as fábricas começaram a juntar-se, amontoando-se em armazéns e silos, e os pátios de trem se espalharam até onde a vista alcançava e era Chicago.

Mas fazia tanto frio e o vento soprava a poeira com tanta força em seu rosto e ele tinha os olhos tão grudados pela poeira e pelo cansaço que não podia olhar para nada. Após terem esperado um longo tempo, Milly e Fainy abraçados contra o frio, subiram todos num bonde e viajaram e viajaram. Estavam com tanto sono que não sabiam exatamente onde terminara o trem e começara o bonde. A voz do Tio Tim prosseguia falando orgulhosamente, excitadamente, Chicago, Chicago, Chicago. O pai sentava-se com o queixo apoiado na muleta.

— Tim, eu me sinto como um vira-lata surrado.

Fainy viveu dez anos em Chicago.

A princípio, foi à escola e jogou beisebol em terrenos baldios nas tardes de sábado, mas então veio a sua colação de grau, e todas as crianças cantaram *Meu país, é de ti*, e acabou a escola e ele teve de ir trabalhar. Nessa época, o Tio Tim tinha sua própria tipografia numa poeirenta rua lateral da North Clark, no térreo de um desconjuntado prédio velho de tijolos. A tipografia ocupava apenas uma pequena parte do prédio, que era em sua maior parte usado como armazém e famoso pelos ratos. Tinha uma única janela de vidro, que as letras góticas em dourado, TIMOTHY O'HARA, IMPRESSOR, tornavam resplendente.

— Ora, Fainy, amigo velho — disse o Tio Tim —, você vai ter uma oportunidade de aprender o ofício a partir de baixo.

Assim, ele levava recados, entregava pacotes de circulares, volantes, cartazes, vivia esquivando-se de bondes, abaixando-se para livrar-se da espuma dos grandes cavalos de tração, pegando caronas em carroças de entrega. Quando não havia trabalho desse tipo a fazer, varria debaixo das impressoras, limpava tipos, esvaziava a cesta de papéis do escritório, ou, nas horas de

premência, corria até a esquina para buscar café e sanduíches para o tipógrafo, ou uma garrafinha de uísque para o Tio Tim.

O pai claudicou pela cidade em sua muleta durante vários anos, sempre à procura de um emprego. Às noites, fumava seu cachimbo e maldizia sua sorte no alpendre dos fundos da casa do Tio Tim e de vez em quando ameaçava retornar a Middletown. Um dia, pegou pneumonia e morreu tranquilamente no Hospital do Sagrado Coração. Foi mais ou menos na mesma época em que o Tio Tim comprou uma linotipo.

O Tio Tim ficou tão excitado que não tomou um gole durante três dias. As tábuas do assoalho estavam muito podres e foi preciso construir, desde o porão, uma base de tijolos para a linotipo.

Bem, quando tivermos outra, vamos pôr concreto na sala toda — dizia o Tio Tim a todo mundo.

Durante um dia inteiro, não se fez nenhum trabalho. Todos ficavam em volta olhando a alta e complicada máquina negra, que ali estava como um órgão numa igreja. Quando ela trabalhava e a tipografia se enchia com o quente cheiro de metal derretido, os olhos de todos seguiam o trêmulo e inquisitivo braço que se levantava e dobrava acima do teclado. Quando passavam de mão em mão as quentes e reluzentes lâminas de tipos, o velho tipógrafo alemão que por algum motivo chamavam de Mike punha os óculos na testa e exclamava:

— Cinquenta e cinco anos como impressor e, agora que estou velho, vou ter de carregar latas de carvão pra ganhar a vida.

O primeiro impresso que o Tio Tim compôs na nova máquina foi a frase: Trabalhadores do mundo, uni-vos; nada tendes a perder, senão vossas cadeias.

Quando Fainy tinha dezessete anos e começava a pensar em saias, tornozelos e roupas de baixo femininas, ao voltar do trabalho para casa à tarde e ver as luzes da cidade brilhante contra o brilhante e estonteante céu do oeste, houve uma greve nas casas de impressão de Chicago. Tim O'Hara sempre dirigira um sindicato e fazia todos os impressos sindicais a preço de custo. Publicou até um folheto, assinado "Um Cidadão" e intitulado "Um sério protesto", que Fainy teve permissão de compor na linotipo uma noite, depois que o linotipista fora para casa. Uma frase ficou-lhe na mente: É tempo de todos os homens honestos unirem-se para resistir aos malefícios do cúpido privilégio.

O dia seguinte era domingo, e Fainy percorreu a avenida Michigan com um pacote dos panfletos para distribuição. Era um dia de prematura primavera. Do outro lado do mole gelo amarelo do lago sopravam leves brisas que recendiam inesperadamente a flores. As moças pareciam sensacionalmente lindas, as saias voando ao vento, e Fainy sentia o sangue da primavera latejando quente dentro de si, queria beijar e rolar no chão e correr sobre os blocos de gelo e fazer discursos do alto dos postes telefônicos e saltar por cima dos bondes; mas, em vez disso, distribuía panfletos e pensava nas calças puídas e desejava ter um terno bonito e uma moça bonita com quem passear.

— Ei, rapazinho, onde está sua licença pra distribuir esses panfletos?

Era a voz de um policial rosnando em seu ouvido. Fainy deu-lhe uma olhada por cima do ombro, deixou cair os panfletos e correu. Passou abaixado por entre reluzentes charretes e carruagens negras, desceu correndo uma rua lateral e andou e andou sem olhar para trás até conseguir cruzar uma ponte

pouco antes de erguerem-na. O policial não o seguia, de qualquer modo.

Ficou parado no meio-fio por um longo tempo, com o assobio de uma barraquinha de amendoim sibilando gozadoramente em seu ouvido.

Nessa noite, ao jantar, o tio perguntou-lhe pelos panfletos.

— Eu distribuí eles por toda a beira do lago... Um tira tentou me parar, mas eu disse a ele de cara onde podia ir.

Fainy ficou vermelho como uma brasa quando uma vaia explodiu de todo mundo à mesa. Encheu a boca de purê de batata e não disse mais nada. A tia, o tio e as três filhas deles riam sem parar.

— Bem, é bom que você tenha corrido mais rápido que o tira — disse o Tio Tim —, pois de outro modo eu ia ter de pagar a sua fiança e isso custa dinheiro.

Na manhã seguinte, cedo, Fainy estava varrendo o escritório quando um homem com um rosto que parecia um bife cru subiu a escada: fumava um charuto barato fininho, de um tipo que Fainy jamais vira antes. Bateu à porta de vidro do térreo.

— Quero falar com o sr. O'Hara, Timothy O'Hara.

— Ele não chegou ainda, estará aqui num minuto, senhor. Quer esperar?

— Pode apostar que sim.

O homem sentou-se na beira de uma cadeira e cuspiu, tirando antes a ponta mastigada do mata-rato da boca e olhando meditativamente para ele por um longo tempo.

Quando Tim O'Hara chegou, a porta do escritório fechou-se com um estrondo. Fainy zanzava ansioso em volta, um pouco receoso de que o homem fosse um detetive seguindo o caso dos

panfletos. As vozes subiam e baixavam, a do estranho em tiradas rápidas e ásperas, a de O'Hara em longas cláusulas explicativas, de vez em quando Fainy pegava a palavra executar, até que de repente a porta se escancarou e o estranho disparou para fora, o rosto mais roxo que nunca. Na varanda de ferro, parou e, sacando um novo mata-rato do bolso, acendeu-o no que já fumava; grunhindo as palavras através do charuto e da nuvem azul de fumaça, disse:

— Sr. O'Hara, o senhor tem vinte e quatro horas para pensar no assunto... Uma palavra sua e a ação parará imediatamente.

E desceu para a rua, deixando atrás de si uma longa trilha de fumaça acre.

Um minuto depois, o Tio Tim saiu do escritório, o rosto branco como papel.

— Fainy, amigo velho — disse —, vá procurar um emprego. Estou deixando os negócios. Mantenha o olho aberto. Vou tomar um trago.

Passou seis dias bêbado. Ao cabo desse tempo, vários homens de mansa aparência se apresentaram com intimações, e o Tio Tim teve de ficar sóbrio para ir ao tribunal e apresentar um pedido de bancarrota.

A sra. O'Hara fechava a cara e trovejava:

— Eu não lhe dizia, Tim O'Hara, nada de bom jamais virá de você andar por aí se metendo com esses sindicatos e social-democratas e cavaleiros andantes ateus da classe operária, todos bêbados e vagabundos como você mesmo, Tim O'Hara. É claro que os donos da imprensa iam se juntar e comprar seu importante jornal e esmagar você, e é bem feito, Tim O'Hara, você e seus modos de bêbado socialista ateu, só que eles podiam ter

pensado em sua pobre mulher e nos desamparados filhos dela, e agora nós todos vamos morrer de fome, nós e os dependentes e os agregados que você trouxe pra dentro de casa.

— Ora vejam — gritou a irmã de Fainy, Milly. — Se não tenho trabalhado como uma escrava, esfolando os dedos até os ossos, por cada pedaço de pão que comi nesta casa.

E levantou-se da mesa de desjejum e deixou a sala. Fainy ficou ali sentado, enquanto a tempestade rugia acima dele; depois levantou-se, enfiando um bolinho de milho no bolso ao sair. No saguão, achou a seção de "Precisa-se" do *Tribune* de Chicago, pegou o chapéu e saiu para uma pura manhã de sol dominical, cheia de sinos de igreja ressoando-lhe nos ouvidos. Subiu para um bonde e foi ao Lincoln Park. Ali, sentou-se num banco durante muito tempo, mastigando o bolinho e estudando as colunas de anúncios: Precisa-se de rapaz. Mas nenhum deles parecia muito convidativo. Uma coisa estava decidida, não queria outro emprego numa impressora enquanto a greve não terminasse. Aí, seu olhar bateu em

> Precisa-se de rapaz inteligente com amb. e gosto lit., conhecimento de impressão e negócios edit. Conf. vendas e distrib. proposta $ 15 por semana. Cartas a CP 1256b

Fainy sentiu de repente a cabeça muito leve. Rapaz inteligente, isso eu sou, ambição e gosto literário... Xi, preciso acabar *Um olhar para trás*... e, puxa, eu gosto de ler muito, e posso operar uma linotipo ou montar tipos se alguém me deixar. Quinze paus por semana... muito bom, um aumento de dez dólares. E começou a escrever uma carta na mente, candidatando-se ao trabalho.

Caro Senhor (Meu Caro Senhor)

ou talvez Cavalheiros,

Candidatando-me ao emprego que os senhores oferecem no *Tribune* de hoje domingo quero me candidatar (permitam-me declarar) que tenho dezessete anos, não, dezenove, vários anos de experiência nos ofícios de imprimir e editar, ambições e um excelente conhecimento e gosto pelos ofícios de imprimir e editar,

não, não posso dizer isso duas vezes... E estou muito ansioso pelo emprego... À medida que prosseguia, a coisa embrulhava-se cada vez mais em sua cabeça.

Descobriu que estava parado ao lado de uma carrocinha de amendoim. Fazia um frio dos diabos, um vento cortante como navalha uivava por cima do gelo rachado e dos negros trechos de água do lago. Recortou o anúncio e deixou o vento levar o resto do jornal. E comprou para si um saquinho de amendoim quente.

Jornal da Tela II

Come on and hear
Come on and hear
Come on and hear

Em seu discurso ao Legislativo do Estado de Michigan, o governador Hazen S. Pingree, que está deixando o cargo, disse entre outras coisas: Prevejo que, a menos que os que estão no poder, e em cujas mãos repousa a legislação, mudem o atual sistema de desigualdade, haverá uma sangrenta revolução em menos de um quarto de século neste nosso grande país.

CARNEGIE FALA DE SEU EPITÁFIO

Alexander's Ragtime Band
It is the best
It is the best

o almoço servido no laboratório de física foi repleto de características novas. Uma miniatura de alto-forno de quatro

pés de altura erguia-se na mesa do banquete, e uma estrada de ferro de bitola estreita de doze metros corria pela borda da mesa. Em vez de metal derretido, o alto-forno despejava ponche quente em pequenos vagões da estrada de ferro. O sorvete era servido em forma de dormentes de trem e o pão tinha a forma de locomotivas.

O sr. Carnegie, exortando as vantagens da educação superior em todos os ramos do conhecimento, chegou finalmente à seguinte conclusão: Constatou-se que o trabalho braçal é o melhor alicerce para o maior trabalho do cérebro.

VICE-PRESIDENTE ESVAZIA UM BANCO

Come on and hear
Alexander's Ragtime Band
It is the best
It is the best

irmão de Jesse James declara que o filme que o descreve como bandido e proscrito é desmoralizante batalha distrital acaba com a poligamia, segundo uma investigação feita por ministros de Salt Lake, ainda praticada por mórmons mulheres membros do clube ficam de queixo caído

It is the best band in the land

diz que os animais do circo só comem carne de cavalo de Chicago Venda para pagamento de impostos em Indiana assinala final da Feira Mundial usa bandeira como saco de trapos assassinado na ilha dos canibais vigia cai na água e leões-marinhos o atacam.

A lancha aproximou-se então do meio murcho balão de Santos Dumont. Este foi meio arrastado e meio se arrastou por si mesmo sobre a amurada para dentro do bote.

O príncipe de Mônaco pediu-lhe que deixasse que o levassem a bordo do iate para enxugar-se e mudar de roupa. Santos Dumont não quis deixar a lancha enquanto tudo que pudesse ser salvo não fosse levado para a margem, e depois, molhado mas sorridente e despreocupado, desembarcou em meio aos frenéticos aplausos da multidão.

O Olho da Câmera (3)

o qu'il a des beaux yeux disse a dama no assento defronte mas Ela disse que aquela não era maneira de falar com crianças e o garotinho se sentiu todo em brasa e viscoso mas estava escuro e a lâmpada com forma de meia melancia acendia-se vermelho--escura e o trem rugia e de repente eu estava dormindo e está escuro e as borlas azuis na borda do abajur escuro em forma de melancia e por toda parte há sombras curvas pontudas (na primeira vez que Ele veio trouxe uma melancia e o sol entrava através das compridas cortinas de renda da janela e quando ele a cortou o cheiro de melancias encheu todo o aposento) Não não coma os caroços queridinho eles causam apendicite

mas você espia para fora da janela a negra escuridão trovejante subitamente pontilhada de chaminés quadradas e você tem medo da fumaça negra e das bolas de chamas que afloram e morrem nas chaminés quadradas Olarias querido eles trabalham ali a noite toda Quem trabalha ali a noite

toda? Operários e pessoas como aqueles trabalhadores travailleurs mexicanos

você tinha medo

mas agora o escuro era todo negro de novo a lâmpada no trem e o céu e tudo mais tinha um abajur azul-escuro e Ela contava uma história sobre

Muitotempoatrás Antesdafeiramundial Antesdevocênascer eles foram ao México num vagão particular da nova linha internacional e os homens atiravam em antílopes do fundo do trem e grandes coelhos jumentos era como chamavam e uma vez uma noite Muitotempoatrás Antesdafeiramundial Antesdevocênascer uma noite Mamãe teve tanto medo por causa de todos aqueles tirosdefuzil mas estava tudobem depois se soube que não era nada só uns tirinhos eles tinham só atirado num mexicano foi tudo

isso foi nos primeiros tempos

Amante da Humanidade

Debs era ferroviário, nascera num barraco de tábuas em Terre Haute.

Era um de dez filhos.

O pai viera para a América num veleiro em '49,

um alsaciano de Colmar; não era muito de ganhar dinheiro, gostava de música e de ler,

deu aos filhos a oportunidade de concluir a escola pública e isso foi quase tudo que pôde fazer.

Aos quinze anos, Gene Debs já trabalhava como maquinista na Estrada de Ferro de Indianápolis e Terre Haute.

Trabalhou como foguista de locomotiva,
escriturário numa loja
associou-se à seção local da Irmandade de Foguistas de Locomotiva, foi eleito secretário, viajou por todo o país como organizador.

Era um homem alto de andar bamboleante, tinha uma espécie de retórica tempestuosa que punha em fogo os trabalhadores da estrada de ferro em seus salões de pinho
fazia-os querer o mundo que ele queria,
um mundo partilhado por irmãos
onde todo mundo tivesse o mesmo quinhão:

Não sou um líder trabalhista. Não quero que vocês me sigam, a mim ou a qualquer outro. Se estão em busca de um Moisés que os conduza para fora do deserto capitalista, fiquem exatamente onde estão. Eu não os conduziria a essa terra prometida mesmo que pudesse porque, se eu pudesse conduzi-los para dentro, outra pessoa os conduziria para fora.

Assim ele falava aos carregadores e vigias, aos foguistas e sinaleiros e maquinistas, dizendo-lhes que não bastava organizar os ferroviários, que todos os trabalhadores deviam ser organizados, que todos os trabalhadores se organizassem na sua comunidade econômica cooperativa.

Foguista de locomotiva, em muitas e longas viagens noturnas,
sob a fumaça um fogo queimava-o, queimava em palavras tempestuosas que batiam nos salões de pinho; queria que seus irmãos fossem homens livres.

Foi isso que viu na multidão que o esperava na Estação de Old Wells quando saiu da cadeia após a greve dos Pullman,
aqueles foram os homens que riscaram a giz novecentos mil votos para ele em mil novecentos e doze e assustaram as casacas

e cartolas e anfitriãs cobertas de diamantes em Saratoga Springs, Bar Harbor, Lake Geneva com o demônio de um presidente socialista.

Mas onde estavam os irmãos de Gene Debs em mil novecentos e dezoito quando Woodrow Wilson mandou prendê-lo em Atlanta por discursar contra a guerra,

onde estavam os homenzarrões que amavam o uísque e uns aos outros, gentis e errantes contadores de lorotas nos bares de cidadezinhas do Meio Oeste,

homens tranquilos que queriam uma casa com varanda para tagarelar e uma mulher gorda para cozinhar para eles, alguns tragos e charutos, um jardim para cavoucar, parceiros para conversas fiadas

e queriam trabalhar por isso

e que outros trabalhassem por isso;

onde estavam os foguistas e maquinistas de locomotivas quando o levaram aos trancos para a penitenciária de Atlanta?

E trouxeram-no de volta para morrer em Terre Haute

para sentar-se na varanda numa cadeira de balanço com um charuto na boca,

a seu lado rosas Beleza Americana que sua esposa arrumava num vaso;

e a gente de Terre Haute e de Indiana e do Meio Oeste gostava dele e o temia e pensava nele como um velho tio bondoso que a amava, e queria estar com ele e que ele lhe desse balas,

mas tinha medo dele como se ele houvesse contraído uma doença social, sífilis ou lepra, e achava isso muito ruim,

mas pela bandeira
e pela prosperidade
e para tornar o mundo seguro para a democracia,
tinha medo de estar com ele,
ou de pensar muito sobre ele por temer vir a acreditar no que ele dizia;
porque ele dizia:
Enquanto houver uma classe baixa eu pertenço a ela, enquanto houver uma classe criminosa eu pertenço a ela, enquanto houver uma alma na prisão eu não sou livre.

O Olho da Câmera (4)

viajando de volta na chuva no coche escangalhado olhando os dois rostos deles à luz sacolejante do coche de quatro rodas e os grandes baús Dela batendo na capota e Ele recitando *Otelo* em sua voz de advogado

O pai dela me amava, muitas vezes me convidava
Sempre me perguntava a história de minha vida
Ano por ano, as batalhas, os sítios, as fortunas
Que passei.
Eu percorria tudo, desde os meus dias de infância
Até o momento mesmo em que me pedia que contasse
Ao que eu falava de meus mais desastrosos riscos
Os acidentes emocionantes em enchentes e no campo
De fugas por um triz na iminente brecha mortal

ora esse é o Schuylkill os cascos do cavalo ressoam agudos no liso asfalto molhado após as pedras através das cordas cinza da chuva o rio brilha avermelhado com a lama do inverno Quando eu tinha sua idade Jack mergulhava dessa ponte pela amurada da ponte a gente pode olhar lá embaixo a fria água brilhante de chuva Você usava alguma roupa? Só a camisa

Mac

Fainy estava de pé junto da porta no apinhado trem elevado; apoiado às costas do gordo que se agarrava à alça à sua frente, continuava lendo uma carta escrita em estralejante papel de carta com marca d'água:

Em Busca da Verdade,
Companhia Distribuidora de Livros S. A.
Escritórios Gerais, avenida Hamlin, 1104 S.
Chicago, Ill., 14 de abril de 1904

Fenian O'H. McCreary
Rua N. Wood, 456
Chicago, Ill.

Caro Senhor,

Temos o prazer de acusar o recebimento de sua carta datada de 10 deste.

Com referência ao assunto em questão, achamos que muito se poderia ganhar com uma entrevista pessoal. Se o senhor tiver a bondade de aparecer no endereço acima segunda-feira,

16 de abril, às nove horas, achamos que a questão da sua adaptabilidade ao cargo ao qual se candidatou pode ser inteiramente resolvida.

Ao seu dispor, na busca da Verdade,

Emmanuel R. Bingham, D. D.

Fainy estava com medo. O trem chegou à sua estação depressa demais. Ele tinha quinze minutos para andar duas quadras. Retardou o passo na rua, olhando as vitrinas. Havia um faisão dourado, empalhado, na loja de um taxidermista; acima dele, pendia um grande e largo peixe esverdeado, com um cartão de bordas serrilhadas do qual pendia um rótulo:

ESPADARTE (pristis perrotetti)

Hábitat águas do Golfo e da Flórida. Frequenta baías rasas e braços de mar.

Talvez ele nem fosse. No fundo da vitrina havia um lince e do outro lado um gato de rabo cortado, cada um em seu galho de árvore. De repente, ele prendeu a respiração. Ia atrasar-se. Saiu queimando a quadra.

Estava sem fôlego e com o coração na boca quando chegou ao topo do quarto lance de escadas. Examinou as portas envidraçadas do andar:

COMPANHIA DE CONTATOS UNIVERSAL

F. W. Perkins

Seguros

COMPANHIA WINDY CITY DE MÁGICAS E NOVIDADES

Dr. Noble

Fornecimentos para hospitais e enfermarias

A última era uma porta suja nos fundos, junto ao toalete. O dourado das letras descascara, mas ele conseguiu ler os contornos:

CORPORAÇÃO GERAL
DE ABASTECIMENTO E MERCADO

Então viu um cartão ao lado da porta com o desenho de uma mão segurando uma tocha e embaixo as palavras "Em Busca da Verdade S. A.". Bateu de leve no vidro. Ninguém respondeu. Bateu de novo.

— Entre... Não bata — respondeu uma voz grave.

Fainy viu-se gaguejando quando abriu a porta e entrou numa sala escura e estreita completamente tomada por duas imensas mesas de tampo corrediço:

— Por favor, vim ver o sr. Bingham, senhor.

À mesa mais afastada, diante da única janela, sentava-se um homenzarrão com um grande queixo caído, que lhe deu uma certa impressão de um cachorro setter. Tinha cabelos negros compridos e um pouco enrolados em volta de cada orelha, e jogado para trás, na cabeça, um largo chapéu de feltro. O homem reclinou-se na poltrona e mirou Fainy de alto a baixo.

— Como vai, meu jovem? Que tipo de livros está inclinado a comprar esta manhã? Que posso fazer por você esta manhã? — trovejou.

— O senhor é o sr. Bingham, por favor?

— Aqui está o dr. Bingham, bem defronte a você.

— Por favor, senhor... eu vim sobre aquele emprego.

A expressão do dr. Bingham mudou. Torceu a boca como se acabasse de provar algo azedo. Rodou em sua cadeira giratória e lançou

uma cusparada numa escarradeira de cobre no canto da sala. Tornou a voltar-se para Fainy e apontou-lhe um dedo gordo.

— Meu jovem, como se soletra experiência?

— E... s... p... er... er... i... e... n... s...

— Serve... Sem educação... Era o que eu pensava... Sem cultura, sem nenhum desses delicados sentimentos que distinguem o homem civilizado dos aborígines selvagens nas matas... Nenhum entusiasmo pela verdade, por levar a luz aos lugares escuros... Você compreende, meu jovem, que não é um emprego que estou lhe oferecendo, que é uma grande oportunidade... uma esplêndida oportunidade de servir e aperfeiçoar-se. Estou lhe oferecendo educação gratuita.

Fainy mexeu os pés. Tinha um bolo na garganta.

— Se é no campo da impressão, acho que posso servir.

— Bem, meu jovem, durante o breve interrogatório a que vou submetê-lo, lembre-se de que está no limiar de uma oportunidade.

Doc Bingham fuçou nos desvãos de sua mesa por um longo tempo, encontrou um charuto, mordeu-lhe a ponta, acendeu-o e tornou a voltar-se para Fainy, que se apoiava ora sobre um pé, ora sobre outro.

— Bem, que tal me, dizer seu nome?

— Fenian O'Hara McCreary...

— Hum... Escocês e irlandês... isso é raça muito boa... é a raça à qual pertenço. Religião?

Fainy encolheu-se.

— Papai era católico, mas... — ruborizou-se.

O dr. Bingham riu, e esfregou as mãos.

- Oh, religião, quantos crimes se cometem em vosso nome. Eu sou agnóstico... não dou a mínima pra classe ou credo entre amigos; embora, às vezes, meu jovem, a gente tenha de se curvar com o vento... Não, senhor, meu Deus é a verdade, que, elevando-se cada vez mais alto nas mãos de homens honestos, desfará as névoas da ignorância e da ambição, e trará a liberdade e o conhecimento à humanidade... Não concorda comigo?

— Eu trabalhava para o meu tio. Ele é social-democrata.

— Ah, juventude esquentada... Sabe conduzir um cavalo?

— Ora, sim, senhor, acho que sei.

— Bem, não vejo por que não deva empregar você.

— O anúncio no *Tribune* falava em quinze dólares por semana.

A voz de Doc Bingham assumiu um tom particularmente aveludado.

— Ora, Fenian, meu rapaz, quinze dólares por semana será o mínimo que você fará... Já ouviu falar do sistema cooperativo? É nessa base que vou empregar você... Como único proprietário e representante da Corporação Em Busca da Verdade, tenho aqui uma magnífica linha de livrinhos e panfletos que cobrem todas as fases do conhecimento e do esforço humanos... Vou embarcar imediatamente numa campanha de vendas para cobrir todo o país. Você será um dos meus distribuidores. Os livros custam de dez a cinquenta centavos. Em cada livro de dez centavos você ganha um centavo, nos de cinquenta ganha cinco...

- E não ganho nada por semana? — gaguejou Fainy.

— Você deixaria de ganhar mais para ganhar menos? Jogar fora a mais magnífica oportunidade de toda uma vida pela

segurança de uma vil ninharia. Não, posso ver por seus olhos ardentes, por seu nome rebelde, saído da história da velha Irlanda, que você é um jovem de espírito forte e decisão... Certo? Selemos isso com um aperto de mão, e por Deus, Fenian, você jamais se arrependerá.

Doc Bingham ficou de pé num salto, agarrou a mão de Fenian e apertou-a.

— Agora, Fenian, venha comigo; temos uma importante missão preliminar a cumprir.

Doc Bingham empurrou o chapéu para a frente da cabeça e desceram as escadas até a porta da frente; era um homem grande e a gordura pendia-lhe frouxa quando andava. De qualquer modo, é um emprego, dizia Fainy para si mesmo.

Primeiro foram a uma alfaiataria, onde um homem de nariz comprido, que Doc Bingham chamava de Lee, saiu arrastando os pés ao encontro deles. Lee falava como se não tivesse o céu da boca.

— Um homem muito doente - disse. — Gasto mais de mil dólares com médico, não fico bom.

— Bem, estou com você; você sabe disso, Lee.

— Claro, Mannie, claro, só que você me deve muito dinheiro.

O dr. Emmanuel Bingham olhou para Fainy pelo canto dos olhos.

— Eu lhe garanto que toda a situação financeira será esclarecida dentro de sessenta dias... O que quero que você faça agora é que me empreste duas de suas caixas grandes, aquelas caixas de papelão nas quais entrega os ternos.

— Que é que você quer fazer?

— Meu jovem amigo e eu temos um planozinho.

— Não faça nada errado com essas caixas; elas têm meu nome impresso.

Doc Bingham riu gostosamente quando passaram pela porta, levando embaixo de cada braço uma das grandes caixas chatas com as palavras *Levy e Goldstein, Alfaiataria de Confiança* impressas em letras floreadas.

— Ele é um grande gozador, Fenian — disse. — Mas que a lamentável condição desse homem lhe sirva de aviso... O pobre infeliz sofre as consequências de uma horrível doença social, contraída em alguma loucura juvenil.

Passavam novamente pela loja do taxidermista. Lá estavam os gatos selvagens e o faisão dourado e o grande espadarte... *Frequenta baías rasas e braços de mar.* Fainy sentiu a tentação de largar as caixas do alfaiate e dar o fora. Mas, de qualquer modo, era um emprego.

— Fainy — disse Doc Bingham, confidencialmente —, você conhece a Casa Mohawk?

— Sim, senhor, a gente imprimia as coisas deles.

— Não conhecem você por lá, conhecem?

— Não, nunca me viram mais gordo... Só entreguei alguns papéis de escrita lá uma vez.

— Isso é ótimo... Agora preste atenção: meu quarto é o 303. Espere fora e entre dentro de cinco minutos. Você é o garoto da alfaiataria, entende, levando alguns ternos para a lavanderia. Sobe ao meu quarto, pega meus ternos e leva eles pro meu escritório. Se alguém perguntar onde está indo com eles, está indo para Levy e Goldstein, entende?

Fainy inspirou profundamente.

— Entendo, claro.

Quando chegou ao pequeno quarto no alto da Casa Mohawk, Doc Bingham andava de um lado para outro.

- Levy e Goldstein, senhor — disse Fainy, com um rosto impassível.

— Meu rapaz — disse Doc Bingham —, você será um bom auxiliar; estou satisfeito por ter escolhido você. Vou lhe adiantar um dólar de seu salário. - Enquanto falava, tirava roupas, papéis, livros velhos de um grande baú no meio do quarto. Arrumava-os cuidadosamente em uma das caixas. Na outra, punha um casaco revestido de peles. — Este casaco custa duzentos dólares, Fenian, um despojo de antigos esplendores... Ah, as folhas de outono em Vallombrosa... Et tu in Arcadia vixisti... Isso é latim, uma língua de eruditos.

— Meu Tio Tim, dono da tipografia onde eu trabalhava, sabia muito latim.

— Acha que pode carregar essas caixas, Fenian? Não estarão pesadas demais?

— É claro que posso. — Fainy queria perguntar pelo dólar.

— Tudo bem, é melhor ir indo... Me espere no escritório.

No escritório, Fainy encontrou um homem sentado à segunda mesa de tampo corrediço.

— Bem, que é que você deseja? — gritou o homem numa voz rascante. Era um jovem de nariz adunco e tez de cera, de negros cabelos lisos espetados. Fainy estava sem fôlego por ter subido as escadas. Tinha os braços rígidos de carregar as pesadas caixas. — Creio que é mais uma das besteiras de Mannie. Diga a ele que tem de dar o fora daqui; já aluguei a outra mesa.

— Mas o dr. Bingham acaba de me empregar para trabalhar na Companhia Em Busca da Verdade Distribuidora de Livros.

— Empregar uma ova.

— Ele vai chegar dentro de um minuto.

— Bem, sente aí e cale a boca; não vê que estou ocupado?

Fainy sentou-se amuado na poltrona giratória junto à janela, a única no escritório não ocupada por pilhas enormes de pequenas brochuras. Pela janela, via alguns telhados empoeirados e escadas de incêndio. Sobre a mesa à sua frente, havia pacotes de livros. Entre eles, montes de panfletos soltos. Seu olhar bateu num título:

A RAINHA DAS ESCRAVAS BRANCAS

Escandalosas revelações de Milly Meecham roubada de seus pais aos dezesseis anos, enganada por seu vil sedutor para entrar numa vida de infâmia e vergonha.

Começou a ler o livro. Ficou com a língua seca e o corpo todo pegajoso.

— Ninguém lhe disse nada, hem? — a trovejante voz de Doc Bingham interrompeu sua leitura.

Antes que ele pudesse responder, a voz do homem à outra mesa rosnou:

— Escute aqui, Mannie, você vai dar o fora daqui... Aluguei a mesa.

— Não me venha com ameaças, Samuel Epstein. Meu jovem amigo e eu estamos preparando uma expedição entre os aborígines do mais negro Michigan. Partimos para Saginaw hoje à noite. Em sessenta dias, estou de volta e tiro o escritório de suas mãos. Esse jovem vem comigo para aprender os negócios.

— Negócios uma ova — rosnou o outro homem, tornando a enterrar o rosto em seus papéis.

— A protelação, Fenian, é a grande ladra de tempo — disse Doc Bingham, pondo a gorda mão, napoleonicamente, por dentro do colete de dupla fileira de botões. — Há uma maré nas questões humanas que ao chegar ao máximo... — E durante duas horas Fainy suou sob sua orientação, empacotando livrinhos em papel pardo, amarrando-os e endereçando-os à Em Busca da Verdade S. A., Saginaw, Michigan.

Ele pediu uma hora de folga para ir em casa ver a família. Milly beijou-o na testa com os finos lábios comprimidos. Depois caiu no choro.

— Você tem sorte; oh, eu queria ser homem — despejou e correu para cima.

A sra. O'Hara disse-lhe que fosse um bom rapaz e morasse sempre na Associação Cristã de Moços — que mantinha os rapazes longe das tentações, e que o Tio Tim lhe servisse de lição, com suas bebedeiras.

Ele tinha a garganta apertada quando foi procurar o Tio Tim. Encontrou-o na sala do fundo do O'Grady's. O Tio falou com os olhos azuis brilhando e os lábios tremendo:

— Tome um trago comigo, filho, está por sua própria conta agora. — Fainy bebeu uma cerveja sem sentir-lhe o gosto. — Fainy, você é um garoto inteligente... Eu gostaria de ter podido ajudar mais; cada polegada de você é um O'Hara. Leia Marx... estude tudo o que puder, lembre-se de que é um rebelde por nascimento e sangue... Não culpe os outros por nada... Veja aquela terrível virago de língua afiada com quem estou casado; eu culpo ela? Não, culpo o sistema. E jamais se venda aos filhos da puta,

filho; são as mulheres que fazem a gente se vender sempre. Você sabe o que estou dizendo. Tudo bem, vá indo... Melhor ser breve, senão você perde o seu trem.

— Vou escrever pro senhor de Saginaw, Tio Tim, palavra.

O rosto magro e vermelho do Tio Tim, na sala deserta cheia de fumaça de charuto, o balcão com seu brilho metálico e o atendente de braços róseos debruçado nele, as garrafas e os espelhos e o retrato de Lincoln causaram-lhe um vago desfalecimento e de repente estava do lado de fora, na reluzente rua molhada de chuva, sob as nuvens reluzentes, correndo para a estação do Elevado com a mala na mão.

Na estação central de Illinois, encontrou Doc Bingham à sua espera, em meio a um círculo de pacotes de papel pardo. Fen sentiu-se um tanto esquisito por dentro ao vê-lo, as gorduchas mandíbulas pálidas, o colete com dupla fileira de botões, o coçado casaco negro de pastor, o empoeirado chapéu de feltro negro que deixava os cabelos espetados para fora em súbitos cachos por trás das orelhas carnudas. De qualquer modo, era um emprego.

— Deve-se admitir, Fenian — começou Doc Bingham, assim que Fainy se aproximou —, que, apesar de confiante em meu conhecimento da natureza humana, eu estava um pouco receoso de que você não aparecesse. Onde é que o poeta diz que difícil é o primeiro voo incerto do filhote de seu ninho? Ponha esses pacotes no trem enquanto eu compro as passagens, e procure um vagão de fumantes.

Depois que o trem partiu e o condutor perfurou as passagens, Doc Bingham curvou-se e bateu no joelho de Fainy com um gordo indicador.

— Agrada-me que você se vista bem, meu rapaz; jamais deve esquecer a importância de mostrar uma ótima aparência ao mundo. Mesmo que o coração seja só cinzas e pó, por fora o homem deve ser ativo e bom animador. Vamos nos sentar por algum tempo no Pullman para fumantes lá na frente, para nos afastar dos caipiras.

Chovia muito e nas janelas do trem escorriam fios enviesados de pontos luminosos sobre a escuridão. Fainy sentia-se inquieto ao acompanhar Doc Bingham, que avançava através do carro-salão guarnecido de veludo verde até o pequeno compartimento para fumantes revestido de couro, na outra extremidade. Ali, Doc Bingham tirou um grande charuto do bolso e começou a fazer uma magnífica série de anéis de fumaça. Fainy sentou-se a seu lado com os pés embaixo do banco, tentando ocupar o menor espaço possível.

Aos poucos, o compartimento foi se enchendo de homens calados e espirais de fumaça de charuto. Do lado de fora, a chuva batia contra as janelas com um som de cascalho. Durante um longo tempo, ninguém disse nada. Vez por outra, um homem pigarreava e lançava na cuspideira um grande bolo de gosma ou um jato de sumo de tabaco.

— Bem, senhor — começou uma voz, que não vinha de parte alguma em particular e não se dirigia a parte alguma em particular —, foi uma grande e boa cerimônia de posse, mesmo que tenhamos morrido de frio.

— O senhor esteve em Washington?

— Sim, senhor, eu estava em Washington.

— A maioria dos trens não conseguiu chegar a não ser no dia seguinte.

— Eu sei; tive sorte, alguns deles ficaram presos na neve quarenta e oito horas.

— Uma verdadeira nevasca.

Por todo o dia o tempestuoso vento norte soprou
A fraca neve à sua frente, antes que,
Circulando baixo por sua zona sul,
O sol através da neblina gelada brilhasse deslumbrantemente,

recitou Doc Bingham recatadamente, de olhos baixos.

— O senhor deve ter uma memória muito boa para recitar versos de cor assim.

— Sim, senhor, tenho uma memória que posso julgar, sem indevida violação da modéstia, compendiosa. Se fosse um dom natural, eu seria obrigado a corar e ficar calado, mas como é resultado de quarenta anos de estudo do que há de melhor na literatura épica, lírica e dramática, acho que chamar a atenção para ela às vezes pode encorajar outros cujos pés também estão destinados aos caminhos do esclarecimento e da autoeducação. — Voltou-se de repente para Fainy. — Meu jovem, gostaria de ouvir a fala de Otelo ao Senado veneziano?

— Claro que gostaria — disse Fainy, corando.

— Bem, pelo menos Teddy tem uma chance de cumprir sua palavra de que vai combater os trustes.

— Eu digo a vocês que o voto dos fazendeiros rebeldes do grande Noroeste...

- Coisa terrível o acidente daqueles trens especiais da posse.

Mas Doc Bingham dera a partida:

Poderosíssimos, gravíssimos e reverendíssimos senhores,
Meus mui nobres e reconhecidamente bons amos,

Que eu tenha arrebatado a filha desse velho
É a suprema verdade; sim, casei-me com ela...

— Não vão se dar bem com essas leis antitruste, pode acreditar. Não se pode cercear a liberdade da liberdade individual desse jeito.

— É a liberdade do negociante individual que a ala progressista do Partido Republicano está tentando proteger.

Mas Doc Bingham estava de pé, uma mão enfiada no colete de dupla fileira de botões, a outra fazendo amplos gestos circulares:

Rude eu sou de fala
E pouco abençoado com a suave frase da paz,
Pois desde que estes braços meus tinham sete anos
Até hoje, com exceção de umas nove luas talvez, empregaram
Sua ação mais cara nos campos de batalha.

— O voto do agricultor — o outro homem começou a gritar estridentemente.

Doc Bingham tinha a palavra.

E pouco do grande mundo posso eu falar
Além do que se refere a lutas e batalhas
E portanto pouco poderei enfeitar minha causa
Ao falar em minha defesa.

O trem começou a reduzir a marcha. A voz de Doc Bingham soava curiosamente alta após a diminuição do barulho. Fainy sentiu as costas afundando no encosto do assento, e de repente havia silêncio e o som de um sino de máquina a distância, e a voz de Doc Bingham num nauseante sussurro:

— Cavalheiros, eu tenho aqui, em forma de panfleto, uma edição completa e não expurgada de um dos clássicos mundiais, o famoso *Decameron*, de Boccaccio, que durante quatro séculos tem sido proverbial por sua espirituosidade apimentada e seu humor libidinoso... — Tirou um maço de livrinhos de um dos bolsos estufados e começou a balançá-los na mão. — Apenas como um ato de amizade, eu me disporia a desfazer-me de alguns deles se qualquer um dos cavalheiros quiser... Aqui, Fenian, pegue estes e veja se alguém quer um; custa dois dólares cada. Meu jovem amigo aqui fará a distribuição... Boa noite, cavalheiros.

Saiu, o trem tornou a partir, e Fainy viu-se de pé com os livrinhos na mão no meio do vagão oscilante, os olhos desconfiados de todos os fumantes perfurando-o como outras tantas verrumas.

— Me deixe ver um — disse um homenzinho de olhos saltados, que se sentava num canto. Abriu o livro e começou a ler avidamente. Fainy permanecia parado no centro do vagão, sentindo agulhadas e alfinetadas por todo o corpo. Surpreendeu um brilho branco no canto de um olho quando o homenzinho olhou a fileira de charutos através das ondas de fumaça. Um pouco de rubor chegou às orelhas de abano do homem.

– Coisa quente — disse o homenzinho —, mas dois dólares é demais.

Fainy viu-se gaguejando:

— Nnnão são mmmeus, senhor; eu não sei...

Oh, bem, que diabos... — O homenzinho pôs duas notas de um dólar na mão de Fainy e retornou à sua leitura. Fainy tinha seis dólares no bolso e ainda lhe restavam dois livros quando voltou ao vagão diurno. No caminho, encontrou o condutor. Seu

coração quase parou de bater. O condutor olhou-o penetrantemente, mas não disse nada.

Doc Bingham estava em seu assento com a cabeça apoiada na mão e os olhos fechados, como se cochilasse. Fainy deslizou para o assento ao lado.

– Com quantos ficaram? perguntou Doc Bingham, falando pelo canto da boca, sem abrir os olhos.

Consegui seis paus... Puxa, o condutor me assustou, da maneira como olhou para mim.

— Deixe o condutor por minha conta, e lembre-se que jamais é um crime perante a humanidade e o esclarecimento distribuir as obras dos grandes humanistas entre os mercadores e cambistas deste país que Deus esqueceu... E é melhor me passar a grana.

Fainy queria perguntar sobre o dólar que lhe fora prometido, mas Doc Bingham disparara no Otelo de novo:

> *Se, após cada tempestade, vierem bonanças como esta,*
> *Então que a laboriosa nave galgue montanhas de mares*
> *Até o Olimpo.*

Dormiram até tarde na Associação Comercial em Saginaw, e comeram um grande desjejum, durante o qual Doc Bingham discursou sobre a teoria e a prática da venda de livros.

- Receio muito que, nos matos onde vamos penetrar - disse, cortando três ovos fritos e entupindo a boca com biscoitos de fermento em pó —, encontraremos os matutos ainda ansiando por Maria Monk.

Fainy não sabia quem era Maria Monk, mas não gostava de perguntar. Foi com Doc Bingham até o Estábulo Hummer's, para alugar um cavalo e uma carroça. Seguiu-se uma longa

disputa entre a firma Em Busca da Verdade S. A. e a direção do Estábulo Hummer's quanto ao aluguel de uma carroça de molas e um velho cavalo malhado em cujas ancas se poderia pendurar um chapéu, de modo que já era o fim da tarde quando deixaram Saginaw com seus pacotes de livros empilhados atrás, rumo à estrada.

Era um gélido dia de primavera. Nuvens gordas passavam em borrões cinza no céu de um azul prateado. O malhado insistia em manter-se em passo lento; Fainy açoitava continuamente as rédeas sobre a magra garupa e estalava a língua até ficar com a boca seca. À primeira chicotada, o malhado passava a um galope que imediatamente degenerava em trote irregular e depois em passo lento. Fainy praguejava e estalava a língua, mas não conseguia manter o cavalo no galope ou no trote. Enquanto isso, Doc Bingham sentava-se a seu lado com o chapéu de abas largas jogado para trás da cabeça, fumando um charuto e discursando:

— Deixe-me dizer logo agora, Fenian, que a atitude de um homem de ideias esclarecidas é *Uma praga sobre suas duas casas...* Eu próprio sou panteísta... mas mesmo um panteísta... precisa comer, e daí Maria Monk. — Algumas gotas de chuva, geladas e penetrantes como granizo, começaram a açoitar-lhes os rostos. — Nessa marcha, eu vou pegar uma pneumonia, e será culpa sua, também; pensei que tinha dito que sabia conduzir um cavalo... Ali, vá pra aquela casa de fazenda à esquerda. Talvez deixem a gente colocar o cavalo e a carroça no celeiro deles.

Quando subiam a estradinha em direção à casa e ao grande celeiro cinzentos, que ficavam sob um bosque de pinheiros, um pouco fora da estrada, o malhado diminuiu a marcha e começou a esticar o pescoço para abocanhar os tufos da grama verde e

brilhante à beira da vala. Fainy açoitava-o com as pontas da rédea, e chegou mesmo a passar a perna por cima da borda da carroça e chutá-lo, mas ele não se moveu.

— Diabos, me dê essas rédeas.

Doc Bingham deu um tremendo puxão na cabeça do cavalo, mas tudo que aconteceu foi que o animal volveu a cabeça e olhou para eles, uma espuma verde de grama meio mastigada entre os grandes dentes amarelos. A Fainy, parecia que ele ria. A chuva engrossara muito. Ergueram as golas dos casacos. Em breve, Fainy sentia um gélido pinga-pinga escorrendo-lhe pela nuca abaixo.

— Salte e vá a pé; que vá tudo pro inferno, puxe ele se não consegue conduzi-lo — gritou Doc Bingham.

Fainy saltou fora e puxou o cavalo até a porta dos fundos da casa da fazenda; a chuva descia pela manga do braço que segurava o cavalo.

— Boa tarde, madame. — Doc Bingham, de pé, curvava-se para uma velhinha que chegara à porta. Estava ao lado dela, na varanda, ao abrigo da chuva. — Se importa se eu puser meu cavalo e a carroça em seu celeiro por alguns momentos? Tenho valiosos bens perecíveis dentro da carroça, sem cobertura à prova d'água... — A velha assentiu com a cabeça branca como aço. — Ora, é muita bondade sua, tenho de dizer... Tudo bem, Fenian, ponha o cavalo no celeiro e venha aqui e traga aquele pequeno pacote debaixo do assento... Eu estava mesmo dizendo ao meu jovem amigo aqui que tinha certeza de que algum bom samaritano morava nesta casa e receberia dois viandantes cansados.

— Entre, senhor... talvez queira ficar perto do fogão pra se secar. Entre pra dentro, senhor...

— Meu nome é Doc Bingham... Reverendo Doc Bingham — Fainy ouviu-o dizer ao entrar na casa.

Estava encharcado e tremendo quando também entrou na casa, levando um pacote de livros debaixo do braço. Doc Bingham sentava-se majestoso numa cadeira de balanço em frente ao fogão da cozinha. A seu lado, na mesa bem escovada, viam-se um pedaço de bolo e uma xícara de café. A cozinha tinha um cheiro cálido e acolhedor de maçãs e banha de porco e candeeiros. A velha apoiava-se na mesa da cozinha, ouvindo atentamente o que Doc Bingham dizia. Outra mulher, uma mulherona esquelética com os ralos cabelos cor de areia arrumados numa espiral no alto da cabeça, postava-se ao fundo, com as mãos de dedos vermelhos nos quadris. Um gato preto e branco, de costas arqueadas e rabo empinado, roçava-se contra as pernas de Doc Bingham.

— Ah, Fenian, bem a tempo — ele começou, numa voz que ronronava como o gato. — Eu estava mesmo dizendo... contando à sua bondosa anfitriã o conteúdo de nossa biblioteca, muito interessante e educativa, o ápice da literatura devota e inspiradora do mundo. Elas foram tão bondosas conosco, durante nosso pequeno infortúnio com o tempo, que achei que seria simplesmente justo deixar que vissem alguns de nossos títulos.

A mulherona torcia seu avental.

— Eu gosto um pouquinho de boa leitura — disse timidamente —, mas não tenho muita oportunidade de ler, só no inverno.

Sorrindo benignamente, Doc Bingham desatou o cordão e abriu o pacote sobre os joelhos. Um livrinho caiu no chão. Fainy viu que era *A rainha das escravas brancas*. Uma sombra de azedume

passou pelo rosto de Doc Bingham, que pôs o pé em cima do livro caído.

— Essas são Prosas Evangélicas, meu rapaz — disse. — Eu queria *Os breves sermões para todas as ocasiões do doutor Spikenard.* — Entregou o pacote meio aberto a Fainy, que o agarrou às pressas. Depois curvou-se e pegou o livro embaixo de seu pé com um lento gesto circular da mão e enfiou-o no bolso. — Creio que vou ter de ir buscá-los eu mesmo — prosseguiu em sua voz ronronante. Quando a porta da cozinha se fechou às suas costas, ele rosnou no ouvido de Fainy: — Debaixo do assento, seu pequeno rato... Se me fizer outra dessas eu quebro todos os malditos ossos de seu corpo. — E bateu o joelho com tanta força no traseiro de Fainy que os dentes deste se cerraram e ele disparou sob a chuva para o celeiro.

— Palavra, não fiz de propósito — gemeu Fainy.

Mas Doc Bingham já estava de volta à casa, e sua voz gorgolejava confortavelmente no chuvoso escurecer, com os primeiros raios do candeeiro.

Dessa vez Fainy teve o cuidado de abrir o pacote antes de trazê-lo. Doc Bingham tirou-lhe os livros das mãos sem olhá-lo, e ele foi para trás da chaminé do fogão. Ficou ali no úmido vapor de suas roupas ouvindo o trovejar de Doc Bingham. Estava com fome, mas ninguém parecia pensar em oferecer-lhe um pedaço de bolo.

— Ah, minhas queridas amigas, como posso dizer-lhes com que gratidão para com o Grande Doador um solitário ministro do evangelho da luz, vagueando entre as pragas e vicissitudes deste mundo, encontra leitores atentos. Estou certo de que estes livrinhos serão consoladores, interessantes e edificantes para

todos que se derem o pequeno esforço de folheá-los. Sinto isso com tanta força que sempre trago uns exemplares extras comigo para repassá-los por uma soma moderada. Parte-me o coração não poder dá-los de graça.

— Quanto custam? — perguntou a velha, com uma súbita agudeza nas feições. A mulherona deixou os braços caírem e balançou a cabeça.

- Se lembra, Fenian — perguntou Doc Bingham, reclinando-se jovialmente em sua cadeira —, quanto custaram esses livrinhos? — Fainy estava magoado. Não respondeu. — Venha cá, Fenian — disse Doc Bingham, num tom suave. — Deixe-me lembrar-lhe as palavras do bardo imortal:

A baixeza é a escada da tua ambição
Para onde aquele que sobe ergue o rosto
Mas assim que atinge o último degrau
Então à escada dá as costas

— Você deve estar com fome. Pode comer meu bolo.

— Acho que podemos arranjar um pedaço de bolo para o rapaz — disse a velha.

— Não custam dez centavos? — disse Fainy, adiantando-se.

— Oh, se forem só dez centavos eu acho que gostaria de um — disse a velha. A mulher grandona começou a dizer alguma coisa, mas era tarde demais.

O bolo mal tinha desaparecido na goela de Fainy e a reluzente moeda passado da caixa de rapé sobre o aparador para o bolso do colete de Doc Bingham, quando se ouviu um tilintar de arreios e o reluzir de um farol de charrete na chuvosa escuridão

lá fora. A velha pôs-se de pé e olhou nervosamente para a porta, que imediatamente se abriu. Um homem corpulento e grisalho, com um pequeno cavanhaque projetando-se da cara redonda, entrou sacudindo as gotas de chuva das abas do capote. Atrás dele vinha um garoto magriço, mais ou menos da idade de Fainy.

— Como vai, senhor; como vai, filho? — trovejou Doc Bingham, por entre o que restava de seu bolo e café.

— Eles pediram pra pôr o cavalo no celeiro até a chuva passar. Está tudo bem, não está, James? — perguntou a velha, nervosa.

— Acho que sim — disse o homem, sentando-se pesadamente na cadeira livre. A velha escondera o panfleto na gaveta da mesa da cozinha. — Vendedores ambulantes de livros, eu presumo. — Olhava fixo para o pacote aberto de panfletos. — Bem, não precisamos nada desse lixo por aqui, mas são bem-vindos pra passar a noite no celeiro. Isso não é noite pra se pôr um ser humano pra fora.

Assim, desatrelaram o cavalo e fizeram camas para si no feno sobre o curral das vacas. Antes de deixarem a casa, o homem os fizera entregar seus fósforos.

— Onde há fósforos, há perigo de incêndio — dissera. Doc Bingham tinha o rosto negro como a borrasca ao enrolar-se numa manta de cavalo, resmungando sobre "a indignidade para um membro do clero". Fainy sentia-se excitado e feliz. Deitado de costas, ouvia o bater da chuva no telhado e o borbulhar das bicas, os abafados movimentos e o patear dos bois e cavalos embaixo deles; o cheiro do feno e a cálida doçura dos pastos que se desprendia das vacas enchiam-lhe as narinas. Não estava com

sono. Queria ter alguém de sua idade com quem conversar. De qualquer modo, era um emprego e ele estava na estrada.

Mal adormecera quando a luz o despertou. O garoto que vira na cozinha achava-se parado a seu lado com uma lanterna. A sombra dele pairava sobre os dois, enorme, contra os caibros.

— Escute, quero comprar um livro.

— Que tipo de livro? — Fainy bocejou e sentou-se.

— Você sabe... um daqueles sobre coristas, escravas brancas e coisas assim.

— Quanto quer pagar, filho? — veio a voz de Doc Bingham de debaixo da manta. Temos vários livros muito interessantes, que contam as verdades da vida, franca e livremente, descrevendo a deplorável licenciosidade da vida nas grandes cidades, e que vão de um a cinco dólares. *A sexologia completa do doutor Burnside* custa seis e cinquenta.

Não posso pagar mais de um dólar... Escute, não vão me denunciar ao velho? disse o rapaz, olhando de um para o outro. Seth Hardwick, que mora mais abaixo na estrada, foi a Saginaw uma vez e comprou um livro de um homem no hotel. Puxa, era uma maravilha. - Deu um risinho nervoso.

- Fenian, vá lá embaixo e pegue para ele *A rainha das escravas brancas* por um dólar — disse Doc Bingham, e ajeitou-se para voltar a dormir.

Fainy e o garoto lavrador desceram a instável escada.

— Escute, ela é muito apimentada?... Puxa, se o pai descobre me dá uma surra... Puxa, aposto que você leu todos esses livros.

— Eu? — disse Fainy altivamente. - Eu não preciso ler livros. Posso ver a vida quando quero. Aqui está... é sobre uma decaída.

– Não é muito fininho pra um dólar? Eu achava que a gente podia comprar um livro grande por um dólar.

— Esse aí é muito apimentado.

— Bem, acho que vou ficar com ele antes que o pai me pegue rondando por aí... Boa noite.

Fainy voltou à sua cama no feno e caiu logo no sono. Sonhava que subia uma escada instável num celeiro com sua irmã Milly, que ficava cada vez maior e mais branca e mais gorda e tinha um chapéu grande, com penas de avestruz em toda a volta e seu vestido começava a rasgar-se do pescoço para baixo, cada vez mais baixo, e a voz de Doc Bingham dizia: Ela é Maria Monk, a rainha das escravas brancas, e no momento em que ia agarrá-la a luz do sol abriu-lhe os olhos. Doc Bingham estava de pé à sua frente, as pernas bem abertas, penteando o cabelo com um pente de bolso e recitando:

"Separemo-nos, o sol universal
Não limita a uma terra seus benditos raios
Nem o homem tem raízes como uma árvore...

Vamos, Fenian — trovejou, quando viu que ele estava acordado —, espanemos a poeira desta fazenda inóspita, amarrando os sapatos como uma praga, como os filósofos de antanho... Atrela o cavalo; comeremos nosso desjejum estrada abaixo.

Continuaram assim por várias semanas, até que uma noite se viram dirigindo-se para uma bonita casa amarela, num bosque de lariços de folhagem escura. Fainy esperou na carroça enquanto Doc Bingham falava com o pessoal da casa. Depois de algum tempo, ele apareceu na porta, um enorme sorriso enrugando-lhe as faces.

— Vamos ser magnificamente tratados, Fenian, como compete a um membro do clero e tudo... Tenha cuidado com o que diz, hem? Leve o cavalo para o celeiro e desatrele-o.

— Escute, sr. Bingham, e sobre o meu dinheiro? Já faz três semanas.

Fainy saltou e foi até a cabeça do cavalo.

Uma expressão sombria passou pelo rosto de Doc Bingham.

— Oh, o lucro, o lucro...

"Examine bem
A mão dele branca como leite, a palma mal está limpa
Mas aqui e ali uma feia mancha aparece
Foi um suborno que a deixou...

— Eu tinha grandes planos para um empreendimento cooperativo, que você está estragando com sua pressa e cobiça juvenis... mas, se quiser, entrego-lhe esta mesma noite tudo que lhe devo e mais ainda. Está bem, desatrele o cavalo e me traga aquele pequeno pacote de *Maria Monk* e *a trama papista.*

Era um dia quente. Tordos cantavam em volta do celeiro. Tudo recendia a folhas e flores. O celeiro era vermelho e o terreiro estava cheio de galinhas legornes. Depois de desatrelar a carroça de molas e pôr o cavalo na baia, Fainy sentou-se num pau da cerca que dava para o campo verde-prata de aveia nos fundos, e fumou um cigarro. Desejava ter uma garota para abraçar ou um colega com quem conversar.

Uma mão abateu-se em seu ombro. Doc Bingham estava parado a seu lado.

— Fenian, meu jovem amigo, estamos feitos — disse. — Ela está sozinha em casa, o marido foi à cidade por dois dias com o

empregado. Não vai ter ninguém aqui além dela e os dois filhos, coisinhas fofas. Talvez eu interprete Romeu. Você nunca me viu apaixonado. É minha atuação mais nobre. Ah, um dia lhe falo de minha obstinada juventude. Venha ver o meigo galã.

Quando entraram pela porta da cozinha, uma mulher rechonchuda, de rosto com verrugas e usando uma touca lavanda, recebeu-os timidamente.

— Este é meu jovem auxiliar, madame — disse Doc Bingham, com um gesto nobre. — Fenian, esta é a sra. Kovach.

— Devem estar com fome. Vamos jantar imediatamente.

Os últimos raios do sol iluminavam uma prateleira de cozinha apinhada de frigideiras e panelas. Um cheiro delicioso elevava-se em pequenos jatos das tampas de panelas redondas e polidas. Enquanto falava, a sra. Kovach curvou-se de tal modo que seu grande traseiro azul, com os cordões do avental engomado amarrados num laço pouco acima, ergueu-se no ar, abriu a porta do forno e puxou para fora uma grande forma de bolos de milho, que jogou num prato sobre a mesa já posta junto à janela. O cálido cheiro tostado dos bolos encheu a cozinha. Fainy sentiu a boca cheia d'água. Doc Bingham esfregava as mãos e rolava os olhos. Sentaram-se, as duas crianças de olhos azuis e caras sujas foram instaladas em seus lugares e começaram a devorar em silêncio, e a sra. Kovach encheu o prato deles com tomates cozidos, purê de batatas, ensopado e feijão-de-lima com porco. Serviu-lhes café, e depois disse, com os olhos úmidos, ao sentar-se:

— Adoro ver homens comendo.

Seu rosto assumiu um ar abatido, que fez com que Fainy desviasse os olhos quando se viu olhando-a. Depois do jantar, ela

ficou sentada, ouvindo com uma expressão satisfeita, mas meio assustada, o interminável monólogo de Doc Bingham, que parava de vez em quando a fim de reclinar-se para trás e soprar um anel de fumaça em direção à lâmpada.

— Embora eu não seja um luterano, como a senhora diria, madame, sempre admirei, não, reverenciei a grande figura de Martinho Lutero como um dos homens que trouxeram a luz à humanidade. Não fosse por ele, ainda estaríamos rastejando sob a medonha dominação do papa de Roma.

— Nunca entrarão neste país; por Deus, me dá arrepios só pensar nisso.

— Não enquanto houver uma gota de sangue rubro nas veias de protestantes que nasceram livres... mas as trevas se combatem, madame, é com a luz. A luz vem da educação, da leitura de livros e dos estudos...

— Por Deus, me dá dor de cabeça ler a maioria dos livros; e eu não tenho muito tempo, pra falar a verdade. Meu marido lê livros que pega no Departamento de Agricultura. Ele tentou me fazer ler um desses uma vez, sobre criação de galinhas, mas eu não consegui entender direito. O pessoal dele vem da velha terrinha... Acho que as pessoas se sentem diferentes por lá.

— Deve ser difícil ser casada com um estrangeiro assim.

— Às vezes eu não sei como aguento; claro que ele era danado de bonito quando me casei com ele... Nunca pude resistir a um homem bonito.

Doc Bingham curvou-se mais por sobre a mesa. Seus olhos rolavam como se fossem saltar fora.

— Eu nunca pude resistir a uma dama bonita.

A sra. Kovach soltou um profundo suspiro.

Fainy levantou-se e saiu. Estivera tentando introduzir uma palavrinha sobre o seu pagamento, mas de que adiantava? Lá fora fazia frio; as estrelas brilhavam sobre o telhado do celeiro e das casinhas. Do galinheiro, vinha de vez em quando um cacarejo ou um sacudir de penas quando uma galinha perdia o equilíbrio no poleiro. Fainy ficou andando de um lado para outro, no terreiro do celeiro, maldizendo Doc Bingham e chutando um ou outro monte de esterco.

Mais tarde, olhou para dentro da cozinha iluminada pelo candeeiro. Doc Bingham tinha o braço passado pela cintura da sra. Kovach e declamava versos, fazendo grandes gestos com a mão livre:

... Ouvir tais coisas
Fazia Desdêmona inclinar-se seriamente
Mas ainda a chamavam para longe os assuntos da casa
Que ela tão logo podia despachava depressa
E voltava sempre com um ouvido ávido...

Fainy brandiu o punho em direção à janela.

— Maldito seja, quero meu dinheiro — disse alto.

Depois deu um passeio estrada abaixo. Quando voltou, tinha sono e frio. A cozinha estava vazia e o candeeiro fora abaixado. Ele não sabia onde ia dormir, e por isso sentou-se para aquecer-se numa cadeira junto ao fogo. A cabeça começou a pender e ele caiu no sono.

Uma tremenda pancada no assoalho acima e os gritos de uma mulher acordaram-no. Seu primeiro pensamento foi que Doc Bingham estava roubando e assassinando a mulher. Mas

imediatamente ouviu outra voz que xingava e gritava num inglês estropiado. Levantara-se a meio da cadeira quando Doc Bingham passou correndo por ele. Tinha apenas as ceroulas de flanela. Numa mão levava os sapatos, e na outra as roupas. As calças flutuavam atrás dele, na ponta dos suspensórios, como o rabo de uma pipa.

— Ei, que vamos fazer? — Fainy gritou para ele, mas não obteve resposta. Em vez disso, viu-se face a face com um homem alto e moreno, de barba negra desgrenhada, que enfiava calmamente cartuchos numa espingarda de dois canos.

— Chumbo grosso. Eu mato o filho da puta.

— Ei, não pode fazer isso — começou Fainy. Recebeu a coronha da espingarda no peito e desabou para trás na cadeira. O homem encaminhou-se para a porta a passos largos e ágeis, e seguiram-se dois tiros que ressoaram entre as construções da fazenda. Aí recomeçaram os gritos da mulher, pontilhando um choro longo e arrastado e soluços histéricos.

Fainy sentava-se na cadeira da cozinha como se estivesse grudado nela.

Viu uma moeda de cinquenta centavos no chão da cozinha, que devia ter caído das calças de Doc Bingham enquanto ele corria. Agarrou-a e acabava de enfiá-la no bolso quando o homenzarrão da espingarda voltou.

— Acabaram os cartuchos — disse em voz engrolada. Sentou-se à mesa da cozinha, em meio aos pratos do jantar não retirados e começou a chorar como uma criança, as lágrimas escorrendo por entre os dedos nodosos das grandes mãos escuras.

Fainy esgueirou-se porta afora e foi para o celeiro.

— Doc Bingham — chamou baixinho. Os arreios jaziam amontoados entre as guias da carroça, mas não se via sinal de Doc Bingham ou do cavalo malhado. O cacarejar assustado das galinhas perturbadas no galinheiro misturava-se com os gritos da mulher, que ainda vinham da parte de cima da casa da fazenda. — Que diabos vou fazer? — perguntava-se Fainy, quando avistou uma silhueta alta recortada contra a iluminada porta da cozinha, apontando-lhe a espingarda. Chumbo grosso passou-lhe por sobre a cabeça. — Puxa, ele achou cartuchos. — Fainy partiu com tudo que suas pernas podiam dar através do campo de aveia. Finalmente, sem mais fôlego algum, passou por cima de uma cerca cheia de espinhos que lhe rasgaram o rosto e as mãos e caiu exausto numa vala seca para descansar. Ninguém o seguia.

Jornal da Tela III

"É PRECISO CORAGEM PARA VIVER NESTE MUNDO" ÚLTIMAS PALAVRAS DE GEORGE SMITH ENFORCADO COM SEU IRMÃO POR MULTIDÃO EM KANSAS MORTO MARQUÊS DE QUEENSBERRY CHAMAS CONSOMEM FÁBRICA DE CONDIMENTOS TRIBUNAL LIBERTA ZOLA

há alguns anos os anarquistas de Nova Jersey, usando o botão de McKinley e o emblema vermelho da anarquia nos casacos e abastecidos de cerveja pelos republicanos, tramaram a morte de uma das cabeças coroadas da Europa e é provável que a conspiração para assassinar o presidente tenha sido concebida na mesma época ou pouco depois.

Faz um belo luar esta noite sobre o Wabash
Dos campos eleva-se o respirar do feno recém-cortado
Por entre os sicômoros brilha a luz do candeeiro
Sobre as margens do Wabash distante

BONS TEMPOS PARA O TIRANO

Seis Mil Trabalhadores em Desfile de Smolensk com Cartazes que Dizem Morte ao Tsar Assassino.

motins e bloqueios aos bondes marcam a abertura da greve dos condutores de veículos

IMINENTE A MAIOR BATALHA NAVAL DO MUNDO

polícia de Madri reprime cinco mil trabalhadores que conduziam a bandeira negra

espectadores ficam tontos quando dançarina chupa laranja quebrando recorde que deixa homem insano

O Olho da Câmera (5)

e encenamos a batalha de Port Arthur na banheira e a água vazou pelo teto da sala de estar e no todo foi muito ruim mas em Kew Gardens o velho sr. Garnet que ainda estava saudável e disposto apesar de muito velho veio para o chá e o vimos primeiro através da janela com seu rosto vermelho e suas suíças à John Bull e titia disse que era o gingado dos marinheiros e ele trazia uma caixa debaixo do braço e Vicky e Pompom latiram e ali está o sr. Garnet para o chá e ele tirou o gramofone de dentro de uma caixa preta e pôs um cilindro e afastaram as coisas do chá para o canto da mesa Tenha cuidado em não deixá-lo cair agora ele arranha bem fácil Ora uma agulha comum de costura serviria madame mas eu tenho agulhas especiais

e começamos a falar do halmirante Togo e o Banyan e como os russos bebiam tanta vodca e matavam todos aqueles pobres

jovens pescadores do mar do Norte e ele deu corda com muito cuidado para não quebrar a mola e a agulha começou a fazer rasp rasp Sim eu mesmo fui marinheiro meu rapaz desde que era um pirralho não muito maior que você subi até me tornar ajudante de contramestre no primeiro vaso de ferro britânico o *Warrior* e sei dançar um hornpipe ainda madame e ele tinha uma bússola de marinheiro vermelha e azul nas costas da mão e suas unhas pareciam pretas e grossas quando ele mexia com a agulha e a agulha fazia rasp rasp e lá longe uma banda tocava e do chiado rascante na pequena corneta preta vinha *Deus salve o rei* e os cachorrinhos latiam

Jornal da Tela IV

Conheci meu amor no Alamo
Quando a Lua nascia
Sua beleza ofuscava inteiramente o luar
Tão radiantes eram seus olhos

pela manhã piquetes sindicais fizeram voltar uma carroça carregada com cinquenta cadeiras de campanha a caminho da sede dos bombeiros na avenida Michigan com a rua Washington. Informa-se que as cadeiras haviam sido encomendadas para o conforto de policiais destacados para servir durante a greve

FROTAS PODEM DEFRONTAR-SE EM BATALHA HOJE A OESTE DE LUZON

três grandes lobos foram mortos antes do jantar.

Propõe-se aqui um grande desfile do qual participará o presidente Roosevelt, para ser visto pelos cidadãos. À frente irá um urso enjaulado recentemente capturado após matar cerca de

doze cachorros e ferir vários homens. Dar-se-á ao urso uma hora de vantagem nas colinas e então se soltarão as matilhas na trilha e o presidente e os guias seguirão atrás

três estudantes de Columbia iniciam viagem de automóvel para Chicago numa aposta

AMEAÇA AGORA É DE GREVE GERAL

Brilha uma lua bonita esta noite sobre o Wa-abash

O DIA MAIS FELIZ DO REI DO PETRÓLEO

um querubim a cada cinco minutos o mercado para todas as classes de imóveis continua saudável com boa demanda para locais de fábricas residências e casas comerciais decisões do tribunal contra os trabalhadores

DOMINGO SANGRENTO EM MOSCOU

anjos femininos são esmagados tropas guardam campos de petróleo América tende a tornar-se império como nos tempos dos Césares poema de cinco dólares consegue marido rico comam menos diz Edison rico jogador de pôquer cai morto ao fazer royal flush denuncia corrupção em Cícero

GREVE PODE SIGNIFICAR REVOLTA NA RÚSSIA

romance no lago de dois iates assassinato encerra disputa trabalhista Michigan corre por toda Albion bandeiras vermelhas em São Petersburgo

TSAR CEDE AO POVO

abraça bebê morto quarenta e oito horas famílias expulsas por cano central de água que explode.

TSAR CONCEDE CONSTITUIÇÃO

Dos campos eleva-se o cheiro do feno recém-cortado
Entre os sicômoros brilha a luz da candeia

O Olho da Câmera (6)

Vamos lá vamos lá disse o diretor sr. Linwood quando a gente subia correndo o campo chutando a bola redonda de futebol como diziam em Hampstead e depois era hora de voltar a pé para casa e a gente se sentia bem porque o sr. Linwood tinha dito vamos lá

Taylor disse Eis outro americano que chega e ele tinha os dentes como os de Teddy nos jornais e um nariz empinado e um traje de montaria e perguntava Em quem você vai votar? E a gente dizia eu não sei e ele enchia o peito e dizia: quero dizer em quem votam seus pais Roosevelt ou Parker? E a gente dizia juiz Parker

o cabelo do outro americano era muito negro e ele erguia os punhos e o nariz empinado e disse eu voto em Roosevelt quer brigar? Todo tremendo a gente dizia eu estou com Parker mas Taylor disse Quem bota dois pence para uma cerveja de gengibre? E não se brigou dessa vez

Jornal da Tela V

INSETOS EXPULSAM BIÓLOGO

raptores amarram e amordaçam; solta pelo cachorro

IMPERADOR NICOLAU II DIANTE DA REVOLTA DO IMPÉRIO CONCEDE LIBERDADE AOS SÚDITOS

paralisia para o bisturi do cirurgião com uma penada a última monarquia absoluta da Europa passa para a história mineiro do vale da Morte e propagandista deformado da estrada de Santa Fé podem morrer mandado para casa de correção por roubar anjo de gesso

Nas margens do Wabash distante.

Mac

Na manhã seguinte, logo após clarear, Fainy entrou capengando, debaixo de um forte aguaceiro, na estação da estrada de

ferro em Gaylord. Uma grande estufa esmaltada ardia na sala de espera. O guichê de passagens estava fechado. Não havia ninguém à vista. Fainy tirou primeiro um dos sapatos encharcados, depois o outro, e aqueceu os pés até as meias secarem. Em cada calcanhar formara-se e estourara uma bolha e as meias grudavam nelas numa crosta suja. Ele tornou a calçar os sapatos e deitou-se no banco. Caiu no sono imediatamente.

Uma pessoa alta, vestida de azul, falava com ele. Tentou erguer a cabeça, mas estava morto de sono.

— Ei, rapaz, é melhor não deixar o chefe da estação ver você — disse uma voz que ele ouvia no sono.

Fainy abriu os olhos e sentou-se.

— Puxa, pensei que você fosse um tira.

Um jovem de ombros quadrados, com uma blusa de mescla azul e uma jardineira, estava parado a seu lado.

— Achei que era melhor acordar você, o chefe da estação é muito bruto neste monte de lixo.

— Obrigado. — Fainy estendeu as pernas. Tinha os pés tão inchados que mal podia se apoiar neles. — Puxa, estou com o corpo duro.

— Escute, se tiver vinte e cinco centavos eu sei de um lugar onde a gente podia comer um senhor desjejum.

— Eu tenho um dólar e meio — disse Fainy, devagar. Estava parado, com as mãos nos bolsos, de costas para a estufa quente, olhando cautelosamente o rosto quadrado de mandíbulas fortes e olhos azuis do outro rapaz. — De onde vem você?

— Eu sou de Duluth... Estou mais ou menos na vagabundagem. E você, de onde é?

— Puxa, eu gostaria de saber. Tinha um emprego até ontem à noite.

— Deixou?

— Escute, que tal a gente ir comer aquele desjejum?

— Isso é ótimo. Não comi ontem... Meu nome é George Hall... Os caras me chamam de Ike. Não sou exatamente um vagabundo, sabe. Quero ver o mundo.

— Acho que vou ter de ver o mundo agora — disse Fainy. — Meu nome é McCreary. Sou de Chi. Mas nasci lá no Leste, em Middletown, Connecticut.

Quando abriram a porta de tela da pensão dos ferroviários mais abaixo, na mesma rua, foram recebidos por um cheiro de presunto e café e cinza de cigarro. Uma loura com dentes de cavalo e uma voz enferrujada pôs os pratos para eles.

— Onde trabalham, rapazes? Não me lembro de ter visto vocês antes.

— Eu trabalhava na serraria — disse Ike.

— A serraria fechou há duas semanas porque o superintendente estourou os miolos.

— E eu não sei?

— Talvez queiram pagar adiantado.

— Eu tenho dinheiro — disse Fainy, balançando uma nota de um dólar diante do rosto dela.

— Bem, se tem dinheiro, acho que vai pagar mesmo — disse a garçonete, mostrando os grandes dentes amarelos num sorriso.

— Claro, pêssegos com creme, vamos pagar como milionários — disse Ike.

Encheram-se de café e angu de milho e presunto e ovos e grandes e pesados biscoitos brancos de fermento, e no final do desjejum

começaram a rir tanto das histórias que Fainy contava sobre a vida e os amores de Doc Bingham que a garçonete lhes perguntou se tinham andado bebendo. Ike convenceu-a com gracejos a trazer-lhes outra xícara de café sem cobrar mais: Depois, pescou dois cigarros amassados no bolso da jardineira.

— Quer um prego de caixão, Mac?

— Não podem fumar aqui — disse a garçonete. — A patroa não tolera fumo.

— Tudo bem, boneca, a gente vai dar o fora.

— Até onde estão indo?

- Bem, eu vou para Duluth. É onde mora minha gente...

— Quer dizer que é de Duluth, então?

— Bem, qual é a grande piada sobre Duluth?

— Não é piada, é desgraça mesmo.

— Não acha que pode brincar comigo, acha?

— Não vale o meu tempo, doçura. — A garçonete dava risadinhas ao tirar a mesa. Tinha mãos grandes e vermelhas e unhas grossas e brancas do trabalho na cozinha.

— Ei, tem aí algum jornal? Quero ler alguma coisa enquanto espero o trem.

— Vou lhe arranjar uns. A patroa recebe o *American*, de Chicago.

— Puxa, não vejo um jornal há três semanas.

— Eu também gosto de ler jornal — disse Mac. — Gosto de saber o que está se passando no mundo.

— A maior parte é um monte de mentiras... todos pertencem a interesses particulares.

— Hearst está ao lado do povo.

— Não confio nem um pouco mais nele do que no resto.

— Já leu *O Apelo à Razão*?

— Escute, você é socialista?

— Claro; trabalhei na tipografia de meu tio até que os grandes interesses botaram ele para fora do negócio porque ele tomou o partido dos grevistas.

— Puxa, isso é ótimo... ponha aí... eu também... Escuta, Mac, este é um grande dia para mim... Não é todo dia que encontro caras que pensam como eu.

Saíram com um bolo de jornais e sentaram-se debaixo de um grande pinheiro a pouca distância da cidade. O sol saíra cálido; grandes nuvens brancas e marmóreas velejavam pelo céu. Deitaram-se de costas, com a cabeça apoiada num pedaço de raiz rósea, cuja casca parecia a de um jacaré. Apesar da chuva da noite anterior, as agulhas de pinheiro estavam quentes e secas. À frente deles, estendia-se a estrada de ferro de via única através de capões e clareiras de bosques destruídos, onde a lenha começava a brotar aqui e ali em folhas verde-claras. Leram várias vezes as páginas do jornal de uma semana atrás e conversaram.

— Talvez comece na Rússia; é o país mais atrasado, onde o povo é mais oprimido... Tinha um sujeito russo trabalhando lá na serraria, um sujeito culto, que fugiu da Sibéria... Eu conversava um bocado com ele... Ele pensava o seguinte. Dizia que a revolução social ia começar na Rússia e se espalhar pelo mundo todo. Era um sujeito bacana. Aposto que era alguém importante.

— O Tio Tim achava que ia começar na Alemanha.

— Devia começar bem aqui na América... A gente já tem instituições livres... Só é preciso se livrar dos interesses.

Tio Tim diz que a gente está muito bem na América... a gente não sabe o que é a opressão ou a pobreza. Ele e meus

outros tios eram fenianos lá na Irlanda antes de virem para cá. Por isso me deram o nome de Fenian... Pai não gostou, eu acho... Acho que não tinha muita fibra.

— Já leu Marx?

— Não... puxa, mas gostaria.

— Eu também não. Mas li *Um olhar para trás*, de Bellamy; foi isso que me fez virar socialista.

— Me fale dele; eu tinha acabado de começar a ler ele quando saí de casa.

— É sobre um sujeito inútil que dorme e acorda no ano dois mil, quando a revolução social já aconteceu, todo mundo é socialista e não tem mais cadeia nem pobreza, ninguém trabalha para si mesmo e não tem jeito de alguém ser um rico acionista ou capitalista e a vida é uma maravilha para a classe operária.

— Isso é o que eu sempre pensei... São os operários que criam a riqueza e eles é que devem ficar com ela, e não um bando de tubarões.

— Se a gente pudesse acabar com o sistema capitalista, os grandes trustes e Wall Street, as coisas iam ser assim.

— Puxa.

— Só era preciso uma greve geral e fazer os trabalhadores se recusarem a trabalhar para um patrão... Diabos, se as pessoas ao menos compreendessem como é fácil. Os patrões têm toda a imprensa e negam o conhecimento e a educação aos operários.

— Eu conheço tipografia um bocado e linotipo... Puxa, talvez um dia eu pudesse fazer alguma coisa.

Mac se levantou. Estava todo vibrante. Uma nuvem cobrira o sol, mas na estrada de ferro lá embaixo os magros bosques mostravam-se cheios do fulgor verde dourado das folhas novas

ao sol. O sangue parecia-lhe em fogo. Ele ficou parado, com as pernas abertas, olhando a estrada de ferro lá embaixo. Na curva distante apareceu um carrinho propelido à mão com uma turma de setor, um minúsculo grupo de marrom e azul-escuro. Mac observou-o aproximar-se. Um fiapo de bandeira vermelha flutuava na frente do carrinho, foi ficando maior, mergulhando em manchas de sombra, maior e mais distinto cada vez que emergia em uma réstia de sol.

— Escute, Mac, é melhor a gente não se mostrar se quiser saltar nesse trem de carga. Tem uns detetives danados de maus nesta estrada.

— Tudo bem.

Afastaram-se uns cem metros para dentro do bosque novo de pinheiros e bétulas. Mac parou junto a um grande tronco coberto de líquens para verter água. Sua urina fluía num amarelo luminoso ao sol, desaparecia imediatamente na marga porosa de folhas e madeira podres. Ele se sentia muito feliz. Deu um chute no toco. Estava podre. O pé entrou e um pouco de pó, parecendo fumaça, subiu da madeira quando o toco rolou no capão atrás.

Ike sentara-se num tronco e palitava os dentes com um broto de bétula.

— Escute, já esteve na costa, Mac?

— Não.

— Gostaria?

— Claro.

— Bem, vamos nós dois dar uma passada por Duluth... Quero aparecer e falar com a velha, sabe?... Não vejo ela há três meses. Depois a gente pega a colheita de trigo e chega a Frisco ou Seattle no outono. Dizem que tem boas escolas noturnas de

graça em Seattle. Quero estudar um pouco, sabe? Não sei de merda nenhuma ainda.

— Isso é ótimo.

— Já pegou um trem de carga andando ou viajou num bagageiro fechado, Mac?

— Bem, não exatamente.

— Venha atrás de mim e faça o que eu faço. Vai dar tudo certo.

Na estrada de ferro lá embaixo, ouviram o apito de uma locomotiva.

— Lá vem o número três dobrando a curva agora... A gente pega ele logo depois que ele deixar a estação. Vai nos levar para Mackinaw City esta tarde.

No fim dessa tarde, entorpecidos e com frio, entraram em um pequeno abrigo no cais dos vapores de Mackinaw City. Uma neblina açoitada pela chuva que vinha do lago cobria tudo. Tinham comprado um pacote de dez centavos de Sweet Caps, de modo que só lhes restavam noventa centavos. Discutiam sobre quanto deviam gastar no jantar quando o agente dos vapores, um homem magro com uma viseira verde e uma capa impermeável, saiu de seu escritório.

Estão procurando emprego, rapazes? — perguntou. — Porque tem um sujeito aqui da Lakeview House procurando uns dois lavadores de pratos. Acho que a agência não mandou gente suficiente para eles. Vão abrir amanhã.

— Quanto pagam à gente? — perguntou Ike.

— Não creio que seja muito, mas a boia é muito boa.

Que tal, Mac? A gente economiza a passagem e vai a Duluth como uma dupla de almofadinhas, de navio.

Assim, foram nessa noite, no vapor, para a ilha Mackinac. Era muito chato lá. Havia um monte de vistas com cartazes que diziam "Caldeirão do Diabo", "Pão de Açúcar", "Salto dos Namorados", e esposas e filhos de negociantes de lojas de preços médios de Detroit, Saginaw e Chicago. A mulher de cara cinza que dirigia o hotel, conhecida como A Administração, fazia-os trabalhar das seis da manhã até muito depois de o sol se pôr, lavando banheiros, esfregando o chão, carregando bagagens e um monte de outros trabalhos. As garçonetes eram todas solteironas velhas ou esposas alquebradas de lavradores, cujos maridos bebiam. O único outro empregado homem da casa era o cozinheiro, um hipocondríaco mestiço franco-canadense que insistia em ser chamado de sr. Chef. Às noites, sentava-se em sua pequena cabana de troncos no fundo do hotel tomando elixir paregórico e resmungando sobre Deus.

Quando receberam seu primeiro salário mensal, arrumaram os poucos pertences num jornal e esgueiraram-se para bordo do *Juniata* com destino a Duluth. As passagens levaram todo o seu capital, mas estavam felizes ao se verem na popa, olhando o morro de Mackinac, elegante e coberto de coníferas, desaparecer no lago.

Duluth; plataforma de madeira ao longo do cais, morros cobertos de barracos e altas e finas chaminés e a confusão de silos de grãos corcundas sob a fumaça das fábricas que subia em negra espiral contra um imenso crepúsculo cor de salmão. Ike detestou deixar o barco, por causa de uma garota de cabelos negros com a qual pretendia falar.

— Diabos, ela não ia lhe dar atenção, Ike, é metida a besta demais para você — repetia Mac.

— A velha vai ficar contente de ver a gente, de qualquer forma — disse Ike, quando desceram correndo a prancha de desembarque. — Eu meio que esperava ver ela no cais, mesmo não tendo escrito que estava vindo. Rapaz, aposto que ela vai dar um banquete à gente.

— Onde é que ela mora?

— Não é longe. Eu mostro. Escute, não pergunte nada sobre o velho, tá? Ele não vale muita coisa. Acho que está na cadeia. A velha comeu o pão que o diabo amassou para criar a gente... Eu tenho dois irmãos em Buffalo... Não me dou bem com eles. Ela borda, faz conservas, bolos e coisas assim. Trabalhava numa padaria, mas agora sofre de um lumbago danado. Seria uma mulher verdadeiramente brilhante se a gente não fosse tão pobre.

Dobraram para uma rua lamacenta que subia um morro. No alto, via-se uma casinha ajeitada, como uma escola.

— É ali que a gente mora... Puxa, queria saber por que não tem luz.

Entraram por um portão na cerca de estacas. No canteiro de flores na frente da casa desabrochavam cravinas-dos-poetas. Eles sentiam o cheiro, embora mal pudessem vê-las, pois estava muito escuro. Ike bateu.

— Diabos, que será que aconteceu? — Tornou a bater. Acendeu um fósforo. Na porta estava pregado um cartão de "À VENDA", com o nome de um corretor imobiliário. — Jesus Cristo, é engraçado, ela deve ter se mudado. Agora que me lembro, não recebo uma carta dela há dois meses. Espero que não esteja doente... Vou perguntar a Bud Walker, o vizinho.

Mac sentou-se no degrau de madeira e ficou esperando. Acima, num rasgão nas nuvens, que ainda tinham uma débil

coloração vermelha do pós-crepúsculo, seus olhos deram com o negro vazio pontilhado de estrelas. O cheiro das cravinas excitava-lhe as narinas. Sentiu fome.

Um assobio baixo de Ike trouxe-o de volta.

— Vamos — disse o outro rudemente e começou a descer o morro andando rápido, a cabeça enterrada entre os ombros.

— Ei, que é que há?

— Nada. A velha foi para Buffalo morar com meus irmãos. Acho que os vagabundos sujos fizeram ela vender a casa para torrar a grana.

— Deus, isso é duro, Ike.

Ike não respondeu. Andaram até chegar à esquina de uma rua de lojas iluminadas e bondes. De um bar saía a melodia de um piano mecânico. Ike voltou-se e deu um tapa nas costas de Mac.

— Vamos entrar pra tomar um trago, garoto... Que diabo.

Havia só um outro homem no longo balcão. Era um homem de idade, muito alto e bêbado, com botas de madeireiro e um chapéu de oleado, que berrava numa voz incompreensível.

Bebam a ela, rapazes — dizia, e fazia um passe no ar com uma mão comprida e suja.

Mac e Ike beberam dois uísques cada, um uísque tão forte e cru que quase lhes tirou o fôlego. Ike pôs o troco de um dólar no bolso e disse:

— Que diabo, vamos dar o fora daqui. — No ar frio da rua, começaram a sentir-se leves. — Jesus, Mac, vamos dar o fora daqui esta noite... É terrível a gente voltar a uma cidadezinha onde foi criança... Vou encontrar todos os malucos inúteis que conheci e as garotas que me atraíam... Acho que sempre vou pegar no pau de merda mesmo.

Num restaurante ao lado da estação de fretes, comeram hambúrguer e batatas e pão com manteiga e café por quinze centavos cada. Depois de comprarem alguns cigarros, ainda tinham juntos oito e setenta e cinco.

— Puxa, estamos ricos — disse Mac. — Bem, aonde vamos?

– Espere um minuto. Vou dar uma olhada na estação de fretes. Tinha um cara que eu conhecia que trabalhava aqui.

Mac ficou zanzando embaixo da lâmpada de um poste na esquina, fumando um cigarro e esperando. Esquentara um pouco depois que o vento amainara. De um brejo em alguma parte, nos pátios de manobra, vinha o coaxar dos sapos. Morro acima, um acordeom tocava. Dos pátios vinha o pesado arquejar de uma locomotiva de frete e o clangor de vagões engatados e o chocalhar cantado das rodas.

Depois de algum tempo, ouviu o assobio de Ike no lado escuro da rua. Correu para lá.

— Escute, Mac, a gente tem de correr. Eu encontrei o cara. Ele vai abrir um vagão de carga para a gente no cargueiro que vai para o Oeste. Diz que levará a gente até a costa, se a gente ficar nele.

— Como diabos a gente vai comer trancados num vagão de carga?

— Come, sim. Deixe isso comigo.

— Mas, Ike...

— Fique de boca fechada, tá? Quer que todo mundo nesta maldita cidade saiba o que a gente tá tentando fazer?

Encaminharam-se nas pontas dos pés, em meio à escuridão, entre duas filas de vagões. Ike encontrou uma porta entreaberta e se enfiou lá dentro. Mac seguiu-o e fecharam a porta corrediça com muito cuidado atrás de si.

— Agora a gente só tem de dormir — sussurrou Ike, os lábios tocando a orelha de Mac. — O otário lá, sabe, disse que não tem inspetores de serviço na noite de hoje.

No fundo do vagão, encontraram feno de um fardo desfeito. Todo o carro cheirava a feno.

— Não é maravilhoso? — sussurrou Ike.

— É o máximo, Ike.

Logo o trem partia, e eles se deitaram lado a lado para dormir em cima do feno espalhado. O vento frio da noite penetrava pelas frestas do assoalho. Os dois dormiram bem. O trem andava e parava e andava e manobrava para trás e para a frente em desvios e as rodas chocalhavam e ribombavam em seus ouvidos e estrondeavam nos cruzamentos. Lá pelo amanhecer, caíram num sono tranquilo e a fina camada de feno sobre as tábuas pareceu-lhes de repente macia e quente. Nenhum dos dois tinha relógio e o dia estava cinza, de modo que não souberam que horas eram quando despertaram. Ike correu um pouco a porta, para dar uma olhada; o trem corria por um amplo vale que parecia inundado com o verde ondular do trigo maduro. De vez em quando, a distância, um trecho de floresta erguia-se como uma ilha. Em cada estação, via-se o vulto cego e corcunda de um silo.

— Puxa, isto aqui deve ser o rio Vermelho, mas gostaria de saber em que direção estamos indo — disse Ike.

— Deus, eu bem que precisava de uma xícara de café — disse Mac.

— A gente vai tomar um belo café em Seattle, diabos se não vamos, Mac.

Voltaram a dormir, e quando acordaram estavam com sede e entorpecidos. O trem parara. Não se ouvia som algum. Ficaram deitados de costas, tensos e à escuta.

— Puxa, queria saber onde diabos estamos.

Após um longo tempo, ouviram passos rangendo nas cinzas ao lado dos trilhos e alguém experimentando os ferrolhos dos vagões de carga ao longo do trem. Ficaram tão quietos que ouviam os próprios corações batendo. Os passos sobre as cinzas aproximavam-se cada vez mais. A porta corrediça abriu-se com um estrondo, e o vagão ficou de repente todo iluminado. Permaneceram imóveis. Mac sentiu a pancada de uma vara no peito e sentou-se piscando. Uma voz escocesa zumbia em seus ouvidos:

— Achei que ia encontrar alguns passageiros de Pullman. Muito bem, rapazes, se levantem e paguem, senão vão para a delegacia.

— Ora, diabos — disse Ike, arrastando-se para a frente.

— Praguejar e xingar não vai ajudar nada... Se têm alguns paus, podem viajar até Winnipeg e tentar a sorte por lá... Se não têm, vão trabalhar um pouquinho nas estradas antes de poder dizer "mamãe".

O guarda-freios era um homenzinho de cabelos negros, com uns modos calmos e maus.

— Onde estamos, chefe? — perguntou Ike, tentando falar como um inglês.

— Gretna... Estão no domínio do Canadá. Podem ser presos também por terem cruzado ilegalmente a fronteira de Sua Majestade, além de serem vagabundos.

— Bem, acho que é melhor a gente despejar tudo... Sabe, somos filhos de nobres em busca de um pouco de farra, chefe.

— Não adianta praguejar nem mentir. Quanto têm?

— Uns dois dólares.

— Vamos ver lá isso, rápido.

Ike puxou primeiro um dólar, depois outro, do bolso; dobrado com o segundo havia uma nota de cinco. O escocês tomou as três notas com um único gesto e correu a porta com um estrondo. Ouviram-no passar o ferrolho do lado de fora. Por um longo tempo quedaram-se ali, calados no escuro.

Finalmente, Ike disse:

– Ei, Mac, me dê um soco no queixo. Fiz uma besteira danada. De qualquer modo, jamais devia ter guardado aquilo no bolso da calça. Devia pôr dentro do cinto. Isso deixa a gente com uns setenta e cinco centavos. Estamos enfiados na merda até o pescoço agora. Ele na certa vai telegrafar para a próxima estação, para tirarem a gente na próxima cidade grande.

— Será que tem Polícia Montada na estrada de ferro também? — perguntou Mac num sussurro oco.

— Deus, eu não sei mais sobre isso que você.

O trem tornou a partir e Ike rolou de barriga para baixo e foi dormir amuado. Mac ficou de barriga para cima, olhando a nesga de sol que passava pela fenda da porta e imaginando como seria o interior de uma cadeia canadense.

Nessa noite, depois que o trem parara por algum tempo em meio ao chiado e ao clangor de um grande pátio de manobras, eles ouviram o ferrolho da porta correr. Após algum tempo, Ike tomou coragem para abrir a porta e os dois saltaram, rígidos e com uma fome terrível, sobre o chão de cinzas. Havia outro trem de carga no trilho ao lado, e a única coisa que podiam ver era uma brilhante faixa de estrelas acima. Deixaram o pátio sem nenhum problema e viram-se andando pelas ruas desertas de uma cidade grande e esparramada.

— Winnipeg é uma cidade danada de solitária, pode acreditar — disse Ike.

— Já deve passar de meia-noite.

Andaram e andaram e finalmente encontraram um pequeno restaurante de um chinês que fechava naquele momento. Gastaram quarenta centavos num pouco de ensopado com batatas e café. Perguntaram ao chinês se os deixaria dormir no chão atrás do balcão, mas ele os pôs para fora e os dois se viram andando novamente, mortos de cansaço, pelas ruas largas e desertas de Winnipeg. Fazia mesmo frio demais para se sentarem em algum lugar, e não encontravam lugar algum que parecesse capaz de dar-lhes abrigo por trinta e cinco centavos; por isso andavam e andavam, e de qualquer modo o céu começava a empalidecer numa lenta aurora estival do norte. Quando já se fizera dia claro, voltaram ao chinês e gastaram os trinta e cinco centavos em mingau de aveia e café. Depois foram ao escritório de empregos da Canadian Pacific e candidataram-se a trabalhar num acampamento de construção em Banff. As horas que tiveram de esperar até o horário do trem eles as passaram na biblioteca pública. Mac leu parte de *Um olhar para trás*, de Bellamy, e Ike, não podendo encontrar um volume de Karl Marx, leu um capítulo de "Quando o que dorme despertar", na *Strand Magazine*. Assim, quando tomaram o trem, estavam empanturrados da revolução socialista iminente e começaram a discuti-la com dois magros madeireiros de cara vermelha que se sentavam à sua frente.

Um deles mascava tabaco, calado o tempo todo, mas o outro cuspiu o seu pela janela e disse:

— Seus tolos, vocês vão deixar esse tipo de conversa, se sabem o que é bom para a saúde de vocês.

— Diabo, isto aqui é um país livre, não é? A gente tem liberdade para falar, não tem?

— Um tolo pode falar até os superiores dizerem para ele fechar a matraca.

Diabo, eu não estou querendo arranjar briga - disse Ike.

- Melhor que não — disse o outro homem, e não voltou a falar.

Trabalharam para a estrada de ferro Canadian Pacific durante todo o verão e a primeiro de outubro estavam em Vancouver. Tinham malas e ternos novos. Ike possuía quarenta e nove dólares e cinquenta centavos e Mac oitenta e três e quinze numa nova carteira de couro de porco. Mac tinha mais porque não jogava pôquer. Alugaram um quarto de um dólar e meio para os dois e deitaram-se na cama como príncipes, na primeira manhã livre. Estavam bronzeados e curtidos, com as mãos calosas. Após o cheiro de cachimbos rançosos e pés sujos e os percevejos nos dormitórios da estrada de ferro, o quartinho de hotel limpo com camas limpas parecia um palácio.

Quando despertou inteiramente, Mac sentou-se e pegou seu Ingersoll. Onze horas. A luz do sol na janela era avermelhada devido à fumaça dos incêndios na floresta litoral acima. Ele se levantou e lavou-se com água fria na bacia. Andou de um lado para outro, dentro do quarto, enxugando o rosto e os braços na toalha. Dava-lhe uma sensação de bem-estar seguir os contornos do pescoço e a depressão entre as omoplatas e os músculos dos braços com a toalha áspera e limpa.

— Escute, Ike, que acha que a gente deve fazer? Eu acho que a gente devia descer de barco até Seattle, Washington, como dois almofadinhas. Quero me assentar e arranjar um emprego de

impressor; a gente ganha dinheiro com isso. Vou estudar como o diabo neste inverno. Que acha, Ike? Quero dar o fora deste lugar de inglês e voltar para a terra dos cristãos. Que acha, Ike?

Ike gemeu e rodou na cama.

— Escute, acorde, pelo amor de Deus. A gente precisa dar uma olhada nesta vila e depois adeus.

Ike sentou-se na cama.

— Porra. Preciso de uma mulher.

— Ouvi dizer que tem umas meninas bonitas em Seattle, palavra, Ike.

Ike saltou da cama e começou a aspergir-se com água fria da cabeça aos pés. Depois vestiu apressadamente as roupas e ficou olhando para fora da janela, penteando e enxugando os cabelos.

— Quando é que parte esse maldito barco? Diabos, eu gozei dormindo duas vezes esta noite, você não?

Mac enrubesceu. Balançou a cabeça.

— Diabos, a gente tem de arranjar mulher. Gozar dormindo enfraquece o sujeito.

— Eu não ia gostar se a gente pegasse doença.

— Ora, diabos, um homem não é homem enquanto não toma suas três doses.

— Ah, vamos lá, vamos ver a cidade.

Desceram correndo as escadas até a rua. Rodaram por Vancouver, sentindo o cheiro avinagrado das serrarias ao longo do cais, zanzando debaixo das grandes árvores do parque. Compraram as passagens na agência do vapor e foram a um armarinho e adquiriram gravatas listradas, meias coloridas e camisas de seda de quatro dólares. Sentiam-se como milionários quando subiram a prancha de embarque do vapor para Victoria e Seattle, com os

novos ternos e as novas malas e as camisas de seda. Passearam pelo convés fumando cigarros e olhando as garotas.

— Puxa, lá estão duas que parecem fáceis... Aposto que são prostitutas — sussurrou Ike no ouvido de Mac, dando-lhe uma cotovelada nas costelas ao passarem por duas garotas com chapéus Spring Maid que passeavam pelo convés em sentido contrário. — Merda, vamos tentar pegar elas.

Tomaram umas cervejas no bar e voltaram ao convés. As garotas haviam desaparecido. Mac e Ike percorreram desconsolados o convés por algum tempo, e acabaram encontrando as garotas encostadas na amurada da popa. Era uma noite de lua, mas nublada. O mar e as ilhas escuras cobertas de sempre-vivas cônicas acendiam-se e apagavam-se em réstias verde-prateadas. As duas garotas tinham cabelos frisados e olheiras. Mac achou que pareciam velhas demais, mas, como Ike partira de vento em popa na frente, era tarde demais para fazer qualquer coisa. A garota com quem ele falou chamava-se Gladys. Ele gostou mais da aparência da outra, cujo nome era Olive, mas Mac encostou nela primeiro. Ficaram no convés brincando e dando risinhos até que as garotas disseram que estavam com frio e entraram no salão e sentaram-se num sofá e Ike foi comprar uma caixa de bombons.

— Nós jantamos cebolas hoje — disse Olive. — Espero que não se importem, rapazes. Gladys, eu disse a você que a gente não devia comer aquelas cebolas antes de vir para o barco.

— Me dê um beijo, que eu lhe digo se me importo ou não — disse Ike.

— Garoto, não pode falar assim com essa folga à gente neste barco — cortou Olive, duas linhas más aparecendo em cada lado da boca.

— A gente precisa ter muito cuidado com o que faz no barco — explicou Gladys. — Eles são muito desconfiados com duas moças que viajam sozinhas hoje em dia. Isso é crime?

— Claro que é. — Ike aproximou-se mais no assento.

— Deixe disso... Faça um ruído como esse de novo e cai fora. Estou falando sério.

Olive levantou-se e sentou-se no banco da frente. Ike acompanhou-a.

— Antigamente, a gente tinha toda a liberdade nesses barcos, mas agora não — disse Gladys, falando a Mac em um tom baixo e íntimo. — Vocês estavam trabalhando nas enlatadoras?

— Não, a gente trabalhou para a Pacific Union o verão todo.

— Devem ter ganho um dinheirão. — Enquanto ela lhe falava, Mac notou que olhava pelos cantos dos olhos para seu amigo.

— É... Não muito... Eu economizei quase um século.

— E agora estão indo para Seattle.

— Quero arranjar emprego como linotipista.

— É lá que a gente mora, em Seattle. Olive e eu temos um apartamento... Vamos sair para o convés, está quente demais aqui dentro.

Quando passaram por Olive e Ike, Gladys se curvou e sussurrou alguma coisa no ouvido da amiga. Depois se voltou para Mac com um sorriso derretido. O convés estava deserto. Ela deixou que ele passasse o braço por sua cintura. Os dedos dele sentiram as talas de uma espécie de corpete. Ele apertou.

— Oh, não seja rude demais, garoto — ela gemeu numa vozinha engraçada.

Ele riu. Quando retirou a mão, sentiu o contorno do seio. Andando, sua perna roçava contra a dela. Era a primeira vez que se via tão perto de uma garota.

Depois de algum tempo, ela disse que ia para a cama.

— Que tal eu descer com você?

Ela balançou a cabeça.

— Neste barco, não. Vejo você amanhã; quem sabe você e seu amigo vêm ver a gente em nosso apartamento? A gente mostra a cidade a vocês.

— Claro — disse Mac.

Rodou pelo convés, o coração batendo forte. Ouvia o martelar das máquinas do vapor e a quilha da proa fendendo a água em seta e sentia-se do mesmo jeito. Encontrou-se com Ike.

— Minha garota disse que precisava ir para a cama.

— A minha também.

— Conseguiu alguma coisa, Mac?

— Elas têm um apartamento em Seattle.

— Eu consegui um beijo da minha. Ela é quente como o diabo. Puxa, pensei que ia me apalpar.

— A gente consegue amanhã na certa.

O dia seguinte foi ensolarado; o cais de Seattle reluzia, cheirava a pátio de serraria e ressoava com o chacoalhar de carrinhos de mão e os gritos dos que os empurravam, quando desceram do barco. Foram à Associação Cristã de Moços arranjar um quarto. Estavam fartos daquele negócio de serem trabalhadores braçais e vagabundos. Iriam arranjar empregos decentes, morar dignamente e frequentar escolas noturnas. Andaram pela cidade o dia todo, e à noite encontraram-se com Olive e Gladys em frente ao totem da praça do Pioneiro.

As coisas precipitaram-se. Foram a um restaurante, tomaram vinho com um suculento jantar e depois passaram a uma cervejaria onde tocava uma orquestra e beberam whisky-sours. Quando foram para o apartamento, levaram um quarto de uísque e Mac quase o deixou cair nos degraus e as garotas disseram:

– Pelo amor de Deus, não façam tanto barulho, senão vamos ter os tiras em cima da gente.

O apartamento cheirava a almíscar e pó de arroz e havia roupa de baixo feminina por todas as cadeiras e a primeira coisa que as garotas fizeram foi tirar quinze dólares de cada um deles. Mac foi para o banheiro com a sua e ela lambuzou o nariz dele com batom e riram a valer, até que ele engrossou e ela lhe deu um tapa na cara. Depois sentaram-se todos juntos em redor da mesa e beberam mais um pouco e Ike dançou a dança de Salomé, de pés descalços. Mac riu, e foi muito engraçado, mas estava sentado no chão e quando tentou levantar-se caiu de cara e de repente estava vomitando na banheira e Gladys o xingava de todos os nomes. Ela o vestiu, ele não conseguia encontrar a gravata, e todo mundo disse que ele estava bêbado demais e o empurrou para fora e ele andava pela rua cantando *Faça um barulho de aro* e *Role em frente* e perguntou a um tira onde ficava a Associação Cristã de Moços e o tira empurrou-o para dentro de uma cela na delegacia e trancou-o.

Acordou com a cabeça parecendo uma enorme mó de moinho rachada. Tinha vômito na camisa e um rasgão nas calças. Percorreu todos os bolsos e não conseguiu encontrar a carteira. Um tira abriu a porta da cela e disse-lhe para sumir e ele saiu para a ofuscante luz do sol, que lhe cortou os olhos como uma navalha. O homem na recepção da Associação olhou-o de um modo esquisito quando o viu entrar, mas ele subiu para seu quarto e caiu na cama

sem que ninguém lhe dissesse coisa alguma. Ike ainda não voltara. Ele adormeceu e sentiu a cabeça durante todo o sono.

Quando acordou, Ike estava sentado na cama. Tinha os olhos brilhantes e as faces vermelhas. Ainda estava um pouco bêbado.

— Escute, Mac, elas roubaram você? Não consigo encontrar minha carteira. Tentei voltar, mas não consegui achar o apartamento. Deus do céu, eu teria dado uma surra naquelas malditas putas... Merda, ainda estou bêbado como um gambá. Escute, o otário na recepção disse que a gente tinha de dar o fora. Não se pode beber na Associação.

— Mas, puxa, a gente pagou uma semana.

— Ele nos devolve parte do dinheiro... Ora, que diabo, Mac... Estamos duros, mas eu me sinto ótimo... Escute, tive um trabalhão com sua Jane depois que botaram você para fora.

— Diabo, estou enjoado como um cão.

— Estou com medo de dormir, para não acordar de ressaca. Vamos sair, vai lhe fazer bem.

Eram três horas da tarde. Entraram em um pequeno restaurante chinês no cais e tomaram café. Tinham dois dólares, que conseguiram empenhando as malas. O homem do prego não quis aceitar as camisas de seda, porque estavam sujas. Do lado de fora, caía uma tempestade.

— Deus, por que não tivemos o bom senso de ficar sóbrios? Somos um par de grandes otários, Ike.

— A gente teve uma boa festa... Deus, você estava engraçado com aquele batom no rosto todo.

— Eu me sinto muito mal... Quero estudar e trabalhar por alguma coisa; você sabe o que quero dizer, não para ser um maldito feitor de escravos, mas pelo socialismo e pela revolução e

coisas assim, não trabalhar e cair na farra e trabalhar e cair na farra, como esses malditos otários da estrada de ferro.

— Diabos, da outra vez teremos mais bom senso e deixaremos a carteira guardada em outra parte... Xi, estou começando a afundar também.

— Se esta maldita casa pegasse fogo, eu não ia ter forças para sair.

Ficaram sentados no restaurante do china enquanto puderam, e depois saíram debaixo de chuva para procurar uma pocilga de trinta e cinco centavos onde pudessem passar a noite e os percevejos os devorassem. Pela manhã, saíram à cata de empregos, Mac nas tipografias e Ike nas agências de navios. Encontraram-se à noite sem terem tido sorte alguma e dormiram no parque, porque fazia um tempo ótimo. Finalmente, ambos aceitaram trabalhar num acampamento de madeireiros rio Snake acima. Foram enviados pela agência num vagão cheio de suecos e finlandeses. Mac e Ike eram os únicos que falavam inglês. Quando chegaram lá, acharam o capataz tão brutal e o grude tão ruim que deram o fora ao cabo de alguns dias e voltaram à vagabundagem. Já estava frio nas Montanhas Azuis e teriam morrido de fome não fosse a comida que mendigavam nas cozinhas dos acampamentos de madeireiros pelo caminho. Alcançaram a estrada de ferro em Baker City, e conseguiram fazer a viagem de volta até Portland escondidos em trens de carga. Em Portland, não conseguiram arranjar emprego porque tinham as roupas muito sujas, e assim viajaram para o Sul pelo grande e interminável vale do Oregon, cheio de fazendas de frutas, dormindo em celeiros e arranjando uma refeição de vez em quando cortando lenha ou fazendo trabalhos braçais em casas de fazenda.

Em Salem, Ike descobriu que tinha uma doença venérea e Mac passou noites sem dormir com medo de também estar com uma. Tentaram ir a um médico na cidade. Era um homenzarrão de cara redonda e um riso gostoso. Quando lhe disseram que não tinham dinheiro algum, ele disse que estava tudo bem e que os rapazes poderiam fazer alguns trabalhos para pagar a consulta, mas, quando soube que se tratava de uma doença venérea, pôs os dois para fora com um tórrido sermão sobre o preço do pecado.

Tomaram a estrada, famintos e com os pés machucados; Ike tinha febre e andar fazia-lhe mal. Nenhum deles disse coisa alguma. Finalmente, chegaram a uma pequena estação de embarque de frutas onde havia caixas d'água, na linha principal da Southern Pacific.

Ali, Ike disse que não conseguia dar nem mais um passo, que teriam de esperar por um trem de carga.

— Deus do céu, até a cadeia era melhor que isso.

— Quando a gente está de azar nesta terra, é azar mesmo — disse Mac, e por algum motivo ambos riram.

No meio do matagal atrás da estação, encontraram um velho vagabundo fazendo café numa lata de estanho. Ele lhes deu um pouco de café e toucinho defumado e eles lhe contaram seus problemas. O homem disse que se dirigia para o Sul, a fim de passar o inverno, e que o remédio para aquilo era chá de caroços e brotos de cereja.

— Mas onde diabos vou arranjar caroços e brotos de cereja?

O homem disse-lhe que, de qualquer forma, não se preocupasse, não era pior que um resfriado forte. Era um velho alegre, com um rosto tão sujo que parecia uma máscara de couro marrom. Iria tentar a sorte em um trem de carga que parava ali para

pegar água pouco depois do pôr do sol. Mac caiu no sono enquanto Ike e o velho conversavam. Quando acordou, Ike gritava com ele e estavam todos correndo para o trem de carga, que já ia em marcha. Na escuridão, Mac prendeu o pé e caiu de cara nos dormentes. Torceu o joelho e desabou sobre a cinza e quando se pôs de pé tudo que pôde ver foram as duas luzes da traseira do trem mergulhando na neblina de novembro.

Foi a última vez que viu Ike Hall.

Voltou à estrada e saiu capengando até chegar a uma casa de fazenda. Um cachorro latiu para ele e mordeu-lhe os tornozelos, mas ele estava exausto demais para ligar. Finalmente, uma mulher robusta apareceu na porta e deu-lhe uns biscoitos e calda de abacaxi e disse-lhe que podia dormir no celeiro se lhe entregasse todos os fósforos. Ele capengou até o celeiro e se aninhou num monte de feno e caiu no sono.

Pela manhã, o fazendeiro, um homem alto e vermelho chamado Thomas, com uma voz retumbante, foi até o celeiro e ofereceu-lhe trabalho por alguns dias, em troca de cama e mesa. Foram bondosos com ele, e tinham uma filha bonita chamada Mona, pela qual ele se apaixonou. Era uma moça rechonchuda, de faces róseas, forte como um rapaz e sem medo de nada. Ela socava-o e enfrentava-o no corpo a corpo; e, sobretudo depois de recuperar-se um pouco e repousar, ele mal podia dormir à noite, pensando nela. Ficava deitado na cama de feno, lembrando o contato daquele braço nu a roçar no seu quando ela lhe devolvia o bico da mangueira de regar as árvores frutíferas, ou quando o ajudava a empilhar os galhos podados para queimar, e as curvas dos seios e o hálito doce como o de uma vaca em seu pescoço quando brincavam e pregavam peças um ao outro à noite, após o jantar. Mas

os Thomas tinham outras ideias para a filha e disseram a Mac que não precisavam mais dele. Mandaram-no embora bondosamente, com um bocado de bons conselhos, algumas roupas velhas e uma refeição fria enrolada num jornal, mas sem dinheiro. Mona correu atrás dele quando ele desceu até a estrada de carroça esburacada e empoeirada e beijou-o bem diante dos pais.

— Estou presa a você — disse. — Ganhe um bocado de dinheiro e volte para casar comigo.

— Por Deus, vou fazer isso — disse Mac, e afastou-se com lágrimas nos olhos e sentindo-se muito bem. Estava particularmente feliz por não ter pegado gonorreia com a garota de Seattle.

Jornal da Tela VI

Paris Finalmente Escandalizada

HARRIMAN APRESENTADO COMO COLOSSO DA ESTRADA DE FERRO

liquidado famoso trapaceiro

TEDDY BRANDE O GRANDE PORRETE

pingentes exigem folga

Velejávamos por aí
Na baía do luar
Podes ouvir as vozes cantando
Parecem dizer
Roubaste meu coração, agora não te vás
Do mesmo modo como cantávamos
velhas
e doces

canções
de amor
Na baía do luar

MULTIDÃO LINCHA APÓS A PRECE

quando o metal se despejou do alto-forno eu vi os homens correndo para um lugar seguro. À direita do forno vi um grupo de dez homens correndo loucamente, as roupas uma bola de chamas. Aparentemente alguns deles tinham se ferido quando ocorreram as explosões e vários tropeçaram e caíram. O metal quente alcançou os pobres homens num instante.

LOUVA O MONOPÓLIO COMO
PROSPERIDADE PARA TODOS

inimigos industriais trabalham pela paz na casa da sra. Potter Palmer

velhas
e doces
canções
de amor
Estávamos navegando
na baía do luar

O Olho da Câmera (7)

patinando no lago perto das fundições da companhia de prata onde se sentia um esquisito cheiro acre que vinha do monte de sabão de óleo de baleia que se dizia era usado para limpar as

facas e colheres e garfos de prata para deixá-los brilhando para venda havia brilho no gelo o primeiro gelo negro que soava como uma lâmina de serra mal riscada de branco pelos primeiros patinadores eu não conseguia aprender a patinar e caía o tempo todo cuidado com os desajeitados diziam todos os garotos boêmios e húngaros e polacos punham pedras dentro de suas bolas de neve escrevem palavrões nas paredes fazem coisas feias nos becos os pais deles trabalham nas fábricas

nós meninos americanos limpos jeitosos com equipamentos Deerslayers jogávamos hóquei escoteiro e traçávamos oitos no gelo Aquiles Ajax Agamenon eu não conseguia aprender a patinar e caía o tempo todo

O Mago das Plantas

Luther Burbank nasceu numa casa de fazenda, de tijolos, em Lancaster, Mass.,

andava pelos bosques um inverno

pisando a neve de crosta brilhante

deu com um valezinho onde havia uma fonte térmica

e descobriu grama verde e mato brotando

e o repolho erguendo um poderoso polegar,

Ele voltou para casa e sentou-se junto ao fogão e leu Darwin

A Luta pela Existência Origem das Espécies Seleção

Natural que não era o que ensinavam na igreja,

e assim Luther Burbank deixou de crer mudou-se para Lunenburg,

encontrou uma semente numa batateira
semeou a semente e faturou a Seleção Natural do dr. Darwin,
e Spencer e Huxley
com a Batata Burbank.

Jovem vai para o oeste;
Luther Burbank foi para Santa Rosa
cheio de seus sonhos de erva verde no inverno flores
sempre desabrochando; cerejas
sempre dando; Luther Burbank
podia faturar a Seleção Natural Luther Burbank
levou seu sonho apocalíptico de erva verde no inverno
e cerejas sem sementes e ameixas sem caroço e rosas amoreiras silvestres cactos sem espinhos...
os invernos eram sombrios naquela sombria
casa de fazenda na sombria Massachusetts...
foi para a ensolarada Santa Rosa;
e foi um ensolarado velho
onde as rosas floresciam o ano todo
híbridos sempre florescentes e sempre
a dar.

A América era híbrida
a América devia faturar a Seleção Natural,
Ele era um infiel acreditava em Darwin e na Seleção
Natural e na influência dos mortos poderosos
e num bom e firme fruto de embarque
próprio para enlatar.

Foi um dos grandes velhos até que as igrejas
e as congregações
souberam que era um infiel e acreditava
em Darwin:
Luther Burbank jamais tivera um mau pensamento,
selecionando híbridos melhorados para a América
naqueles anos ensolarados em Santa Rosa.
Mas tocou num ninho de vespas dessa vez;
não abjurava Darwin e a Seleção Natural
e deram-lhe uma ferroada e ele morreu
intrigado.
Enterraram-no sob um cedro.
Sua fotografia favorita
era de uma criancinha
de pé ao lado de um leito de margaridas
híbridas Shasta duplas em eterna floração
sem jamais um pensamento mau
e o monte Shasta
no fundo, antes era um vulcão
mas não há vulcões
mais.

Jornal da Tela VII

DIZ QUE ESTE É O SÉCULO EM QUE OS BILHÕES E CÉREBROS GOVERNARÃO

bebê nascido em Minneapolis vem para cá em incubadeira

Cheyenne Cheyenne
Salte no meu pônei

diz que Jim Hill atinge os trustes do petróleo com 939 acusações

EXPLOSÃO DESPEDAÇA GRANDE TREM QUATRO

mulher e crianças esmagadas admite que assistiu a açoitamentos e até mutilações mas não afrontas pavorosas

A VERDADE SOBRE O ESTADO LIVRE DO CONGO

Descobre Grave Irregularidade em Dreadnaught Santos Dumont fala em rival da ave de rapina esposas objetivo básico da

extraordinária carta dos nativos do Congo ordenando a expulsão dos fuzileiros americanos

BRANCOS NO CONGO PERDEM O SENSO MORAL

MULHER MANTIDA CATIVA POR PERSEGUIDORES EM AMBULÂNCIA

Thaw Enfrenta Juiz em Luta Fatal

TRABALHADORES AMEAÇAM NA POLÍTICA

Salomé vista pela última vez em Nova York heroísmo da mãe da nada adiantou

Há lugar aqui para dois, querida,
Mas depois da cerimônia
Dois, querida, feitos um, querida, cavalgarão no meu pônei
De volta da velha Cheyenne

O Olho da Câmera (8)

você se sentava na cama desatando os sapatos Ei Frenchie gritou Taylor na porta você tem de lutar com o Kid num quero lutá cum ele tem de lutá cum ele num tem de lutá cum ele gente? Freddie enfiou a cara pela fresta da porta e fez uma cara comprida Tem de lutá cum ele e todos os caras do último andar estavam lá se não você é um maricas e eu estava de pijamas e eles empurraram o Kid para dentro e o Kid bateu em Frenchie e Frenchie bateu no Kid e sua boca tinha gosto de sangue e todo mundo gritava Vamos lá Kid menos Gummer que gritava Quebre o queixo dele Jack e Frenchie derrubou o Kid na

cama e todo mundo o tirou de cima e puseram Frenchie contra a porta e ele socava à direita e à esquerda e não via quem lhe batia e Taylor e Freddy seguravam seus braços e diziam ao Kid pra vir e bater nele mas Kid não queria e chorava

o gosto doce e enjoativo do sangue e depois a sineta tocou para apagar as luzes e todo mundo correu para seus quartos e você foi para a cama com a cabeça latejando e chorava quando Gummer entrou nas pontas dos pés e disse que você deu uma surra nele Jack foi uma vergonha foi Freddy que lhe bateu daquela vez, mas Hoppy rondava de mansinho pelo saguão e pegou Gummer tentando voltar ao seu quarto e ele recebeu o dele

Mac

No Dia de Ação de Graças, Mac conseguira a duras penas chegar a Sacramento, onde arranjara um emprego desmantelando caixas num depósito de frutas secas. No primeiro dia do ano já economizara o bastante para comprar um conjunto de roupas escuras e tomar o vapor que descia o rio até San Francisco.

Eram umas oito horas da noite quando chegou. Com a mala na mão, subiu andando a rua da Feira ao deixar as docas. As ruas estavam cheias de luzes. Rapazes e moças bonitas, em vestidos de cores vivas, andavam depressa em meio a um vento forte que fazia flutuar os vestidos e lenços, açoitava os rostos, deixando-os vermelhos, levantava poeira e papéis. Nas ruas viam-se chineses, carcamanos, portugueses, japoneses. As pessoas corriam para espetáculos e restaurantes. Das portas dos bares saía música, dos

restaurantes vinham cheiros amanteigados de comida fritando, de pipas de vinho e cerveja. Mac queria ir a uma festa, mas tinha apenas quatro dólares e assim alugou um quarto na Associação Cristã de Moços e comeu um bolo melado com café na cafeteria deserta do andar de baixo.

Quando subiu ao quarto nu como um quarto de hospital, abriu a janela, que dava apenas para um poço de ventilação. O quarto cheirava a algum líquido de limpeza e quando ele se deitou na cama o cobertor recendia a formaldeído. Sentia-se bem demais. Sentia o sangue latejante fervendo por todo o seu corpo. Queria conversar com alguém, ir a um baile ou tomar uma bebida com um cara que conhecesse ou namorar com uma garota em algum lugar. O cheiro de batom e de pó de arroz almiscarado na sala das garotas de Seattle voltava-lhe agora. Sentou-se na beira da cama balançando as pernas. Decidiu sair, mas, antes, pôs o dinheiro na mala e fechou-a. Solitário como um fantasma, subiu e desceu as ruas até ficar morto de cansado; andava depressa, sem olhar para um lado nem para outro, roçando por moças pintadas nas esquinas, alcoviteiros que tentavam entregar-lhe cartões de endereços, bêbados que tentavam puxar briga com ele, mendigos que choramingavam por uma esmola. Por fim, amargurado e cansado, retornou ao seu quarto e caiu na cama.

No dia seguinte, saiu e arranjou emprego numa pequena tipografia, de um italiano careca com grandes suíças e uma gravata negra flutuante que se chamava Bonello e dirigia ele próprio os negócios. Bonello disse-lhe que tinha sido um camisa-vermelha de Garibaldi e agora era anarquista. Ferrer era seu grande herói; empregou Mac por achar que podia convertê-lo. Durante todo

aquele inverno, Mac trabalhou para Bonello, comeu espaguete, bebeu vinho tinto e discutiu a revolução com ele e seus amigos à noite, e foi a piqueniques socialistas ou reuniões libertárias nos domingos. Nas noites de sábado, percorria os prostíbulos com um sujeito chamado Miller, que conhecera na Associação. Miller estava estudando para ser dentista. Mac fez amizade com uma moça chamada Maisie Spencer, que trabalhava no departamento de artigos de moda do Emporium. Aos domingos, ela ia buscá-lo para irem à igreja. Era uma moça quieta, com grandes olhos azuis, que erguia para ele com um sorriso descrente quando ele lhe falava de revolução. Tinha uns dentes de pérola, miúdos e certos, e vestia-se com elegância. Após algum tempo, chegou a um ponto em que já não o chateava tanto sobre a igreja. Gostava que ele a levasse para ouvir a orquestra tocar no presídio ou olhar as estátuas no Sutro Park.

Na manhã do terremoto, o primeiro pensamento de Mac, quando superou seu terrível pânico, foi para Maisie. A casa onde os pais dela moravam, na rua Mariposa, ainda estava de pé quando ele chegou lá, mas todos tinham saído. Só no terceiro dia, três dias que passara em meio à fumaça, quebrando madeiras e dinamitando ruínas no esquadrão de combate a incêndios, foi que a encontrou em uma fila de alimentos na entrada do Golden Gate Park. Os Spencer estavam morando numa tenda perto das estufas desmoronadas.

Ela não o reconheceu, porque ele tinha os cabelos e as sobrancelhas chamuscados e as roupas em farrapos e a fuligem o cobria da cabeça aos pés. Ele nunca a tinha beijado antes, mas tomou-a nos braços na frente de todos e beijou-a. Quando a soltou, o rosto dela estava que era fuligem pura, do dele. Algumas das pessoas na

fila riram e aplaudiram, mas a velha logo atrás, que tinha o cabelo em estilo pompadour caído para um lado revelando a armação e usava dois vestidos rosa de seda acolchoada, um por cima do outro, disse com despeito:

— Agora vai ter de lavar a cara.

Depois disso, consideraram-se noivos, mas não puderam casar-se, porque a tipografia de Bonello tinha sido destruída com o resto do quarteirão onde ficava, e Mac estava desempregado. Maisie deixava-o beijá-la e abraçá-la em portas escuras quando ele a levava para casa à noite, porém mais que isso ele desistiu de tentar.

No outono, Mac conseguiu um emprego no *Bulletin*. Era trabalho noturno e ele quase não via Maisie, a não ser nos domingos, mas começaram a falar em casamento para depois do Natal. Quando estava longe dela, ele se sentia quase sempre um pouco magoado com Maisie, mas ao lado dela derretia-se todo. Tentava fazer com que ela lesse panfletos sobre o socialismo, mas a moça ria e erguia o olhar para ele, aqueles grandes e acolhedores olhos azuis e dizia que aquilo era muito profundo para ela. Gostava de ir ao teatro e comer em restaurantes onde havia toalhas e guardanapos engomados e garçons em trajes formais.

Mais ou menos nessa época, Mac foi uma noite ouvir Upton Sinclair falar sobre as docas de Chicago. Próximo a ele havia um rapaz de macacão. Tinha um nariz de águia e olhos cinza e fundas rugas sob os pômulos e falava arrastado. Chamava-se Fred Hoff. Após a conferência, foram tomar uma cerveja juntos e conversaram. Fred Hoff pertencia a uma nova organização revolucionária chamada The Industrial Workers of the World. Leu o preâmbulo do programa durante o segundo copo de cerveja.

Acabava de chegar à cidade como maquinista de um navio cargueiro. Estava farto da comida ruim e da dura vida no mar. Ainda tinha o salário no bolso e estava decidido a não o gastar de uma vez. Ouvira dizer que havia uma greve de mineiros em Goldfield e achava que ia lá ver o que podia fazer. Fez Mac sentir que estava vivendo uma vidinha muito chata, ajudando a imprimir mentiras contra a classe operária.

— Diabos, rapaz, você é exatamente o tipo de material que a gente precisa lá fora. Vamos publicar um jornal em Goldfield, Nevada.

Nessa noite, Mac foi à sede local da organização e preencheu uma ficha, e voltou para sua pensão com a cabeça dando voltas. Estava a ponto de me vender a esses filhos da puta, dizia a si mesmo.

No domingo seguinte, ele e Maisie planejavam subir a ferrovia panorâmica até o topo do monte Tamalpais. Mac estava com um sono terrível quando o despertador o tirou da cama. Tinham de partir cedo, porque ele precisava estar de volta ao trabalho à noite. Quando se encaminhava para a estação das lanchas, onde se encontraria com Maisie às nove, ainda tinha na mente o clangor das prensas e o cheiro acre da tinta e do papel prensado, e por cima de tudo isso o cheiro da sala da casa onde estivera com alguns companheiros, o cheiro dos quartos mofados e baldes de limpeza e axilas e da penteadeira da garota de cabelos frisados que tivera na cama úmida e o gosto da cerveja choca que haviam bebido e a mecânica voz carinhosa: "Boa noite, queridinho, volte breve".

— Deus, eu sou um porco — disse a si mesmo.

Para variar, era uma manhã clara, todas as cores na rua brilhavam como pedaços de vidro. Deus, estava farto de andar com prostitutas. Se Maisie ao menos fosse bacana, se ao menos

fosse uma rebelde com quem ele pudesse conversar como com um amigo. E como diabos iria dizer a ela que estava largando o emprego?

Ela o esperava na lancha parecendo uma garota de Gibson, com seu elegante vestido de marinheiro e um chapéu de abas largas. Não tiveram tempo de dizer coisa alguma, porque precisaram correr para a lancha. Uma vez lá, ela ergueu o rosto para ser beijada. Tinha os lábios frios e pousava muito levemente a mão enluvada na dele. Em Sausalito, tomaram o bonde e baldearam e ela continuava a sorrir-lhe quando correram para pegar bons lugares no vagão panorâmico e sentiram-se muito sós na trovejante imensidão da montanha fulva e do céu e do mar azuis. Jamais tinham sido tão felizes juntos. Ela correu à frente dele todo o caminho até o topo. Ficaram encostados a um muro, longe das vistas das outras pessoas e ela deixou-o beijá-la por todo o rosto, por todo o rosto e o pescoço.

Farrapos de nuvens passavam flutuando, cortando trechos da paisagem da baía e dos vales e das montanhas ensombrecidas. Quando contornaram para o lado do mar, soprava um vento gelado e penetrante. Uma agitação da massa de neblina avançava avolumando-se do mar, como uma onda. Ela apertou o braço dele.

— Oh, isso me assusta, Fainy!

Então, de repente, ele lhe disse que largara o emprego. Ela olhou-o assustada e tremendo no vento frio, pequena e desvalida; lágrimas começaram a correr-lhe pelos lados do nariz.

— Mas eu pensava que você me amava, Fenian... Acha que foi fácil para mim esperar por você esse tempo todo, querendo você e amando você? Oh, eu pensava que você me amava!

Ele passou o braço em torno dela. Não podia dizer coisa alguma. Começaram a descer para o vagão.

— Não quero que essa gente toda veja que estive chorando. Nós estávamos tão felizes antes. Vamos descer a pé até Muir Woods.

— É um bocado longe, Maisie.

— Não me importa; eu quero.

— Puxa, você é bacana, Maisie.

Começaram a descer a trilha e o nevoeiro cobriu tudo.

Após algumas horas, pararam para descansar. Deixaram a trilha e encontraram um trecho gramado no meio de um grande capão de cistos. A neblina cobria tudo em volta, mas estava claro acima e eles sentiam o calor do sol através dela.

— Uff, estou com bolhas nos pés — ela disse, com uma expressão engraçada que o fez rir.

— Não pode estar tão longe agora — ele disse. — Palavra, Maisie.

Queria explicar-lhe a greve e os ativistas e por que estava indo para Goldfied, mas não podia. Tudo que podia fazer era beijá-la. A boca da moça pendurava-se dos lábios dele e ela apertava o seu pescoço com força entre os braços.

— Palavra, não vai fazer nenhuma diferença em relação ao nosso casamento; palavra, não vai... Maisie, estou louco por você... Maisie, deixe eu... Você deve deixar eu... Palavra, você não sabe como é terrível para mim, amar você desse jeito e você nunca me deixar...

Ele levantou-se e alisou o vestido dela. Ela quedou-se ali deitada, com os joelhos apertados e o rosto pálido; ele receava que ela houvesse desmaiado. Ajoelhou-se e beijou-a de leve no rosto. Ela sorriu muito de leve e puxou a cabeça dele e assanhou-lhe o cabelo.

— Maridinho — disse.

Depois de algum tempo, levantaram-se e atravessaram o capão de sequoias, sem vê-lo, até a estação dos bondes. Voltando para casa, decidiram que se casariam nàquela semana. Mac prometeu não ir para Nevada.

Na manhã seguinte, ele se levantou sentindo-se deprimido. Estava se vendendo. Quando se barbeava no banheiro, olhou-se no espelho e disse, em voz meio alta:

— Seu bastardo, está se vendendo aos filhos da puta.

Voltou ao seu quarto e escreveu uma carta a Maisie.

Querida Maisie:

Honestamente, você não deve pensar nem por um minuto que eu não amo você, mas prometi ir a Goldfield ajudar a turma a tirar aquele jornal e preciso fazer isso. Vou lhe mandar meu endereço assim que chegar lá, e se realmente precisar de mim por algum motivo, eu volto, palavra que volto.

Um monte de beijos e amor

Fainy

Foi até o escritório do *Bulletin*, pegou seu salário, arrumou sua mala e foi para a estação ver quando podia pegar um trem para Goldfield, Nevada.

O Olho da Câmera (9)

durante todo o dia as fábricas de fertilizantes soltavam um cheiro horrível e à noite a cabana se enchia de mosquitos

dispostos a levar a gente mas era Crisfield na praia oriental e se tínhamos uma lancha a gasolina para levá-los ao outro lado da baía podíamos embarcar nossos tomates e o milho e os primeiros pêssegos embarcá-los direto para Nova York em vez de sermos enrolados pelos atravessadores em Baltimore teríamos um caminhão de carga para embarcar os primeiros legumes irrigar fertilizar enriquecer a terra exaurida pelo tabaco no Northern Neck se tivéssemos uma lancha a gasolina transportaríamos ostras nela no inverno criaríamos tartarugas para o mercado

mas no desvio do trem de carga comecei a conversar com um jovem não podia ser muito mais velho que eu estava dormindo num dos vagões de carga dormindo bem ali no sol e o cheiro das espigas de milho e o fedor de arenque podre das fábricas de fertilizantes ele tinha cabelos encaracolados e com gravetos de feno e pela camisa aberta via-se que o corpo estava bronzeado até a cintura acho que não era grande coisa mas vinha vagabundando desde Minnesota ia para o Sul e quando eu lhe falei da baía de Chesapeake ele não ficou surpreso mas disse acho que é longe demais para ir nadando eu arranjo um emprego num barco de arenque

Big Bill

Big Bill Haywood nasceu em sessenta e nove numa pensão em Salt Lake City.

Criou-se em Utah, estudou em Ophir, em um acampamento mineiro com brigas a tiros, jogo de faraó nas noites de sábado, uísque derramado em mesas de pôquer cobertas de dólares de prata novos.

Quando tinha onze anos, a mãe o mandou para um fazendeiro, ele fugiu porque o fazendeiro o açoitava com um chicote. Essa foi a primeira greve.

Perdeu um olho cortando uma forquilha de atiradeira de um pequeno carvalho.

Trabalhou para armazéns, teve uma barraca de frutas, foi porteiro no Salt Lake City Theater, mensageiro, boy no Continental Hotel.

Quando tinha quinze anos

foi para as minas em Humboldt County, Nevada;

sua bagagem era um macacão, uma camisa de tricô, uma camisa azul, botas de mineiro, dois cobertores, um jogo de xadrez, luvas de boxe e uma grande refeição de pudim de ameixa que a mãe lhe preparara.

Quando casou, foi morar em Fort McDermitt, construído nos velhos tempos contra os índios, abandonado agora que não havia mais fronteira;

ali sua esposa teve o primeiro filho sem médico ou parteira. Bill cortou o cordão umbilical; Bill enterrou as páreas;

a criança viveu. Bill ganhou dinheiro como pôde, como vigia, cuidando do feno em Paradise Valley, domando potros, percorrendo a cavalo uma ampla região montanhosa.

Certa noite, em Thompson's Mill, foi um dos cinco homens que se encontraram por acaso e pararam à noite na fazenda abandonada. Cada um deles tinha perdido um olho, eram os únicos caolhos na região.

Perderam a casa, as coisas foram para o brejo, a mulher ficou doente, ele tinha filhos para sustentar. Foi trabalhar como mineiro em Silver City.

Em Silver City, Idaho, juntou-se à WFM,* e ali realizou seu primeiro trabalho sindical; foi delegado dos mineiros de Silver City na convenção da federação realizada em Salt Lake City em 1898.

A partir de então, foi organizador, orador, agitador, as necessidades de todos os mineiros eram suas necessidades; combateu a Coeur d'Alenes, a Telluride, a Cripple Creek,

juntou-se ao Partido Socialista, escreveu e falou através de Idaho, Utah, Nevada, Montana, Colorado, a mineiros em greve por um dia de oito horas, melhores condições de vida, participação na riqueza que arrancavam das montanhas.

Em Chicago, em janeiro de 1905, convocou-se uma conferência que se reuniu no mesmo salão na rua do Lago onde os anarquistas locais tinham falado em comícios vinte anos antes.

William D. Haywood era o presidente permanente. Foi dessa conferência que saiu o manifesto que criou a IWW.** Quando voltou a Denver, foi sequestrado e levado para Idaho e julgado com Moyer e Pettibone pelo assassinato do pastor Steuenberg, ex-governador de Idaho, mandado pelos ares por uma bomba em sua casa.

Quando todos foram absolvidos em Boise (Darrow defendeu-os), Big Bill Haywood era conhecido como o líder da classe operária de costa a costa.

---

* WFM (Western Federation of Miners): Federação dos Mineiros do Oeste. [N. T.]

** IWW (Industrial Workers of the World): Trabalhadores Industriais do Mundo. [N. T.]

Agora as necessidades de todos os operários eram as suas necessidades, ele era o porta-voz do Oeste, dos vaqueiros e madeireiros e colhedores e mineiros.

(A broca a vapor fizera milhares de mineiros perderem o emprego; a broca a vapor causara o pânico entre todos os mineiros do Oeste.)

A WFM virou conservadora. Haywood trabalhava com a IWW *construindo uma nova sociedade na concha da velha*, fez campanha para Debs para presidente em 1908 no Red Special. Esteve em todas as grandes greves do Leste onde o espírito revolucionário crescia, Lawrence, Paterson, a greve dos siderúrgicos de Minnesota.

Eles foram com a AEF* salvar os empréstimos de Morgan, salvar a democracia wilsoniana, postaram-se no túmulo de Napoleão e sonharam com o império, tomaram coquetéis de champanha no bar do Ritz e dormiram com condessas russas em Montmartre e sonharam com o império, em todo o país, nos postos da legião americana e nos almoços de homens de negócios, era lucrativo fazer a águia americana gritar;

lincharam os pacifistas e os pró-alemães e os indecisos e os vermelhos e os bolchevistas.

Bill Haywood foi a julgamento com os cento e um de Chicago onde o juiz Landis o tsar do beisebol

com a ausência de formalidade de um tribunal de trânsito

emitiu suas sentenças de vinte anos e multas de trinta mil dólares.

---

* AEF (American Expeditionary Forces): Força Expedicionária Americana, na Primeira Guerra Mundial. [N. T.]

Após dois anos em Leavenworth deixaram Big Bill sair sob fiança (ele estava com cinquenta anos e era um velho gordo e alquebrado), a guerra acabara, mas tinham aprendido o que era império no Salão dos Espelhos de Versalhes;

os tribunais recusaram um novo julgamento.

Cabia a Haywood fugir deixando a fiança ou voltar à prisão por vinte anos.

Ele estava doente com diabetes, tivera uma vida difícil, a prisão acabara com sua saúde. A Rússia era uma república de operários; ele foi para a Rússia e ficou em Moscou alguns anos, mas não se sentia feliz lá, aquele mundo era estranho demais para ele. Morreu lá e queimaram o grande volume alquebrado de seu corpo e enterraram as cinzas sob o muro do Kremlin.

O Olho da Câmera (10)

o velho major que me levava ao Capitólio quando o Senado e a Câmara de Representantes estavam em sessão fizera parte do comissariado do Exército Confederado e tinha maneiras muito elegantes de modo que os atendentes se curvavam para o velho major com exceção dos pajens que eram meninos não muito mais velhos que seu irmão que foi pajem do Senado uma vez e de vez em quando um Senador ou um Representante o olhava com olhos entrecerrados pode ser alguém e se curvava ou apertava a mão com força ou acenava

o velho major se vestia muito bem com uma casaca e tinha costeletas e andávamos muito devagar ao sol do Jardim Botânico e olhávamos as pequenas etiquetas nas árvores e arbustos e víamos

os gordos tordos e estorninhos saltando na grama e subindo os degraus e cruzando o ar parado da rotunda com as estátuas mortas de diferentes tamanhos e a Câmara do Senado vermelha plana e a sala da comissão e a Câmara verde plana e as salas das comissões e a Suprema Corte esqueci de que cor eram a Suprema Corte e as salas das comissões

e sussurros atrás da porta da galeria de visitantes e o ar morto de uma voz chocalhando sob as claraboias de vidro e carteiras fechadas com estrondo e os longos corredores cheios de ar morto e nossas pernas se cansavam muito e eu pensava nos estorninhos na grama e as longas avenidas cheias de ar morto e minhas pernas cansadas e uma dor entre os olhos e o velho curvando-se com olhos rasgados

talvez alguém e grandes bocas rasgadas sem bondade e o feltro negro empoeirado e o cheiro de armários de casacos e ar morto e imagino o que o velho major pensava e o que eu pensava talvez naquele grande quadro na Galeria de Arte Corcoran cheia de colunas e degraus e conspiradores e César em púrpura caído chamado César morto

Mac

Mal saltara do trem em Goldfield quando um homem magro, vestindo camisa e culote cáqui e perneiras de lona do Exército, se aproximou.

— Se não se importa, que vem fazer nesta cidade, rapaz?

— Sou caixeiro-viajante de livros.

— Que tipo de livros?

— Livros didáticos e coisas assim, para a Em Busca da Verdade S. A., de Chicago — Mac matraqueou rápido e o homem pareceu impressionado.

— Acho que está tudo bem com você — disse. — Vai para o Eagle? — Mac assentiu com a cabeça. — Plug vai levar você lá, o sujeito com a equipe... Sabe, estamos procurando esses malditos agitadores, a turma do Eu Não Trabalho.

Diante do Golden Eagle Hotel havia dois soldados de guarda, homens de aparência brutal, com os chapéus em cima dos olhos. Quando Mac entrou, todos no bar se voltaram e olharam-no. Ele disse: — Boa noite, pessoal — tão rigidamente quanto possível e dirigiu-se ao proprietário para pedir um quarto. O tempo todo perguntava-se a quem diabos ousaria perguntar onde ficava a redação do *Trabalhador de Nevada.*

— Acho que posso lhe arrumar uma cama. Caixeiro-viajante?

— É — disse Mac. — De livros.

Na ponta do balcão do bar um homenzarrão com suíças de morsa estava de pé, falando rápido numa chorosa voz de bêbado.

— Se ao menos me deixassem agir à minha maneira, eu corria com os bastardos pra fora da cidade logo logo. Tem malditos advogados demais metidos nisso. Eu corria com os filhos da puta. Se resistirem, fuzilem eles, foi o que eu disse ao governador, mas tem todos esses filhos da puta desses advogados futucando tudo o tempo todo com mandados e habeas corpus e todo esse palavrório comprido. À merda com os habeas corpus.

— Tudo bem, Joe, diga isso a eles — disse o proprietário, conciliador.

Mac comprou um charuto e saiu flanando. Quando a porta se fechou às suas costas, o homenzarrão já berrava de novo.

— Eu disse: à merda com os habeas corpus.

Já quase escurecera. Um vento gélido soprava através das miseráveis ruas de papelão. Os pés tropeçando na lama dos buracos enormes, Mac rodou por vários quarteirões, olhando as janelas escuras lá em cima. Percorreu toda a cidade, e nenhum sinal da redação do jornal. Quando se descobriu passando pelo mesmo frege de china pela terceira vez, diminuiu os passos e ficou parado indeciso no meio-fio. No fim da rua, um grande morro pairava sobre a cidade. Do outro lado da rua, um rapaz, com a cabeça e as orelhas enfiadas na gola de um capote, encostava-se ocioso à janela escura de uma casa de ferragem. Mac decidiu que era um ativista e foi falar com ele.

— Escute, rapaz, onde é a redação do *Trabalhador de Nevada*?

— Pra que diabos você quer saber?

Mac e o outro homem se entreolharam.

— Eu quero ver Fred Hoff... Vim de San Francisco pra ajudar ele a imprimir.

— Tem a carteirinha vermelha?

Mac puxou sua carteira de membro da IWW.

— Tenho a carteira do sindicato, também, se quiser ver.

— Diabos, não... Acho que está tudo bem com você, mas, como diz o outro, se eu fosse um tira, você agora estava na gaiola, rapaz.

— Eu disse a eles que era um maldito vendedor de livros, pra entrar nesta maldita cidade. Gastei meus últimos vinte e cinco centavos num charuto pra manter a aparência de burguês.

O outro riu.

— Tudo bem, companheiro trabalhador. Vou levar você.

— Que é que há por aqui, lei marcial? — perguntou Mac ao seguir o homem por um beco entre duas favelas que haviam crescido demais.

— Todos os filhos da puta dos soldados de Nevada estão aqui na cidade... É sorte se você não for expulso da cidade com uma baionetada nas virilhas, como diz o outro.

No fim do beco, havia uma casinha parecida a uma caixa de sapatos, com as janelas intensamente iluminadas. Jovens com roupas de mineiros e macacões enchiam o fim do beco e sentavam-se em três filas nos degraus inseguros.

— Que é isso, um bilhar? — perguntou Mac.

— Isso é o *Trabalhador de Nevada*... Escute, eu me chamo Ben Evans; vou apresentá-lo à turma... Escutem, rapazes, este é o companheiro trabalhador McCreary... veio de Frisco pra montar tipos.

— Ponha isso ali, Mac — disse um sujeito de dois metros, que parecia um madeireiro sueco, e deu um aperto de mão em Mac que fez os ossos estalarem.

Fred Hoff usava uma viseira verde e sentava-se atrás de uma mesa cheia de galés. Levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Ah, rapaz, chegou bem a tempo. Está o diabo aqui. Levaram o tipógrafo pra cadeia e a gente tem de tirar esta folha.

Mac despiu o casaco e foi olhar a impressora lá atrás. Curvava-se sobre a caixa de tipos quando Fred Hoff voltou e chamou-o a um canto.

— Escute, Mac, quero lhe explicar como são as coisas por aqui... É uma situação meio engraçada... A WFM está deixando a gente na mão... É um diabo de uma entalada. O Santo esteve

aqui outro dia e o bastardo daquele Mullany atirou nos dois braços dele e ele está no hospital agora... Eles estão fulos porque a gente instila ideias de solidariedade revolucionária, sabe? Temos os trabalhadores em restaurantes parados.e alguns dos mineiros famintos. Agora a AFL* está vindo pro lado da gente e eles têm um organizador danado de bom negociando com os donos de minas no Montezuma Club.

— Ei, Fred, me deixe ir pegando a coisa aos poucos — disse Mac.

— Depois, houve alguns tiros outro dia na frente de um restaurante na linha de trem e o dono da espelunca foi baleado e agora meteram uns dois dos rapazes na cadeia por isso.

— Diabos.

— E Big Bill Haywood vem falar na próxima semana... É mais ou menos esta a situação aqui, Mac. Tenho de terminar este artigo... Você é o tipógrafo-chefe e a gente paga dezessete e cinquenta como a todo mundo aqui. Já escreveu alguma coisa?

— Não.

— É numa hora dessas que o sujeito se arrepende de não ter dado mais duro na escola. Deus, eu gostaria de escrever melhor.

— Vou tentar escrever um artigo, se tiver oportunidade.

— Big Bill vai escrever alguma coisa pra gente. Ele escreve bem.

Armaram um catre para Mac no fundo da tipografia. Passou-se uma semana até ele ter tempo de ir ao Eagle pegar sua mala. Acima da redação e da tipografia havia um comprido sótão, com

---

* AFL (American Federation of Labor): Federação Americana do Trabalho. [N. T.]

uma estufa, onde dormia a maioria dos rapazes. Os que tinham cobertor se enrolavam neles, os que não tinham cobriam a cabeça com o paletó, os que não tinham paletó dormiam como melhor pudessem. No fim da sala havia uma comprida folha de papel na qual alguém imprimira o Preâmbulo em letras garrafais sombreadas. No reboco da parede do escritório, outro desenhara uma caricatura de um trabalhador identificado com as letras IWW dando um chute nos fundilhos de um homem gordo, de cartola, identificado como "dono de mina". Acima disso, haviam começado a escrever "solidariedade", mas chegaram apenas a "S O L I D A".

Numa noite de novembro, Big Bill Haywood falou ao sindicato dos mineiros. Mac e Fred Hoff foram cobrir o discurso para o jornal. A cidade parecia solitária como um velho monte de lixo, no imenso vale invadido pelo vento penetrante e o açoite da neve. O salão estava quente, com as emanações dos grandes corpos e do fumo de mascar e das grossas roupas montanhesas que exalavam o cheiro miserável dos candeeiros de petróleo e lenha calcinada e caçarolas gordurosas e uísque barato. No início do comício, os homens se mexiam nervosos, arrastando os pés e limpando a gosma das gargantas. O próprio Mac se sentia inquieto. Tinha no bolso uma carta de Maisie. Sabia-a de cor:

Querido Fainy

Tudo aconteceu exatamente como eu temia. Você sabe o que eu quero dizer, querido maridinho. Já faz dois meses e estou tão assustada e não tenho ninguém a quem contar. Querido, você deve voltar imediatamente. Eu morro se você não voltar. Palavra que morro, estou

sentindo tanto a sua falta mesmo e com muito medo de que alguém note. Do jeito que está, a gente tem de fugir para algum lugar quando se casar e só voltar muito tempo depois. Se eu achasse que conseguia emprego aí, ia ficar com você em Goldfield. Acho que seria ótimo a gente ir para San Diego. Tenho amigos lá e eles dizem que é adorável e a gente podia dizer aos outros que estamos casados há muito tempo. Por favor, venha, doce maridinho. Sinto tanto a sua falta e é tão terrível suportar isto sozinha. As cruzes são beijos. Sua esposa que o ama,

Maisie

xxxxxxxxxxxxxxx

Big Bill falava de solidariedade e união contra a classe dominante e Mac pensava o que Big Bill faria se tivesse uma garota numa enrascada daquela. Big Bill dizia que chegara a hora de construir uma nova sociedade na concha da velha e de os trabalhadores se prepararem para assumir o controle das indústrias, que haviam criado com seu suor e seu sangue. Quando disse: "Defendemos a grande união", houve uma explosão de aplausos e gritos de todos os ativistas no salão. Fred Hoff deu uma cotovelada em Mac enquanto aplaudia.

— Vamos fazer barulho, Mac.

As classes exploradoras ficariam desarmadas contra a solidariedade de toda a classe operária. A milícia e os soldados também eram trabalhadores. Assim que compreendessem a missão histórica da solidariedade, a classe dominante não poderia usá-los mais para atirar em seus irmãos. Os trabalhadores deviam entender que toda luta menor, por melhores salários, liberdade

de expressão, melhores condições de vida, só tinha significado como parte da grande luta pela revolução e pela comunidade econômica cooperativa. Mac esqueceu-se de Maisie. Quando Big Bill acabou de falar, sua mente já passara à frente do discurso de tal modo que ele esquecera o que dissera, mas Mac estava aceso e aplaudia como um louco. Aplaudiam ele e Fred Hoff e aplaudia o boêmio retaco fedorento e aplaudia o polonês caolho do outro lado e aplaudia o bando de carcamanos e aplaudia o japonesinho que era garçom no Montezuma Club e aplaudia o lavrador de dois metros que viera na esperança de ver uma briga.

– Esse filho da puta não é um orador mesmo? — repetia o tempo todo. — Vou lhe dizer uma coisa: Utah é o estado dos homens de verdade. Eu sou de Ogden.

Após o comício, Big Bill apareceu na redação e brincou com todos e sentou-se e escreveu um artigo ali mesmo para o jornal. Sacou uma garrafa chata e todo mundo tomou um gole, com exceção de Fred Hoff, que não gostava da bebida de Big Bill, ou de qualquer outra, e todos foram para a cama com o próximo número na prensa, sentindo-se cansados e excitados e muito bem.

Na manhã seguinte, quando Mac despertou, lembrou-se de repente de Maisie e releu a carta, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos, sentado na beira do catre, antes que os outros despertassem. Enfiou a cabeça num balde de água gelada da bomba, que estava tão dura de gelo que ele teve de despejar uma chaleira de água quente para descongelá-la, mas não conseguiu tirar a preocupação da cabeça. Quando foi com Fred Hoff para o frege do china tomar o café da manhã, tentou dizer-lhe que ia voltar para San Francisco a fim de casar-se.

— Mac, não pode fazer isso; a gente precisa de você aqui.

— Mas eu volto, palavra que volto, Fred.

— O primeiro dever de um homem é com a classe operária — disse Fred.

— Assim que a criança nasça e ela possa voltar a trabalhar, eu volto. Mas você sabe como é, Fred. Não posso pagar as despesas do hospital com dezessete e cinquenta por semana.

— Devia ter tido mais cuidado.

— Mas diabos, Fred, sou feito de carne e osso como todo mundo. Pelo amor de Deus, que é que você quer que a gente seja? Santos de lata?

- Um trabalhador não deve ter esposa e filhos. Antes da revolução, não.

– Não estou deixando a luta, Fred... Não estou me vendendo; juro por Deus que não.

Fred Hoff ficara muito pálido. Sugando o lábio entre os dentes, levantou-se da mesa e saiu do restaurante. Mac ficou ali sentado por um longo tempo, sentindo-se triste como o diabo. Depois voltou para a redação do *Trabalhador*. Fred Hoff estava à sua mesa escrevendo furiosamente.

— Escute, Fred — disse Mac —, eu fico mais um mês. Vou escrever pra Maisie agora mesmo.

— Eu sabia que você ia ficar, Mac; não é dos que fogem.

— Mas, Deus do céu, rapaz, você espera demais da gente.

— Demais é pouco demais.

Mac começou a passar o papel pela prensa.

Nas semanas seguintes, quando as cartas de Maisie chegavam, ele as punha no bolso sem lê-las. Escrevia a ela tão tranquilizadoramente quanto podia, dizendo-lhe que iria assim que os rapazes arranjassem alguém para substituí-lo.

Na noite de Natal, leu todas as cartas de Maisie. Eram todas iguais; fizeram-no chorar. Não queria casar-se, mas era o diabo passar o inverno todo ali em Nevada sem uma garota, e estava cansado de andar com prostitutas. Não queria que os rapazes o vissem tão sombrio, e por isso saiu para tomar um trago no bar do restaurante que os trabalhadores frequentavam. De lá saía o vapor do grande rugido dos bêbados cantando.

Ao entrar, encontrou Ben Evans.

— Olá, Ben, aonde vai?

— Vou tomar um trago, como diz o outro.

— Bem, eu também.

— Que é que há?

— Estou triste como o diabo.

Ben Evans deu uma risada.

— Deus do céu, eu também... e é Natal, não é?

Tomaram três bebidas cada, mas o bar estava apinhado e eles não se achavam em estado de espírito comemorativo; por isso, levaram uma garrafa de um quartilho, que era tudo o que podiam comprar, para o quarto de Ben Evans. Ben era um rapaz moreno, atarracado, de cabelos e olhos muito negros. Vinha de Louisville, no Kentucky. Estudara bastante e era mecânico de automóveis. O quarto estava gelado. Eles sentaram-se na cama, cada um enrolado em seu cobertor.

— Ora, não é uma bela maneira de passar o Natal? — disse Mac. — Jesus Cristo, é bom que Fred Hoff não tenha pegado a gente — brincou.

— Fred é um cara bacana pra chuchu, honesto e essa coisa toda, mas não deixa a gente viver.

— Eu acho que se o resto da gente fosse mais como Fred, a gente chegava mais depressa a alguma parte.

— Chegava mesmo... Escute, Mac, estou triste como o diabo com esse negócio, esses tiros e esses caras da WFM indo para o Montezuma Club e manobrando esse maldito delegado fura-greve de Washington.

— Bem, ninguém da nossa turma fez nada disso.

— Não, mas não somos muitos...

— O que você precisa é de um trago, Ben.

— É exatamente como este maldito quartilho, como diz o outro. Se a gente tivesse bastante, enchia a cara, mas não tem. Se a gente tivesse muita gente como Fred Hoff, fazia uma revolução, mas não tem.

Tomaram um trago da garrafa e Mac disse:

— Escute, Ben, você já meteu uma garota em encrenca, uma garota de que você gostasse muito?

— Claro, centenas delas.

— E não se preocupou?

— Pelo amor de Deus, Mac, se a garota não fosse uma maldita prostituta não deixava, deixava?

— Puxa, eu não vejo a coisa assim, Ben... Mas, diabos, não sei o que fazer... Ela é uma boa garota mesmo, puxa...

— Eu não confio em nenhuma delas... Conheço um cara que um dia se casou com uma garota dessas, tanto fez que derrubou ela. Casou com ela, é claro, e ela se revelou uma maldita prostituta e ele deu o fora... Aceite minha palavra, rapaz... Ame elas e deixe elas, é a única maneira pra duros como a gente.

Acabaram a garrafa. Mac retornou à redação do *Trabalhador* e foi dormir com o uísque queimando-lhe o estômago. Sonhou que andava por um campo com uma garota num dia de sol. O uísque era doce e quente em sua boca, zumbia como abelhas em

seus ouvidos. Não tinha certeza se a garota era Maisie ou apenas uma maldita prostituta, mas sentia-se muito quente e terno, e ela dizia numa voz doce e quente: "Me ame, rapaz", e ele via o corpo dela através do fino vestido de gaze quando se curvava sobre ela, que continuava cantando: "Me ame, rapaz", num zumbido quente e doce.

— Ei, Mac, não vai acordar mais? — Fred Hoff, esfregando o rosto e o pescoço com uma toalha, estava parado ao seu lado. — Quero este lugar limpo antes da turma chegar.

Mac sentou-se na tarimba.

— É, que é que há? — Não estava de ressaca, mas sentia-se deprimido, via isso logo.

— Escute, você sem dúvida estava de porre ontem de noite.

— De porre uma ova, Fred... Tomei uns tragos, mas, Deus...

— Eu ouvi você cambaleando por aqui, indo pra cama como um pau-d'água qualquer.

— Escute aqui, Fred, você não é babá de ninguém. Eu sei cuidar de mim mesmo.

— Vocês, rapazes, precisam de babás... Não podem nem mesmo esperar até a gente ganhar a greve pra começar a tomar porre e correr atrás de prostitutas.

Mac estava sentado na beira da tarimba, amarrando os sapatos.

— Pra que diabos você acha que estamos todos pendurados aqui... pela saúde da gente?

— Eu não sei pra que diabos a maioria de vocês está plantada aqui — disse Fred Hoff e saiu batendo a porta.

Alguns dias depois, descobriu-se que havia outro sujeito na praça que podia operar uma linotipo e Mac deixou a cidade.

Vendeu sua mala e suas boas roupas por cinco dólares e saltou num vagão aberto carregado de minério que o levou a Ludlow. Ali, lavou a poeira alcalina da boca, fez uma refeição e se limpou um pouco. Tinha muita pressa de chegar a Frisco, pensava o tempo todo que Maisie podia se matar. Estava louco para vê-la, sentar-se ao lado dela, deixá-la dar tapinhas delicados em sua mão, os dois juntinhos conversando como faziam antes. Após aqueles tristes meses poeirentos lá em cima em Goldfield, precisava de uma mulher. A passagem para Frisco custava 11 dólares e quinze centavos, e só lhe restavam quatro dólares e alguns pennies. Tentou arriscar um dólar num jogo de dados nos fundos de um bar, mas perdeu-o logo e ficou com medo e saiu.

Jornal da Tela VIII

o professor Ferrer, ex-diretor da Escola Moderna em Barcelona que foi julgado ali acusado de ter sido o principal instigador do recente movimento revolucionário foi condenado à morte e será fuzilado quarta-feira a menos que

Cook ainda deposita fé nos esquimós diz que o interior da ilha de Luzon é o mais belo lugar da terra

PERGUNTAS ESQUENTAM NEGOCIAÇÕES POLONESAS

Oh, não me enterrem nos prados solitários
Onde os coiotes selvagens uivarão sobre mim
Onde as cascavéis sibilam e o vento sopra livre

MARCHA DE GYPSY TOMA DE ASSALTO BASTIÃO DO PECADO

Grandes Homens da Nação Aguardam Viagem Mulheres do Clube Eglewood Se Mexem para Melhorar Teatro Hoste de Mil Evangelistas Vara Coração de Assembleia Apinhada e Calada Tem 3.018 Dólares e É Presa

DÁ MILHÃO NA GUERRA DA MINHOCA

O Espectral Desfile de Gypsy Smith pela Zona da Prostituição na Zona Sul

com uma coragem que trouxe lágrimas aos olhos do esquadrão de doze homens escalados para fuzilá-lo Francisco Ferrer marchou esta manhã para a trincheira que fora preparada para receber seu corpo após a saraivada fatal

MERGULHO DE AUTO; MORTE NO RIO

O Olho da Câmera (11)

os Pennypacker foram para a igreja presbiteriana e as jovens Pennypacker cantaram um soprano de fervorosa estridência no coro e todo mundo foi cumprimentado quando entrou na igreja e lá fora as folhas de outono nas árvores balouçavam verdeazulamarelas através das janelas e todos nós nos dirigimos aos genuflexórios e eu perguntei ao sr. Pennypacker que era diácono na igreja quem eram os Molly Maguires?

um esquilo fazia cara feia no carvalho branco mas as jovens Pennypacker todas as jovens damas em seus melhores chapéus cantando no hino quem eram os Molly Maguires? pensamentos, buracos de balas num velho celeiro abandonado poços de minas

negros esqueletos bebidas monturos cobertos de mato quem eram os Molly Maguires? mas era tarde demais não se podia falar na igreja e todos os melhores chapéus e belos vestidos rosa verde azul amarelo das jovens damas e o esquilo de cara feia quem eram os Molly Maguires?

e antes que eu soubesse era a comunhão e eu queria dizer não fui batizado mas todos os olhos pareciam fechados quando comecei a sussurrar para Con

a comunhão era suco de uva em calicezinhos e cubinhos de pão dormido e a gente tinha de engolir o pão e pôr o lenço na boca e parecer santo e o calicezinho fazia um ruído engraçado de sugar e toda a igreja silenciosa no meio do ensolarado domingo azul brilhante no meio dos carvalhos brancos balouçando e os cheiros de frituras da casa branca e a dominical fumaça azul e silenciosa das chaminés dos fogões onde frangos assados chiavam e frituras e molhos de carne marrom no fogo para manter-se quentes

no meio dos esquilos e minitragos e no meio do azul domingo estival na Pensilvânia os calicezinhos sugando para sorver a última gota da comunhão

e eu sentia coceira na nuca seria atingido por um raio comendo o pão bebendo a comunhão não sendo crente nem batizado nem presbiteriano e quem eram os Molly Maguires? homens mascarados cavalgando à noite disparando balas dentro de celeiros à noite o que procuravam na noite de outrora? a igreja acabara e todos saíam e eram cumprimentados quando saíam e todos tinham um bom apetite após a comunhão mas eu não pude comer muita coisa coceira na nuca assustado com os homens mascarados cavalgando Molly Maguires

Jornal da Tela IX

PERDE ESTRELAS POR BEBER

"Oh, não me enterrem
nos prados solitários"

Não deram atenção à sua prece de agonizante
Enterraram-no lá nos prados solitários

DIRETOR DE COLÉGIO NEGA BEIJOS

então nossa coragem voltou pois sabíamos que o resgate estava próximo, gritamos e berramos de novo mas não sabíamos se nos ouviam. Depois veio a abertura e eu perdi a consciência. Todos os dias e noites voltaram e caí no sono

VOTAÇÃO À MEIA-NOITE SOBRE O DESTINO DE ALTMAN

É o quarto dia que estamos aqui embaixo. É o que eu penso, mas nossos relógios pararam. Espero no escuro porque comemos a cera de nossas lanternas de segurança. Eu também comi um naco de fumo de mascar, um pouco de casca de árvore e um pedaço de meu sapato. Só pude mastigá-lo. Espero que consigam ler isto. Não tenho medo de morrer. Oh, Virgem Maria, tende piedade de nós. Acho que minha hora chegou. Você sabe quais os meus bens. Trabalhei por eles e é tudo seu. Este é meu testamento e você deve guardá-lo. Você foi uma boa esposa. Que a Virgem Maria a proteja. Espero que isto chegue a você um dia e que possa lê-lo. Está tudo muito quieto e imagino o que aconteceu a meus camaradas. Adeus, até que o céu nos reúna.

Importunador de Moça Açoitado em Público

COBIÇA AVESTRUZES

Numa caixinha de apenas seis por três
E seus ossos hoje apodrecem nos prados solitários

Mac

Mac encaminhou-se para a caixa d'água do outro lado do pátio de manobras a fim de esperar uma oportunidade de saltar num trem de carga. O chapéu do velho e os sapatos rotos estavam fulvos de poeira; sentava-se encolhido, com a cabeça entre os joelhos, e não fez um movimento até Mac chegar junto dele. Mac sentou-se a seu lado. O velho desprendia um cheiro rançoso de suor febril.

— Que é que há, paizinho?

— Estou acabado, só isso... Fui tuberculoso a vida toda e acho que agora acabou. — A boca retorcida num espasmo de

dor. Deixou a cabeça cair entre os joelhos. Após um minuto, tornou a erguê-la, soltando pequenos e débeis arquejos com a boca parecendo a de um peixe agonizante. Quando recuperou o fôlego, disse: — É como uma navalha retalhando meus pulmões, a cada vez. Fique aí, garoto, você fica?

— Claro que fico — disse Mac.

— Escute, garoto, quero ir para o Oeste, onde tem árvores e coisas... Você tem de me ajudar a entrar num desses vagões. Estou fraco demais pra pegar... Não me deixe deitado... começo a sangrar se deitar, sabe? — Tornou a sufocar.

— Eu tenho alguns paus. Ajeito a coisa com o guarda-freio, quem sabe?

— Você não fala como vagabundo.

Sou gráfico. Quero chegar a San Francisco o mais rápido possível.

Um trabalhador; macacos me mordam. Escute aqui, garoto... eu não trabalho há dezessete anos.

O trem chegava e a locomotiva ficou chiando junto à caixa d'água.

Mac ajudou o velho a levantar-se e encostou-o na quina de um vagão aberto, cheio de peças de maquinaria coberta de lona. Viu o foguista e o maquinista olhando-os da cabine, mas eles não disseram nada.

Quando o trem partiu, o vento estava frio. Mac tirou seu paletó e o pôs embaixo da cabeça do velho, para impedir que balançasse com os solavancos do vagão. O velho sentava-se com os olhos fechados e a cabeça jogada para trás. Mac não sabia se ele estava morto ou não. Anoiteceu. Mac sentia um frio terrível e encolheu-se tremendo numa dobra da lona na outra ponta do vagão.

Na madrugada cinza, Mac acordou de um cochilo com os dentes batendo. O trem parara num desvio. Tinha as pernas tão dormentes que levou algum tempo para poder firmar-se nelas. Foi olhar o velho, mas não sabia dizer se ele estava morto ou não. Clareou um pouco e o leste começou a refulgir como um pedaço de ferro numa forja. Mac saltou para o chão e retornou ao longo do trem até o vagão do pessoal.

O guarda-freio cochilava junto à sua lanterna. Mac disse-lhe que um velho vagabundo estava morrendo num dos vagões de carga. O guarda-freio tinha uma pequena garrafa chata de uísque em seu paletó bom que pendia de um prego no vagão do pessoal. Percorreram juntos o trem novamente. Quando chegaram ao vagão aberto já era quase dia. O velho arriara de lado. Tinha o rosto branco e grave como o de uma estátua de um general da Guerra Civil. Mac abriu o paletó dele e as imundas camisas e roupas de baixo rasgadas e pôs a mão no coração do velho. Estava frio e sem vida como uma tábua. Quando retirou a mão, estava suja de sangue pegajoso.

— Hemorragia — disse o guarda-freio, fazendo um ruído de lástima formal com a boca.

O guarda-freio disse que precisavam tirar o cadáver do trem. Deitaram-no estendido na vala ao lado do leito da estrada com o chapéu no rosto. Mac perguntou ao guarda-freio se tinha uma pá para enterrá-lo, a fim de que os abutres não o pegassem, mas ele disse que não. Levou Mac de volta para o vagão do pessoal e deu-lhe um trago e perguntou-lhe como o velho morrera.

Mac conseguiu chegar a San Francisco.

Maisie mostrou-se fria e furiosa a princípio, mas depois de conversarem um pouco disse que ele parecia magro e esfarrapado

como um vagabundo e explodiu em lágrimas e beijou-o. Foram tirar as economias dela do banco e compraram um terno para Mac e desceram até a prefeitura e casaram-se, sem nada dizer aos pais dela. Estavam ambos muito felizes no trem para San Diego, e arranjaram um quarto mobiliado ali, com direito à cozinha, e disseram à senhoria que estavam casados há um ano. Telegrafaram ao pessoal de Maisie dizendo que estavam lá em lua de mel e voltariam breve.

Mac arranjou trabalho por lá numa gráfica e iniciaram os pagamentos de um bangalô em Pacific Beach. O trabalho não era ruim e ele se sentiu muito feliz em sua vida tranquila com Maisie. Afinal, já vagabundeara bastante por algum tempo. Quando Maisie foi para o hospital ter o bebê, ele teve de pedir um adiantamento de dois meses de salário de Ed Balderston, seu patrão. Mesmo com isso, tiveram de fazer uma segunda hipoteca sobre o bangalô para pagar a conta do médico. O bebê era uma menina de olhos azuis e chamaram-na Rose.

A vida em San Diego era ensolarada e calma. Mac saía para o trabalho de manhã no bonde a vapor e voltava à noite no bonde a vapor e aos domingos zanzava pela casa ou às vezes se sentava numa das praias com Maisie e a criança. Estava entendido entre os dois que ele tinha de fazer tudo que ela quisesse, por ter-lhe causado tantos problemas antes de se casarem. No ano seguinte, tiveram outro bebê e Maisie ficou doente e internada no hospital por um longo tempo depois, de modo que agora tudo que ele podia fazer com o salário semanal era cobrir os juros de suas dívidas, e tinha sempre de convencer o armazém e o leiteiro e o padeiro a manterem suas contas penduradas uma semana após outra. Maisie lia um bocado de revistas e sempre queria coisas

novas para a casa, uma pianola, ou uma nova geladeira, ou um fogão elétrico. Os irmãos dela ganhavam bom dinheiro no negócio de imóveis em Los Angeles e seus familiares estavam subindo na vida. Sempre que recebia uma carta deles, ela chateava Mac para que apertasse o patrão por um melhor salário ou para que mudasse de emprego.

Quando havia alguém da turma de ativistas na cidade passando necessidades ou quando estavam levantando dinheiro para fundos de greve ou alguma coisa assim, ele os ajudava com alguns dólares, mas nunca podia fazer muita coisa, por temer que Maisie descobrisse. Sempre que ela encontrava o *Apelo à Razão* ou qualquer outra publicação radical pela casa, queimava-a, e depois os dois discutiam e ficavam amuados e tornavam as respectivas vidas um inferno durante alguns dias, até que Mac concluiu qual era o problema e jamais falou a ela sobre isso. Mas o problema mantinha-os separados, quase como se ela achasse que ele andava saindo com outra mulher.

Uma tarde de sábado, Mac e Maisie haviam conseguido que um vizinho tomasse conta das crianças e iam a um teatro de revistas, quando notaram uma multidão na esquina da drugstore Marshall's. Mac abriu caminho com os cotovelos. Um rapaz magro, vestido de mescla azul, estava parado junto ao poste onde ficava o alarme de incêndio, lendo a Declaração da Independência: *Quando, no curso dos acontecimentos humanos...* Apareceu um tira e mandou-o mexer-se... *direito inalienável... vida, liberdade e a busca da felicidade.*

Agora havia dois guardas. Um deles agarrava o jovem pelos ombros e tentava fazê-lo soltar-se do poste.

— Vamos embora, Fainy, vamos nos atrasar para o espetáculo — dizia Maisie.

— Ei, pegue uma lima; o bastardo se acorrentou ao poste ele ouviu um dos guardas dizer ao outro. A essa altura, Maisie conseguira arrastá-lo para a bilheteria do teatro. Afinal, ele prometera levá-la ao espetáculo e ela não saíra o inverno todo. A última coisa que ele viu foi que o guarda arrastara o rapaz e atingira-o na ponta do queixo.

Mac sentou-se ali, no teatro escuro e abafado, a tarde toda. Não viu os atos nem os quadros entre os atos. Não falou com Maisie. Sentou-se ali sentindo náusea na boca do estômago. De vez em quando, olhava o rosto de Maisie à meia claridade que vinha do palco. Ela engordara um pouco, criara curvas de mulher satisfeita, como um gato sentado junto a uma estufa quente, mas ainda era bonita. Já esquecera tudo e estava inteiramente feliz assistindo ao espetáculo, os lábios abertos, os olhos brilhando, como uma menininha numa festa. "Acho que me vendi aos filhos da puta mesmo", ele se dizia.

O último número do programa era Eva Tanguay. A voz anasalada cantando *Eu sou Eva Tanguay, pouco estou ligando* retirou Mac de seu transe de mau humor. Tudo de repente pareceu-lhe luminoso e claro, o proscênio com suas pesadas estrias douradas, os rostos das pessoas nos camarotes, as cabeças à sua frente, a espalhafatosa e poeirenta mistura de luzes âmbar e azul no palco, a esquelética mulher jogando-se de um lado para outro dentro do arco-íris do holofote.

Os jornais dizem que estou louca
Mas... eu... estou pouco ligando.

Mac levantou-se.

— Maisie, encontro você em casa. Veja o resto do espetáculo. Estou a fim de dar uma volta.

Antes que ela pudesse responder, ele se esgueirara pelas outras pessoas na fila, descera o corredor e saíra. Na rua não havia nada além da costumeira multidão de sábado à tarde. Mac deu voltas e voltas pelo centro. Nem mesmo sabia onde ficava a sede da IWW. Precisou falar com alguém. Ao passar pelo Hotel Brewster, sentiu um bafo de cerveja. O que precisava era de uma bebida. Daquele jeito ia ficar maluco.

Na esquina seguinte, entrou num bar e bebeu quatro uísques baratos, puros. O bar estava cheio de homens bebendo, pagando uns para os outros, falando alto sobre beisebol, lutas de boxe, Eva Tanguay e sua dança de Salomé.

Ao lado de Mac, havia um homenzarrão de rosto vermelho, com um feltro de abas largas jogado para trás da cabeça. Quando Mac estendeu o braço para pegar o quinto copo, esse homem pôs-lhe a mão no braço e disse:

Perdão, essa é por minha conta, se não se importa... estou comemorando hoje.

— Obrigado; a você — disse Mac.

— Perdão, se não se importa que eu diga, você está bebendo como se quisesse beber o barril todo e não deixar nada pro resto da gente... Tome uma coisa mais leve pra lavar.

Tudo bem, rapaz — disse Mac. — Vamos lavar com cerveja.

— Eu me chamo McCreary — disse o homenzarrão. — Acabei de vender minha colheita de frutas. Sou lá de San Jacinto.

— Eu também me chamo McCreary — disse Mac.

Os dois apertaram-se as mãos calorosamente.

— Com os diabos, que coincidência... A gente deve ser parente ou muito perto disso... De onde você é, se me perdoa?

— Sou de Chicago, mas meu pessoal é irlandês.

— O meu era do Leste, Delaware... mas é da boa velha cepa escocês-irlandesa.

Beberam mais a isso. Depois foram a outro bar, onde se sentaram a uma mesa de canto e conversaram. O homenzarrão falou de sua fazenda e de sua colheita de damascos e disse que sua esposa estava de cama desde o nascimento do último filho.

— Eu gosto demais da velha, mas que é que um sujeito pode fazer? Não pode se castrar só pra ser fiel à mulher.

Eu gosto muito da minha — disse Mac — e tenho dois filhos lindos. Rose tem quatro anos e já está começando a ler e Ed está aprendendo a andar... Mas, diabos, antes de me casar eu pensava que podia me tornar alguma coisa no mundo... Não quero dizer que pensava que fosse alguma coisa em particular... Você sabe como é.

— Claro, se me perdoa, eu também me sentia assim quando era jovem.

Maisie é uma ótima moça, também, e gosto dela cada vez mais — disse Mac, sentindo uma forte onda de afeição rasgá-lo por dentro, como às vezes nas noites de sábado, quando a ajudava a dar banho nos filhos e pô-los na cama, o quarto ainda cheio de vapor do banho e seus olhos de repente se encontravam com os dela e não havia lugar algum aonde precisassem ir, só os dois ali juntos.

O homem de San Jacinto começou a cantar:

Oh, minha mulher se foi para o campo
Huurrah, huurrah.
Eu amo minha mulher, mas oh, rapaz,
Minha mulher se foi.

— Que vá tudo pro inferno — disse Mac —, um homem tem de trabalhar por outros motivos que não somente ele mesmo e seus filhos pra se sentir bem.

– Concordo com isso absoluuutamente, se me perdoa; é cada um por si, e o diabo que fique com o traseiro.

— Oh, diabos — disse Mac —, eu queria estar vagabundando de novo ou em Goldfield com a turma.

Beberam e beberam e comeram uma refeição grátis e beberam mais ainda, o tempo todo uísque barato lavado com cerveja, e o homem de San Jacinto tinha um número de telefone e chamou algumas garotas e compraram uma garrafa de uísque e foram para o apartamento delas, e o fazendeiro de San Jacinto se sentou com uma garota em cada joelho cantando *Minha mulher se foi para o campo*. Mac ficou sentado num canto, arrotando, com a cabeça caída sobre o peito; e então, de repente, se sentiu furioso e levantou-se, derrubando uma mesa com um vaso de vidro em cima.

— McCreary — disse —, isto aqui não é lugar pra um rebelde com consciência de classe. Eu sou um membro da IWW, diabos o levem... Vou lá fora entrar nessa briga pela livre expressão.

O outro McCreary continuou cantando e não lhe deu atenção. Mac saiu batendo a porta. Uma das garotas acompanhou-o até lá fora reclamando pelo vaso quebrado, mas ele pôs a mão no rosto dela e empurrou-a e saiu para a rua silenciosa. Havia luar. Ele perdeu o último bonde a vapor e teria de andar até em casa.

Quando chegou, encontrou Maisie sentada na varanda, vestindo seu quimono. Estava chorando.

— E eu fiz um jantar tão bom pra você — dizia, os olhos mirando-o frios e raivosos no rosto, como quando ele voltara de Goldfield antes de casarem-se.

No dia seguinte ele estava com uma dor de cabeça de rachar e com o estômago perturbado. Calculou que gastara quinze dólares que não podia se dar o luxo de desperdiçar. Maisie não queria conversa. Ele ficou na cama, rolando de um lado para outro, sentindo-se infeliz, desejando poder dormir e continuar dormindo para sempre. Nessa noite de domingo, o irmão de Maisie, Bill, veio para o jantar. Assim que entrou em casa, Maisie começou a falar com Mac como se nada houvesse acontecido. Magoava-o sentir que aquilo era apenas para que Bill não soubesse que haviam brigado.

Bill era um homem de construção sólida e cabelos louros, com um pescoço vermelho, que começava a engordar. Sentou-se à mesa e comeu o bife de panela e o pão de milho que Maisie preparara, falando grosso sobre a explosão de vendas de imóveis em Los Angeles. Fora maquinista de locomotiva e ferira-se num acidente e dera um golpe de sorte com algumas opções sobre terrenos que comprara com o dinheiro da indenização. Tentou convencer Mac a desistir de seu emprego em San Francisco e entrar no negócio com ele.

— Eu lhe dou um empurrãozinho, só por causa de Maisie — dizia e repetia. — E em dez anos você será um homem rico, como eu vou ser em menos tempo ainda... O momento é este, Maisie, pra vocês terem uma folga, enquanto são jovens, senão será tarde demais e Mac vai ser apenas um trabalhador a vida toda.

Os olhos de Maisie brilhavam. Ela trouxe o bolo de camadas de chocolate e uma garrafa de vinho doce. Tinha as faces rubras e sorria o tempo todo, exibindo todos os dentes de pérola. Não parecia tão linda desde que tivera o primeiro bebê. A conversa de Bill sobre dinheiro deixava-a embriagada.

— E se um sujeito não quisesse ficar rico... você sabe o que Gene Debs disse: "Eu quero subir com as fileiras, não partindo das fileiras" — disse Mac.

Maisie e Bill riram.

— Quando um sujeito fala desse jeito, está pronto pro asilo, pode crer — disse Bill.

Mac corou e não disse nada.

Bill empurrou sua cadeira para trás e pigarreou num tom sério:

Olhe aqui, Mac... Eu vou ficar nesta cidade por alguns dias, examinando a situação, mas me parece que as coisas estão bastante mortas. Agora, o que proponho é o seguinte... Você sabe o que eu penso de Maisie... Acho que é a garota mais bacana do mundo. Queria que minha esposa tivesse a metade do que ela tem... Bem, de qualquer modo, eis a minha proposta: eu tenho na avenida Oceânica vários bangalôs magníficos, em estilo colonial espanhol, de que ainda não me desfiz, oito metros de frente numa rua residencial refinada, por mais de trinta de fundo. Ora, tenho até cinco mil paus em dinheiro por eles. Em um ano ou dois nenhum de nós vai poder meter o nariz ali. Será a rua dos milionários... Agora, se você quiser ter a casa no nome de Maisie, eu lhe digo o que faço... Troco propriedades com você, pagando todas as despesas de escritura e transferência e as hipotecas, que manterei pra deixá-las na família, pra que você não precise fazer

pagamentos muito maiores que os que faz aqui, e estará lançado na estrada do sucesso.

— Oh, Bill, querido! — exclamou Maisie. Correu para ele e beijou-o no topo da cabeça e sentou-se balançando as pernas no braço da cadeira.

— Puxa, tenho de consultar o travesseiro — disse Mac. — É muito bacana de você fazer a oferta.

— Fainy, eu esperava que você fosse mais agradecido a Bill — cortou Maisie. — É claro que vamos fazer isso.

— Não, você está muito certo — disse Bill. — A gente tem de pensar bem numa proposta dessas. Mas não esqueça as vantagens oferecidas, melhores escolas para as crianças, vizinhança mais refinada, uma cidade em expansão em lugar de uma morta, oportunidade de subir na vida em vez de ser um maldito escravo do salário.

Assim, um mês depois, os McCreary se mudaram para Los Angeles. As despesas de mudança e instalação dos móveis deixaram Mac com uma dívida de quinhentos dólares. Ainda por cima, a pequena Rose pegou sarampo e a conta do médico começou a subir. Mac não arranjava emprego em nenhum dos jornais. Na sede do sindicato local, para o qual se transferira, já havia de qualquer modo dez homens desempregados.

Ele passava um bocado de tempo vagando pelas ruas, preocupado. Já não gostava de ficar em casa. Não se entendia mais com Maisie. Ela vivia pensando no que acontecia em casa de seu irmão Bill, que tipo de roupas Mary Virginia, a esposa dele, usava, como educavam seus filhos, a ótima vitrola nova que haviam comprado. Mac sentava-se nos bancos dos jardins pela cidade, lendo *O Apelo à Razão*, *O Trabalhador Industrial* e os jornais locais.

Um dia, viu *O Trabalhador Industrial* saindo do bolso do homem a seu lado. Estavam ambos sentados no banco há muito tempo quando algo o fez voltar-se para o homem.

— Escute, você não é Ben Evans?

— Ora, Mac, macacos me mordam... Que é que há, rapaz, parece magro?

— Ah, nada, estou procurando um patrão, só isso.

Conversaram por um longo tempo. Depois foram tomar café em um restaurante mexicano que alguns dos rapazes frequentavam. Um jovem louro de olhos azuis juntou-se a eles, falando inglês com sotaque. Mac ficou surpreso ao saber que era mexicano. Todo mundo falava do México. Madero iniciara sua revolução. Esperava-se a queda de Díaz para qualquer dia. Por toda a parte, os camponeses corriam para as montanhas, expulsando os ricos científicos de suas fazendas. A propaganda anarquista espalhava-se entre os trabalhadores urbanos. O restaurante tinha um cheiro forte de pimenta e café torrado demais. Em cada mesa se viam flores de papel rosa-escuras e vermelhas, um ou outro brilho de dentes brancos em rostos brônzeos e pardos que falavam baixo. Alguns dos mexicanos ali pertenciam à IWW, mas a maioria era anarquista. A conversa sobre revolução e países estrangeiros fez Mac sentir-se novamente feliz e aventureiro, como se tivesse um objetivo na vida, como quando estava na estrada com Ike Hall.

— Escute, Mac, vamos para o México ver se tem alguma verdade nessa conversa de revolução — dizia Ben.

— Se não fosse pelas crianças... Diabos, Fred Hoff estava certo quando gritava comigo e dizia que um revolucionário não deve casar.

Mac acabou arranjando um emprego como operador de linotipo em *The Times*, e as coisas em casa melhoraram um pouco, mas nunca sobrava dinheiro, pois ia tudo para o pagamento de dívidas e juros e hipotecas. Mais uma vez, era trabalho noturno, e ele mal via Maisie e as crianças. Aos domingos, Maisie levava o pequeno Ed para a casa de Bill e ele e Rose saíam para passeios ou para andar de bonde. Era a melhor parte da semana. Nas noites de sábado, ele ia às vezes a uma conferência ou bater papo com os amigos na sede local da IWW, mas receava ser visto com muita frequência em companhia de radicais, para não perder o emprego. Os rapazes achavam-no muito covarde, mas aturavam-no porque o consideravam um veterano.

De vez em quando, recebia cartas de Milly falando-lhe da saúde do Tio Tim. Ela se casara com um sujeito chamado Cohen, contador registrado, que trabalhava em um dos escritórios de venda de gado. O Tio Tim morava com eles. Mac gostaria de trazê-lo para morar com ele em Los Angeles, mas sabia que isso só resultaria em brigas com Maisie. As cartas de Milly eram muito deprimentes. Ela dizia que se sentia esquisita casada com um judeu. O Tio Tim andava sempre mal. O médico dizia que era a bebida, mas era só lhe darem algum dinheiro e ele o bebia imediatamente. Ela queria ter filhos. Achava que Fainy tinha sorte, por ter crianças tão bacanas. Receava que o Tio Tim não permanecesse muito tempo neste mundo.

No mesmo dia em que os jornais noticiaram o assassinato de Madero na Cidade do México, Mac recebeu um telegrama de Milly dizendo que o Tio Tim morrera e pedindo-lhe, por favor, que telegrafasse uma ordem de pagamento para o funeral. Mac foi ao banco de poupança e sacou 53 dólares e 75 centavos que

tinha numa conta para a escola das crianças e levou-os à agência da Western Union e remeteu 50 dólares. Maisie só descobriu no aniversário do bebê, quando foi depositar os cinco dólares de presente dados por seu irmão Bill.

Nessa noite, quando Mac entrou usando sua chave do trinco, surpreendeu-se ao ver luz na sala. Maisie estava sentada, meio adormecida, no sofá da sala, enrolada num cobertor, à sua espera. Ficou feliz por vê-la e foi beijá-la.

— Que é que há, querida? — perguntou.

Ela o empurrou para longe de si e ficou de pé em um salto.

— Seu ladrão — disse. — Eu não podia ir dormir enquanto não dissesse o que penso de você. Suponho que andou gastando o dinheiro em bebida ou com alguma outra mulher. É por isso que não o vejo mais.

— Maisie, se acalme, minha velha... Que é que há, vamos conversar sobre isso com calma.

— Vou pedir divórcio, é isso que vou fazer... Roubando dinheiro de seus próprios filhos para se tornar um vagabundo... seus próprios...

Mac recompôs-se e cerrou os punhos. Falou muito baixo, embora os lábios tremessem.

— Maisie, eu tinha absoluto direito de tirar esse dinheiro. Vou depositar mais um pouco dentro de uma ou duas semanas e você não tem merda nenhuma a ver com isso.

— Bela chance de você economizar cinquenta dólares; não é homem bastante para dar uma vida decente à sua mulher e filhos, por isso tem de tirar da conta bancária de seus pobres filhos inocentes — ela explodiu em lágrimas.

— Maisie, já chega disso... Não quero mais saber.

— Eu é que não quero mais saber de você e suas conversas ateias sobre socialismo. Isso nunca levou ninguém a parte alguma, e os vagabundos decaídos com quem você anda por aí... Eu queria nunca ter me casado com você, por Deus. E nunca teria, pode ter toda certeza, se não tivesse me enrascado daquele jeito.

— Maisie, não fale assim.

Maisie avançou direto para ele, os olhos arregalados e febris.

— Esta casa está em meu nome; não se esqueça disso.

— Tudo bem, para mim acabou.

Antes que soubesse o que fazia, bateu a porta atrás de si e descia o quarteirão. Começou a chover. Cada gota de chuva formava uma mancha do tamanho de um dólar de prata na poeira da rua. Parecia chuva de palco sob um arco voltaico. Mac não sabia para onde ir. Encharcado, andava em círculos. Numa esquina, um grupo de palmeiras num pátio oferecia uma certa proteção. Ele ficou ali um longo tempo, tremendo. Quase chorava, pensando na quente maciez de Maisie, quando levantava um pouco o cobertor e se enfiava na cama ao lado dela adormecida, ao voltar para casa do trabalho na ruidosa e rançosa oficina, os seios dela, a sensação dos mamilos por baixo da fina camisola de dormir; as crianças em seus berços na varanda-dormitório, ele curvando-se para beijar cada uma das testinhas quentes.

Bem, acabei com isso — disse em voz alta, como se falasse a alguém. — Agora estou livre para correr o país, para trabalhar pelo movimento, para cair na estrada de novo.

Finalmente, foi para a pensão de Ben Evans. Demorou muito para que alguém viesse atender à porta. Quando entrou, afinal Ben pôs-se sentado na cama e olhou-o, idiotizado pelo sono.

— Que diabos?

— Escute, Ben, acabo de sair de casa... Vou para o México.

— Os tiras estão atrás de você? Pelo amor de Deus, isto aqui não era lugar para vir.

— Não, é só minha mulher.

Ben deu uma risada.

— Oh, pelo amor de Deus!

— Escute, Ben, quer vir para o México ver a revolução?

— Que diabos você pode fazer no México?... De qualquer modo, os rapazes me elegeram secretário da local 257... Tenho de ficar aqui e ganhar meus dezessete e cinquenta. Escute, você está encharcado; tire as roupas e ponha minhas roupas de trabalho penduradas atrás da porta... É melhor dormir um pouco. Eu vou sair.

Mac ficou mais duas semanas na cidade, até arranjarem um sujeito para substituí-lo na linotipo. Escreveu a Maisie dizendo que estava indo embora e que lhe enviaria dinheiro para ajudar a manter as crianças assim que estivesse em condições de fazê-lo. E numa certa manhã subiu ao trem com vinte e cinco dólares no bolso e uma passagem para Yuma, Arizona. Yuma revelou-se mais quente que as profundas do inferno. Um sujeito na pensão dos ferroviários lhe disse que sem dúvida morreria de sede se tentasse entrar no México por ali, e ninguém sabia nada da revolução mesmo. Assim, fez seu caminho pela Southern Pacific até El Paso. Todos diziam que o inferno estava à solta do outro lado da fronteira. Era provável que os bandidos tomassem Juárez a qualquer momento. Fuzilavam americanos à primeira vista. Os bares de El Paso viviam cheios de fazendeiros e donos de minas lamentando os tempos em que Porfírio Díaz detinha o poder e

um branco podia ganhar dinheiro no México. Assim, foi com o coração palpitando que Mac atravessou a ponte internacional e entrou nas movimentadas ruas de adobe de Juárez.

Circulou por ali, olhando os pequenos bondes e as mulas e as paredes pintadas de azul-marinho e as camponesas agachadas atrás de montes de frutas na feira e as igrejas em ruínas com as fachadas descascadas e os bares compridos dando para a rua. Tudo era estranho e o ar ardia-lhe nas narinas e ele se perguntava o que faria agora. Era o fim da tarde de um dia de abril. Mac suava em sua camisa de flanela azul. Sentia o corpo empoeirado e coçando e precisava de um banho. "Estou ficando velho demais para esse tipo de coisa", disse a si mesmo. Finalmente, encontrou a casa de um sujeito chamado Ricardo Pérez, ao qual um dos anarquistas mexicanos em Los Angeles lhe dissera que procurasse. Teve dificuldades para encontrá-lo na casa grande com o pátio revirado nos arredores da cidade. Nenhuma das mulheres que estendiam roupas entendia a algaravia de Mac. Afinal, ele ouviu uma voz que vinha lá de cima, num inglês cuidadosamente modulado.

— Suba aqui, se está procurando Ricardo Pérez... por favor... Eu sou Ricardo Pérez.

Mac olhou para cima e viu um homem alto, bronzeado e grisalho, num velho guarda-pó pardo, curvando-se na última galeria do pátio. Subiu os degraus de ferro. O homem alto apertou-lhe a mão.

— Companheiro McCreary... Meus camaradas me escreveram dizendo que você vinha.

— Sou eu, claro... Estou contente porque você fala inglês.

— Vivi muitos anos em Santa Fé e em Brockton, Massachusetts. Sente-se, por favor... É um grande prazer receber um

operário revolucionário americano... Embora nossas ideias, provavelmente, não concordem cem por cento, temos muita coisa em comum. Somos camaradas na grande batalha. — Deu um tapinha no ombro de Mac e empurrou-o para uma cadeira. — Por favor. — Várias crianças amarelas, de camisas rasgadas, corriam descalças em volta. Ricardo Pérez sentou-se e pegou a menor nos joelhos, uma garotinha de tranças enroladas e rosto sujo. O lugar cheirava a pimenta e azeite de oliva queimado e crianças e lavagem de roupa.

— Que vai fazer no México, companheiro trabalhador?

Mac corou.

— Oh, eu queria me meter em coisas, na revolução.

— A situação está muito confusa por aqui... Nossos operários urbanos estão se organizando e têm consciência de classe, mas os camponeses, os peões, são facilmente manipulados por líderes inescrupulosos.

— Eu quero ver um pouco de ação, Pérez... Morava em Los Angeles e já estava me tornando um maldito burguês como o resto. Sei ganhar minha vida no ofício de gráfico, acho.

— Preciso apresentar você aos camaradas... Por favor... Vamos agora.

Um crepúsculo azul descia sobre as ruas quando saíram. As luzes se acendiam, amarelas. Pianos mecânicos tocavam nos bares. Num portão, uma pequena orquestra desafinada tocava. Fogueiras iluminavam a feira com aquelas coisas muito coloridas à venda nas barracas. Numa esquina, um índio velho e uma velha de cara larga, ambos cegos e fortemente marcados pela varíola, cantavam uma estridente e interminável cantiga no meio de um denso grupo de camponeses atarracados, as mulheres com xales

negros nas cabeças, os homens com roupas de algodão branco que pareciam pijamas.

— Cantam sobre o assassinato de Madero... É muito bom para a educação do povo... Sabe, eles não podem ler os jornais, e assim ficam sabendo das notícias pelas cantigas... Foi o embaixador de vocês que assassinou Madero. Ele era um idealista burguês, mas um grande homem. Por favor... Aqui está o salão... Veja, aquele cartaz diz: "Viva a Revolução Reivindicatória, Prelúdio da Revolução Social". Este é o salão da União Anarquista da Indústria e Agricultura. Huerta tem uns poucos federales aqui, mas estão tão fracos que não se atrevem a atacar a gente. Ciudad Juárez é o coração e a alma da revolução... Por favor... você saudará os camaradas com algumas palavras.

O salão enfumaçado e a plataforma estavam cheios de homens morenos em uniformes de trabalho de mescla azul; no fundo, viam-se alguns peões de branco. Muitas mãos apertaram a de Mac, olhos negros olharam fixos nos seus, vários homens abraçaram-no. Deram-lhe uma cadeira de lona na fila da frente na plataforma. Evidentemente, Ricardo Pérez era o presidente. Cada pausa de seu discurso era seguida de aplausos. Uma sensação de grandes acontecimentos pairava no salão. Quando Mac se levantou, alguém gritou "Solidariedade sempre" em inglês. Mac gaguejou umas poucas palavras dizendo que não era um representante oficial da IWW, mas que ainda assim os trabalhadores americanos com consciência de classe observavam a revolução mexicana com grandes esperanças e encerrou com a palavra de ordem da IWW sobre a construção de uma nova sociedade na concha da velha. O discurso fez sucesso quando Pérez o traduziu e Mac sentiu-se muito bem. Depois, o comício se prolongou

indefinidamente, com mais e mais discursos e uma ou outra canção. Mac viu-se cochilando várias vezes. O som da língua estranha causava-lhe sono. Mal conseguiu manter-se desperto até que uma pequena orquestra na porta aberta do salão irrompeu numa música e todos cantaram e acabou o comício.

— É *Cuatro milpas*... significa quatro campos de milho... é uma cantiga dos peões que todo mundo está cantando agora — disse Pérez.

— Estou morrendo de fome... Gostaria de arranjar alguma coisa para comer, em alguma parte — disse Mac. — Não me alimento desde manhã, quando tomei uma xícara de café com uma rosquinha em El Paso.

— Vamos comer na casa de nosso camarada — disse Pérez. — Por favor... por aqui.

Deixaram a rua, agora escura e vazia, entrando por uma porta, tapada por uma cortina de contas, numa sala caiada fortemente iluminada por uma chama de acetileno que cheirava a carbureto. Sentaram-se à ponta de uma longa mesa com uma toalha suja. A mesa foi se enchendo aos poucos de pessoas do comício, a maioria jovens em roupas azuis de trabalho, os rostos magros e aduncos. Na outra extremidade sentava-se um velho escuro, com o nariz comprido e os pômulos chatos de um índio. Pérez serviu a Mac dois copos de uma bebida branca de gosto esquisito que fez sua cabeça rodar. A comida era muito picante, com pimenta branca e chili, e ele sufocou um pouco com ela. Os mexicanos paparicavam-no como uma criança em sua festa de aniversário. Teve de beber muitos copos de cerveja e conhaque. Pérez foi para casa cedo e deixou-o aos cuidados de um jovem chamado Pablo. O rapaz tinha no ombro uma automática Colt,

da qual se orgulhava muito. Falava um pouco de inglês estropiado e sentava-se com uma mão passada pelo pescoço de Mac e a outra na fivela do coldre.

— Gringo ruim... Matar ele logo... Companheiro trabalhador bom... internacional... hurrah — dizia o tempo todo.

Cantaram a *Internacional* várias vezes, depois a *Marselhesa* e a *Carmanhola*. Mac juntou-se a ele numa névoa de pimenta. Cantou e bebeu e comeu e tudo começou a se esfumar.

— Companheiro trabalhador casar garota bonita — disse Pablo. Estavam de pé num balcão em alguma parte. Ele fez o gesto de dormir com as duas grandes mãos contra o rosto. — Venha.

Foram a um salão de dança. À entrada, todo mundo tinha de deixar as armas em uma mesa guardada por um soldado de quepe. Mac notou que os homens e mulheres se esquivavam um pouco dele. Pablo riu.

— Eles pensam você gringo... Eu digo a eles revolucionário internacional. Lá ela, moça bonita... Não maldita prostituta... não pagar, garota trabalhadora boa... camarada.

Mac viu-se sendo apresentado a uma moça morena, de rosto largo, chamada Encarnación. Estava bem vestida, o cabelo negro brilhando muito. Ela lhe deu um sorriso luminoso. Ele deu-lhe um tapinha no rosto. Beberam um pouco de cerveja no balcão e saíram. Pablo também tinha uma garota consigo. Os outros ficaram no salão de baile. Pablo e sua garota foram para a casa de Encarnación com eles. Era um quarto num pequeno pátio. Adiante, estendia-se a grande vastidão de terra clara do deserto, que atingia até onde a vista podia alcançar, sob uma lua minguante. A distância viam-se alguns pontos de fogo. Pablo indicou-os com a mão toda e sussurrou:

— Revolución.

Despediram-se então, à porta do quartinho de Encarnación, que tinha uma cama, um quadro da Virgem e uma nova fotografia de Madero pregada com um alfinete. Encarnación fechou a porta, aferrolhou-a e sentou-se na cama olhando-o com um sorriso.

O Olho da Câmera (12)

quando todo mundo se foi em viagem Jeanne nos levava todo dia a brincar na praça Farragut e nos dizia como no Jura os lobos desciam e uivavam pelas ruas das aldeias

e às vezes víamos o presidente Roosevelt passar cavalgando inteiramente só num cavalo baio e uma vez ficamos muito orgulhosos porque ele sorriu e exibiu os dentes como no jornal e levou a mão ao chapéu e ficamos muito orgulhosos e ele tinha um ajudante de ordens

mas tínhamos um patinho de pano com o qual brincávamos nos degraus até que ele começou a ficar sujo e os lobos uivavam com o sangue das criancinhas pingando dos focinhos pelas ruas da aldeia só que era verão e entre cão e lobo nos punham na cama e Jeanne era uma moça francesa do Jura onde os lobos uivavam corriam pelas ruas e quando todo mundo tinha ido para a cama ela levava a gente para a cama dela

e era uma história de assombração muito longa e o pior dos lobos uivava pelas ruas ao crepúsculo e gelava o sangue das criancinhas era o Loup Garou uivando no Jura e ficávamos com medo e ela tinha seios debaixo da camisola e o Loup Garou era

terrível assustador e pelos negros e a gente se esfregava nela e lá fora os lobos uivavam nas ruas e ficava molhado ali e ela dizia que não era nada tinha acabado de lavar-se

mas o Loup Garou era na verdade um homem me aperte chéri um homem uivava pelas ruas com o focinho sangrento que despedaçava o ventre das moças e criancinhas Loup Garou

e aí a gente sabia como eram feitas as moças e ela era muito boba e fazia a gente prometer não contar mas a gente não ia contar mesmo

Jornal da Tela X

PATENTE DA LUA FRACASSA

insurgentes vencem nas eleições de Kansas Almas gêmeas de Oak Park separam-se Oito mil farão viagem de carro diz que moça pediu por seu marido

SENTIMENTO NA BOLSA FAVORECE
REVIRAVOLTA

Oh, linda boneca
Grande e linda boneca

o mundo não entende tudo que está envolvido aqui, ela disse. Parece um caso mundano comum com as armadilhas do que é baixo e vulgar mas não é nada disso. Ele é honesto e sincero. Eu o conheço. Lutei lado a lado com ele. E meu coração está com ele neste momento.

Me deixe abraçá-la
Querida como estou feliz por tê-la encontrado

Quase Imóveis no Langor de Meados de Verão em Mares Comerciais Um Milhão Veem Bêbados Serem Jogados

JURADOS ÀS PORTAS DOS BARÕES DA CARNE

compara o amor com o Vesúvio ruas embandeiradas esperam marcha de paladinos

Doçura, se estou feliz por ter encontrado você
Oh, linda boneca
Grande e linda boneca

TROCA CAVALO BRANCO POR RUÇO

tropas de Madero derrotam rebeldes em batalha em Parral Roosevelt arrebata Illinois oratória cerra pálpebras Chicago pede mais água

ANARQUISTAS CONFESSOS
DE JOELHOS BEIJAM BANDEIRA AMERICANA

O Movimento Sunbeam Se Alastra

BOMBA Nº 4 EM GUERRA DE COMÍCIOS
DESTRÓI BAR DA ZONA OESTE

informação publicada quarta-feira de que um paciente de um pavilhão particular no Hospital São Lucas submetido a uma operação para extirpação de um tumor canceroso na base da língua era o general Grant foi negada pelas autoridades do hospital e pelo tenente Howze que caracterizou a história como invenção deliberada

O Olho da Câmera (13)

era um comandante de rebocador e conhecia o rio de olhos fechados desde Indian Head até Virginia Capes e a baía e a Eastan Shoa até Baltima também e vivia numa casa de tijolos vermelhos em Alexandria a cabina do piloto cheirava a uma centena de cachimbos fumados

aquele é o *Mayflower* o iate do presidente e aquele lá o *Dolphin* e aquele o velho monitor *Tippecanoe* e lá está o veleiro de volta e estamos passando bem agora pela lancha da polícia

quando o capitão Keen estende a mão para puxar o apito no teto da cabina do piloto a gente vê o bracelete vermelho e verde tatuado por baixo dos pelos negros de seu pulso

Por minha alma o velho capitão Gifford era amigo do homem muitas foram as vezes que a gente pegou ostras juntos em Eastan Shoa e os piratas das ostras sequestravam jovens naquele tempo e faziam eles trabalhar o inverno todo a gente não podia fugir a não ser nadando pra terra e a água era danada de fria demais e o velho tirava as roupas dos sujeitos pra que eles não chegassem em terra quando estavam ancorados num rio ou perto de uma casa ou alguma coisa assim rapaz eles eram ruins os piratas de ostras por minha alma assim que tinham um rapaz eles faziam ele trabalhar até cair e aí simplesmente jogavam ele pela amurada pra pegar ostras os piratas de ostras faziam os trabalhos mais ruins no inverno com a espuma gelando nas linhas e fazendo as mãos da gente em pedaços e o arrasto enganchando toda hora e a gente tendo de desenganchar e consertar com as mãos na água gelada arrastamos um duro uma vez Que é um duro? Meu Deus um corpo um duro é um morto meu rapaz era

um jovem sem um ponto no corpo que parecia como se tivesse sido espancado com uma malagueta uma coisa terrível ou um leme talvez acho que não queria trabalhar ou estava doente ou alguma coisa assim e o velho simplesmente espancou ele até morrer claro não podia deixar de ser um pirata de ostras

Janey

Quando Janey era pequena, morava numa velha casa de tijolos, de platibanda, umas duas casas morro acima na rua M, em Georgetown. A parte da frente da casa vivia às escuras porque a Mãe mantinha as pesadas cortinas de renda fechadas e as venezianas de linho amarelo e rendas abaixadas. Nas tardes de domingo, Janey e Joe e Ellen e Francie tinham de sentar-se na sala da frente e olhar figuras ou ler livros. Janey e Joe liam o suplemento de quadrinhos do jornal porque eram os mais velhos e os outros dois apenas bebês, sem idade suficiente para saber o que era engraçado, mesmo. Não podiam rir alto, porque o Pai se sentava com o resto de *The Sunday Star* no colo e geralmente adormecia após o jantar com a seção de editoriais amassada na grande mão veiada de azul. Pequenas réstias de sol que se filtravam pelas rendas das venezianas pousavam-lhe na calva e numa grande saliência vermelha no nariz e na curva do bigode e em seu colete dominical e nas mangas da camisa branca e engomada, com abotoaduras brilhantes, presas acima do cotovelo por uma tira de borracha. Janey e Joe sentavam-se na mesma cadeira sentindo as costelas um do outro estremecerem quando riam com os sobrinhos do Capitão pondo uma bombinha embaixo da ca-

deira do próprio. Os menores viam-nos rindo e começavam a rir também.

— Calem a boca, viu? — Joe chiava para eles pelo canto da boca. – Vocês não sabem do que a gente está rindo.

De vez em quando, se não vinha nenhum som da Mãe, que tirava sua pestana dominical deitada no quarto de trás lá em cima vestindo um chambre lilás desbotado com franjas, e após ouvirem por longo tempo o ronco arrastado do Pai, que acabava num pequeno assobio de ressonar, Joe esgueirava-se da cadeira e Janey acompanhava-o de respiração presa até a sala da frente e saíam pela porta. Assim que a fechavam com muito cuidado, para que a aldrava não batesse, Joe dava um tapa nela, gritava: "É você" e descia correndo o morro em direção à rua M, e ela tinha de correr atrás dele, o coração aos pulos e as mãos frias, de medo de que ele fugisse e a abandonasse.

No inverno, as calçadas de tijolos eram geladas e negras espalhavam cinzas em torno de suas portas quando as crianças iam para a escola pela manhã. Joe nunca ia com o resto, porque eram meninas; demorava-se atrás ou corria à frente. Janey queria que ele andasse a seu lado, mas não podia deixar as irmãzinhas, que se agarravam firmes às suas mãos. Num inverno, pegaram o hábito de subir o morro com uma menina negra que morava bem do outro lado da rua e se chamava Pearl. À tarde, Janey e Pearl vinham para casa sozinhas. Geralmente, Pearl tinha alguns trocados para comprar olhos de boi ou bananas cristalizadas numa lojinha da avenida Wisconsin, e sempre dava a metade a Janey, que gostava muito dela. Uma tarde, ela convidou Pearl a entrar e brincaram de bonecas juntas debaixo da grande roseira do quintal. Quando Pearl foi embora, a voz da Mãe chamou-a da

cozinha. A Mãe tinha as mangas arregaçadas nos braços pálidos e um avental xadrez e enrolava massa de pastel para o jantar, as mãos cobertas de farinha.

— Janey, venha cá — disse. E Janey soube, pelo tom trêmulo da voz, que alguma coisa estava errada.

— Sim, Mãe. — Postou-se diante da Mãe, balançando tanto a cabeça que as duas tranças duras de areia chicoteavam para os lados.

— Fique quieta, menina, pelo amor de Deus... Janey, quero lhe dizer uma coisa. Essa menina de cor que você trouxe esta tarde... — O coração de Janey desfaleceu. Teve uma sensação de náusea e sentiu-se enrubescer. Sem saber por quê. — Agora, não me entenda mal; eu gosto das pessoas de cor e respeito todas elas; algumas são ótimas e dignas pessoas no lugar delas... Mas você não deve trazer essa menina de cor pra casa de novo. Tratar as pessoas de cor bem e com bondade é um dos sinais de boa educação... Não deve esquecer que a gente de sua mãe era bem-nascida até as pontas dos cabelos... Georgetown era muito diferente naquele tempo. A gente morava numa casa grande, com os gramados mais lindos... mas você não deve nunca se juntar com gente de cor como se fossem iguais. Morando neste bairro, é muito importante ter cuidado com essas coisas... Nem os brancos nem os negros respeitam aqueles que... É só isso, Janey, você compreende; agora vá brincar, daqui a pouco é hora de jantar.

Janey tentou falar, mas não conseguiu. Ficou rígida no meio do quintal, na grade de ferro que cobria o rego, olhando a cerca negra.

— Amiga de negros — berrou Joe em seu ouvido. — Amiga de negros, uh-uh-uh... Amiga de negros, uh-uh-uh. — Janey começou a chorar.

Joe era um garoto calado, de cabelos cor de areia, que sabia lançar uma bola de beisebol com uma curva traiçoeira mesmo quando ainda menino. Aprendeu a nadar e mergulhar em Rock Creek e dizia que queria ser motorneiro de bonde quando crescesse. Durante vários anos, seu melhor amigo foi Alec McPherson, cujo pai era maquinista na B. and O. Depois disso, Joe queria ser maquinista. Janey vivia atrás dos dois meninos sempre que a deixavam, nos depósitos de bondes do início da avenida Pensilvânia, onde eles haviam feito amizade com alguns dos condutores e motorneiros, que os deixavam andar nos estribos dos bondes por algumas quadras quando não havia nenhum fiscal por perto ou descendo o canal ou subindo o Rock Creek, onde pegavam girinos e caíam n'água e jogavam lama um no outro.

Nas noites de verão, quando o crepúsculo vinha muito depois do jantar, eles brincavam de leões e tigres com outros meninos no mato alto de alguns terrenos baldios perto do cemitério de Oak Hill. Havia longos períodos em que grassava o sarampo ou a escarlatina e a Mãe não os deixava sair. Então Alec vinha brincar de chicotinho queimado no quintal. Esses eram os tempos de que Janey mais gostava. Os meninos tratavam-na como um deles. O crepúsculo estival caía sobre eles abafado e cheio de vagalumes. Se o Pai estava de bom humor, mandava-os ao empório morro acima na rua N comprar sorvete, rapazes em mangas de camisa e chapéus palheta passeavam com as moças, que usavam uma vareta fumegante nos chapéus para afastar os insetos, um ranço e

um cheiro de perfume barato exalava-se das famílias negras que se amontoavam em seus degraus, havia risos, murmúrios e um ou outro brilho de dentes ou de escleróticas. A noite negra e suarenta era assustadora, zumbia, roncava com o trovão distante, com os insetos de junho, com o estrépito do tráfego da rua M, o ar da rua denso e irrespirável sob as árvores copadas; mas quando ela estava com Alec e Joe não tinha medo, nem mesmo dos bêbados ou dos negrões grandes que arrastavam os pés. Quando voltavam, o Pai fumava um charuto e eles se sentavam lá fora no quintal e os mosquitos os devoravam e a Mãe e a Tia Francine e as crianças devoravam o sorvete e o Pai fumava o charuto e contava-lhes histórias de quando fora capitão de um rebocador no Chesapeake, em seus dias de juventude, e salvara a goleta *Nancy Q* em perigo no Kettlebottoms, numa tempestade de sudoeste. Então chegava a hora de dormir e Alec era mandado para casa e Janey tinha de ir para a cama, no quartinho abafado dos fundos no andar de cima, com as duas irmãzinhas em seus berços junto à parede defronte. Talvez viesse uma tempestade e ela ficasse acordada olhando o teto, transida de medo, ouvindo as irmãzinhas choramingando no sono, até escutar o som tranquilizante da Mãe correndo a casa a fechar janelas, o bater de uma porta, o sussurro do vento e o chocalhar da chuva e o trovão rolando terrivelmente alto e perto, logo acima, como mil caminhões de cerveja rugindo sobre uma ponte. Em momentos como esses ela pensava em descer até o quarto de Joe e enfiar-se na cama com ele, mas por algum motivo tinha medo de fazer isso, embora às vezes chegasse até o patamar. Ele riria dela e a chamaria de moleirona.

Mais ou menos uma vez por semana, Joe tomava uma surra. O Pai voltava do Escritório de Patentes, onde trabalhava, furioso e

danado da vida, e as meninas tinham medo e andavam pela casa silenciosas como ratinhos; mas Joe parecia gostar de provocá-lo, corria assobiando pela sala dos fundos ou subia e descia a escada fazendo um tremendo barulho com os sapatos de placa de ferro. Então o Pai começava a brigar com ele e Joe se postava à sua frente sem dizer uma palavra, olhando para o chão com os olhos azuis furiosos. Janey sentia um nó nas entranhas e gelava quando o Pai subia a escada em direção ao banheiro empurrando Joe na frente. Ela sabia o que ia acontecer. Ele pegava a tira de couro de afiar navalha atrás da porta e punha a cabeça e os ombros do menino debaixo do braço e batia nele. Joe cerrava os dentes e corava e não dizia uma palavra e quando o Pai se cansava de espancá-lo eles se olhavam e Joe era mandado para seu quarto e o Pai descia a escada tremendo todo e fingia que nada acontecera, e Janey se esgueirava para o quintal com os punhos cerrados, murmurando para si mesma:

— Odeio ele... Odeio ele... Odeio ele...

Certa vez, numa chuvosa noite de sábado, ela se encostara na cerca, no escuro, olhando a janela iluminada lá em cima. Ouvia a voz do Pai e a de Joe discutindo. Pensava que talvez caísse morta à primeira lapada da correia de afiar navalha. Não conseguia ouvir o que diziam. De repente, lá veio o som dos golpes da correia e Joe abafando um arquejo. Ela estava com onze anos. Alguma coisa se rompeu. Ela entrou correndo na cozinha toda molhada da chuva.

— Mãe, ele está matando Joe. Pare com aquilo. — A mãe voltou o rosto enrugado, desvalido e abatido, da panela que esfregava. — Oh, a senhora não pode fazer nada. Janey correu para cima e começou a bater na porta do banheiro. — Pare com

isso, pare com isso — berrava. A porta abriu-se; lá estava Joe com uma aparência escabreada e o Pai com o rosto inteiramente corado e a correia na mão.

— Bata em mim... sou eu que sou má... Não vou deixar você bater em Joe assim. — Estava amedrontada, não sabia o que fazer, as lágrimas ardiam-lhe nos olhos.

A voz do Pai foi inesperadamente bondosa:

— Vá direto para a cama sem jantar e lembre-se de que já tem bastante que fazer travando suas próprias batalhas, Janey.

Ela correu para o quarto chorando e deitou-se na cama tremendo. Quando já adormecera, a voz de Joe acordou-a com um susto.

Ele estava parado na porta, de camisola.

— Escute, Janey — sussurrou. — Não faça isso de novo, tá bem? Eu sei cuidar de mim mesmo, tá bem? Uma menina não pode se meter entre homens assim. Quando eu arranjar um emprego e ganhar bastante dinheiro, compro um revólver e se o Pai tentar me bater eu atiro nele e mato. — Janey começou a fungar.

— Por que você tem de chorar? Isso não é nenhuma enchente em Johnstown.

Ela ouviu-o descer a escada nas pontas dos pés descalços.

No ginásio, ela fez o curso comercial e aprendeu estenografia e datilografia. Era uma garota sem grandes atrativos, rosto fino e cabelos cor de areia, calada e querida dos professores. Tinha os dedos rápidos e aprendeu a datilografar e a taquigrafar facilmente. Gostava de ler e pegava na biblioteca livros como *Por dentro da taça*, *A batalha de Strong*, *A conquista de Barbara Worth*. A mãe lhe dizia sempre que ia estragar a vista lendo tanto. Quando lia, ela imaginava que era a heroína, que o irmão fraco que se

encaminhava para um triste fim era no fundo um cavalheiro capaz de todos os sacrifícios, como Sidney Carton em *Um conto de duas cidades* era Joe e o herói era Alec.

Achava Alec o garoto mais bonito de Georgetown e o mais forte. Ele tinha cabelos negros cortados à escovinha e uma pele muito branca, com algumas sardas e uma maneira de andar vigorosa, de ombros largos. Depois dele, Joe era o mais bonito e o melhor jogador de beisebol, mesmo. Todo mundo dizia que devia concluir o ginásio, por ser um jogador tão bom, mas no fim do primeiro ano o Pai disse que tinha três filhas para sustentar e que Joe tinha de trabalhar; assim, ele arranjou um emprego como mensageiro da Western Union. Janey sentia muito orgulho dele em seu uniforme, até que as garotas do colégio começaram a gozá-la por isso. Os pais de Alec haviam prometido pô-lo na faculdade se ele se saísse bem no ginásio, e por isso Alec dava duro. Não era durão nem falava palavrão como a maioria dos rapazes que Joe conhecia. Era sempre bondoso com Janey, embora nunca parecesse querer que ficassem a sós. Ela reconhecia para si mesma que tinha uma terrível paixonite por ele.

O melhor dia de sua vida foi o escaldante domingo de verão em que subiram todos de canoa até as Grandes Cataratas. Ela preparara a comida na noite anterior. Pela manhã, acrescentara um bife que encontrara na geladeira. Uma neblina azul cobria o fim das ruas de casas de tijolos e árvores escuras quando, antes de os outros acordarem, ela e Joe se esgueiraram para fora de casa, lá pelas sete da manhã.

Encontraram-se com Alec na esquina em frente à estação. Ele estava parado à espera, com os pés apartados e uma caçarola na mão.

Correram e pegaram o bonde que partia para Cabin John's Bridge. Tinham o bonde todo para si, como se fosse um carro particular. O bonde zumbia sobre os trilhos, passando por barracos caiados e cabanas de negros ao longo do canal, contornando morros onde o milho ondulante, de dois metros de altura, marchava em fileiras como soldados. O sol batia com um brilho azul esbranquiçado nas folhas oscilantes do milho maduro; o brilho e o zumbido e o tinido dos gafanhotos e moscardos elevavam-se na fumaça quente até o céu pálido, em torno do carro elétrico chocalhante. Comeram maçãs doces de verão que Joe comprara de uma mulher de cor na estação e perseguiram-se dentro do bonde e caíram uns sobre os outros nos cantos dos bancos; e sorriram e gargalharam até sentir-se exaustos. O bonde corria através de bosques; eles viram as estruturas da montanha-russa de Glen Echo por entre as árvores e saltaram em Cabin John's tendo-se divertido mais que um bando de macacos.

Desceram correndo até a ponte para olhar as águas pardas, rio abaixo e acima, na luminosa manhã branca, entre margens cobertas de mato encharcado; depois encontraram a canoa, que pertencia a um amigo de Alec, compraram alguns refrigerantes e pacotes de guloseimas e partiram. Alec e Joe remavam e Janey sentava-se no fundo com o suéter enrolado num dos bancos como travesseiro. Alec remava na proa. O calor escaldava. O suor grudava a camisa no meio de suas costas fortes, que se curvavam a cada remada. Depois de algum tempo, os rapazes ficaram só com as roupas de banho, que traziam por baixo. Janey sentiu um tremor na garganta ao ver as costas de Alec e os músculos salientes daqueles braços remando deixaram-na feliz e assustada. Ficou ali sentada, em seu vestido de fustão branco,

correndo a mão na água parda, esverdeada pelas plantas. Pararam para colher lírios e as brancas flores das sagitárias que luziam como gelo e tudo tinha o cheiro úmido e rançoso das raízes enlameadas dos lírios. Os refrigerantes esquentaram mas beberam alguns assim mesmo e brincaram uns com os outros e Alec pegou um caranguejo e cobriu o vestido de Janey de manchas de limo verde e ela não se importou nem um pouco e chamaram Joe de comandante e ele se descontraiu e disse que ia alistar-se na marinha e Alec disse que seria engenheiro civil e ia construir um barco a motor e levá-los todos a um cruzeiro e Janey sentiu-se feliz porque a incluíam como se ela também fosse um rapaz. Num lugar abaixo das cataratas, onde havia comportas no canal, tiveram de transportar a canoa por terra um longo trecho rio abaixo. Janey levava a comida e os remos e a caçarola e os rapazes suavam e praguejavam debaixo da canoa. Depois atravessaram remando até o lado da Virgínia e fizeram uma fogueira num pequeno espaço entre rochedos cinza-avermelhados. Joe preparou o bife e Janey desembrulhou os sanduíches e doces que fizera e cuidou de algumas batatas que assavam nas cinzas. Também assaram espigas de milho que haviam pegado num campo ao lado do canal. Tudo saiu ótimo, a não ser pelo fato de que tinham trazido pouca manteiga. Depois, sentaram-se comendo doces e bebendo refrigerante, numa conversa tranquila ao redor das brasas. Alec e Joe puxaram seus cachimbos e ela se sentiu muito bem ali, sentada nas Grandes Cataratas do Potomac, com dois homens fumando cachimbos.

— Puxa, Janey, Joe preparou aquele bife bem mesmo.

– Quando a gente era menino, pegávamos rãs e cozinhávamos em Rock Creek... Lembra, Alec?

— Diabos se não, e Janey veio com a gente uma vez; puxa, a confusão que você armou naquele dia, Janey.

— Não gosto de ver vocês esfolarem as bichinhas.

— A gente se julgava uns verdadeirôs caçadores do Oeste selvagem naquele tempo. A gente se divertia a valer.

– Eu prefiro agora, Alec — disse Janey, hesitando.

– Eu também — disse Alec. — Diabos, eu queria era uma melancia.

— Talvez a gente encontre alguma na beira do rio quando voltar.

— Deus do céu, o que eu não faria com uma melancia, Joe.

— Mamãe tinha uma melancia no gelo — disse Janey. — Talvez ainda tenha um pouco quando a gente voltar.

— Eu não quero voltar nunca - disse Joe, subitamente, muito sério.

— Joe, não devia falar desse jeito. — Ela se sentia criança e assustada.

— Falo como bem entender... Cristo, odeio aquele monte de lixo.

— Joe, não devia falar desse jeito. Janey sentia que ia chorar.

— Diabos o levem — disse Alec. — É tempo da gente dar o fora... Que diz, rapaz? Damos mais um mergulho e vamos para casa.

Quando os rapazes acabaram de nadar, subiram para ir ver as cataratas e depois partiram. Deslizavam rápidos na água veloz, sob a íngreme margem coberta de árvores. A tarde estava muito abafada, eles varavam camadas de ar quente e vaporoso. Grandes nuvens amontoavam-se ao norte. Janey não achava

mais nenhuma graça. Temia que começasse a chover. Sentia-se nauseada e esgotada por dentro. Temia que seu período estivesse para chegar. Tivera-o só umas poucas vezes até então e pensar nisso amedrontava-a e roubava-lhe todas as forças, fazia-a desejar fugir das vistas de todos como um velho gato de beco doente. Não queria que Joe e Alec notassem como se sentia. Pensava em como seria se ela virasse a canoa. Os rapazes podiam nadar até a margem, é claro, e ela se afogaria e dragariam o rio em busca de seu corpo e todo mundo choraria e sentiria muito.

A escuridão cinza-púrpura chegava firme e afogava os cumes brancos dos bancos de nuvens. Tudo tornou-se lívido e púrpura. Os rapazes remavam o máximo que podiam. Ouviam o rumor do trovão que avançava. A ponte já estava bem à vista quando a ventania os atingiu, um quente vendaval de poeira e folhas mortas e pedaços de palha, revolvendo a água do rio.

Chegaram à margem bem a tempo.

— Diabos o levem, vai ser uma senhora tempestade — disse Alec. — Janey, se meta debaixo do barco. Emborcaram a canoa na praia de seixos, ao abrigo de um grande rochedo, e enfiaram-se juntos debaixo dela. Janey sentou-se no meio, com os lírios que haviam colhido pela manhã murchos e úmidos do calor de sua mão. Os garotos, em suas roupas de banho molhadas, deitavam-se aos lados. O cabelo revolto de Alec encostava no rosto dela. Do outro lado, Joe jazia com a cabeça na ponta da canoa e as pernas e pés, finos e pardos, nas calças arregaçadas, enfiados por baixo de seu vestido. O cheiro de suor e da água do rio e o cálido cheiro másculo dos cabelos e ombros de Alec deixavam-na tonta. Quando a chuva caiu, tamborilando no fundo da canoa e isolando-os dentro da cortina de espuma branca que os açoitava,

ela escorregou o braço em torno do pescoço de Alec e pousou a mão timidamente em seu ombro nu. Ele não se moveu.

A chuva passou algum tempo depois.

— Puxa, não foi tão forte quanto eu pensava — disse Alec.

Estavam bastante molhados e com frio, mas sentiam-se bem no ar recém-lavado pela chuva. Puseram a canoa de volta à água e desceram até a ponte. Depois transportaram-na até a casa de onde a tinham tirado e foram para o pequeno abrigo esperar o bonde. Estavam cansados e queimados de sol e pegajosos. O bonde vinha lotado com a úmida multidão de domingo à tarde, gente que fora a piqueniques e havia sido apanhada pelo pé-d'água nas Grandes Cataratas ou em Glen Echo. Janey achava que não aguentaria até chegar em casa. Tinha a barriga dilacerada por uma cãibra. Quando chegaram a Georgetown, os rapazes ainda tinham cinquenta centavos e queriam ir a um cinema, mas ela fugiu e deixou-os. Seu único pensamento era enfiar-se na cama para poder pôr o rosto no travesseiro e chorar.

Depois disso, Janey jamais chorou muito; as coisas a perturbavam, mas provocavam-lhe apenas uma sensação fria e dura. O ginásio passou depressa, com tórridos verões de tempestades em Washington entre os semestres, pontilhados por um ou outro piquenique em Marshall Hall ou uma festa em alguma casa das vizinhanças. Joe arranjou emprego no Adams Express. Ela não o via muito, pois ele não comia mais em casa. Alec comprara uma motocicleta e, embora ainda estivesse no ginásio, Janey pouco sabia dele. Às vezes ficava acordada para ter uma palavrinha com Joe quando ele voltava para casa à noite. Ele cheirava a tabaco e bebida, embora nunca parecesse estar bêbado. Ia para seu emprego às sete e quando saía à noite juntava-se ao bando que

vivia nas salas de bilhar na rua 4½ ou jogava cartas ou boliche. Aos domingos, jogava beisebol em Maryland. Janey esperava-o acordada, mas quando ele chegava e ela lhe perguntava como estavam as coisas no trabalho, ele dizia: "Ótimo", e perguntava-lhe como estavam as coisas na escola e ela dizia: "Ótimo", e iam ambos para a cama. De vez em quando, ela lhe perguntava se vira Alec e ele dizia "Sim" com uma sombra de sorriso, e ela lhe perguntava como estava Alec e ele dizia: "Ótimo".

Janey tinha uma amiga, Alice Dick, uma garota morena e rechonchuda, de óculos, que fazia todos os cursos que ela fazia no ginásio. Nas tardes de sábado, elas punham seus melhores vestidos e saíam olhando as vitrines para os lados da rua F. Compravam algumas coisinhas, paravam para tomar uma soda e voltavam para casa no bonde, achando que haviam tido uma tarde cheia. De muito em muito tempo, iam a uma matinê no Poli's e Janey levava Alice Dick para jantar em sua casa. Alice Dick gostava dos Williams e eles gostavam dela. Ela dizia que passar algumas horas com pessoas de mente aberta fazia-a sentir-se mais livre. Seus pais eram metodistas sulistas e muito tacanhos. O pai era funcionário na Imprensa Oficial e vivia num temor diário de que seu emprego passasse para a jurisdição das leis do serviço público. Era um homem gordo, com problemas respiratórios, dado a fazer brincadeiras de mau gosto com a mulher e a filha, e sofria de dispepsia crônica.

Alice Dick e Janey planejavam, assim que acabassem o ginásio, arranjar empregos e sair de casa. Chegaram mesmo a escolher a casa onde se hospedariam, uma casa de pedras verdes perto do Thomas Circle, dirigida por uma certa sra. Jenks, viúva de um oficial da marinha, que era muito refinada e tinha comida sulista e cobrava moderadamente por cama e mesa.

Um domingo à noite, na primavera de seu último semestre na escola, Janey vestia-se em seu quarto. Francie e Ellen ainda brincavam no quintal. As vozes delas entravam pela janela aberta com um forte cheiro de lilases do jardim no quintal vizinho. Ela acabara de soltar os cabelos e olhava-se no espelho imaginando que aparência teria se fosse bonita e tivesse cabelos ruivos, quando ouviu uma batida na porta e a voz de Joe do lado de fora. Havia algo esquisito na voz dele.

— Entre — ela gritou. — Estou arrumando os cabelos.

Primeiro viu o rosto dele no espelho. Estava muito pálido, a pele repuxada nos pômulos e ao redor da boca.

— Ora, que é que há com você, Joe? — Ela saltou de pé e ficou à frente dele.

— É o seguinte, Janey — disse Joe, arrastando penosamente as palavras. — Alec morreu. Se despedaçou em sua motocicleta. Estou vindo do hospital. Está morto mesmo.

Janey parecia escrever as palavras numa prancheta branca em sua mente. Não podia dizer coisa alguma.

— Ele se despedaçou voltando de Chevy Chase para casa... Tinha ido ao jogo pra me ver lançar. Você devia ver ele, todo despedaçado daquele jeito.

Janey continuava tentando dizer alguma coisa.

— Ele era seu melhor...

— Era o melhor sujeito que já conheci — prosseguiu Joe, delicadamente. — Bem, é isso, Janey... Mas eu queria dizer a você que não quero ficar agarrado a este monte de lixo fedorento, agora que Alec se foi. Vou me alistar na marinha. Diga ao pessoal, está bem?... Eu não quero falar com eles. É isso; vou pra marinha ver o mundo.

— Mas, Joe...

— Eu escrevo pra você, Janey; palavra que escrevo... Vou lhe escrever um bocado. Você e eu... Bem, adeus, Janey.

Agarrou-a pelos ombros e beijou-a desajeitadamente no nariz e na face. Tudo que ela pôde dizer foi sussurrar:

— Tenha cuidado, Joe.

E ficar parada ali diante da mesa, em meio à lufada de lilases e aos gritos das crianças que entravam pela janela aberta. Ouviu os passos de Joe, leves e rápidos, descendo a escada, e a porta da frente batendo. Apagou a luz, tirou as roupas no escuro e deitou-se na cama. Ficou ali deitada, sem chorar.

Vieram a formatura e o dia da colação de grau, e ela e Alice foram a festas e até mesmo, uma vez, saíram com uma turma grande nas viagens enluaradas que desciam o rio até Indian Head, no vapor *Charles McAlister*. A turma era mais vulgar do que Janey e Alice gostariam. Alguns dos rapazes bebiam um bocado e casais beijavam-se e abraçavam-se em todo canto escuro; apesar disso, a lua era linda, ondulando no rio, e ela e Alice puseram duas cadeiras juntas e ficaram conversando. Havia uma orquestra e dança, mas elas não dançaram, por causa dos homens grosseiros que ficavam ao redor da pista fazendo comentários. Conversaram apenas e na volta, subindo o rio, Janey, em voz muito baixa e de pé junto à amurada, muito perto de Alice, falou-lhe de Alec. Alice lera a respeito no jornal, mas nem sonhara que Janey o conhecesse tão bem ou se sentisse assim em relação a ele. Ela começou a chorar e Janey se sentiu muito forte confortando-a e sentiram que depois disso seriam amigas muito íntimas. Janey sussurrou que jamais poderia amar outra pessoa e Alice disse que de qualquer modo não achava que pudesse jamais amar um homem, todos eles bebiam e fumavam e falavam sujeira entre si e só tinham uma coisa na cabeça.

Em julho, Alice e Janey arranjaram empregos no escritório da sra. Robinson, estenógrafa pública no Edifício Riggs, substituindo moças que estavam de férias. A sra. Robinson era uma mulher pequena, de cabelos grisalhos e peito de pomba, com uma estridência do Kentucky na voz que fazia Janey lembrar-se de papagaios. Era muito exigente, e em seu escritório se observavam todas as formalidades.

— Srta. Williams — dizia, curvando-se para trás em sua cadeira —, esse manuscrito do juiz Roberts precisa estar concluído hoje sem falta... Minha cara, nós demos nossa palavra e entregaremos mesmo que tenhamos de ficar até meia-noite. Noblesse oblige, minha cara.

E as máquinas de escrever estalavam e tiniam e todos os dedos da moça enlouqueciam batendo sumários, manuscritos de discursos não feitos por grupos de pressão, o derramamento ocasional de um jornalista ou cientista, ou prospectos de firmas imobiliárias ou promotores de patentes, cartas de cobranças de dentistas e médicos.

O Olho da Câmera (14)

nas noites de domingo quando tínhamos bolinhos de peixe e feijão frito e o sr. Garfield lia com uma bela voz empostada e todos ficavam tão calados que se poderia ouvir a queda de um alfinete porque ele estava lendo *O homem sem pátria* e era uma história muito terrível e Aaron Burr tinha sido um homem muito perigoso e aquele pobre rapaz tinha dito: "Ao diabo com os Estados Unidos; espero jamais ouvir esse nome de novo" e era uma

coisa muito terrível de dizer e o juiz grisalho era tão generoso e bom

e o juiz me condenou e me levaram para longe para terras distantes numa fragata e os oficiais eram generosos e bons e falavam em vozes empostadas generosas e graves com muito sentimento como o sr. Garfield e tudo era muito generoso e grave e com muito sentimento e fragatas e o Mediterrâneo azul e as ilhas e quando eu estava morto começava a chorar e tinha medo que os outros garotos vissem que eu tinha lágrimas nos olhos

americano não devia chorar devia parecer generoso e grave e com muito sentimento quando me envolveram na bandeira e me trouxeram para casa numa fragata para ser enterrado estava tão sentido que não me lembrava se me trouxeram para casa ou se me sepultaram no mar mas de qualquer modo estava envolto no Velho Pavilhão

Jornal da Tela XI

o governo dos Estados Unidos deve insistir e exigir que cidadãos americanos que caiam prisioneiros por um ou outro lado nos atuais distúrbios insurrecionais sejam tratados de acordo com os princípios gerais do direito internacional

SOLDADOS GUARDAM A CONVENÇÃO

o *Titanic* partiu de Southampton a 10 de abril em sua operação inaugural será realizado contra os desejos da New York Life segundo "Kimmel" Ora eles sabem que sou Kimmel em Niles sou George para todo mundo até mesmo minha mãe e irmã quando nos encontramos nas ruas

Eu vou ao Maxim's
Onde a graça e animação irradiam
Com todas as garotas conversarei
Rirei e beijarei e direi galanteios

Lolô, Dodô, Joujou.
Cloclô, Margot, Froufrou

TITANIC MAIOR NAVIO DO MUNDO AFUNDA

pessoalmente não tenho certeza se o dia de doze horas é ruim para os empregados especialmente quando eles insistem em trabalhar tanto para ganhar mais dinheiro

Mesmo assim minha canção será
Mais perto meu Deus de ti
Mais perto de ti

era agora por volta de uma hora da manhã, uma linda noite estrelada e sem lua. O mar estava tão calmo como um lago, apenas um leve oscilar quando o navio subia e descia uma onda, uma noite ideal, a não ser pelo frio intenso. A distância, o *Titanic* parecia ter um comprimento enorme, seu grande vulto silhuetado em negro contra o céu estrelado, todas as escotilhas e o salão fulgurando de luz

PEDE AO METODISMO PARA REPUDIAR A TRINDADE

o vestido da noiva é de cetim charmeuse com uma cintura de chiffon entremeado de renda. O véu é de crepe lisse debruado com point de venise, afastando-se do véu de noiva convencional e o bouquet será de lírios do vale e gardênias

Lolô, Dodô, Joujou,
Cloclô, Margot, Froufrou
Eu vou ao Maxim's
E você também pode ir...

o *Titanic* mergulhou lentamente de ponta com a popa verticalmente para cima e ao fazer isso as luzes nas cabines e salões que não haviam piscado nem um momento desde que partimos apagaram-se, tornaram a acender-se por um breve instante e finalmente se foram por completo. Enquanto isso, a maquinaria chocalhava por todo o vaso, com um matraquear e um gemido que podiam ser ouvidos a milhas de distância. Então, com um silencioso mergulho inclinado

Janey

— Mas é tão interessante, Mãe — dizia Janey, quando a Mãe se queixava de que ela tivesse de trabalhar.

— No meu tempo isso não era considerado adequado a uma dama, julgava-se que diminuía as mulheres.

— Mas agora, não — dizia Janey, irritando-se.

Então, era um grande alívio sair da casa sufocante e das sufocantes ruas sombreadas de árvores de Georgetown e pegar Alice Dick e ir ao centro, aos cinemas, ver filmes de países estrangeiros e as multidões da rua F e parar numa drugstore para tomar uma soda depois, antes de pegar o bonde de Georgetown, e sentar-se no repuxo discutindo o filme que tinham visto e Olive Thomas e Charley Chaplin e John Bunny. Passou a ler o jornal todos os dias e a interessar-se por política. Começou a sentir que havia um grande mundo pulsante e iluminado em alguma parte lá fora, e que só o fato de morar em Georgetown, onde tudo era tão chato e antiquado, com a Mãe e o Pai tão chatos e antiquados, a impedia de irromper nele.

Os postais de Joe também a faziam sentir-se assim. Ele era marinheiro no vaso de guerra *Connecticut*. Mandava uma foto do cais de Havana ou do porto de Marselha ou Villefranche ou uma fotografia de uma moça em trajes de camponesa, dentro de uma ferradura de cavalo de estanho, e algumas linhas desejando que ela estivesse bem e gostando de seu emprego, mas nunca uma palavra sobre si mesmo. Ela escrevia-lhe longas cartas cheias de perguntas sobre ele e os países estrangeiros, mas ele nunca as respondia. Ainda assim, dava-lhe uma certa sensação de aventura receber os postais. Sempre que via um marinheiro na rua ou fuzileiros de Quantico ela pensava em Joe e imaginava como ele ia indo. A visão de um marujo surgindo de azul com seu gorro de lado provocava-lhe um aperto esquisito no coração.

Aos domingos, Alice quase sempre ia a Georgetown. A casa estava diferente agora, com Joe distante, a Mãe e o Pai ficando mais velhos e mais calados, Francie e Ellen desabrochando em belas ginasianas sorridentes, populares entre os garotos do bairro, indo a festas, queixando-se o tempo todo por não terem dinheiro para gastar. Sentada à mesa com eles, ajudando a Mãe com o molho, trazendo as batatas ou couves-de-bruxelas para o jantar dominical, Janey sentia-se adulta, quase uma solteirona. Agora punha-se do lado do Pai e da Mãe contra as irmãs. O Pai começava a parecer velho e engelhado. Falava constantemente em aposentar-se e aguardava sua pensão.

Quando ela já estava há oito meses com a sra. Robinson, recebeu uma proposta de Dreyfus and Carroll, os advogados de patentes no andar de cima do Edifício Riggs, para trabalhar para eles por dezessete dólares por semana, o que significava mais cinco dólares que o que recebia da sra. Robinson. Isso a fez

sentir-se ótima. Compreendia agora que era boa em seu trabalho e que podia sustentar-se, acontecesse o que acontecesse. Apoiada nisso, foi à Woodward and Lothrop's com Alice Dick comprar um vestido. Queria um vestido de seda de adulta, com bordados. Tinha vinte e um anos e ia ganhar dezessete dólares por semana e achava que tinha direito a um belo vestido. Alice disse que o vestido devia ser de uma cor dourada de bronze, para combinar com seus cabelos. Entraram em todas as lojas da rua F, mas não conseguiram encontrar nada que servisse e não fosse caro demais, de modo que o que puderam fazer foi comprar o material e algumas revistas de moda e levá-los para casa, para que a mãe de Janey costurasse. Atormentava Janey o fato de ainda depender de sua mãe dessa maneira, mas nada havia a fazer; assim, a sra. Williams teve de fazer o novo vestido de Janey, como fizera todas as roupas de seus filhos desde que eles haviam nascido. Janey jamais tivera paciência para aprender a costurar como a Mãe. Haviam comprado bastante material, para que Alice também pudesse ter um, e a sra. Williams teve de fazer dois vestidos.

Trabalhar na Dreyfus e Carroll era muito diferente do trabalho na casa da sra. Robinson. Quase só havia homens no escritório. O sr. Dreyfus era um homenzinho de rosto magro, com um bigodinho negro e olhinhos negros reluzentes e uma ponta de sotaque que lhe dava uns ares distintos de diplomata estrangeiro. Usava luvas amarelas e uma bengala também amarela e tinha uma grande variedade de casacos de muito bom corte. Era o cérebro da firma, dizia Jerry Burnham. O sr. Carroll era um homem gordo, de rosto vermelho, que fumava muitos charutos e pigarreava um bocado e tinha uma maneira muito antiquada

de falar, do tipo Deusmelivre sulista. Jerry Burnham dizia que ele era a janela com sacada da firma. Jerry Burnham era um jovem de rosto enrugado e olhos dissipados, que atuava como consultor para assuntos técnicos e de engenharia. Ria um bocado, chegava sempre atrasado, e por algum motivo se interessou por Janey e dizia-lhe gracejos enquanto ditava. Ela gostava dele, embora o ar dissipado dos olhos a assustasse um pouco. Gostaria de falar com ele como uma irmã, e fazê-lo parar de queimar a vela por ambas as pontas. Depois havia um velho contador, o sr. Sills, um homem enrugado que morava em Anacostia e jamais dizia uma palavra a quem quer que fosse. Ao meio-dia, não saía para o almoço, mas ficava sentado à sua mesa, comendo um sanduíche e uma maçã que trazia embrulhados em papel encerado, que dobrava cuidadosamente e tornava a guardar no bolso. Depois havia dois novos mensageiros e uma datilografazinha sem grandes atrativos chamada srta. Simonds, que só recebia doze dólares por semana. Todo tipo de gente, em todo tipo de trajes respeitáveis, pobres ou ricos, aparecia durante o dia e ficava rondando na antessala, ouvindo o exuberante troar do sr. Carroll por trás da porta de vidro. O sr. Dreyfus esgueirava-se para dentro e para fora, sorrindo levemente para os conhecidos, sempre numa grande e misteriosa pressa. No almoço, no pequeno café ou na lanchonete, Janey falava disso tudo a Alice, que a olhava com admiração. Alice sempre esperava por ela no vestíbulo à uma da tarde. Haviam combinado sair a essa hora porque havia menos gente. Nenhuma das duas jamais gastava mais de vinte centavos, e assim o almoço não demorava muito e elas tinham tempo de dar uma volta pela praça Lafayette ou às

vezes ao redor dos terrenos da Casa Branca, antes de voltarem para o escritório.

Uma noite de sábado, ela teve de trabalhar até tarde, para acabar de datilografar a descrição de um motor de popa que tinha de estar no Departamento de Patentes logo na manhã de segunda-feira. Todos os demais haviam saído do escritório. Ela compunha o complicado palavreado técnico da melhor forma que podia, mas tinha a mente num postal que mostrava o Cristo dos Andes que recebera de Joe naquele dia. Dizia apenas:

"Ao diabo com os barcos de lata do Tio Sam. Volto breve."

Não estava assinado, mas ela conhecia a letra. Aquilo a deixara preocupada. Burnham sentava-se à central telefônica, revendo as páginas à medida que ela as acabava. De vez em quando, ia ao banheiro; quando voltava, um quente bafio de uísque invadia o escritório. Janey estava nervosa. Datilografou até que as letrinhas negras começaram a dançar diante de seus olhos. Estava preocupada com Joe. Como podia estar voltando para casa antes de acabar seu alistamento? Devia haver algum problema. E Jerry Burnham, movimentando-se irrequieto em redor da mesa da telefonista, incomodava-a. Ela e Alice haviam conversado sobre o perigo que era ficar sozinha num escritório com um homem daquele jeito. Tarde daquele jeito e bebendo, um homem só tinha uma ideia na cabeça.

Quando lhe entregou a penúltima página, os olhos dele, brilhantes e úmidos, encontraram os dela.

— Aposto que está cansada, srta. Williams — ele disse. — É uma vergonha danada reter a senhorita desse jeito, e ainda por cima numa noite de sábado.

– Está tudo bem, sr. Burnham — ela disse gelidamente, os dedos estalando.

— É culpa do velho janela-de-sacada. Matraqueou tanto sobre política o dia todo que ninguém pôde fazer trabalho algum.

— Bem, não importa agora — disse Janey.

— Nada importa mais... Já são quase oito horas. Tive de faltar a um encontro com minha melhor garota... ou quase. Aposto que a senhorita também perdeu um encontro, srta. Williams.

— Eu ia me encontrar com outra moça, só isso.

— Ora, vou lhe dizer uma... — Riu com tanta facilidade que ela se viu rindo também.

Quando a última página já estava batida e tudo enfiado num envelope, Janey levantou-se para pegar seu chapéu.

— Escute, srta. Williams, vamos pôr isso no correio e depois era melhor a senhorita vir comer alguma coisa comigo.

No elevador, Janey pretendia desculpar-se e ir para casa, mas de algum modo não o fez e viu-se a si mesma, tudo flutuando por dentro, sentada friamente com ele num restaurante francês na rua H.

— Bem, que acha da Nova Liberdade, srta. Williams? — perguntou Jerry Burnham com uma risada, depois de sentarem-se. Entregou-lhe o menu. — Aqui está a cartela... Que sua consciência seja o seu guia.

— Bem, eu mal sei, sr. Burnham.

– Bem, eu sou a favor, francamente. Acho Wilson um grande homem... De qualquer modo, nada como a mudança, a melhor coisa do mundo, não acha? Bryan é um grande falastrão, mas até mesmo ele representa alguma coisa e até Josephus Daniels, enchendo a marinha de boatos. Acho que temos uma chance de

voltar a ser uma democracia... Talvez não seja preciso uma revolução; que acha?

Não esperava que ela respondesse a nenhuma pergunta, simplesmente falava e ria sozinho.

Quando Janey tentou contar aquilo a Alice depois, as coisas que Jerry Burnham dissera não pareciam tão engraçadas, nem a comida tão boa, nem tudo tão alegre. Alice ficou um bocado chateada.

— Oh, Janey, como você pôde sair tarde da noite com um homem bêbado e ir a um lugar desses, e eu aqui, louca de ansiedade... Você sabe que um homem daqueles só tem uma ideia... Diabos, acho que foi cruel e leviano de sua parte... Eu não julgava você capaz de uma coisa dessas.

– Mas, Alice, não foi assim de jeito nenhum – disse Janey, mas a outra chorava e ficou com uma expressão magoada durante uma semana inteira; de modo que, depois disso, Janey eliminou o assunto Jerry Burnham. Foi a primeira briga que teve com Alice e isso a fez sentir-se mal.

Mesmo assim, tornou-se amiga de Jerry Burnham. Ele parecia gostar de sair com ela e obrigá-la a ouvi-lo. Mesmo depois de largar o emprego na Dreyfus e Carroll, às vezes telefonava para ela nas tardes de sábado para levá-la ao Keith's. Janey marcou um encontro dos dois com Alice no Rock Creek Park, mas a coisa não funcionou muito bem. Jerry levou as duas para tomarem chá no velho moinho de pedra. Estava trabalhando para uma publicação de engenharia e escrevendo um boletim semanal para o *New York Sun*. Desagradou Alice chamando Washington de cloaca e poço de tédio e dizendo que apodrecia ali e que de qualquer modo a maioria dos habitantes estava morta do pescoço para

cima. Quando as pôs no bonde para voltarem a Georgetown, Alice disse enfaticamente que o jovem Burnham não era o tipo de rapaz que uma moça respeitável devesse conhecer. Janey recostou-se feliz no banco do bonde aberto, olhando as árvores, as moças em vestidos de verão, os homens de chapéus palheta, as caixas de correspondência, as frentes das lojas passando, e disse:

— Mas, Alice, ele é tão esperto... Deus, gosto de gente inteligente, você não?

Alice olhou-a, balançou a cabeça tristemente e não disse nada.

Naquela mesma tarde, foram ao hospital de Georgetown ver o Pai. Foi uma coisa horrível. A Mãe e Janey e o médico e a enfermeira sabiam que ele tinha câncer na bexiga e não podia viver por muito tempo, mas não admitiam isso nem para si mesmos. Acabavam de transferi-lo para um quarto particular, onde ficaria mais confortável. Isso custava uma fortuna e tinham de pagar uma segunda hipoteca sobre a casa. Já haviam gasto todas as economias de Janey, que ela mantinha numa conta bancária própria para um momento difícil. Naquela tarde, tiveram de esperar bastante. Quando a enfermeira saiu com um urinol de vidro coberto com uma toalha, Janey entrou sozinha.

— Olá, Pai — disse com um sorriso forçado.

O cheiro de desinfetante no quarto nauseava-a. Pela janela aberta, entravam o ar quente das árvores amolecidas pelo sol, sonolentos ruídos de tarde dominical, o crocitar de um corvo, um distante som de tráfego. O Pai tinha o rosto repuxado e retorcido para um lado. Seus bigodões pareciam pateticamente sedosos e brancos. Janey sabia que o amava mais do que a qualquer outra pessoa no mundo...

Tinha a voz fraca mas muito firme.

— Janey, estou no estaleiro, menina, e acho que nunca... você sabe melhor do que eu, os filhos da puta não querem me dizer... Escute, me fale de Joe. Tem notícias dele, não tem? Eu gostaria que ele não tivesse se alistado na marinha; não há futuro para um rapaz lá sem pistolão; mas estou feliz que tenha ido para o mar, puxou a mim... Eu contornei três vezes o Horn nos velhos tempos, antes de fazer vinte anos. Isso foi antes de me instalar com o negócio de rebocadores, sabe... Mas tenho pensado, aqui deitado nesta cama, que Joe fez o mesmo que eu faria, é uma lasca do velho tronco, e estou satisfeito. Não me preocupo com ele, mas queria que vocês meninas se casassem e saíssem de minhas mãos. Ia me sentir melhor. Não confio nas moças de hoje em dia, com essas saias acima dos tornozelos e tudo.

Os olhos do Pai passearam por toda ela com um gélido e frágil brilho que fez a garganta de Janey apertar-se quando ela tentou falar.

— Acho que sei cuidar de mim — ela disse.

— Tem de cuidar de mim agora. Dei o melhor de mim pra vocês crianças. Você não sabe o que é a vida, nenhuma de vocês, estiveram sempre protegidas e agora me embarcam pra morrer num hospital.

— Mas, Pai, o senhor mesmo disse que era melhor ir para um lugar onde tivesse melhor assistência.

— Eu não gosto dessa enfermeira noturna, Janey, ela me trata com muita rudeza. Diga isso a eles lá no escritório.

Foi um alívio quando chegou a hora de sair. Ela e Alice andaram pela rua sem nada dizer. Finalmente, Janey disse:

— Pelo amor de Deus, Alice, não fique amuada. Se ao menos soubesse como eu também odeio isso... oh, Deus do céu, eu queria...

— Que era que você queria, Janey?

— Oh, eu não sei.

Julho foi quente naquele verão; no escritório, trabalhava-se em meio ao contínuo zumbido de ventiladores elétricos, os colarinhos dos homens retorcidos e as moças o tempo todo cobertas de pó facial; só o sr. Dreyfus ainda parecia frio e impecavelmente bem vestido, como se acabasse de sair de uma chapeleira. No último dia do mês, Janey sentava-se por um minuto à sua mesa, juntando energia para ir para casa pelas ruas escaldantes, quando Jerry Burnham entrou. Tinha as mangas da camisa enroladas acima dos cotovelos e calças de linho branco e o paletó no braço. Perguntou-lhe como ia seu pai e disse que estava muito excitado com as notícias da Europa e gostaria de levá-la a jantar para poder falar com alguém que o acalmasse.

Estou aí com um carro de Bugs Dolan e não tenho carteira de motorista, mas acho que podemos dar uma fugida pela via expressa e nos refrescar um pouco assim mesmo.

Ela tentou recusar, porque tinha de ir para casa jantar e Alice ficava sempre muito amuada quando ela saía com Jerry, mas ele viu que ela realmente queria ir e insistiu.

Sentaram-se ambos no banco da frente do Ford e jogaram os casacos atrás. Rodaram uma vez pela via expressa, mas o asfalto parecia um forno. As árvores e o estagnado rio pardo cozinhavam na escuridão do fim da tarde como carne e legumes numa panela. O calor do motor sufocava-os. Jerry, o rosto vermelho, falava sem parar da guerra que se armava na Europa, dizendo que isso seria o fim da civilização e o sinal para uma revolução geral da classe operária, mas ele pouco estava ligando, e qualquer coisa

que o tirasse de Washington, onde se embrutecia na bebida, com o cérebro fervido pelo calor e pelo *Congressional Record*, seria ótimo para ele; estava cansado de mulheres que só queriam tomar seu dinheiro ou festas ou casamentos ou qualquer outra maldita coisa semelhante e que era refrescante e tranquilizante falar com Janey, que não era assim.

Estava quente demais e deixaram o passeio de carro para mais tarde e foram ao Willard comer alguma coisa. Ele insistiu em ir ao Willard porque disse que estava com os bolsos cheios de dinheiro e ia gastá-lo mesmo e Janey ficou muito assustada, porque nunca fora a um grande hotel antes e achava que não estava vestida para isso e disse que receava envergonhá-lo e ele riu e disse que isso não aconteceria. Sentaram-se no grande e extenso restaurante dourado e Jerry disse que parecia um necrotério de milionários e o garçom foi muito cortês e Janey não podia decidir o que queria comer no grande cardápio e aceitou uma salada. Jerry fez com que ela bebesse um gin fizz, porque disse que era refrescante; a bebida fê-la sentir-se de cabeça leve e alta e desajeitada. Ela acompanhava a conversa dele sem fôlego, como antes corria atrás de Joe e Alec até as estações de bonde, quando era pequena.

Depois do jantar, passearam de carro mais um pouco e Jerry calou-se e ela se sentiu constrangida e não soube o que dizer. Foram à avenida Rhode Island e retornaram, passando pelo Lar dos Veteranos. Não havia ar em parte alguma e as luzes fixas dos postes, idênticas, passavam de ambos os lados, iluminando trechos de monótonas árvores paradas. Nem nas colinas soprava a menor brisa.

Nas estradas escuras além das luzes dos postes estava melhor. Janey perdeu todo o senso de orientação e reclinou-se para trás, respirando num ou noutro trecho o frescor de um campo de milho ou bosque. Num lugar onde uma fraca umidade, quase fria, cobria a estrada, Jerry parou de repente o carro e curvou-se sobre ela e beijou-a. O coração dela começou a bater muito rápido. Queria dizer-lhe que não, mas não podia.

— Eu não pretendia fazer isso, mas não posso evitar — ele sussurrou. — Washington enfraquece a força de vontade da gente... Ou talvez eu esteja apaixonado por você, Janey. Não sei... Vamos nos sentar no banco de trás, que é mais fresco.

A fraqueza começava na boca de seu estômago e espalhava-se por toda ela. Quando saltou do carro, ele a tomou nos braços. Ela deixou a cabeça cair no ombro dele, os lábios em seu pescoço. Os braços dele ardiam em seus ombros, sentia as costelas dele, por baixo da camisa, comprimindo-se contra seu corpo. A cabeça começou a girar, numa atmosfera de tabaco e bebida e suor másculo. As pernas dele começaram a pressionar as suas. Ela se soltou com um safanão e foi para o banco de trás. Tremia. Ele veio logo atrás. — Não, não — ela disse.

Ele sentou-se a seu lado, passou-lhe o braço pela cintura. — Vamos fumar um cigarro — disse em voz trêmula. Fumar deu-lhe alguma coisa para fazer, fez com que ela se sentisse em condições de igualdade com ele. As duas pontas vermelhas e granuladas dos cigarros ardiam lado a lado.

— Quer dizer que gosta de mim, Jerry?

— Estou louco por você, menina.

— Quer dizer que você...

— Quero casar com você... Por que diabos não? Eu não sei... E se ficássemos noivos?

- Quer dizer que quer que eu me case com você?

— Se você quiser... Mas não entende como um sujeito se sente... uma noite dessas... o cheiro do pântano... Deus, eu daria qualquer coisa pra ter você.

Acabaram os cigarros. Ficaram sentados um longo tempo sem dizer uma palavra. Ela sentia os pelos do braço nu dele contra seus braços nus.

— Estou preocupada com meu irmão Joe... Ele está na marinha, Jerry, e receio que vá desertar ou qualquer coisa assim... Acho que você gostaria dele. É um jogador de beisebol maravilhoso.

— Que faz você se lembrar dele? Se sente assim comigo? O amor é uma coisa ótima; diabos, não entende que não é o mesmo que você sente por seu irmão?

Pôs a mão no joelho dela. Ela sentia-o olhando-a na escuridão. Ele se curvou e beijou-a com toda a delicadeza. Ela gostou dos lábios dele assim delicados contra os seus. Beijava-os. Despencava através de séculos de noite pantanosa. Ele comprimia seu peito ardente contra os seios dela, forçando-a para baixo. Ela se agarraria a ele assim, forçando-a para baixo, por séculos e séculos de noite pantanosa. Então, de repente, num espasmo súbito, sentiu-se nauseada, arquejando em busca de fôlego, como se se afogasse. Começou a combatê-lo. Ergueu o joelho e atingiu-o com força na virilha.

Ele soltou-a e saltou do carro. Ela ouvia-o andando de um lado para outro da estrada, na escuridão às suas costas. Tremia e

estava assustada e nauseada. Após algum tempo, ele entrou, ligou os faróis e deu a partida, sem olhá-la. Fumava e pequenas faíscas desprendiam-se do cigarro enquanto ele dirigia.

Quando chegou à esquina da rua M, abaixo da casa dos Williams, em Georgetown, ele parou, saltou e abriu a porta para ela. Ela saltou, sem saber o que dizer, com medo de olhá-lo.

— Acho que você acha que eu devo me desculpar com você por ter sido um porco — ele disse.

— Jerry, eu sinto muito — ela disse.

— Diabos me levem se vou me desculpar... Achei que éramos amigos. Devia ter sabido que não há uma só mulher neste buraco imundo com uma centelha humana dentro de si... Acho que você acha que devia esperar pelos sinos do casamento. Vá em frente; isso é com você. Eu posso conseguir o que quero com qualquer prostituta negra rua abaixo, aqui mesmo... Boa noite.

Janey não disse nada. Ele partiu. Ela foi para casa e se meteu na cama.

Por todo aquele agosto seu pai agonizou, entupido de morfina, no hospital de Georgetown. Os jornais saíam todos os dias com grandes manchetes sobre guerra na Europa, Liège, Louvain, Mons. A Dreyfus e Carroll estava febril. Grandes processos sobre patentes de munições se seguiam. Começou-se a murmurar que o imaculado sr. Dreyfus era um agente do governo alemão. Jerry veio ver Janey uma tarde para desculpar-se por ter sido tão rude naquela noite e dizer-lhe que tinha um emprego como correspondente de guerra e partia dentro de uma semana para o front. Almoçaram juntos, um bom almoço. Ele falou de espiões e de intriga britânica e pan-eslavismo e o assassinato de Jaurès e a revolução socialista e riu o tempo todo e disse que tudo estava pra

ir pro inferno. Ela achou-o maravilhoso e quis dizer alguma coisa sobre seu noivado e se sentiu muito enternecida com ele e com medo de que fosse morto, mas de repente chegou a hora de voltar ao escritório e nenhum dos dois tinha levantado o assunto. Ele andou de volta até o Edifício Riggs com ela e se despediu e deu-lhe um grande beijo bem ali na frente de todo mundo e saiu correndo, prometendo escrever de Nova York. Nesse momento, Alice apareceu, a caminho da casa da sra. Robinson, e Janey viu-se dizendo a ela que estava noiva e ia casar-se com Jerry Burnham e que ele estava indo para a guerra na Europa como correspondente.

Quando o Pai morreu, em princípios de setembro, foi um grande alívio para todos os interessados. Apenas, voltando do Cemitério de Oak Hill, todas as coisas que ela queria quando criança voltaram-lhe, assim como a lembrança de Alec, e tudo parecia tão infeliz que ela não podia suportar. A Mãe estava muito calada e com os olhos muito vermelhos e dizendo que estava muito satisfeita por haver espaço no cemitério para ela também ser enterrada em Oak Hill. Teria odiado que ele fosse enterrado em outro cemitério que não Oak Hill. Era tão bonito e as pessoas mais bacanas de Georgetown eram enterradas ali.

Com o dinheiro do seguro, a sra. Williams refez a casa e preparou os dois andares de cima para alugar como apartamentos. Essa era a chance que Janey esperava há tanto tempo para ter um lugar só seu e ela e Alice arranjaram um quarto numa casa na avenida Massachusetts, perto da Biblioteca Carnegie, com direito a cozinha. Assim, numa tarde de sábado, telefonou de uma drugstore chamando um táxi e partiu com sua mala e seu baú e um monte de retratos emoldurados de seu quarto no assento ao lado. Os retratos eram duas reproduções em cores de índios, de

Remington, uma garota de Gibson, uma foto do vaso de guerra *Connecticut* no porto de Villefranche que Joe lhe mandara e uma fotografia ampliada de seu pai de pé à roda do leme de um navio imaginário, contra um céu tempestuoso, preparado por um fotógrafo de Norfolk, Virgínia. Depois havia duas reproduções em cores de Maxfield Parrish que ela comprara recentemente e um instantâneo emoldurado de Joe em uniforme de beisebol. O retratinho de Alec, ela o embrulhou com as outras coisas dentro da mala. O táxi tinha um cheiro rançoso e chacoalhava pelas ruas. Era um seco dia de outono, as sarjetas estavam cheias de folhas secas. Janey sentia-se assustada e excitada como se iniciasse sozinha uma viagem.

Nesse outono, leu muitos jornais e revistas e *O amado vagabundo*, de W. J. Locke. Começou a odiar os alemães, que estavam destruindo a arte e a cultura, a civilização, Louvain. Esperava uma carta de Jerry, mas a carta nunca chegava.

Uma tarde, vinha saindo do escritório um pouco tarde, e quem estava parado no saguão dos elevadores senão Joe?

— Olá, Janey — ele disse. — Puxa, você parece um milhão de dólares. — Ela estava tão feliz por vê-lo que mal podia falar, pôde apenas apertar forte o braço dele. — Acabo de receber minhas contas... Achei melhor vir aqui ver meus velhos antes de gastar tudo... Vou sair com você e lhe pagar um grande jantar e um teatro, se você quiser...

Estava queimado de sol e tinha os ombros mais largos do que quando partira. As mãos grandes e os pulsos nodosos emergiam de um terno azul de aparência nova, muito apertado na cintura. As mangas também pareciam curtas.

— Foi a Georgetown? — ela perguntou.

— Fui.

— Subiu até o cemitério?

— A Mãe queria que eu fosse, mas para quê?

— Coitada da Mãe, é tão sentimental sobre isso...

Saíram andando. Joe não dizia nada. Era um dia quente. A poeira soprava rua abaixo.

Janey disse:

— Joe, querido, você precisa me contar tudo sobre suas aventuras... Deve ter estado em alguns lugares maravilhosos. É emocionante ter um irmão na marinha.

— Janey, feche a matraca sobre a marinha, está bem? Não quero ouvir falar. Eu desertei em B. A., sabe, e embarquei para o Oriente num navio inglês... Era uma vida de cão também, mas qualquer coisa é melhor que a marinha dos Estados Unidos.

— Mas, Joe...

— Não é nada pra se preocupar...

— Mas, Joe, que aconteceu?

— Você não vai dizer uma palavra disso para ninguém, está bem, Janey? Sabe, eu tive uma briga com um oficial subalterno, que tentou me explorar demais. Dei-lhe um soco no queixo e derrubei ele, sabe, e as coisas ficaram pretas pra mim, e por isso eu dei o fora... Foi só isso.

— Oh, Joe, e eu que esperava que você chegasse a ser um oficial.

— Um praça chegar a oficial?... Bela chance.

Ela levou-o ao Mabillion, onde Jerry a levara. À porta, Joe espiou para dentro, criticamente.

- Esta é a melhor espelunca que você conhece, Janey? Eu estou com cem paus no bolso.

— Oh, isso aqui é muitíssimo caro... É um restaurante francês. E não deve gastar todo o seu dinheiro comigo.

— Com quem diabos mais você quer que eu gaste?

Joe sentou-se a uma mesa e Janey foi telefonar para Alice, dizendo que só chegaria em casa tarde. Quando voltou à mesa, Joe tirava do bolso uns embrulhinhos feitos com papel de embalagem vermelho com listras verdes.

— Oh, que é isso?

— Abra eles, Janey... São seus.

Ela abriu os embrulhos. Eram umas golas de renda e uma toalha de mesa bordada.

— A renda é irlandesa e essa outra é da Madeira... Eu ia trazer um vaso chinês pra você também, mas um filho da pu... um desgraçado me roubou.

— Foi muita bondade sua pensar em mim... Eu agradeço.

Joe mexia com o garfo e a faca.

— A gente tem de se apressar, Janey, senão fica tarde para o espetáculo... Comprei entradas para *O Jardim de Alá*.

Quando saíram do Belasco para a praça Lafayette estava frio e silencioso, com um farfalhar do vento nas árvores, Joe disse:

— Não é grande coisa; eu vi uma verdadeira tempestade de areia uma vez.

E Janey sentiu-se mal por seu irmão ser tão rude e mal-educado. A peça fizera-a sentir-se como quando era pequena, cheia de vagos anseios por países estrangeiros e cheiros de incenso e olhos negros e duques de casacas jogando dinheiro fora nas mesas de jogo de Monte Carlo, monges e o Oriente misterioso. Se ao menos Joe fosse um pouco mais bem-educado, teria podido realmente apreciar todos os portos interessantes que visitara. Ele deixou-a na varanda da casa na avenida Massachusetts.

— Onde você vai ficar, Joe? — ela perguntou.

Acho que vou voltar pra Nova York e pegar um navio. A marinha é um bom ofício com essa guerra em andamento.

— Quer dizer esta noite?

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu queria ter uma cama pra você, mas não posso, por causa de Alice.

— Não, não quero ficar neste monturo... Só vim dar um olá.

— Bem, boa noite, Joe, não deixe de escrever.

— Boa noite, Janey. Escrevo, sim.

Ela ficou observando-o descer a rua até perdê-lo de vista nas sombras de uma árvore. Fazia-a infeliz vê-lo descer sozinho a rua escura. Não era exatamente o gingado do marinheiro, mas parecia um operário, sem dúvida. Ela deu um suspiro e entrou em casa. Alice esperava-a acordada. Ela mostrou à outra a renda e experimentaram as golas e concordaram em que eram muito bonitas e valiosas.

Janey e Alice divertiram-se muito nesse inverno. Passaram a fumar cigarros e a servir chá às amigas nas tardes de domingo. Liam romances de Arnold Bennet e julgavam-se celibatárias. Aprenderam a jogar bridge e encurtaram as saias. No Natal, Janey ganhou uma gratificação de cem dólares e um aumento de salário para vinte por semana na Dreyfus e Carroll. Começou a dizer a Alice que ela era uma boba ficando na casa da sra. Robinson. Para si mesma, começou a ter ambições de fazer uma carreira no comércio. Não mais tinha medo dos homens e trocava piadinhas com os jovens funcionários no elevador sobre coisas que a teriam feito ruborizar no ano anterior. Quando Johnny Edwards ou Morris Byer a levavam ao cinema à noite, não se incomodava que passassem os braços em torno dela, ou que a

beijassem uma ou duas vezes enquanto ela remexia na bolsa à procura das chaves. Sabia exatamente como pegar a mão de um rapaz pelo pulso e repeli-la sem fazer nenhum escândalo, quando ele tentava muita intimidade. Quando Alice lhe advertia que os homens tinham uma só ideia na cabeça, ela ria e dizia:

— Oh, eles não são tão espertos.

Descobriu que um pouco de água oxigenada na água, ao lavar o cabelo, tornava-o mais louro e tirava aquela aparência de pelo de rato. Às vezes, quando se preparava para sair à noite, punha um pouco de ruge no dedo mínimo e esfregava-o com muito cuidado nos lábios.

O Olho da Câmera (15)

na boca do Schuylkill o sr. Pierce veio a bordo com noventa e seis anos e sadio como um dólar Fora mensageiro no escritório do sr. Pierce na época em que Ele se alistara e perdera a batalha de Antietam por ter pegado uma disenteria tão grave e a filha do sr. Pierce sra. Black chamava-O Jack e fumava cigarrinhos pardos e tocávamos *Fra Diavolo* no fonógrafo e todo mundo ficava muito alegre quando o sr. Pierce puxava suas suíças e tomava um cordial e a sra. Black acendia um cigarro atrás do outro e falavam sobre os tempos antigos e que o pai d'Ele queria que Ele fosse padre e a mãe tinha muito problema para juntar dinheiro bastante para alimentar aquela família de meninos comilões e o pai d'Ele era um homem calado e falava quase só português e quando não gostava da maneira como um prato era cozido pegava-o e jogava-o pela janela e Ele queria ir

para o mar e estudou Direito na universidade e no escritório do sr. Pierce Ele cantava

Oh quem pode saber a alegria que ele sente
Quando sobre a espuma seu navio desliza

e Ele preparava um cordial e o sr. Pierce puxava as suíças e todo mundo estava muito alegre e falavam da escuna *Mary Wentworth* e que o coronel Hodgeson e o padre Murphy pareciam tão duros no vidro animado e Ele preparava um cordial e o sr. Pierce puxava as suíças e a sra. Black fumava os pequenos cigarrinhos pardos um atrás do outro e todo mundo estava muito alegre com *Fra Diavolo* tocando no fonógrafo e o cheiro do porto e as lanchas e o Delaware todo ondulado de prata era antes só pântanos ali onde íamos caçar patos e Ele cantava *Vittoria* com o fonógrafo

e o padre Murphy teve um terrível ataque de gota e teve de ser carregado numa folha de janela e o sr. Pierce com noventa e seis anos e sadio como um dólar tomou um gole de cordial e puxava as suíças onduladas de prata e o cheiro do porto vinha no vento fresco e a fumaça das docas em Camden e uísque barato de limão açucarado cheiro de copos de cordial e todo mundo muito alegre

Jornal da Tela XII

GREGOS EM BATALHA FOGEM DA POLÍCIA

Passageiros em Vagão Dormitório Despertados
sob Mira de Pistola

Corre, rio, corre
Desce para o mar
Luminoso rio me traga minha amada
de volta para mim

LUTA EM TORREÓN

no fim da última campanha, escreve Champ Clark, o brilhante congressista do Missouri, eu quase caíra exausto de tanto trabalho, tensão nervosa, perda de sono e apetite e discursos constantes, mas três garrafas da Electric Bitters me puseram novo

ROOSEVELT É ELEITO LÍDER DE NOVO PARTIDO

GARGANTA DE BRYAN CORTADA POR CLARK; AJUDA PARKER

É verdade, minha amada, é verdade,
Estou tentando ao máximo ser
Mas ouça-me dizer
É um caminho muito, muito longo
Das margens do Sena

o crime pelo qual Richardson foi sentenciado à morte na cadeira elétrica foi o assassinato confesso de sua ex-namorada Avis Linnell, de dezenove anos e moradora de Hyannis, aluna do Conservatório de Música da Nova Inglaterra, em Boston.

A moça atrapalhava o casamento do ministro com uma jovem da sociedade e herdeira de Brookline tanto por um noivado que ainda existia entre os dois quanto devido ao estado em que a srta. Linnell se achava.

A moça foi enganada para tomar veneno dado por Richardson que ela acreditava fosse remediar aquele estado e morreu em seu quarto na Associação Cristã de Moças.

ROOSEVELT DIZ PELA PRIMEIRA VEZ COMO OS USA ADQUIRIRAM O PANAMÁ

CEM MIL PESSOAS INCAPAZES DE ENTRAR NO GRANDE SALÃO ECOAM OS APLAUSOS

ao jantar o governador disse que não tivera notícias diretas do sr. Bryan durante o dia. "Pela atual taxa de ganhos", disse o sr. Wilson, "após ler os resultados da décima quinta urna, calculo que terei 175 votos a mais para me eleger"

Rapaz Ruivo Diz que Histórias de Dinheiro Fácil Levaram-no ao Crime

o interesse no caso intensificou-se a 20 de dezembro quando se soube que o ex-clérigo se mutilara em sua cela na prisão da rua Charles

CINCO HOMENS MORREM DEPOIS DE CHEGAREM AO POLO SUL

DÍAZ ATRAI FOGO PESADO NA SEÇÃO COMERCIAL

É um caminho muito, muito longo
Das margens do Sena
Para uma moça fazer e chegar
Às margens do Saskatchewan

O Jovem Orador do Platte

Foi na Convenção de Chicago em '96 que o jovem orador premiado, filho de um pastor cujos lábios jamais haviam tocado bebida, soltou sua voz de prata de tal modo que encheu o saguão gigantesco e os ouvidos das pessoas simples:

Sr. Presidente e cavalheiros da convenção:
Eu seria de fato presunçoso
apresentando-me contra
os distintos cavalheiros aos quais os senhores ouviram,
se isto fosse uma simples medição de capacidades;
mas aqui não se trata de uma disputa entre pessoas.
O mais humilde cidadão de todo o país
quando veste a armadura de uma causa justa
é mais forte que todas as hostes do erro.
Vim falar aos senhores em defesa de uma causa tão santa
como é a causa da Liberdade...

um homem ameninado e falador de gravata branca
político em campanha, exortador, evangelista,
sua voz encantou os fazendeiros cobertos de hipotecas das grandes planícies, soou por escolas de tábuas no vale do Missouri, foi doce aos ouvidos dos pequenos lojistas famintos de crédito fácil, derreteu as entranhas dos homens como o canto de um tordo ou pintassilgo no silêncio cinza antes do alvorecer, ou o súbito brotar no trigo do inverno, ou um clarim tocando ordens e a bandeira drapejando;

língua de prata da gente simples:

... o homem que é empregado por salário é tão homem de negócio quanto seu patrão;

o advogado numa cidadezinha da roça é tão homem de negócio quanto o da grande corporação numa metrópole gigante;

o vendedor numa loja de encruzilhada é tão homem de negócio quanto o de Nova York;

o agricultor que sai pela manhã e trabalha o dia todo, que começa na primavera e moureja todo o verão, e que pela aplicação do cérebro e dos músculos aos recursos naturais do campo cria riqueza, é tão homem de negócio quanto o homem que vai para a Bolsa e aposta no preço do grão;

os mineiros que descem centenas de metros terra adentro,
ou sobem o dobro disso em rochedos
e arrancam de seus esconderijos
os metais preciosos
a serem despejados nos canais do comércio,
são tão homem de negócio
quanto os poucos magnatas financeiros
que

num quarto dos fundos
cercaram o dinheiro do mundo.

O assalariado e o advogado rural empertigavam-se e ouviam,

aquilo era falar bem para o agricultor que hipotecava sua colheita para comprar fertilizante, falar bem para o dono de armazém de cidadezinha, o homem da mercearia, o comerciante de alimentos e milho, o agente funerário, o chacareiro...

Tendo por trás de nós
as massas produtoras
deste país e do mundo,
apoiadas pelos interesses comerciais, os interesses trabalhistas
e os mourejadores de toda parte,
responderemos
à demanda deles
de um padrão ouro
dizendo-lhes:
Vocês não imporão à testa do trabalhador essa coroa de espinhos,
vocês não crucificarão a humanidade numa cruz de ouro.

Eles rugiam até arrebentar os pulmões (*coroa de espinhos e cruz de ouro*)

carregavam-no nos ombros pelo salão, abraçavam-no, davam aos filhos o nome dele, indicavam-no para presidente,

jovem orador do Platte,

língua de prata da gente simples.

Mas McArthur e Forrest, dois escoceses no Rand, tinham inventado o processo do cianureto para extrair ouro do minério,

a África do Sul inundou o mercado de ouro; não havia necessidade de um profeta da prata.

A língua de prata prosseguiu cantando com sua grande boca, cantando o pacifismo, a Lei Seca, o fundamentalismo,
mordiscando rabanetes na plataforma de conferência,
bebendo suco de uva e água,
engolindo grandes refeições da região do milho;
Bryan tornou-se grisalho no ar quente das tendas de Chautauqua, nos aplausos, apertos de mão, tapinhas nas costas, no ar cheio de fumaça de charutos das salas de comícios das convenções democratas, uma língua de prata numa boca grande.

Em Dayton, sonhou em aplicar novamente o seu truque, de fazer retroceder os relógios para a gente simples, estigmatizando, açoitando, fazendo uma grande piada
do darwinismo e da visão ateia da gente das cidades, cientistas, estrangeiros de barba e moral de macaco.

Na Flórida, falava todos os dias ao meio-dia numa balsa sob uma tenda que vendia lotes para a Coral Gables... tinha de falar, sentir as vozes arrastadas calarem-se, sentir os tensos ouvidos aprovadores, a rajada de palmas.

Por que não fazer campanha de novo a torto e a direito
para equilibrar de novo a oscilante palavra para a gente
simples que queria a simples palavra de Deus?
(*coroa de espinhos e cruz de ouro*)
a simples próspera reconfortante palavra de Deus

para simples prósperas confortáveis pessoas americanas médias?

Ele comia muito. Fazia calor. Um ataque matou-o.

Três dias depois lá na Flórida a companhia entregou o cavalo elétrico que ele encomendara para se exercitar quando vira o cavalo elétrico com que o presidente se exercitava na Casa Branca.

O Olho da Câmera (16)

estava quente como um forno a passagem pelo canal de Delaware e tartarugas tomavam sol e caíam na grossa onda ocre que fazíamos ao passar e Ele estava muito alegre e Ela se sentia bem para variar e Ele preparou-nos um ponche de chá e menta e um pouco de rum Saint Croix mas estava quente como as dobradiças do Delaware e víamos sanhaços escarlates e pássaros pretos e peixes grandes cacarejavam irados quando a onda amarela da proa branca agitava os juncos e as tifáceas e os cálamos e Ele falava da reforma da lei e como eram os políticos e onde estavam os homens de bem neste país e dizia Por que pensando como penso não fui eleito notário público em nenhum município do estado não com todo o dinheiro do mundo nem mesmo para pegador de cachorro

J. Ward Moorehouse

Ele nasceu em Wilmington, Delaware, no Quatro de Julho. A pobre da sra. Moorehouse ouviu as bombinhas explodindo e estalando na frente do hospital durante todo o trabalho de parto. E quando acabou e trouxeram-lhe o bebê, perguntou à enfermeira numa voz trêmula e rouca se achava que aquilo podia afetar a criança, aquele barulho todo, influência pré-natal, você sabe. A enfermeira disse que o menininho cresceria e se tornaria um grande patriota e provavelmente presidente, nascendo no Glorioso Quatro, e contou uma longa história de uma mulher que se assustara porque um mendigo da cidade estendera de repente a mão bem debaixo de seu nariz pouco antes de a criança nascer e a criança nascera com seis dedos, mas a sra. Moorehouse estava fraca demais para ouvir e adormeceu. Mais tarde apareceu o sr. Moorehouse, a caminho de casa, vindo do depósito onde trabalhava como agente da estação, e decidiram chamar o garoto John Ward, nome do pai da sra. Moorehouse, que era agricultor em Iowa e estava bastante bem de vida. Depois o sr. Moorehouse foi ao Healy's encher a cara porque era pai e porque era o Glorioso Quatro e a sra. Moorehouse adormeceu de novo.

Johnny cresceu em Wilmington. Tinha dois irmãos, Ben e Ed, e três irmãs, Myrtle, Edith e Hazel, mas todos diziam que ele era o garoto brilhante da família, além de ser o mais velho. Ben e Ed eram mais fortes e maiores, mas ele era o campeão de bola de gude da escola pública, ganhando considerável fama um semestre por um negócio que dirigiu com a ajuda de um menininho judeu chamado Ike Goldberg; os dois conseguiam alugar cada dez bolas aos outros meninos por um centavo a semana.

Quando irrompeu a Guerra Espanhola, todo mundo em Wilmington se encheu de entusiasmo marcial, todos os garotos insistiam com os pais para que lhes comprassem uniformes Rough Rider e brincavam de corsários e de guerras de índios Pawnee e de coronel Roosevelt e de Lembrem-se do *Maine* e da Frota Branca e do *Oregon* navegando através do estreito de Magalhães. Johnny estava no porto uma tarde de verão quando o esquadrão do almirante Cervera foi avistado passando pelos Delaware Capes, em formação de batalha, por um destacamento da milícia, que imediatamente abriu fogo sobre um velho negro que catava caranguejo no rio. Johnny correu para casa como Paul Revere e a sra. Moorehouse reuniu os seis filhos e, metendo dois deles num carrinho de bebê e arrastando os outros quatro atrás, dirigiu-se à estação ferroviária para encontrar-se com o marido. Na hora em que decidiram saltar no próximo trem para Filadélfia, veio a notícia de que o esquadrão espanhol eram apenas alguns barcos que pescavam savelhas e que os milicianos estavam sendo confinados aos quartéis por bebedeira. Quando o velho negro arrastou sua última linha de caranguejos, remou para a margem e exibiu aos amigos vários buracos de bala no lado de seu barco.

Quando Johnny se formou no ginásio como chefe da turma de debates, orador da classe e vencedor do prêmio de ensaios, com um ensaio intitulado "Roosevelt, o homem do momento", todos acharam que ele devia ir para a faculdade. Mas a situação financeira da família não era nada boa, disse o pai, balançando a cabeça. A pobre sra. Moorehouse, que estava doente desde o nascimento do último filho, fora levada a um hospital para submeter-se a uma operação e ia ficar lá por algum tempo ainda.

Os filhos mais novos tinham tido sarampo, coqueluche, escarlatina e caxumba o ano todo. A amortização da casa estava vencida e o sr. Moorehouse não obtivera o aumento esperado naquele Ano-novo. Assim, em vez de obter um emprego como agente assistente de fretes ou colher pêssegos nos arredores de Dover, como fizera nos outros verões, Johnny percorreu Delaware, Maryland e Pensilvânia como agente de uma firma distribuidora de livros. Em setembro, recebeu uma nota de congratulações da firma, dizendo que Johnny era o primeiro agente que ela já tinha tido que vendera cem coleções sucessivas da *História dos Estados Unidos*, de Bryant. Por força disso, ele foi para a Filadélfia Ocidental e candidatou-se a uma bolsa de estudos na Universidade da Pensilvânia. Conseguiu a bolsa, passou nos exames e matriculou-se como calouro, indicando B. S. como o grau que queria colar. No primeiro semestre, viajava de Wilmington até lá, para economizar a despesa com um quarto. Aos sábados e domingos, ganhava um dinheirinho conseguindo assinaturas para o *Lectures*, de Stoddard. Tudo teria dado certo se o pai não houvesse escorregado no gelo nos degraus da estação uma manhã de janeiro, no segundo ano universitário de Johnny, e fraturado o quadril. Foi levado para o hospital e seguiu-se uma complicação após outra. Um rabulazinho, na verdade Ike Goldberg, foi visitar Moorehouse, que jazia deitado com a perna engessada para cima, e induziu-o a processar a ferrovia pedindo cem mil dólares, pela lei de responsabilidade pelos empregados. Os advogados da ferrovia arranjaram testemunhas que provaram que Moorehouse andava bebendo muito e o médico que o examinara mostrou que ele apresentava sinais de ter bebido na manhã da queda, e assim, em meados do verão, ele saiu capengando do hospital, de muletas,

sem emprego nem compensação alguma. Esse foi o fim da educação universitária de Johnny. O incidente deixou-lhe na mente uma duradoura raiva contra a bebida e contra o pai.

A sra. Moorehouse teve de escrever pedindo ajuda ao seu pai para salvar a casa, mas a resposta dele demorou tanto que o banco executou a hipoteca antes que ela chegasse e de qualquer modo não teria adiantado muito, porque eram apenas cem dólares em notas de dez, num envelope registrado, que quase só deram para pagar as despesas de mudança para um andar numa casa de madeira de quatro famílias, perto dos pátios de manobra dos trens de carga da Pensilvânia. Ben deixou o ginásio e arranjou um emprego como auxiliar de agente de trem de carga e Johnny entrou no escritório de Hillyard e Miller, corretores imobiliários. Myrtle e a mãe faziam tortas à noite e bolos de anjo para mandar para a Bolsa Feminina e o sr. Moorehouse sentava-se numa cadeira de inválido na sala da frente maldizendo os rábulas e os tribunais e a Estrada de Ferro da Pensilvânia.

Aquele foi um ano ruim para Johnny Moorehouse. Tinha vinte anos, não bebia nem fumava e mantinha-se puro para a adorável mocinha com quem ia casar-se, uma garota de organdi rosa com cachos dourados e uma sombrinha. Sentava-se no bolorento escritoriozinho de Hillyard e Miller, fazendo listas de casas de cômodos para aluguel, quartos mobiliados, apartamentos, bons lotes à venda, e pensando na Guerra dos Bôeres e em *A vida ativa** e na garimpagem de ouro. De sua mesa, via pela vidraça suja um tre-

---

* *A vida ativa* (*The Strenuous Life*) é o título de um discurso de Theodore Roosevelt, de 1899, que defende o trabalho duro e a superação das dificuldades como ideais dos Estados Unidos para o século vinte. [N. E.]

cho da rua de casas de madeira e um par de olmos. Defronte da janela havia no verão um pega-moscas cônico de arame, onde os insetos capturados zumbiam e chiavam, e no inverno uma estufazinha aberta que emitia um débil assobio próprio. Atrás dele, do outro lado de uma divisória de vidro que não chegava ao teto, o sr. Hillyard e o sr. Miller sentavam-se um defronte ao outro a uma grande mesa dupla, fumando charutos e mexendo com papéis. O sr. Hillyard era um homem de rosto cavo e cabelos negros um tanto compridos demais, que outrora fazia uma bela reputação como advogado criminalista quando, devido a um escândalo que ninguém jamais mencionava, pois todos concordavam em Wilmington que ele pagara o seu preço, fora expulso da associação dos advogados. O sr. Miller era um homenzinho de cara redonda, que morava com a mãe idosa. Fora forçado a entrar no negócio imobiliário pelo fato de o pai morrer deixando-lhe terrenos de construção espalhados por Wilmington e pelos arredores de Filadélfia e nada mais para ganhar a vida. O trabalho de Johnny era sentar-se na antessala e mostrar-se cortês com os compradores em perspectiva, relacionar as propriedades, cuidar da publicidade, datilografar as cartas da firma, esvaziar as cestas de papéis e retirar as moscas mortas do pega-moscas, levar clientes a visitar apartamentos, casas e terrenos de construção e ser prestativo e agradável em geral. Foi nesse emprego que descobriu que tinha um par de brilhantes olhos azuis e podia assumir um atraente ar juvenil que agradava às pessoas. Velhas senhoras em busca de casas pediam especialmente que aquele simpático jovem lhes mostrasse as propriedades, e homens de negócios que apareciam para um papo com o sr. Hillyard ou o sr. Miller cumprimentavam-no com a cabeça, assumiam ares de entendedores e diziam:

— Rapaz brilhante, esse aí.

Ele ganhava oito dólares por semana.

Além de *Vida ativa* e da mocinha adorável que se apaixonaria por ele, outra coisa ocupava a mente de Johnny Moorehouse enquanto se sentava ali relacionando boas moradias de cinco ou sete quartos, sala de estar, sala de jantar, cozinha e copa, três suítes com banheiro, quarto de empregada, água, energia elétrica, gás, localização saudável em chão de cascalho e numa área residencial restrita: queria ser compositor popular. Tinha uma bela voz de tenor e cantava muito bem *Larboard watch Ahoy*, ou *I dreamed I dwelt in Marble Halls*, ou *Through pleasures and palaces sadly I roam*. Nas tardes de domingo, tomava lições de música com a srta. O'Higgins, uma irlandesazinha enrugada, solteirona, de cerca de trinta e cinco anos, que lhe ensinava noções básicas de piano e ouvia com arrebatamento suas composições originais e as anotava numa pauta já preparada quando ele chegava. Uma música que começava assim:

Oh, mostre-me o estado onde os pêssegos florescem
Onde as moças são belas... É o Delaware

foi por ela considerada bastante boa para enviar a um editor da Filadélfia, mas o editor a devolveu, como devolveu a seguinte que ele fez e que a srta. O'Higgins — ele a chamava Marie a essa altura, e ela declarava que não podia receber nenhum tostão por suas aulas, pelo menos não até que ele ficasse rico e fizesse um nome — que Marie chorou ao ouvir e disse que era tão linda quanto as de MacDowell. Começava

A prateada baía de Delaware

Rola em botões de pêssego até o mar
E quando meu coração se curva cauteloso
A doce lembrança dela me volta.

A srta. O'Higgins tinha uma salinha de visita com cadeiras douradas, onde dava suas aulas de música. Tinha pesadas cortinas corrediças e portières cor de salmão que ela comprara num leilão. No centro, ficava uma mesa de nogueira preta com altas pilhas de álbuns negros e gastos. Nas tardes de domingo, após as aulas, ela trazia chá e bolos e torrada com canela e Johnny sentava-se ali esparramado numa poltrona coberta com uma capa colorida verão e inverno, porque estava muito gasta, e exibia olhos muito azuis e falava das coisas que pretendia fazer e contava piadas sobre os srs. Hillyard e Miller e ela lhe contava histórias de grandes compositores e ficava com as faces rubras e sentia-se quase linda e achava que afinal não havia tanta disparidade entre suas idades. Ela sustentava com as aulas de música uma mãe inválida e um pai que fora um renomado barítono e patriota em Dublin, em seus dias de juventude, mas passara a beber e estava loucamente apaixonada por Johnny Moorehouse.

Johnny Moorehouse trabalhava na Hillyard e Miller sentado num escritório abafado, sufocando quando não tinha nada para fazer, até achar que ia enlouquecer e correr pelas ruas e matar alguém, mandando músicas para editores que sempre as devolviam, lendo o *Success Magazine*, cheio de doloroso anseio pelo futuro: fugir de Wilmington e dos resmungos e cachimbos do pai e da algazarra dos irmãos e irmãs pequenos e do cheiro de carne enlatada e repolho e do rosto enrugado e arrasado da mãe com aquelas mãos gastas pelo trabalho.

Mas um dia foi enviado a Ocean City, Maryland, para fazer um relatório sobre alguns terrenos que a firma tinha relacionados lá. O próprio sr. Hillyard teria ido se não estivesse com um carbúnculo no pescoço. Ele deu a Johnny a passagem de ida e volta e dez dólares para a viagem.

Era uma quente tarde de julho. Johnny correu para casa a fim de fazer a mala e mudar de roupa e chegou à estação justo a tempo de pegar o trem. A viagem foi quente e pegajosa, através de plantações de pêssegos e bosques de pinheiros, sob um ardente céu de ardósia que se refletia nos trechos arenosos e nos campos de trigo irregulares e nos barracos caiados e nos pântanos. Johnny tirou o paletó de seu terno de flanela cinza e dobrou-o no assento ao lado, para evitar que se amassasse, e pôs o colarinho e a gravata em cima, para que estivessem limpos ao chegar, quando notou uma moça de olhos negros num vestido rosa franzido e um grande chapéu de pluma branca sentada do outro lado do corredor. Era bem mais velha que ele e parecia o tipo de senhora elegante que viajaria no carro-salão, em vez de num vagão comum. Mas Johnny refletiu que não havia carro-salão naquele trem. Sempre que não estava olhando para ela, sentia que ela o observava.

A tarde escureceu e começou a chover, grandes gotas espocavam contra os vidros da janela. A moça de franzido rosa esforçava-se por baixar a janela. Ele apressou-se a baixá-la para ela.

— Permita-me — disse.

— Obrigada. — Ela ergueu o olhar e sorriu dentro dos olhos dele. — Oh, é tão imundo neste trem horrível.

Mostrou-lhe suas luvas brancas todas manchadas pelos fechos da janela. Virou inteiramente o rosto para ele. Era um rosto

moreno e irregular, com feias rugas que desciam do nariz aos cantos da boca, mas os olhos deixaram-no excitado.

– Não vai achar muito não convencional de minha parte se conversarmos, vai? — ela perguntou. — Estou morta de tédio neste trem horrível, e não há carro-salão, apesar do sujeito em Nova York ter jurado que havia.

— Aposto que está viajando o dia todo — disse Johnny, parecendo tímido e juvenil.

– Pior ainda. Eu vim de Newport, no barco, a noite passada.

A maneira casual como disse Newport espantou-o bastante.

— Estou indo para Ocean City.

— Eu também. Não é um lugar horrível? Eu não iria lá por um minuto se não fosse por papai. Ele finge gostar de lá.

– Dizem que Ocean City tem um grande futuro... Quer dizer, no ramo imobiliário — disse Johnny.

Houve uma pausa.

— Eu peguei o trem em Wilmington — disse Johnny com um sorriso.

— Lugar horrível, Wilmington... Não suporto.

— Eu nasci e me criei lá... Acho que é por isso que gosto — disse Johnny.

— Oh, eu não queria dizer que não haja pessoas muito boas em Wilmington... adoráveis famílias antigas... O senhor conhece os Rawlins?

— Oh, não faz mal... Eu não pretendo passar minha vida toda em Wilmington mesmo... Deus, olha só como chove.

Chovia tão forte que uma galeria desmoronou e o trem chegou com quatro horas de atraso a Ocean City. Quando desem-

barcaram, eles já eram bons amigos; trovejara e relampejara e ela ficara muito nervosa e ele bancara o forte e protetor e o vagão se enchera de mosquitos e os dois tinham sido devorados vivos e passado muita fome juntos. A estação estava escura como breu e não havia carregador e ele teve de fazer duas viagens para tirar as malas dela e mesmo assim quase esqueceram a valise de pele de jacaré dela e ele teve de retornar ao vagão uma terceira vez para pegá-la e à sua própria mala. A essa altura aparecera um negro com uma carruagem que dizia ser da Ocean House.

— Espero que o senhor esteja indo para lá também — ela disse.

Ele disse que ia e entraram, embora não tivessem onde pôr os pés de tanta mala. Não havia luzes na Ocean House, devido ao temporal. As rodas da carruagem rangiam sobre uma estrada de areia; de vez em quando esse som e o estalar da língua do cocheiro para os cavalos eram afogados pelo rugir das ondas na praia. A única luz era a da lua, sempre escondida por nuvens que passavam rápidas. A chuva parara, mas o ar carregado fazia parecer que outro aguaceiro desabaria a qualquer minuto.

— Eu certamente teria morrido no temporal se não fosse pelo senhor — ela disse; e então, de repente, ofereceu-lhe a mão, como um homem. — Me chamo Strang... Annabelle Marie Strang... Não é um nome engraçado?

Ele pegou a mão dela.

— Eu me chamo John Moorehouse... É um prazer conhecê-la, srta. Strang.

A palma da mão dela estava quente e seca. Pareceu apertar a dele. Quando ele a soltou, sentiu que ela esperara que a segurasse por mais tempo. Ela riu, um riso rouco e baixo.

— Agora estamos apresentados, sr. Moorehouse, e tudo está inteiramente certo... Eu certamente vou dizer a papai umas boas. Que ideia dele, de não esperar sua filha única na estação.

No escuro saguão do hotel, iluminado por duas lanternas sujas, ele viu-a, pelos cantos dos olhos, passar os braços em torno de um homem alto e de cabelos brancos, mas depois que escreveu John W. Moorehouse, com a caligrafia mais enérgica, no livro de registro, e recebeu a chave do quarto das mãos do recepcionista, os dois haviam desaparecido. Lá em cima, no quartinho revestido de pinho, fazia muito calor. Quando abriu a janela, o rugido das ondas entrou pelo enferrujado anteparo de tela, com o chocalhar da chuva no telhado. Ele mudou o colarinho e lavou-se na água morna que despejou da jarra radiada na bacia sobre o suporte e desceu ao restaurante para tentar arranjar algo de comer. Uma garçonete de dentes de cabra trazia-lhe a sopa quando a srta. Strang entrou, seguida pelo homem alto. Como a única lâmpada se achava na mesa à qual ele se sentava, vieram em sua direção, e ele se levantou e sorriu.

— Aqui está ele, papai — ela disse. — E o senhor deve a ele pelo cocheiro que nos trouxe da estação... sr. Morris, o senhor deve conhecer meu pai, o dr. Strang... É Morris, não é?

Johnny corou.

— Moorehouse, mas não faz mal... É um prazer conhecê-lo, senhor.

Na manhã seguinte, Johnny levantou-se cedo e foi ao escritório da Companhia de Construção e Imobiliária de Ocean City, que ficava num novo bangalô de telhas de ardósia manchadas de verde, na rua recém-aberta atrás da praia. Não havia chegado ninguém ainda, de modo que ele deu uma circulada pela cidade.

Era um dia abafado e cinzento e os bangalôs e as lojas de madeira e os barracos sem pintura ao longo da estrada de ferro pareciam bastante desolados. De vez em quando, ele dava um tapa para matar um mosquito no pescoço. Usava seu último colarinho limpo e preocupava-se com a possibilidade de ele ficar amassado. Sempre que deixava as calçadas de tábua, entrava-lhe areia nos sapatos e os carrapichos da praia grudavam-lhe nos tornozelos. Finalmente, encontrou um homem robusto, num terno de linho branco, sentado nos degraus do escritório imobiliário.

— Bom dia, senhor — disse. — É o coronel Wedgewood?

O homem gordo estava bastante sem fôlego para responder e apenas assentiu com a cabeça. Tinha um grande lenço de seda enfiado no colarinho, atrás, e com outro enxugava o rosto. Johnny entregou-lhe a carta que trazia de sua firma e ficou à espera de que o outro dissesse alguma coisa. O gordo leu a carta com as sobrancelhas franzidas e foi na frente em direção ao escritório.

— É esta asma — arquejou entre grandes chiados. — Tira meu fôlego quando tento me apressar. É um prazer conhecê-lo, meu filho.

Johnny ficou atrás do velho coronel Wedgewood o resto da manhã, com sua aparência juvenil e de olhos azuis, ouvindo cortesmente histórias da Guerra Civil e do general Lee e seu cavalo branco Traveller e comes e bebes antes da guerra na Margem Ocidental, acompanhou-o à loja a fim de pegar uma barra de gelo para o refrigerador, ouviu um pequeno discurso sobre o futuro de Ocean City como estação de veraneio — "Ora, que é que eles têm em Atlantic City ou Cape May que a gente não tenha aqui?", trovejava o coronel —, foi para o bangalô dele almoçar, perdendo assim o trem que devia ter tomado de volta a Wilmington, recusou

uma aguardente de hortelã — não bebia nem fumava —, mas ficou ao lado, com ar de admiração, enquanto o coronel servia e bebia duas boas talagadas para sua asma, usou seu sorriso e seus olhos azuis e seu andar bamboleante em cima da cozinheira negra do coronel, Mamie, e às quatro da tarde estava rindo do governador da Carolina do Norte e do governador da Carolina do Sul e aceitara um emprego na Companhia de Construção e Imobiliária de Ocean City a quinze dólares por semana, com um pequeno bangalô mobiliado de quebra. Retornou ao hotel e escreveu ao sr. Hillyard, anexando as escrituras dos terrenos e as contas de suas despesas, desculpou-se por deixar a firma sem dar um prazo mais longo, mas explicou que devia à sua família, que estava em grandes dificuldades, melhorar de vida o mais que pudesse; depois escreveu à mãe que ia ficar em Ocean City e pediu-lhe por favor que lhe enviasse suas roupas pelo expresso; perguntou-se se devia escrever à srta. O'Higgins, mas decidiu que não. Afinal, coisas passadas eram coisas passadas.

Depois de cear, foi à recepção pedir a conta, sentindo-se muito nervoso por medo de não ter dinheiro suficiente para pagar, e ia saindo com duas moedas de vinte e cinco centavos no bolso e a mala na mão quando encontrou a srta. Strang. Acompanhava-a um homem baixo e moreno, vestindo um terno de flanela branca, a quem ela apresentou como Monsieur de la Rochevillaine. Era francês mas falava bem o inglês.

— Espero que não esteja nos deixando — ela disse.

Não, madame, estou apenas me mudando para a praia, para um dos bangalôs do coronel Wedgewood.

O francês deixava-o nervoso; permanecia sorrindo, suave como um barbeiro, ao lado da srta. Strang.

— Oh, conhece nosso amigo gordo, então? Ele é um grande amigo de papai. Acho que é um pouco aborrecido demais com seu cavalo branco Traveller.

A srta. Strang e o francês sorriram ambos ao mesmo tempo, como se tivessem um segredo em comum. O francês continuava parado ao lado dela, oscilando à vontade sobre os calcanhares, como se estivesse ao lado de uma peça de mobiliário que lhe pertencesse e a exibisse a um amigo. Johnny teve a ideia de dar-lhe um direto no ponto onde a flanela branca se estufava.

— Não vai voltar mais tarde? Vai haver um baile. Adoraríamos tê-lo conosco.

— É, volte mesmo — disse o francês.

— Voltarei, se puder — disse Johnny, e saiu com a mala na mão, sentindo o colarinho pegajoso, e magoado. — Maldito francês — disse em voz alta.

Ainda assim, havia alguma coisa na maneira como a srta. Strang o olhava. Imaginava que estava se apaixonando.

Era um agosto quente, de manhãs paradas, as tardes avolumando-se sufocantes em aguaceiros. A não ser quando havia clientes para levar aos lotes de areia calcinada divididos em ruas, Johnny sentava-se sozinho no escritório, sob o ventilador elétrico de duas pás. Vestia flanela branca e uma camisa de tênis rosa arregaçada até os cotovelos, esboçando a descrição lírica de Ocean City (Maryland) que serviria de prefácio ao panfleto publicitário que era a menina dos olhos do coronel. "As ondas revivificantes do Atlântico batem nas cristalinas praias de Ocean City (Maryland)... o vento tônico dos pinheiros traz alívio aos asmáticos e aos tísicos... perto, o paraíso dos esportistas que é o Indian River estende seu largo estuário regurgitante de..." À tarde,

o coronel aparecia suando e chiando e Johnny lia-lhe o que escrevera e ele dizia:

— Bravo, meu rapaz, bravo.

E sugeria que o concluísse. E Johnny procurava mais um monte de palavras num dilapidado *Dicionário do século* e recomeçava.

Teria sido uma vida boa se ele não estivesse apaixonado. Às noites, mantinha-se longe da Ocean House. Toda vez que subia os rangentes degraus da varanda e passava por velhas balançando-se e abanando-se com leques de palmeira, e entrava pelas portas de tela no saguão, sentia que dessa vez encontraria Annabelle Marie sozinha, mas toda vez o francês estava com ela, tão sorridente e tranquilo e barrigudo quanto sempre. Os dois faziam muitas festas a Johnny e paparicavam-no como um cachorrinho ou uma criança precoce; ela ensinou-lhe a dançar o "Boston", e o francês, que ele descobriu ser um duque ou barão ou algo assim, oferecia-lhe bebidas e charutos e cigarros perfumados. Johnny recebeu um choque mortal quando descobriu que ela fumava, mas de algum modo isso combinava com duques e Newport e viagens ao estrangeiro e todo esse tipo de coisas. Ela usava um tipo de perfume almiscarado e aquele cheiro e o leve ranço da fumaça de cigarros em seus cabelos deixavam-no tonto e febril quando dançava com ela. Algumas noites, tentava cansar o francês jogando pool, mas então ela desaparecia no quarto e ele tinha de ir embora praguejando baixinho. Ao despir-se, sentia ainda uma cocegazinha de almíscar nas narinas. Estava tentando compor uma música:

Junto ao mar enluarado
Eu anseio por ti
Annabelle Marie...

Mas de repente aquilo soava demasiado idiota e ele punha-se a andar de um lado para outro em sua pequena varanda, de pijama, com os mosquitos zumbindo-lhe em torno da cabeça e o bater do mar e o escárnio das moscas e dos pequenos gafanhotos nos ouvidos, maldizendo ser jovem e sem escola e planejando como ganharia o bastante para expulsar todo maldito francês; então, seria a ele que ela amaria e respeitaria e ele não se importaria se ela tivesse alguns malditos franceses como mascotes se os quisesse. Cerrava os punhos e andava pela varanda murmurando:

— Diabos, eu posso conseguir.

Então, uma noite, encontrou Annabelle Marie sozinha. O francês se fora no trem do meio-dia. Ela pareceu feliz por ver Johnny, mas tinha obviamente alguma coisa em mente. Estava com muito pó no rosto e os olhos pareciam vermelhos; talvez houvesse chorado. Havia luar. Ela pôs a mão no braço dele.

— Moorehouse, vamos até a praia comigo — disse. Odeio a visão dessas galinhas velhas em suas cadeiras de balanço.

No caminho, que atravessava um gramado irregular, descendo para a praia, encontraram o dr. Strang.

— Que é que há com Rochevillaine, Annie? — ele perguntou. Era um homem alto, com uma testa alta. Tinha os lábios franzidos e parecia preocupado.

— Recebeu uma carta da mãe... Ela não o larga.

— Ele é maior, não é?

— Papai, o senhor não entende a nobreza francesa... O conselho da família não o deixará... Podiam bloquear a renda dele.

— Você tem o bastante para dois... Eu disse isso a ele.

— Oh, não fale mais nisso, está bem?

De repente, começou a choramingar como uma criança. Passou correndo por Johnny e voltou ao hotel, deixando-o e ao dr. Strang um defronte do outro, na estreita plataforma de tábuas. O dr. Strang viu Johnny pela primeira vez..

— Hum... desculpe-nos — disse o doutor ao passar roçando por Johnny e subir em largas passadas a trilha, deixando o rapaz descer até a praia e olhar a lua sozinho.

Mas nas noites seguintes Annabelle Marie andou pela praia com ele e Johnny começou a pensar que talvez ela não tivesse amado o francês tanto assim, afinal. Iam além dos esparsos bangalôs e acendiam uma fogueira e sentavam-se juntos olhando as chamas. Às vezes roçavam as mãos quando andavam; se ela queria levantar-se, ele segurava-lhe as duas mãos e puxava-a para si, sempre planejando puxá-la de vez e beijá-la, mas não tinha coragem.

Uma noite, fazia muito calor e ela de repente sugeriu que tomassem um banho.

— Mas não temos roupas.

— Nunca tomou banho sem elas? É muito melhor... Ora, garoto engraçado, vejo que está corando mesmo à luz da lua.

— Está me desafiando?

— Duplamente.

Ele subiu correndo a praia, até uma curta distância, tirou a roupa e entrou bem depressa na água. Não ousava olhar e teve apenas um vislumbre, pelos cantos dos olhos, de umas pernas e

uns seios brancos e uma onda espumando branca aos pés dela. Quando tornava a vestir-se, perguntava-se se queria casar-se com uma moça que saía nadando nua com um sujeito daquele jeito. Perguntava-se se ela fizera isso com o maldito francês.

— Você parecia um fauno de mármore — ela disse, quando ele voltou para junto da fogueira, onde ela enrolava o cabelo em torno da cabeça. Tinha os grampos na boca e falava por entre eles. — Um fauno de mármore bastante nervoso... Molhei meus cabelos.

Ele não pretendera, mas de repente puxou-a para si e beijou-a. Ela não pareceu de modo algum aborrecida, mas fez-se pequena nos braços dele e ergueu o rosto e beijou-o.

— Você se casaria com um sujeito como eu, sem um tostão?

— Eu não tinha pensado nisso, querido, mas me casaria, sim.

— Suponho que seja muito rica, e eu não tenho um centavo, e preciso mandar dinheiro para meus pais em casa... mas tenho perspectivas.

— Que tipo de perspectivas? — Ela puxou o rosto dele para baixo, assanhou-lhe o cabelo e beijou-o.

— Eu vou vencer nesse jogo imobiliário. Juro que vou.

— E o jogo dará certo, meu pobre coitado?

— Você não é tão mais velha que eu assim... Quantos anos tem, Annabelle?

— Bem, admito ter vinte e quatro, mas você não deve dizer isso a ninguém, nem sobre esta noite ou qualquer outra coisa.

— A quem eu iria dizer, Annabelle Marie?

Andando para casa, ela parecia ter alguma coisa em mente, porque não deu atenção a nada do que ele disse. Cantarolava baixinho.

Outra noite, estavam sentados na varanda da casa dele, fumando cigarros — ele agora fumava de vez em quando um cigarro, para fazer companhia a ela — e ele perguntou o que a preocupava. Ela pôs as mãos nos ombros dele e sacudiu-o.

— Oh, Moorehouse, você é tão tolinho... mas eu gosto disso.

— Mas alguma coisa deve estar preocupando você, Annabelle... Você não parecia preocupada no dia em que desembarcamos juntos do trem.

— Se eu lhe contasse... Deus, posso imaginar a sua cara. — Ela deu sua risada forte e áspera, que sempre o fazia sentir-se pouco à vontade.

— Bem, eu gostaria de ter o direito de obrigar você a me contar... Deve esquecer aquele maldito francês.

— Oh, você é tão inocentezinho — ela disse. E levantou-se e pôs-se a andar de um lado para outro na varanda.

— Não quer sentar, Annabelle? Não gosta de mim nem um pouquinho?

Ela passou a mão pelo cabelo dele, descendo-a até o rosto.

— É claro que gosto, coisinha de olhos azuis... Mas será que não vê que tudo isso está me levando à loucura, todos esses gatos velhos no hotel falam de mim como se eu fosse uma adúltera, porque de vez em quando fumo um cigarro em meu quarto... Ora, na Inglaterra, algumas das mulheres mais aristocráticas fumam em público, sem ninguém pra aporrinhar... E também estou preocupada com papai; ele está afundando muito dinheiro em imóveis. Acho que está perdendo a cabeça.

— Mas há todos os indícios de um grande progresso aqui. No devido tempo, será outra Atlantic City.

— Agora escute, quantos lotes foram vendidos este mês?

— Bem, não muitos... Mas há algumas vendas importantes pendentes... Tem aquela corporação que vai construir o novo hotel.

— Papai terá sorte se conseguir reaver cinquenta centavos de cada dólar investido... e fica me dizendo que sou cabeça oca. Ele é médico, não é nenhum mago financeiro, e devia compreender isso. Está certo alguém como você, que não tem nada a perder e quer subir na vida, se meter em imóveis... Quanto àquele gordo coronel, não sei se é um idiota ou um vigarista.

— Que tipo de médico é seu pai?

— Quer dizer que nunca ouviu falar do dr. Strang? É o mais conhecido especialista em nariz e garganta de Filadélfia... Oh, você é tão bonzinho... — Beijou-o no rosto — ... e ignorante... — beijou-o de novo — ... e puro.

— Eu não sou tão puro — ele apressou-se a dizer e olhou-a firme dentro dos olhos. Os rostos dos dois começaram a ruborizar-se, olhando-se um ao outro. Ela deixou a cabeça cair lentamente no ombro dele.

O coração dele martelava. Estava tonto com o cheiro dos cabelos dela e o perfume que ela usava. Fez com que ela se levantasse, com o braço em torno de seu ombro. Oscilando um pouco, a perna dela contra a dele, a rigidez de seu corpinho contra as costelas dele, os cabelos contra o rosto dele, puxou-a pela pequena sala de visitas até o quarto e fechou a porta atrás. Depois beijou-a tão fortemente quanto podia nos lábios. Ela sentou-se na cama e começou a tirar o vestido, um tanto friamente na opinião dele, mas já fora longe demais para recuar. Quando ela tirou o espartilho, jogou-o no canto do quarto.

— Pronto — disse. — Odeio essas malditas coisas. — Levantou-se e encaminhou-se para ele de camisola, tateando o rosto

dele no escuro. — Que é que há, querido? — sussurrou ardentemente. — Está com medo de mim?

Tudo foi muito mais simples do que Johnny esperara. Davam risadinhas juntos enquanto se vestiam. Voltando a pé pela praia até a Ocean House, ele pensava: "Agora ela tem de se casar comigo".

Em setembro, duas frias rajadas do Nordeste, logo após o Dia do Trabalho, esvaziaram a Ocean House e os bangalôs. O coronel falava mais entusiasticamente sobre o progresso iminente e sua campanha de publicidade, e bebia mais. Johnny fazia suas refeições com ele agora e não mais na pensão da sra. Ames. O panfleto foi concluído e aprovado e Johnny fizera algumas viagens a Filadélfia com o texto e as fotos para obter orçamentos dos impressores. Passar por Wilmington, no trem, sem saltar dava-lhe uma agradável sensação de independência. O dr. Strang parecia cada vez mais preocupado e falava em proteger seu investimento. Não haviam falado do noivado de Johnny com sua filha, mas isso parecia entendido. Os estados de espírito de Annabelle eram imprevisíveis. Continuava dizendo que estava morrendo de tédio. Provocava e gozava Johnny o tempo todo. Uma noite ele acordou de repente e viu-a de pé junto à sua cama.

— Assustei você? — ela perguntou. — Eu não conseguia dormir... Ouça as ondas. — O vento silvava em torno do bangalô e uma tremenda onda quebrava na praia. Era quase de manhã quando ele conseguiu fazê-la sair da cama e voltar ao hotel. — Que me vejam... Não me importa — disse.

Outra vez, quando andavam pela praia, ela teve um ataque de náusea e ele ficou esperando enquanto ela vomitava atrás de uma duna, e depois amparou-a, branca e trêmula, de volta à

Ocean House. Estava preocupado e nervoso. Numa de suas viagens a Filadélfia, foi ao *Public Ledger* ver se arranjava um emprego como repórter.

Uma tarde de sábado, sentava-se lendo o jornal no saguão da Ocean House. Não havia ninguém mais, a maioria dos hóspedes partira. O hotel fecharia no dia quinze. De repente, descobriu-se escutando uma conversa. Os dois mensageiros tinham entrado e falavam em voz baixa no banco junto à parede.

— Bem, me tornei homem este verão, diabos me levem se não fiquei, Joe.

— Eu também me tornava se não ficasse doente.

— Eu não lhe avisei pra não ficar atrás daquela Lizzie? Rapaz, eu acho que todo filho da puta da cidade dormiu com aquela dona, sem exceção nem dos negros.

— Escute, você... Você conhece aquela de olhos negros? Você disse que ia conhecer.

Johnny gelou. Segurava o jornal rígido à sua frente.

O mensageiro deu um assobio baixo.

— Material quente — disse. — Puxa, o que essas donas da sociedade fazem sem se dar mal, eu não entendo.

— Você teve com ela, palavra?

— Bem, não exatamente... Fiquei com medo de pegar alguma coisa. Mas aquele francês teve... Puxa, ele vivia no quarto dela o tempo todo.

— Eu sei. Peguei ele uma vez. — Riram. — Tinham esquecido de fechar a porta.

— Ela estava toda nua?

— Acho que estava... por baixo do quimono. Ele não perdeu a pose, pediu água gelada.

— Por que você não mandou o sr. Greeley levar?

— Diabos, por que ia fazer uma coisa dessas? O francês não era um sujeito ruim. Me deu cinco paus.

— Eu acho que ela pode fazer o que bem lhe der na telha. Me disseram que o pai é dono de quase todo este monte de lixo, ele e o velho coronel Wedgewood.

— Eu acho que aquele rapaz do escritório imobiliário está no jogo agora... parece que vai casar com ela.

— Diabos, eu mesmo me casava com ela, se uma garota tivesse aquela grana.

Johnny suava frio. Queria deixar o saguão sem ser visto por eles. Uma sineta tocou e um dos mensageiros correu a atender. Ele ouviu o outro acomodando-se no banco. Talvez estivesse lendo uma revista ou alguma coisa assim. Johnny dobrou silenciosamente o jornal e saiu para a varanda. Desceu a rua sem ver nada. Por um momento, pensou em ir até a estação e pegar o primeiro trem e mandar tudo para o inferno, mas havia o panfleto a lançar, e uma possibilidade de que, se o progresso viesse, pudesse pegá-lo desde o começo, e também aquela ligação com o dinheiro e os Strang; a oportunidade só bate uma vez na porta de um jovem. Ele voltou ao seu bangalô e trancou-se no quarto. Ficou um minuto olhando-se no vidro da mesa. O cabelo louro rigidamente partido, o nariz e o queixo perfeitos, a imagem ofuscou-se. Descobriu que estava chorando. Atirou-se de cara na cama e soluçou.

Na próxima vez em que foi a Filadélfia, para ler as provas do panfleto:

OCEAN CITY (Maryland)

SUPREMA TERRA PARA AS FÉRIAS

Também levou um rascunho dos convites de casamento para serem gravados:

O Doutor Alonso B. Strang
anuncia o casamento de sua filha
Annabelle Marie
com o sr. J. Ward Moorehouse
na Igreja Episcopal Protestante de Saint Stephen, em
Germantown, Pensilvânia, a quinze de novembro de
mil novecentos e nove, ao meio-dia

Depois, havia o convite para a recepção, a ser enviado a uma lista especial. Seria um grande casamento, porque o dr. Strang tinha muitas obrigações sociais. Annabelle Marie decidira pelo J. Ward Moorehouse, como mais distinto que John W., e começou a chamá-lo de Ward. Quando lhe falaram em convidar sua família, ele disse que seu pai e sua mãe eram ambos inválidos e seus irmãos e irmãs pequenos demais para desfrutar a ocasião. Escreveu à mãe dizendo ter certeza de que ela entenderia, mas do modo como as coisas estavam, com o pai daquele jeito... tinha certeza de que ela entenderia. E então, uma noite, Annabelle lhe disse que ia ter um filho.

— Eu achava que talvez fosse isso.

Os olhos dela tornaram-se de repente assustadoramente frios, fixos nos dele. Ele a odiou naquele momento, depois deu seu sorriso de olhos azuis e juvenil.

— Quer dizer, o seu nervosismo e tudo mais. — Riu e tomou a mão dela. — Bem, eu vou fazer de você uma mulher honesta, não vou? — Estava em vantagem com ela agora. Beijou-a.

Ela explodiu em lágrimas.

— Oh, Ward, eu gostaria que você não dissesse "não vou?".

— Eu estava só brincando, querida... Mas não existe algum meio?

— Já tentei tudo... Papai saberia o que fazer, mas não me atrevo a contar a ele. Ele sabe que sou muito independente... mas...

— A gente vai ter de ficar fora por um ano depois do casamento... É o diabo pra mim. Acabam de me oferecer um emprego no *Public Ledger*...

— Nós vamos para a Europa... Papai providenciará nossa lua de mel. Está contente por se livrar de mim, e eu tenho meu próprio dinheiro, dinheiro de mamãe.

— Talvez seja tudo um erro.

— Como pode ser?

— Quanto tempo desde que você... percebeu?

Os olhos dela voltaram a ficar de repente negros e perscrutadores, fixos nos dele. Fixavam-se e odiavam-se.

Há bastante tempo — ela disse, puxando a orelha dele como se ele fosse uma criança, e subiu com um roçagar de panos para vestir-se. O coronel estava morto de excitação com o noivado e convidou-os todos a jantar.

O casamento realizou-se em grande estilo, e J. Ward Moorehouse viu-se o centro de todos os olhares, numa casaca bem assentada na cintura e uma cartola de seda. As pessoas achavam-no muito bonito. Sua mãe, lá em Wilmington, deixou montes de ferro de passar esfriarem lendo a descrição do acontecimento nos jornais; por fim, retirou os óculos, dobrou os jornais cuidadosamente e colocou-os na tábua de passar. Estava muito feliz.

O jovem casal viajou na semana seguinte, partindo de Nova York no *Teutonic*. A viagem foi tão ruim que só nos últimos dois

dias puderam sair ao convés. Ward adoeceu e foi cuidado por um simpático marinheiro cockney que se referia a Annabelle como "Madame" e achava que ela era mãe de Ward. Annabelle era boa marinheira, mas o bebê fazia-a sentir-se mal, e toda vez que se olhava no espelho de mão via-se tão medonha que não queria sair da cama. A camareira sugeriu gim com uma pontinha de bitter e isso ajudou-a nos últimos dias da travessia. Na noite do jantar do comandante, ela finalmente apareceu no restaurante, num vestido de noite de valenciennes negras, e todos acharam-na a mulher de melhor aparência no navio. Ward estava febril, temendo que ela tomasse champanha demais, depois de vê-la engolir quatro copos de gim com bitter e um coquetel de martíni enquanto se vestia. Ele fizera amizade com um velho banqueiro, o sr. Jarvis Oppenheimer, e sua esposa, e temia que Annabelle lhes parecesse um pouco avançada demais. Mas o jantar do comandante realizou-se sem um senão, e Annabelle e Ward descobriram que formavam uma boa equipe. O comandante, que conhecera o dr. Strang, veio sentar-se com eles na sala de fumar e bebeu uma taça de champanha com eles e o sr. e a sra. Oppenheimer e ouviram as pessoas perguntando-se umas às outras quem era aquele encantador casal tão cintilante, gente interessante sem dúvida, e quando foram para a cama, após verem os faróis do mar da Irlanda, acharam que todos os dias de enjoo haviam valido a pena inteiramente.

Annabelle não gostou de Londres, onde as ruas eram sombrias, sob uma constante cortina de chuva fina, e por isso só ficaram uma semana no Cecil, antes de atravessarem para Paris. Ward ficou doente de novo no barco de Folkstone a Boulogne e não pôde acompanhar Annabelle, a quem encontrou no salão de

jantar bebendo conhaque e soda com um oficial do exército inglês quando o barco chegou a águas calmas entre os longos ancoradouros do porto de Boulogne. Não foi tão ruim quanto ele pensava estar num país onde não conhecia a língua, e Annabelle falava um francês muito adequado e conseguiram um compartimento de primeira classe e uma cesta com um frango frio e sanduíches e um pouco de vinho branco que Ward bebeu pela primeira vez — em Roma, faça como os romanos — e eram bem o casal em lua de mel no trem que ia para Paris. Foram de coche da estação para o Hotel Wagram, com apenas a bagagem de mão, porque o carregador do hotel cuidou do resto, e passaram por ruas que reluziam com a verde luz de gás nos pavimentos molhados. Os cascos do cavalo ressoavam alto no asfalto e as rodas de borracha do coche giravam suavemente e as ruas estavam cheias apesar de ser uma chuvosa noite de inverno e havia pessoas sentadas a mesinhas de tampo de mármore em torno de pequenas estufas diante dos cafés e sentiam-se no ar os cheiros de café e vinho e manteiga derretida e pão assando. Os olhos de Annabelle captavam todas as luzes; ela estava muito bonita, acotovelava-o constantemente para mostrar-lhe coisas e batia-lhe na coxa com a mão. Ela escrevera ao hotel, onde estivera antes com o pai, e encontraram um quarto branco e uma sala à sua espera, e um gerente de cara redonda, muito elegante e afável, para introduzi-los com uma curvatura, e fogo na lareira. Tomaram uma garrafa de champanha e comeram pâté de foie gras antes de irem para a cama e Ward sentia-se como um rei. Ela tirou as roupas de viagem e pôs um negligé e ele pôs uma jaqueta de fumar que ela lhe dera e ele não usara e todos os seus ressentimentozinhos do último mês se esfumaram.

Sentaram-se por um longo tempo olhando o fogo, fumando cigarros Muratti de uma latinha. Ela assanhava os cabelos dele e esfregava a mão em seus ombros e pescoço.

- Por que você não é mais afetuoso, Ward? — perguntou em tom baixo e rouco. - Eu sou daquelas mulheres que gostam de ser arrebatadas... Cuidado... Pode me perder... Por aqui os homens sabem amar uma mulher.

— Me dê uma oportunidade, está bem?... A primeira coisa que vou fazer é arranjar um emprego em alguma firma americana. Acho que o sr. Oppenheimer me ajudará nisso. Vou começar a tomar aulas de francês imediatamente. Será uma grande oportunidade para mim.

— Garoto engraçado.

— Não acha que vou ficar correndo atrás de você como um cãozinho fraldiqueiro, acha? Sem ganhar meu próprio dinheiro... Nada disso, gracinha. — Levantou-se e puxou-a para que se levantasse também. — Vamos para a cama.

Ward ia regularmente à Escola Berlitz, para suas aulas de francês, e circulava vendo Notre Dame e o Túmulo de Napoleão e o Louvre com o velho sr. Oppenheimer e esposa. Annabelle, que dizia que museus lhe davam dor de cabeça, passava os dias em compras e fazendo provas com costureiras. Não havia firmas americanas em Paris e assim o único emprego que Ward pôde arranjar, mesmo com a ajuda do sr. Oppenheimer, que conhecia todo mundo, foi no jornal de Gordon Bennett, a edição parisiense do *New York Herald*. O emprego consistia em localizar homens de negócio americanos que chegavam, e entrevistá-los sobre as belezas de Paris e as relações internacionais. Isso era o seu sustento

e possibilitava-lhe fazer muitos contatos valiosos. Annabelle achava aquilo tudo muito tedioso e recusava-se a saber qualquer coisa a respeito. Fazia-o vestir um traje formal toda noite e levá-la à ópera e a teatros. Ele se mostrava muito disposto a fazer isso, pois era bom para o seu francês.

Annabelle foi a um especialista em doenças femininas muito famoso que concordou que em hipótese alguma ela devia ter um bebê naquele momento. Era necessária uma operação imediata, que seria um pouco perigosa, uma vez que o bebê já estava tão desenvolvido. Ela não falou nada a Ward e só comunicou o fato do hospital, quando tudo já estava acabado. Era o dia de Natal. Ele foi vê-la imediatamente. Ouviu os detalhes em transido horror. Acostumara-se à ideia de ter um filho e achava que isso teria um efeito estabilizador sobre Annabelle. Ela jazia deitada, muito pálida, no leito da clínica particular, e ele ficou parado junto à cama, de punhos cerrados, sem falar nada. Afinal a enfermeira disse-lhe que estava fatigando a madame e ele saiu. Quando Annabelle voltou do hospital quatro ou cinco dias depois, anunciando que estava nova em folha e ia para o sul da França, ele não disse nada. Ela fez os preparativos para partir certa de que ele a acompanharia, mas no dia em que embarcaria no trem para Nice ele lhe disse que ia ficar em Paris. Ela olhou-o penetrantemente e disse com uma risada:

— Está me soltando, não é?

— Eu tenho meu ofício e você o seu prazer - ele disse.

— Tudo bem, rapaz, feito.

Ele levou-a à estação e colocou-a no trem, deu cinco francos ao condutor para que cuidasse dela e voltou da estação a pé. Estava farto do cheiro de almíscar e perfume por algum tempo.

Paris era melhor que Wilmington, mas Ward não gostou dela. Tanto ócio e a visão de tanta gente sentada a comer e beber davam-lhe nos nervos. Sentiu muita saudade de casa no dia que chegou o panfleto de Ocean City, junto com uma carta entusiástica do coronel Wedgewood. As coisas andavam depressa, dizia o coronel; quanto a ele, estava pondo até o último centavo que podia raspar, pedir ou tomar emprestado, em opções. Chegava mesmo a sugerir que Ward lhe enviasse um dinheirinho para ele investir em seu nome, agora que estava em posição de arriscar, na certeza de um grande retorno; arriscar não era a palavra exata, porque toda a situação já estava no papo; era só balançar a árvore e fazer os frutos caírem em suas bocas. Ward desceu os degraus do escritório de Morgan Harjes, onde recebia sua correspondência, e saiu para o Boulevard Haussmann. O papel pesado parecia-lhe bom ao toque dos dedos. Pôs a carta no bolso e desceu o bulevar com o apito das buzinas e o soar dos cascos dos cavalos e o barulho de passos nos ouvidos, lendo de vez em quando uma frase. Ora, aquilo quase o fazia querer voltar a Ocean City (Maryland). Um pequeno crepúsculo róseo aquecia o inverno cinza das ruas. De alguma parte vinha um cheiro de café torrando; ele pensou no sol branco e crepitante dos dias açoitados pelo vento em sua terra; dias que instilavam energia e esperança na gente; a Vida Ativa. Tinha um compromisso de almoço com o sr. Oppenheimer num restaurantezinho bastante seleto, nos cortiços de um lugar qualquer chamado Tour d'Argent. Quando entrou no coche de rodas vermelhas, fez-lhe bem de novo ver que o cocheiro entendia suas instruções. Afinal, aquilo era educacional, compensava aqueles quatro anos de faculdade que perdera. Lera o panfleto de ponta a ponta pela terceira vez quando chegou ao restaurante.

Desceu, e já ia pagar ao cocheiro quando viu o sr. Oppenheimer e outro homem descendo o quai a pé. O sr. Oppenheimer usava um casaco e um chapéu cinza, da mesma cor perolada de seus bigodes; o outro homem era um indivíduo de cabelos cor de aço, com um nariz e um queixo finos. Quando o viu, Ward decidiu que devia ter mais cuidado com suas roupas no futuro.

O almoço durou bastante tempo, com muitos pratos, embora o homem de cabelos grisalhos cor de aço, que se chamava McGill — era gerente de uma das siderúrgicas de Jones e Laughlin em Pittsburgh —, dissesse que seu estômago não aguentaria nada além de uma costeleta e uma batata cozida e bebesse uísque em vez de vinho. O sr. Oppenheimer desfrutou enormemente sua comida e mantinha longas consultas sobre ela com o maître.

— Senhores, devem ser um pouco indulgentes comigo... isso, para mim, é uma orgia — disse. — E também, como não estou sob o olhar vigilante de minha esposa, posso tomar certas liberdades com a digestão... Minha esposa entrou nas sagradas dependências de uma modista e não deve ser perturbada... Você, Ward, não é velho o suficiente para entender as possibilidades da comida. — Ward pareceu encabulado e juvenil e disse que estava gostando muito do pato. — A comida — disse o sr. Oppenheimer — é o último prazer do velho.

Quando se sentaram com o conhaque Napoleão em grandes taças bojudas e charutos, Ward arranjou coragem para falar do panfleto sobre Ocean City (Maryland), que ardia em seu bolso durante todo o almoço. Colocou-o modestamente sobre a mesa.

— Achei que talvez o senhor gostasse de dar uma olhada nisso, sr. Oppenheimer, como... como algo um pouco novo no ramo da publicidade.

O sr. Oppenheimer tirou os óculos e ajustou-os no nariz, tomou um gole de conhaque e percorreu o panfleto com um sorriso suave. Fechou-o, exalou uma espiralzinha de fumaça de charuto pelas narinas e disse:

— Ora, Ocean City deve ser de fato o paraíso terrestre... O senhor não está... éé... exagerando um pouco?

— Mas o senhor está vendo, a gente tem de fazer o homem comum ficar louco pra ir pra lá... É preciso ter uma palavra que prenda o olhar no momento que bater nela.

O sr. McGill, que até esse instante não olhara para Ward, volveu um par de olhos cinza de águia para ele, num olhar fixo. Estendeu uma pesada mão vermelha para o panfleto. Leu atentamente até o fim, enquanto o sr. Oppenheimer passava a falar do buquê do conhaque, dizendo que se devia aquecer um pouco a taça na mão e tomá-lo em pequenos goles, mais inalando que bebendo. De repente, McGill bateu com o punho na mesa e deu uma risada rápida e seca que não moveu um músculo de seu rosto.

— Macacos me mordam, isso vai pegar eles — disse. Acho que foi Mark Twain quem disse que nasce um otário a cada minuto. — Voltou-se para Ward e disse: — Desculpe não ter entendido o seu nome, meu jovem; se incomoda de repeti-lo?

— Com todo o prazer... É Moorehouse, J. Ward Moorehouse.

— Onde o senhor trabalha?

Estou no *Paris Herald* por enquanto — disse Ward, enrubescendo.

— Onde mora, quando está nos States?

— Minha cidade é Wilmington, Delaware, mas não creio que volte pra lá quando voltar pra casa. Me ofereceram trabalho na redação do *Public Ledger*, em Filadélfia.

O sr. McGill sacou um cartão de visitas e escreveu um endereço nele.

— Bem, se algum dia pensar em ir a Pittsburgh, me procure.

— Eu teria muito prazer em vê-lo.

— A esposa dele — acrescentou o sr. Oppenheimer — é a filha do dr. Strang, aquele especialista em nariz e garganta de Filadélfia... A propósito, Ward, como vai a querida moça? Espero que Nice a tenha curado de sua amigdalite.

— Sim, senhor — disse Ward —, ela escreveu dizendo que está bem melhor.

— É uma criatura adorável... encantadora... — disse o sr. Oppenheimer, sorvendo a última gota de sua taça de conhaque com os olhos voltados para cima.

No dia seguinte, Ward recebeu um telegrama de Annabelle dizendo que estava vindo para Paris. Foi recebê-la no trem. Ela apresentou-lhe um francês alto, com uma barba negra à Van Dyke, que a ajudava com suas malas quando Ward apareceu, como "Monsieur Forelle, meu companheiro de viagem". Não tiveram oportunidade de falar muito até entrarem no coche. O coche cheirava a mofo, pois tinham de manter as janelas fechadas, devido à chuva de açoite.

— Bem, meu caro — disse Annabelle —, já superou o capricho que alimentava quando eu viajei?... Espero que tenha superado, porque tenho más notícias para você.

— Qual é o problema?

— Papai se meteu numa enrascada financeira... Eu sabia que isso ia acontecer. Ele não faz mais ideia dos negócios que um gato... Bem, aquele belo progresso da Ocean City de vocês desmoronou antes de começar e papai ficou em pânico e tentou

descarregar os lotes dele e naturalmente ninguém quis comprar... Aí, a Companhia de Progresso e Imobiliária entrou em bancarrota e aquele seu precioso coronel desapareceu e papai se tornou de algum modo pessoalmente responsável por um monte de dívidas da empresa... E aí está você. Telegrafei para ele dizendo que íamos voltar assim que arranjássemos um navio. Tenho de ver o que posso fazer... Ele é desamparado como uma criança nos negócios.

— Isso não me aborrece. Eu não teria vindo aqui de qualquer maneira se não fosse por você.

— Simples autossacrifício, não foi?

— Não vamos brigar, Annabelle.

Nos últimos dias em Paris, Ward começou a gostar da cidade. Viram *La Bohème* na ópera e ficaram ambos muito excitados. Depois, foram a um café e comeram perdiz fria com vinho e Ward disse a Annabelle que quisera ser um compositor popular e falou de Marie O'Higgins e que começara a compor uma música sobre ela e os dois tornaram-se muito carinhosos um com o outro. Ele beijou-a repetidas vezes no coche ao voltarem para casa e o elevador que os levava para seu quarto pareceu-lhes terrivelmente lento.

Ainda tinham mil dólares na carta de crédito que o dr. Strang lhes dera como presente de núpcias, de modo que Annabelle comprou todo tipo de roupas e chapéus e perfumes e Ward foi a um alfaiate inglês perto da igreja da Madeleine e encomendou quatro ternos. No último dia, Ward comprou para ela um broche em forma de galo, de esmalte de Limoges e incrustado com granadas, com seu salário do *Paris Herald*. Ao almoçarem, depois que a bagagem fora embarcada no trem para o navio, sentiram

muita ternura por Paris e um pelo outro e pelo broche. Partiram do Havre no *Touraine* e fizeram uma travessia inteiramente calma, um mar vítreo e cinza a viagem toda, embora estivessem em fevereiro. Ward não ficou enjoado. Dava voltas e voltas pelo convés da primeira classe todas as manhãs, antes de Annabelle acordar. Usava um boné e um casaco de tweed escocês combinados, um par de binóculos pendurado no ombro, e tentava destrinçar algum plano para o futuro. Wilmington, de qualquer modo, ficara muito para trás, como o vulto de um navio na linha do horizonte.

O vapor, com rebocadores roncando aos lados, abriu caminho por entre as barcaças e rebocadores e lanchas vermelhas que apitavam no porto de Nova York, contra um uivante vento noroeste, gélido e cristalino.

Annabelle estava macambúzia e achava aquilo tudo horrível, mas Ward sentiu-se cheio de entusiasmo quando um cavalheiro judeu com um boné xadrez apontou a Battery, a Alfândega, o Aquarium, a Igreja da Trindade.

Saíram direto do cais para a lancha e comeram no restaurante atapetado de vermelho da Estação da Pensilvânia, em Jersey City. Ward comeu ostras fritas. O amável garçom escuro, de paletó branco, devolvia-lhes sua terra.

— De volta ao país de Deus — disse Ward, e decidiu que tinha de ir até Wilmington ver a família. Annabelle riu dele e os dois sentaram-se amuados no carro-salão do trem de Filadélfia sem se falarem.

Os negócios do dr. Strang achavam-se em muito mau estado e, como ele passava o dia todo ocupado em seu ofício, Annabelle assumiu-os completamente. Sua habilidade para lidar com assuntos financeiros surpreendeu Ward e o pai. Eles moravam

na grande casa do dr. Strang na rua Spruce. Ward, através de um amigo do dr. Strang, arranjou um emprego no *Public Ledger* e raramente estava em casa. Quando tinha algum tempo disponível, assistia a aulas de economia e comércio no Instituto Drexel. Annabelle começou a sair às noites com um jovem arquiteto chamado Joachim Beale, muito rico e dono de um automóvel. Era um rapaz magro, com um fraco por cerâmica e uísque burbom, e chamava Annabelle de "minha Cleópatra".

Ao voltar uma noite, Ward encontrou-os bêbados e com muito pouca roupa no covil de Annabelle, no andar de cima da casa. O dr. Strang fora a uma conferência médica em Kansas City. Ward ficou parado na entrada, com os braços cruzados, e anunciou que estava farto e que entraria com uma ação de divórcio e deixou a casa batendo a porta atrás de si e foi passar a noite na Associação Cristã de Moços. Na tarde seguinte, quando chegou à redação, encontrou uma carta de Annabelle enviada por entrega especial, pedindo-lhe cautela com o que ia fazer, uma vez que qualquer publicidade seria desastrosa para a prática do pai, e oferecendo-se para fazer tudo que ele quisesse. Respondeu imediatamente:

Cara Annabelle,

Compreendo agora que você pretendia o tempo todo me usar apenas como um anteparo para sua conduta vergonhosa e indigna de uma mulher. Compreendo agora por que prefere a companhia de estrangeiros, boêmios e outros da mesma espécie à de jovens americanos ambiciosos.

Não tenho o menor desejo de causar a você ou a seu pai qualquer sofrimento ou publicidade, mas em primeiro

lugar você deve abster-se de degradar o nome de Moore-house enquanto ainda usá-lo legalmente e também me acharei, quando o divórcio estiver satisfatoriamente arranjado, com direito a uma certa compensação por perda de tempo, etc., e pelo prejuízo à minha carreira que sofri por sua culpa. Parto amanhã para Pittsburgh, onde tenho um emprego à minha espera e um trabalho que espero me faça esquecer você e o grande sofrimento que sua infidelidade me causou.

Perguntou-se por algum tempo como terminar a carta, e finalmente escreveu:

Sinceramente, JWM

e colocou-a no correio.

Ficou acordado a noite toda, na cama de cima do vagão-dormitório para Pittsburgh. Ali estava ele, com vinte e três anos e sem um diploma universitário, sem ofício algum e tendo desistido de ser compositor popular. Diabos, jamais seria valete de nenhuma dama da sociedade de novo. O vagão estava abafado, o travesseiro embolava-se sob sua orelha o tempo todo, e ouvia trechos de conversas de vendedores da Bancroft's ou histórias de Bryant... "Através de pessegueiros até o mar..." A voz do sr. Hillyard falando ao júri das profundezas do escritório imobiliário em Wilmington. "Os imóveis, senhor, são o único investimento seguro conservador, imune a perdas por água ou fogo; o dono de bens imóveis liga-se por laços indissolúveis ao crescimento de sua cidade ou país... faça ou não melhorias, a seu bel-prazer e conveniência, e fique em casa em calma e segurança, deixando as

riquezas caírem em seu colo, produzidas pelo inevitável e inalienável crescimento da riqueza de um país poderoso..." "Para um jovem com as ligações certas e, se assim posso dizer, as maneiras agradáveis de uma educação clássica sadia", dissera o sr. Oppenheimer, "o banco deve oferecer um campo valioso para o cultivo das virtudes da energia, diplomacia, e talvez da indústria..." Uma mão puxava seu lençol.

Pittsburgh, sinhô, dentro de quarenta e cinco minutos — dizia a voz do carregador negro.

Ward vestiu as calças, notou consternado que perdiam o vinco, saltou do beliche, enfiou os pés nos sapatos, que estavam grudentos por terem sido lustrados com cera barata, e cambaleou pelo corredor afora, passando por pessoas descabeladas que emergiam de seus camarotes, em direção ao banheiro masculino. Tinha os olhos grudados e precisava de um banho. O vagão estava insuportavelmente quente e o banheiro cheirava a roupa de baixo e a sabão de barba de outros homens. Pela janela, via as negras montanhas polvilhadas de neve, um ou outro monte de carvão, filas de barracos cinzentos e iguais, o leito de um rio marcado por depósitos de minérios e montes de escória, o entrelaçado púrpura das árvores sobre as cristas das montanhas recortadas contra o sol; depois, contra a montanha, brilhante e vermelha como o sol, a bolha de chama de uma fundição. Ward barbeou-se, escovou os dentes, lavou o rosto e o pescoço o melhor que pôde, partiu o cabelo. O queixo e as mandíbulas adquiriam uma aparência quadrada que lhe agradava.

O típico jovem executivo — disse para si mesmo, ao abotoar o colarinho e amarrar a gravata. Fora Annabelle quem lhe ensinara o macete de usar uma gravata da mesma cor de seus

olhos. Ao pensar no nome dela, uma leve lembrança táctil de seus lábios o perturbou, uma lembrança do almiscarado perfume que ela usava. Afastou o pensamento, começou a assobiar, parou por temer que os outros homens que se vestiam achassem aquilo estranho e foi para a plataforma. O sol já ia alto agora, as montanhas erguiam-se róseas e negras e os vales azuis, devido à fumaça dos fogos do desjejum. Tudo eram barracos em filas, fundições de ferro, montes de carvão. De vez em quando, uma montanha lançava uma fileira de barracos ou um grupo de altos-fornos contra o céu. Grupos de homens de rostos negros, em roupas negras, permaneciam parados na lama nos cruzamentos. Muros sujos de carvão tapavam o céu. O trem atravessava túneis sob pontes cruzadas e cortes profundos.

— Estação União de Pittsburgh — berrou o carregador.

Ward pôs vinte e cinco centavos na mão do negro, pegou sua mala num monte de outras e desceu com passo firme a plataforma, aspirando forte o frio ar enfumaçado da estação.

O Olho da Câmera (17)

na primavera podia-se ver o cometa de Halley sobre os olmos das janelas de trás do andar de cima da Upper House o sr. Greenleaf dizia você deve ir à classe de confirmação e ser confirmado quando o bispo veio e da próxima vez você saiu de canoa você disse a Skinny que não seria confirmado porque acreditava em acampar e andar de canoa e no cometa de Halley e o Universo e o som que a chuva fazia na tenda na noite em que você leu *O cão dos Baskerville* e você pendurou um pedaço de carne

numa árvore e um cão deve ter farejado ela porque ficava rondando você e uivando algo terrível e você ficou muito assustado (mas você não disse isso, você não sabe o que disse)

e na igreja não e Skinny disse se você nunca foi batizado não pode ser confirmado e você foi e disse ao sr. Greenleaf e ele pareceu muito gélido e disse é melhor você não ir mais à classe de confirmação e depois disso você teve de ir à igreja aos domingos mas podia ir a qualquer uma que quisesse de modo que às vezes ia à congregacional e às vezes à episcopal e no domingo em que o bispo veio você não pôde mais ver o cometa de Halley e viu os outros sendo confirmados e durou horas porque havia um monte de menininhas sendo confirmadas também e tudo que você ouvia era um murmúrio este vosso filho murmúrio este vosso filho e você se perguntava se estaria vivo da próxima vez que o cometa de Halley aparecesse

Jornal da Tela XIII

Eu estava na frente do palácio nacional quando o tiroteio começou. Atravessei a Plaza correndo com outros milhares de homens mulheres crianças em debandada dezenas dos quais caíam em sua fuga para um abrigo

NOVAS MONTANHAS ALTAS DESCOBERTAS

Oh Jim O'Shea foi abandonado numa ilha da Índia
Os nativos lá gostaram de seu cabelo
Gostaram de seu sorriso irlandês

PANDEMÔNIO NA ARTE

BANDIDOS À VONTADE NOS MATOS

Washington considera infeliz ilógica e antinatural a escolha do general Huerta como presidente provisório do México em substituição ao presidente derrubado

TRÊS FOGEM DA TEIA DE MEDO DA CIDADE

Ele punha areia no açúcar do hotel escritor diz que veio para a América como exilado e encontrou apenas sordidez.

LUNG YU EX-IMPERATRIZ DA CHINA MORRE NA CIDADE PROIBIDA

La cucaracha la cucaracha
Ya no quiere caminar
Porque no tiene
porque no tiene
Marijuana que fumar

ignorar as classes baixas na organização da república pode causar outro levante

SEISCENTOS AMERICANOS FOGEM DA CAPITAL

Você terá anéis nos dedos
E sineta nos dedos dos pés
Elefantes nos quais cavalgar
Minha rosinha irlandesa
Por isso venha pra seu nababo no próximo Dia de São Patrício
Seja a sra. Mambo Jambo Jijibhoy Jay O'Shea

Eleanor Stoddard

Quando era pequena, ela odiava tudo. Odiava o pai, um homem gordo e ruivo que cheirava a suíças e a sarro de cachimbo. Ele trabalhava num escritório do matadouro e voltava para casa com o cheiro do matadouro nas roupas e contava piadas sangrentas sobre o abate de ovelhas e bois e porcos e homens. Eleanor odiava cheiros e a visão de sangue. À noite, sonhava que morava

só com a mãe numa grande e limpa casa branca em Oak Park no inverno, quando havia neve no chão, e punha uma toalha de linho branca com prataria brilhante e flores brancas e carne branca de frango diante da mãe, que era uma dama da sociedade num vestido de samito branco, mas de repente surgia um minúsculo ponto vermelho na mesa e crescia e crescia e a mãe fazia gestos vagos e desamparados com as mãos e ela tentava limpar mas a mancha tornava-se uma mancha de sangue que inchava e virava uma bolha sangrenta sobre a toalha da mesa e ela acordava do pesadelo cheirando a matadouro e gritando.

Quando tinha dezesseis anos, no ginásio, ela e uma garota chamada Isabelle juraram juntas que se um garoto algum dia as tocasse elas se matariam. Mas naquele outono a garota pegou pneumonia após uma escarlatina e morreu.

A única outra pessoa de quem Eleanor gostava era a srta. Oliphant, sua professora de inglês. A srta. Oliphant nascera na Inglaterra. Os pais tinham vindo para Chicago quando ela era adolescente. Era uma grande entusiasta da língua inglesa, tentava fazer os alunos usarem o "a" aberto e achava que tinha direito a uma certa autoridade em assuntos relativos à literatura inglesa, por ser distantemente aparentada a uma certa srta. Oliphant que fora uma dama literária inglesa em meados do século dezenove e escrevera lindamente sobre Florença. Assim, de vez em quando convidava seus alunos mais promissores, aqueles que pareciam filhos de pais mais educados, para chás em seu apartamentinho, onde morava sozinha com um sonolento gato persa azul e um piscochilreiro, e falava-lhes de Goldsmith e dos ditos irônicos do Dr. Johnson e de Keats e *cor cordium*, que lamentavelmente morrera tão jovem, e de Tennyson e de como ele fora rude

com as mulheres e de como mudavam a guarda em White Hall e da vinha que Henrique VIII plantara em Hampton Court e da desditada Maria, rainha da Escócia. Os pais da srta. Oliphant tinham sido católicos e consideravam os Stuart os herdeiros de direito ao trono britânico e passavam os copos de vinho por cima do pote d'água quando faziam brindes ao rei. Tudo isso emocionava muito os meninos e meninas, particularmente Eleanor e Isabelle, e a srta. Oliphant dava-lhes notas altas por suas composições e encorajava-as a ler. Eleanor gostava muito dela e prestava muita atenção na sua aula. Só ouvir a srta. Oliphant pronunciar frases como "Os Grandes Monumentos da Prosa Inglesa", ou "Os Principezinhos na Torre", ou "São Jorge e a Alegre Inglaterra" causava-lhes pequenos arrepios na espinha. Quando Isabelle morreu, a srta. Oliphant mostrou-se tão adorável a respeito, convidou Eleanor para tomar chá e leu-lhe *Lícidas* em voz límpida e seca e disse-lhe que lesse *Adonais* quando chegasse em casa, e que não podia ler esse para ela porque sabia que não aguentaria. Então falou de sua melhor amiga quando era menina, uma garota irlandesa de cabelos ruivos e pele branca e cálida como porcelana Crown Darby, minha querida, que fora para a Índia e morrera de febre, e a srta. Oliphant achara que jamais sobreviveria à sua dor e contou como a Crown Darby fora inventada e que o inventor gastara seu último centavo trabalhando na fórmula daquela louça maravilhosa, e precisara de um pouco de ouro como último ingrediente e estavam morrendo de fome e não restava nada a não ser a aliança da esposa e mantinham o fogo no forno aceso com suas cadeiras e mesas e finalmente ele produzira aquela louça maravilhosa que a família real usava com exclusividade.

Foi a srta. Oliphant quem induziu Eleanor a tomar aulas no Instituto de Arte. Ela tinha nas paredes reproduções de quadros de Rossetti e Burne-Jones e falava a Eleanor da Irmandade Pré-Rafaelita. Fê-la sentir que a Arte era algo de um branco de marfim e muito pura e nobre e distante e triste.

Quando sua mãe morreu de uma anemia perniciosa, Eleanor era uma garota magra de dezoito anos, trabalhando de dia numa loja de rendas no Loop e estudando arte comercial à noite no Instituto de Arte. Após o funeral, voltou para casa, embalou seus pertences e mudou-se para a Moody House. Quase não ia ver o pai. Ele às vezes telefonava-lhe, mas sempre que podia ela evitava atender. Queria esquecer tudo sobre ele.

Na loja de rendas gostavam dela porque era tão refinada e dava ao estabelecimento o que a velha sra. Lang, a proprietária, chamava de "um indefinível ar de chique", mas pagavam-lhe apenas dez dólares por semana e cinco desses dólares iam para o aluguel e a comida. Não comia muito, mas a comida era tão ruim no restaurante e ela odiava tanto sentar-se com as outras moças que às vezes tinha de conseguir uma garrafa extra de leite para tomar no quarto e algumas semanas via-se sem dinheiro para comprar lápis e papel de desenho e tinha de ir ver o pai e arranjar alguns dólares com ele. O pai dava-lhe o dinheiro com prazer, mas às vezes isso a fazia odiá-lo mais que nunca.

À noite, sentava-se no quartinho sórdido com sua feia colcha e sua feia cama de ferro, ouvindo cantos de hinos que subiam do salão e lendo Ruskin e Pater emprestados da biblioteca. Às vezes deixava o livro cair nos joelhos e sentava-se a noite toda olhando a fraca lâmpada elétrica avermelhada, que era tudo que a gerência permitia.

Sempre que pedia um aumento, a sra. Lang dizia:

– Ora, você vai casar logo e me deixar, minha querida; uma moça com sua classe, seu chique indefinível, não pode ficar muito tempo solteira, e aí não vai precisar do aumento.

Aos domingos, geralmente tomava o trem para Pullman, onde a irmã de sua mãe tinha uma casinha. A Tia Betty era uma dona de casa tranquila que atribuía todas as estranhezas de Eleanor a caprichos de moça e mantinha uma alerta vigilância à cata de um rapaz adequado que pudesse cercar como namorado para ela. Seu marido, o Tio Joe, era capataz numa laminação. Muitos anos nesse ofício haviam-no deixado completamente surdo, mas ele afirmava que na fábrica conseguia ouvir perfeitamente o que se dizia. Se era verão, ele passava os domingos com uma enxada em sua horta, onde se especializava em alface e ásteres. No inverno ou nos dias de chuva, sentava-se na sala da frente lendo a *Revista do Ferroviário*. Tia Betty preparava um jantar caprichado com receitas tiradas do *Ladies' Home Journal* e pediam a Eleanor que arranjasse as flores para eles na mesa. Após o jantar, a Tia Betty lavava os pratos e Eleanor enxugava-os, e enquanto os velhos tiravam sua soneca ela sentava-se na sala da frente lendo a coluna social do *Chicago Tribune*. Após a ceia, se fazia tempo bom, os velhos andavam até a estação com ela e punham-na no trem, e a Tia Betty dizia que era uma vergonha enorme uma moça adorável como ela viver sozinha na cidade grande. Eleanor dava-lhe um sorriso luminoso e triste e dizia que não tinha medo.

Os vagões na volta para casa vinham lotados, nas noites de domingo, com rapazes e moças suados e desarrumados e queimados de sol dos passeios no campo ou na praia. Eleanor odiava-os e às famílias italianas com garotos briguentos que enchiam

o ar com um fartum de vinho e alho e aos alemães de cara vermelha de uma longa tarde de cervejada e aos bêbados operários finlandeses e suecos que a fixavam com olhares azuis alcoólicos nas caras de pau. Às vezes, um homem tentava puxar conversa e ela tinha de mudar-se para outro vagão.

Uma vez, quando o vagão vinha muito lotado, um rapaz de cabelos encaracolados se esfregou nela de modo sugestivo. A multidão era tão densa que ela não podia afastar-se dele. Mal pôde conter-se para não gritar por socorro; porém, achava muito vulgar fazer um escândalo. Uma tontura incontrolável apoderou-se dela quando finalmente abriu caminho à força em sua estação, e precisou parar em uma drugstore a caminho de casa para cheirar um pouco de álcool de amônia. Passou correndo pelo salão da Moody House e subiu para seu quarto ainda tremendo. Estava nauseada e uma das outras moças encontrou-a vomitando no banheiro e olhou-a de modo muito esquisito. Em ocasiões como essas, ela se sentia muito infeliz e pensava em suicídio. Tinha cãibras dolorosas nos períodos menstruais e frequentemente precisava ficar na cama pelo menos uma vez por mês. Muitas vezes, sentia-se horrível durante toda uma semana.

Em um dia de outono, ela telefonou à sra. Lang dizendo que estava doente e teria de ficar de cama. Subiu de volta ao seu quarto e deitou-se na cama para ler *Romola*. Estava lendo as obras completas de George Eliot que havia na biblioteca da Moody House. Quando a velha faxineira abriu a porta para fazer a cama, ela disse:

— Doente... deixe que eu limpo, sra. Koontz.

À tarde teve fome, e os lençóis se embolavam sob suas costas e embora se sentisse um tanto envergonhada de si mesma por

sentir-se em condições de sair quando dissera à sra. Lang que estava doente demais para se mover, sentiu de repente que ia sufocar se permanecesse em seu quarto mais um minuto. Vestiu-se cuidadosamente e desceu, sentindo-se um tanto furtiva.

— Então, quer dizer que não está doente coisa nenhuma — disse a sra. Biggs, a matrona, quando ela passou pelo saguão.

— Senti apenas que precisava de um pouco de ar puro.

— Isso é muito ruim — ouviu a sra. Biggs dizer baixinho quando saiu pela porta.

A sra. Biggs era muito desconfiada em relação a Eleanor, porque ela era uma estudante de arte.

Sentindo-se um pouco fraca, ela parou numa drugstore e tomou um pouco de álcool de amônia aromático com água. Depois pegou um bonde que descia para o Grant Park. Um tremendo vento noroeste soprava poeira e papéis em redemoinhos, ao longo da margem do lago.

Ela entrou no Instituto de Arte e subiu à Sala Stickney para ver os Whistler. Gostava mais do Instituto de Arte do que de qualquer outra coisa em Chicago, do que de qualquer coisa no mundo, o silêncio, a ausência de homens importunos, o cheiro suave de tinta das telas. Com exceção dos domingos, quando a multidão aparecia e era horrível. Nesse dia não havia ninguém na Sala Stickney, a não ser outra moça bem vestida, com uma pele de raposa cinzenta no pescoço e um chapeuzinho cinza com uma pena. A outra moça olhava fixamente o retrato de Manet. Eleanor interessou-se; mais fingia olhar os Whistler do que os olhava realmente. Sempre que podia, olhava a outra moça. Viu-se de pé ao lado dela, olhando também o retrato de Manet. De repente, os olhos das duas encontraram-se. A outra moça tinha

olhos castanhos claros e amendoados, um tanto separados demais.

— Acho que ele é o melhor pintor do mundo — ela disse combativamente, como se quisesse que alguém contestasse.

— Acho-o um pintor adorável — disse Eleanor, tentando impedir que sua voz tremesse. — Adoro esse quadro.

— Você sabe que não é do próprio Manet, mas de Fantin-Latour — disse a outra moça.

— Oh, sim, claro — disse Eleanor.

Houve uma pausa. Eleanor receava que aquilo fosse tudo, mas a outra moça disse:

— De que outros quadros você gosta?

Eleanor olhou cuidadosamente para o Whistler; depois, disse lentamente:

— Gosto de Whistler e Corot.

— Eu também, mas prefiro Millet. Ele é tão suave e cálido... Você já viu um Barbizon?

— Não, mas adoraria. — Houve uma pausa. — Mas acho Millet um tanto grosseiro, não? — aventurou Eleanor.

— Você se refere àquele cromo do *Angelus*? Sim, eu simplesmente detesto e desprezo o sentimento religioso num quadro, você não?

Eleanor não sabia exatamente o que dizer, e por isso balançou a cabeça e disse:

— Amo tanto Whistler; quando passo muito tempo olhando-o, olho pela janela e tudo parece, sabe, como ele, em pastel.

— Tenho uma ideia — disse a outra moça, que olhava um reloginho dentro da bolsa. — Não preciso voltar para casa antes das seis. Por que não vem tomar chá comigo? Conheço um lugarzinho

onde se pode tomar um bom chá, uma pastelaria alemã. Não preciso estar em casa antes das seis e podemos ter uma boa e longa conversa. Não vai achar não convencional o meu convite, vai? Eu gosto do não convencionalismo, você não? Não odeia Chicago?

Sim, Eleanor odiava Chicago e as pessoas convencionais e tudo. Foram à pastelaria e tomaram chá e a moça de cinza, que se chamava Eveline Hutchins, bebeu o seu com limão. Eleanor falou um bocado e fez a outra moça sorrir. Seu pai, explicou, era um pintor que morava em Florença a quem ela não via desde pequena. Houvera um divórcio e sua mãe tornara a se casar com um homem de negócio ligado à Armour and Company, e agora a mãe morrera e ela tinha apenas alguns parentes em Lake Forest; estudava no Instituto de Arte, mas estava pensando em desistir, porque os professores não lhe serviam. Pensava que morar em Chicago era horrível demais e queria ir para o Leste.

— Por que não vai para Florença morar com seu pai? — perguntou Eveline Hutchins.

— Bem, eu poderia ir algum dia, quando meu navio chegar — disse Eleanor.

— Oh, bem, eu jamais serei rica — disse Eveline. — Meu pai é um pastor... Vamos juntas para Florença, Eleanor, atrás de seu pai. Se chegássemos lá, ele não poderia nos expulsar.

— Eu adoraria fazer uma viagem um dia.

— Já era tempo de eu estar em casa. A propósito, onde você mora? Vamos nos encontrar amanhã à tarde e ver todos os quadros juntas.

— Receio estar ocupada amanhã.

— Bem, talvez você possa vir cear uma noite dessas. Vou perguntar a mamãe quando posso convidá-la. É tão raro encontrar uma moça com quem se possa conversar. Nós moramos no Boulevard Drexel. Tome meu cartão. Eu lhe mando um postal e você promete vir, está bem?

Eu adoraria, se não for antes das sete... Sabe, eu tenho uma ocupação que me mantém presa todas as tardes, exceto aos domingos, e aos domingos geralmente saio para ver meus parentes em...

— Em Lake Forest?

— É... Quando estou na cidade, moro num lugar tipo Associação Cristã de Moças, a Moody House; é plebeia, mas conveniente... Vou escrever o endereço neste cartão. — O cartão era da sra. Lang, "Rendas Importadas e Tecidos Bordados". Ela escreveu o endereço, riscou o outro lado e entregou-o a Eveline.

— Está ótimo — disse a outra. — Eu lhe mando um cartão esta noite mesmo e você promete vir, está bem?

Eleanor acompanhou-a até o bonde e pôs-se a andar lentamente pela rua. Esquecera completamente sua doença, mas agora que a outra moça se fora sentia-se abatida e malvestida e solitária, atravessando a multidão noturna da rua batida pelo vento.

Eleanor fez várias amizades através de Eveline. A primeira vez que foi à casa dos Hutchins estava demasiado intimidada para notar alguma coisa, porém mais tarde sentiu-se mais solta com eles, particularmente quando descobriu que todos a achavam uma moça interessante e muito refinada. A família era composta pelo dr. e a sra. Hutchins, duas filhas e um filho fora, na faculdade. O dr. Hutchins era um ministro da Igreja Unitária, de mente muito aberta, e a sra. Hutchins fazia aquarelas de flores que

diziam mostrar muito talento. A filha mais velha, Grace, estivera na escola no Leste, em Vassar, e achava-se que tinha talentos literários, o filho fazia pós-graduação em grego em Harvard e Eveline seguia os cursos mais interessantes ali mesmo, na Northwestern. O dr. Hutchins era um homem de fala mansa, com um grande rosto suave e rosado, e mãos grandes e delicadas de uma brancura mortal. Os Hutchins todos planejavam viajar para o exterior no ano seguinte, que seria o ano sabático do dr. Hutchins. Eleanor jamais ouvira conversas desse tipo e aquilo emocionava-a.

Então, uma noite, Eveline levou-a à casa da sra. Shuster.

— Não deve falar nada sobre a sra. Shuster lá em casa, está bem? disse Eveline, quando desciam do Elevado. — O sr. Shuster é um negociante de arte e meu pai acha a família meio boêmia demais... Só porque Annie Shuster veio à nossa casa uma noite e fumou durante todo o jantar... Eu disse que íamos a um concerto no Auditorium.

Eleanor fizera um vestido novo, um vestido branco muito simples, com um pouco de verde, não exatamente um vestido de noite, mas um que ela podia usar em qualquer ocasião, e quando Annie Shuster, uma mulherzinha rechonchuda e ruiva, de maneiras trepidantes no andar e no falar, ajudou-as a tirar seus abrigos no saguão, exclamou que o vestido era muito bonito.

Ora, sim, é lindo — disse Eveline. — Na verdade, você está linda como um pêssego esta noite, Eleanor.

— Aposto que esse vestido não foi feito nesta cidade... Parece coisa de Paris.

Eleanor sorriu de maneira depreciativa, corou um pouco e ficou mais bonita que nunca.

Muita gente apinhava-se nas duas pequenas salas, em meio a fumaça de cigarros e xícaras de café e cheiro de alguma espécie de ponche. O sr. Shuster era um homem grisalho, de rosto cinza, com uma cabeça grande demais para o corpo e um ar cansado. Falava como um inglês. Vários homens reuniam-se à sua volta; um deles, Eleanor conhecera casualmente quando estudava no Instituto de Arte. Chamava-se Eric Egstrom, e ela sempre gostara dele; tinha cabelos cortados à escovinha e olhos azuis e um bigodinho louro. Eleanor via que o sr. Shuster o tinha em grande conceito. Eveline levou-a pela casa, apresentando-a a todo mundo e fazendo a todo mundo perguntas que às vezes pareciam desconcertantes. Homens e mulheres fumavam e falavam de livros e quadros e pessoas das quais Eleanor nunca ouvira falar. Ela olhava em volta e não dizia muita coisa e notou as silhuetas gregas nos abajures laranja das lâmpadas e os quadros nas paredes, que pareciam deveras muito curiosos, e as duas fileiras de livros franceses de lombadas amarelas nas prateleiras e achava que podia aprender um bocado de coisas ali.

Saíram cedo porque Eveline tinha de passar pelo Auditorium para ver qual era o programa do concerto, pois receava que lhe perguntassem a respeito, e Eric e outro rapaz levaram-nas em casa. Depois de deixarem Eveline, perguntaram a Eleanor onde ela morava e ela odiou ter de dizer Moody House, porque ficava numa rua de aparência tão horrível, de modo que os fez caminhar com ela até uma estação do Elevado e subiu os degraus correndo e não quis deixar que eles a acompanhassem, embora a assustasse voltar sozinha para casa tão tarde da noite.

Muitas das clientes da sra. Lang achavam que Eleanor era francesa, por causa de seus cabelos negros, o fino rosto oval e a

pele transparente. Na verdade, um dia, quando uma certa sra. McCormick, que a sra. Lang desconfiava ser uma das McCormick, perguntou pela adorável garota francesa que a atendia antes, a sra. Lang teve uma ideia. Eleanor teria de ser francesa dali por diante; comprou-lhe vinte tíquetes da Escola Berlitz e disse-lhe que podia sair por uma hora durante a manhã, entre as nove e as dez, se quisesse ir tomar aulas de francês lá. Assim, durante dezembro e janeiro inteiros Eleanor estudou francês três vezes por semana, com um velho que usava um paletó de alpaca malcheiroso e começou a soltar uma frasezinha aqui e ali, tão despreocupadamente quanto podia, quando falava com as freguesas, e quando havia alguém na loja, a sra. Lang sempre a chamava de "Mademoiselle".

Ela trabalhava muito e tomava emprestados os livros de lombadas amarelas dos Shuster para ler à noite com um dicionário, e em breve sabia mais francês que Eveline, que tivera uma governanta francesa quando pequena. Um dia, na Escola Berlitz, descobriu que tinha um novo professor. O velho pegara pneumonia e no lugar dele estava um jovem francês. Era um rapaz magro, com um queixo pontudo e azulado pela barba raspada e grandes olhos negros e longos cílios. Eleanor gostou dele imediatamente, de suas mãos finas e aristocráticas e de seu ar distante. Após meia hora, haviam esquecido inteiramente a aula e estavam falando inglês. Ele falava com um sotaque engraçado, mas de modo fluente. Ela gostava particularmente da maneira gutural como pronunciava o "r".

Na vez seguinte, estava toda excitada ao subir as escadas, para ver se era o mesmo rapaz. Era. Ele lhe disse que o velho morrera. Ela achou que devia ficar triste, mas não ficou. O rapaz

notou como ela se sentia e contorceu o rosto numa expressão engraçada, meio riso, meio choro, e disse:

— Vae victis.

Depois, falou-lhe de sua casa na França e disse que odiava a vida burguesa convencional de lá e que viera para a América porque era a terra da juventude e do futuro e dos arranha-céus e da estrada de ferro Twentieth Century Limited e que achava Chicago linda. Eleanor jamais ouvira alguém falar daquele jeito e disse-lhe que devia ter passado pela Irlanda e beijado a pedra da bajulação. Então ele se mostrou muito ressentido e disse:

— Mademoiselle, c'est la pure verité.

E ela disse que acreditava absolutamente nele, que era interessante conhecê-lo e que precisava apresentá-lo à sua amiga Eveline Hutchins. Então ele lhe disse que morara em Nova Orleans, que viera como camareiro num navio da French Line e que trabalhara como lavador de pratos e ajudante de garçom e tocara piano em cabarés e lugares piores e que gostava dos negros e que era pintor e queria muito ter um estúdio e pintar, mas ainda não tinha dinheiro. Eleanor mostrou-se um tanto reservada quanto a lavar pratos e aos cabarés e aos negros, mas quando ele disse que se interessava por arte, achou que realmente tinha de apresentá-lo a Eveline e sentiu-se muito ousada e não convencional quando o convidou a encontrar-se com ela no Instituto de Arte domingo à tarde. Afinal, se decidissem contra, elas não iriam.

Eveline ficou morta de excitação, mas chamaram Eric Egstrom para ir junto, devido à má reputação dos franceses. O francês se atrasou muito e elas começaram a recear que não aparecesse ou que não o tivessem visto na multidão, mas afinal Eleanor o viu subindo a grande escada. Chamava-se Maurice Millet – não,

não era parente do pintor — e chocou-os muito recusando-se a olhar qualquer quadro do Instituto de Arte por achar que aquilo tinha de ser queimado e usou um monte de palavras como cubismo e futurismo que Eleanor jamais ouvira antes. Mas ela pôde ver imediatamente que ele fizera um grande sucesso com Eveline e Eric; na verdade, eles se penduravam em cada palavra dele e por todo o chá nenhum dos dois deu qualquer atenção a ela. Eveline convidou Maurice à sua casa e foram todos cear no Boulevard Drexel, onde Maurice se mostrou muito polido com o dr. e a sra. Hutchins, e depois foram à casa dos Shuster. Deixaram juntos os Shuster e Maurice disse que eles eram insuportáveis e tinham quadros muito ruins nas paredes.

— Tout ça c'est affreusement pompier — disse.

Eleanor ficou intrigada, mas Eveline e Eric afirmaram ter entendido perfeitamente que ele dizia que eles sabiam tão pouco de arte quanto uma convenção de bombeiros, e deram boas gargalhadas.

Na vez seguinte que viu Eveline, esta confessou que estava loucamente apaixonada por Maurice e ambas choraram muito e chegaram à conclusão de que, afinal, a bela amizade das duas podia suportar até mesmo isso. Estavam no quarto de Eveline, no Boulevard Drexel. No batente da lareira, via-se um retrato que Eveline tentava fazer dele, em pastel e de memória. Sentavam-se na cama muito juntas, abraçadas, e falavam solenemente de si mesmas e Eleanor contou o que sentia pelos homens; Eveline não se sentia exatamente do mesmo jeito, mas disse que nada poderia interromper nunca a bela amizade das duas e sempre diriam tudo uma à outra.

Por essa época, Eric Egstrom conseguiu um emprego no departamento de decoração de interiores da Marshall Field, que lhe

pagava cinquenta por semana. Arranjou um ótimo estúdio, com luz do norte, num beco que partia da rua North Clark, e Maurice foi morar com ele. As moças passavam lá um bocado de tempo e tinham muitos amigos e tomavam chá em copos no estilo russo e às vezes um pouco de vinho Virginia Dare, de modo que não precisavam mais ir à casa dos Shuster. Eleanor vivia querendo ter uma palavrinha em particular com Eveline; e o fato de Maurice não gostar de Eveline do mesmo modo que ela gostava dele deixava a amiga muito infeliz, mas os dois rapazes pareciam inteiramente felizes. Dormiam na mesma cama e andavam sempre juntos. Eleanor às vezes os estranhava, mas era tão bom conhecer rapazes que não eram horríveis com as mulheres. Iam juntos à ópera e aos concertos e às exposições de arte — era Eveline ou Eric quem geralmente comprava os ingressos e pagava quando iam a restaurantes — e Eleanor se divertiu mais nesses poucos meses do que jamais em sua vida. Não foi mais a Pullman e discutia com Eveline a montagem de um estúdio quando os Hutchins voltassem da viagem ao exterior. A ideia de que cada dia os aproximava mais de junho e de que então perderia Eveline e teria de enfrentar sozinha aquele horrível verão de Chicago, arenoso, poeirento e suarento, deixava-a um pouco nervosa às vezes, mas Eric tentava arranjar-lhe um emprego em seu departamento na Marshall Field, e ela e Eveline seguiam um curso de decoração de interiores à noite na universidade, e isso lhe dava algo por que esperar.

Maurice pintava os quadros mais lindos em amarelo pálido e violeta, de rapazes de rostos compridos e grandes olhos luminosos e longos cílios, e moças de rostos compridos que pareciam rapazes, e cachorros-lobos russos com grandes olhos luminosos, e sempre ao fundo havia algumas vigas ou um arranha-céu branco e um grande bolo de nuvens brancas, e Eleanor e Eveline achavam

uma vergonha que ele tivesse de continuar dando aulas na Escola Berlitz.

Um dia antes de Eveline embarcar para a Europa, fizeram uma festinha na casa de Egstrom. Os quadros de Maurice cobriam as paredes em torno e estavam todos alegres e tristes e excitados e conversaram um bocado. Depois Egstrom veio com a notícia de que falara de Eleanor a seu patrão, dizendo que ela sabia francês e estudara arte e era muito bonita e tudo e o sr. Spotmann dissera-lhe que a levasse lá no dia seguinte ao meio-dia, e que o emprego, se ela o conseguisse, pagaria no mínimo vinte e cinco por semana. Viera uma velha dama ver os quadros de Maurice e pensava em comprar um; todos sentiam-se muito alegres e beberam bastante vinho, de modo que no fim, quando chegou a hora das despedidas, foi Eveline quem se sentiu sozinha, por ter de afastar-se deles todos, em vez de Eleanor, por ser deixada para trás, como esperava.

Na noite seguinte, quando Eleanor voltava pela plataforma, depois de embarcar os Hutchins para Nova York, andando em meio a todas aquelas malas rotuladas para o vapor *Baltic* e a todos aqueles olhos brilhantes com a excitação de ir para o Leste e o exterior, e ao cheiro de fumaça de carvão e ao badalar do sino da máquina e ruído de pés, vinha com os punhos cerrados e as unhas afiadas enterradas nas palmas das mãos repetindo para si mesma sem parar:

— Eu também irei; é apenas uma questão de tempo; eu irei também.

O Olho da Câmera (18)

ela era uma dama muito elegante e adorava cães bullterriers e tinha um cavalheiro amigo famoso por sua semelhança com o rei Eduardo

ela era uma dama muito elegante e havia lírios brancos no salão Não minha cara não suporto o cheiro deles no quarto e os bullterriers mordiam os vendedores e o pequeno jornaleiro. Não meu caro eles nunca mordem pessoas boas e são fantásticos com Billy e seus amigos

fomos todos andar de carruagem e o homem atrás soprava um longo corno e ali é que estava Dick Whittington com seu gato e os sinos e havia cestos cheios de comida e ela tinha olhos cinza e era muito boa com o filhinho do amigo embora detestasse simplesmente detestasse a maioria das crianças e o cavalheiro amigo que era famoso por sua semelhança com o rei Eduardo não os suportava nem aos bullterriers e ela vivia perguntando Por que você o chama assim?

e você pensou em Dick Whittington e nos grandes sinos de Bow, três vezes lorde prefeito de Londres, e olhava nos olhos cinza dela e dizia Talvez porque o chamei assim a primeira vez e vi-o e não gostei dela e não gostei dos bullterriers e não gostei da carruagem mas queria Dick Whittington três vezes lorde prefeito de Londres fazia soar os grandes sinos de Bow e eu queria Dick Whittington queria estar em casa mas não tinha casa alguma e o homem atrás soprava um longo corno

Eleanor Stoddard

O trabalho na Marshall Field era muito diferente do da casa da sra. Lang. Na casa da sra. Lang havia apenas uma patroa, mas na grande loja parecia ter todo o mundo do departamento em cima dela. Contudo, era tão refinada e distante e tinha um jeitinho tão inteligente e definido de falar que, embora as pessoas não gostassem muito dela, dava-se bem. Até a sra. Potter e o sr. Spotmann, os chefes do departamento, tinham um pouco de medo dela. Circulou o boato de que era uma moça da sociedade que na realidade não precisava ganhar a vida. Era muito simpática com os fregueses nos problemas que enfrentavam para fazer coisas em casa e tinha um jeitinho humilde-condescendente com a sra. Potter e admirava as roupas dela, de modo que no fim de um mês a sra. Potter disse ao sr. Spotmann:

— Acho que fizemos uma grande descoberta com a jovem Stoddard.

E o sr. Spotmann, sem abrir a ratoeira branca que era a sua boca de velha, disse:

— É o que eu penso desde o começo.

Quando Eleanor saiu à rua, numa tarde de sol, com o envelope de sua primeira semana de pagamento na mão, sentia-se muito feliz. Tinha um sorrisozinho tão definido nos lábios finos que algumas pessoas se voltavam para olhá-la, ao vê-la passar de cabeça baixa contra a rajada de vento, para impedir o chapéu de voar. Ela dobrou a avenida Michigan em direção ao Auditorium, olhando as vitrinas iluminadas e o céu azul muito pálido e os montes de nuvens fofas cinza-pombo sobre o lago e as bolas brancas de vapor das locomotivas. Entrou no grande saguão cor

de âmbar do anexo do Auditorium, sentou-se sozinha a uma mesa de vime no canto do saguão e ficou ali um longo tempo inteiramente só, bebendo uma xícara de chá e comendo torrada com manteiga, fazendo os pedidos ao garçom com uma vozinha seca e refinada e endinheirada.

Depois foi à Moody House, arrumou suas coisas e mudou-se para o Eleanor Club, onde conseguiu um quarto por sete e cinquenta, com refeições. Mas o quarto não era muito melhor e tudo cheirava ainda a instituição de caridade, e por isso na semana seguinte ela tornou a mudar-se para um pequeno hotel residencial na zona norte, onde conseguiu cama e comida a quinze dólares por semana. Como isso só lhe deixava um saldo de três e cinquenta – o emprego, afinal, só pagava vinte, o que na verdade significava apenas dezoito e cinquenta, depois de pago o seguro — teve de recorrer novamente ao pai. Impressionou-o tanto com sua ascensão no mundo e as oportunidades de aumento que o velho lhe prometeu cinco dólares por semana, embora ele próprio só ganhasse vinte e estivesse pensando em voltar a casar-se, com uma certa sra. O'Toole, uma viúva com cinco filhos que tinha uma pensão em Elsdon Way.

Eleanor recusou-se a ir visitar a futura madrasta, e fez o pai prometer enviar-lhe o dinheiro por ordem de pagamento toda semana, já que não podia esperar que ela fosse até Elsdon Way para recebê-lo. Ao deixá-lo, beijou-o na testa e o fez sentir-se muito feliz. O tempo todo dizia a si mesma que aquela era a última vez.

Voltou ao Hotel Ivanhoé, subiu para o seu quarto e deitou-se com o rosto para cima na confortável cama metálica, olhando o quartinho em redor, com o madeiramento branco e o papel

amarelo-claro de listras mais escuras e acetinadas e as cortinas de renda na janela e os pesados reposteiros. Havia uma rachadura no teto e o tapete estava gasto, mas o hotel era muito refinado, lá isso podia ver, cheio de velhos casais que viviam de pequenas rendas e a criadagem era muito velha e cortês e pela primeira vez na vida ela se sentia em casa.

Quando Eveline Hutchins voltou da Europa na primavera seguinte, usando um chapéu largo de pluma e falando sem parar do Salon des Tuileries e da rue de la Paix e dos museus e exposições de arte e da ópera, encontrou Eleanor uma moça mudada. Parecia mais velha do que era, vestida discretamente e na moda, e tinha uma nova maneira decidida de falar. Achava-se completamente estabelecida no departamento de decoração de interiores da Marshall Field e esperava um aumento a qualquer dia, mas não falava disso. Desistira de frequentar aulas ou de rondar o Instituto de Arte e passava grande parte do tempo com uma velha solteirona que também morava no Ivanhoé e tinha fama de ser muito rica e avarenta, uma certa srta. Eliza Perkins.

No primeiro domingo depois da volta de Eveline, Eleanor levou-a a tomar chá no hotel e as duas sentaram-se no abafado saguão falando em delicados sussurros com a velha. Eveline perguntou por Eric e Maurice, e Eleanor disse que achava que iam bem, embora não os visse muito desde que Eric perdera o emprego na Marshall Field. Eric não se saíra tão bem quanto ela esperara. Ele e Maurice haviam começado a beber muito e a andar com companhias duvidosas, e Eleanor raramente tinha oportunidade de vê-los. Ela jantava todos os dias com a srta. Perkins, que a tinha em grande conta e comprava-lhe roupas e levava-a a passear de carruagem no parque e às vezes ao teatro, quando

havia alguma coisa realmente digna em cartaz, Minnie Maddern Fiske ou Guy Bates Post numa peça interessante. A srta. Perkins era filha de um rico dono de bar e fora enganada na juventude por um jovem advogado ao qual confiara o investimento de um dinheiro e pelo qual se apaixonara. Ele fugira com outra moça e um certo número de ações. Eleanor não conseguira descobrir o quanto restara do patrimônio da srta. Perkins, mas como ela sempre comprava os melhores lugares no teatro e gostava de jantar em hotéis e restaurantes caros e alugava uma carruagem por meio dia sempre que precisava, julgava que ainda devia estar bem de vida.

Depois de deixarem a srta. Perkins para ir cear com os Hutchins, Eveline disse:

— Ora, vejam... não entendo o que você vê nessa... nessa solteironazinha... E aqui estava eu, explodindo de vontade de lhe contar um milhão de coisas e lhe fazer um milhão de perguntas... Acho que foi maldade sua.

— Eu sou muito dedicada a ela, Eveline. Achei que você gostaria de conhecer qualquer grande amiga minha.

— Oh, claro que gostaria, querida, mas, Deus do céu, não consigo compreender você.

— Bem, não precisa tornar a visitá-la, embora possa dizer pelas maneiras dela que achou você encantadora.

A caminhada da estação do Elevado para a casa dos Hutchins pareceu mais como nos velhos tempos. Eleanor falou dos crescentes ressentimentos entre o sr. Spotmann e a sra. Potter, dizendo que ambos a queriam de seu lado, e fez Eveline rir, e Eveline confessou que no Kroonlan, na volta, se apaixonara loucamente por um homem de Salt Lake City, um verdadeiro alívio depois daqueles

estrangeiros todos, e Eleanor zombou dela por isso e disse que provavelmente era um mórmon.

Eveline riu e disse:

— Não, era um juiz — e admitiu que já era casado.

— Está vendo — disse Eleanor. — É claro que é um mórmon.

Mas Eveline disse que sabia que não era e que se ele se divorciasse da esposa casaria com ela no mesmo minuto. Então Eleanor disse que não acreditava em divórcio e se não tivessem chegado à porta teriam começado uma discussão.

Naquele inverno, não viu muito Eveline. A outra tinha muitos pretendentes e saía muito para festas e Eleanor lia a seu respeito na coluna social das manhãs de domingo. Andava muito ocupada e frequentemente estava cansada demais à noite mesmo para ir ao teatro com a srta. Perkins. A briga entre a sra. Potter e o sr. Spotmann chegou ao auge e a gerência transferiu a sra. Potter para outro departamento e ela se deixou cair numa velha cadeira espanhola e desabou e chorou bem diante dos fregueses e Eleanor teve de levá-la ao toalete e arranjar-lhe sais aromáticos e ajudá-la a recompor os cabelos oxigenados no grande penteado à Pompadour e consolou-a dizendo-lhe que provavelmente ia gostar muito mais do outro prédio, de qualquer maneira. Depois disso, o sr. Spotmann se mostrou muito cordato durante vários meses. De vez em quando levava Eleanor para almoçar com ele e tinham uma piadinha da qual riam sobre o penteado Pompadour da sra. Potter balançando quando ela chorara em frente aos fregueses. Ele enviava Eleanor para fazer muitas pequenas tarefas em casas ricas e os fregueses gostavam dela por ser tão refinada e simpática e os outros empregados do

departamento odiavam-na e apelidaram-na de "queridinha do professor". O sr. Spotmann chegou mesmo a dizer que ia tentar obter-lhe uma porcentagem das comissões e muitas vezes falava em dar-lhe aquele aumento para vinte e cinco dólares por semana.

Aí, um dia, Eleanor voltou tarde para a ceia e o velho recepcionista do hotel lhe disse que a srta. Perkins sofrera um ataque cardíaco, quando comia bife e torta de rim no almoço e morrera no próprio restaurante do hotel e que o corpo fora removido para a Capela Funerária Irving e perguntou-lhe se ela conhecia algum parente que pudesse ser avisado. Eleanor sabia apenas que os negócios financeiros dela eram cuidados pelo Corn Exchange Bank e achava que ela tinha sobrinhas em Mound City, mas não sabia os nomes. O recepcionista estava muito preocupado em saber quem ia arcar com as despesas de remoção do corpo e do médico e uma semana de hotel não paga e disse que todas as coisas dela seriam retidas até que aparecesse alguém qualificado para reclamá-las. Parecia pensar que a srta. Perkins morrera especialmente para prejudicar a gerência do hotel.

Eleanor subiu para o seu quarto e jogou-se na cama e chorou um pouco, porque gostava da srta. Perkins.

Então, um pensamento insinuou-se em sua mente e fez seu coração bater depressa. E se a srta. Perkins lhe houvesse deixado uma fortuna em seu testamento? Coisas assim aconteciam. Jovens que abriam genuflexórios na igreja, cocheiros que pegavam uma mala de mão; as velhas viviam deixando suas fortunas para pessoas assim.

Já via as manchetes: FUNCIONÁRIA DA MARSHALL FIELD HERDA MILHÕES.

Não conseguiu dormir a noite toda e pela manhã encontrou o gerente do hotel e ofereceu-se para fazer o que pudesse. Telefonou para o sr. Spotmann e pediu-lhe que lhe desse o dia de folga, explicando que estava praticamente prostrada pela morte da srta. Perkins. Depois chamou o Corn Exchange Bank e falou com um tal de sr. Smith, o encarregado dos bens da srta. Perkins. Ele garantiu-lhe que o banco faria tudo em seu poder para proteger os herdeiros e beneficiários residuais e disse que o testamento se achava no cofre particular da srta. Perkins e tinha certeza de que tudo estava na forma legal adequada.

Eleanor nada tinha a fazer o dia todo, e por isso chamou Eveline para almoçar e depois foram juntas ao Keith's. Ela não achava muito direito ir ao teatro com uma velha amiga ainda estendida na funerária, mas estava tão nervosa e histérica que precisava fazer alguma coisa para tirar da mente aquele choque horrível. Eveline mostrou-se muito simpática e as duas se sentiram mais unidas do que nunca desde que os Hutchins tinham viajado para o exterior. Eleanor não disse nada de suas esperanças.

Ao funeral, compareceram apenas Eleanor e a camareira irlandesa do hotel, uma velha que fungava e se persignava muito, e o sr. Smith e um tal de sr. Sullivan, que representava os parentes de Mound City. Eleanor vestia-se de negro e o agente funerário aproximou-se dela e disse:

— Me desculpe, senhorita, mas não posso deixar de dizer que está muito bonita, parece um lírio das Bermudas.

Não foi tão ruim quanto ela esperava e depois, com o sr. Smith e o sr. Sullivan, o representante da firma de advogados que cuidava dos interesses dos parentes, sentiu-se muito satisfeita por sair do crematório.

Era um luminoso dia de outubro, e todos concordaram em que outubro era o melhor mês do ano e que o pastor lera o serviço funerário de uma forma muito bonita. O sr. Smith perguntou a Eleanor se não queria almoçar com eles, uma vez que era citada no testamento, e o coração dela quase parou de bater e ela baixou os olhos e disse que teria muito prazer.

Entraram todos num coche de aluguel. O sr. Sullivan disse que era agradável afastar-se da capela funerária e daqueles pensamentos sombrios. Foram almoçar no Yonghe's e Eleanor fê-los rir contando como tinham agido no hotel e o corre-corre em que todos haviam ficado, mas quando lhe entregaram o cardápio disse que não poderia comer nada. Contudo, ao ver o peixe branco em postas disse que aceitaria apenas um pouco para comer em pedaços no seu prato. Acontece que o ventoso ar de outubro deixara-os todos famintos e também a longa jornada no coche. Eleanor desfrutou bem o seu almoço e depois do peixe branco comeu um pouco de salada Waldorf e em seguida pêssegos em calda.

Os cavalheiros perguntaram-lhe se se importaria caso eles fumassem charutos e o sr. Smith assumiu um ar matreiro e perguntou se ela aceitava um cigarro e ela corou e disse que não, nunca fumava e o sr. Sullivan disse que não respeitava uma mulher que fumava e o sr. Smith disse que algumas das moças das melhores famílias em Chicago fumavam e quanto a si mesmo não via mal naquilo se elas não viravam verdadeiras chaminés. Após o almoço, atravessaram a rua e subiram o elevador até o escritório do sr. Sullivan e sentaram-se ali em grandes poltronas de couro e o sr. Smith e o sr. Sullivan assumiram expressões solenes e o sr. Smith pigarreou e começou a ler o testamento. Eleanor não

conseguiu entender a princípio e o sr. Smith teve de explicar-lhe que o grosso da fortuna de três milhões de dólares era deixado ao lar de Florente Crittenton para moças desgarradas, mas que as três sobrinhas de Mound City receberiam a soma de mil dólares cada e um belo broche de diamantes em forma de locomotiva ficava para Eleanor Stoddard.

— Se vier ao Corn Exchange Bank amanhã, srta. Stoddard — disse o sr. Smith —, eu terei muito prazer em entregá-lo à senhorita.

Eleanor caiu em prantos.

Os dois foram muito simpáticos e comoveram-se com o fato de a srta. Stoddard mostrar-se tão emocionada com a lembrança de sua velha amiga. Quando ela deixou o escritório, prometendo ir buscar o broche no dia seguinte, o sr. Sullivan dizia na voz mais amistosa:

— Sr. Smith, o senhor entende que vou ter de contestar esse testamento, no interesse dos Perkins de Mound City.

E o sr. Smith respondia na voz mais amistosa:

— Acho que sim, sr. Sullivan, mas não creio que vá muito longe com isso. É um documento indiscutível, se assim posso dizer, embora não deva, porque fui eu mesmo quem o fez.

Assim, no dia seguinte, às oito, Eleanor estava novamente a caminho da Marshall Field e ali ficou durante vários anos. Conseguiu o aumento e as porcentagens sobre as comissões, e tornou-se muito íntima do sr. Spotmann, mas ele nunca tentou cortejá-la e as relações entre os dois foram sempre formais; isso era um alívio para Eleanor, porque continuava ouvindo histórias sobre chefes de seção e de departamentos em lojas que impunham suas atenções às jovens funcionárias e o sr. Elwood, do

departamento de móveis, fora despedido por esse mesmo motivo, quando se soube que a pequena Lizzie Dukes ia ter um bebê, mas talvez não fosse culpa apenas do sr. Elwood, uma vez que Lizzie Dukes não parecia estar nem um pouco pior do que devia estar; de qualquer modo, parecia a Eleanor que passaria o resto de sua vida mobiliando novas salas de estar e de jantar para os outros, combinando cortinas e mostras de guarnições de couro e papel de parede, apaziguando freguesas às quais tinham enviado um cão oriental de louça em vez de uma mesa de chá de teca, ou que, mesmo depois de o terem escolhido pessoalmente, não estavam satisfeitas com o padrão de um cretone.

Uma noite, encontrou Eveline Hutchins esperando por ela, quando a loja fechou. Eveline não chorava, mas exibia uma palidez mortal. Disse que não comia havia dois dias e perguntou-lhe se não queria tomar chá com ela na Sherman House ou em qualquer outra parte.

Foram ao anexo do Auditorium e sentaram-se numa sala e pediram chá e torrada com canela e depois Eveline contou-lhe que rompera seu noivado com Dirk McArthur e decidira não se matar, mas trabalhar.

— Jamais me apaixonarei por alguém de novo, só isso, mas preciso fazer alguma coisa e você está apenas se consumindo naquela sufocante loja de departamentos, Eleanor. Sabe que não tem uma chance de mostrar o que pode fazer; está apenas desperdiçando sua capacidade.

Eleanor disse que odiava aquilo como veneno, mas que ia fazer?

— Por que não fazemos o que temos falado todos esses anos?... Oh, as pessoas me deixam furiosa, jamais terão nenhuma coragem

nem farão nada divertido ou interessante... Aposto com você que se iniciássemos um negócio de decorações receberíamos montes de pedidos. Sally Emerson nos dará sua casa nova para decorar e depois todo mundo terá de nos chamar... Não creio que as pessoas realmente queiram viver nos horríveis lugares abafados onde vivem; apenas não sabem o que fazer.

Eleanor ergueu sua xícara e bebeu vários goles. Olhou sua mãozinha branca cuidadosamente manicurada, de unhas compridas, segurando a xícara. Depois disse:

— Mas onde iríamos arranjar o capital? Precisaríamos de um pequeno capital para começar.

— Creio que papai nos cederá um pouco, e talvez Sally Emerson possa fazer o mesmo; é uma pessoa extremamente boa e aí nossa primeira encomenda nos lançará na praça... Oh, vamos, Eleanor, será tão divertido.

– Hutchins e Stoddard, Decoração de Interiores — disse Eleanor, baixando a xícara —, ou talvez srta. Hutchins e srta. Stoddard; ora, minha cara, acho uma grande ideia!

— Não acha que seria melhor apenas Eleanor Stoddard e Eveline Hutchins?

- Oh, bem, podemos decidir sobre o nome quando alugarmos um estúdio e o colocarmos na lista telefônica. Por que não pomos as coisas dessa maneira, cara Eveline... se você conseguir que sua amiga, a sra. Emerson, nos entregue a decoração de sua nova casa, estamos no negócio; se não, esperaremos até termos uma encomenda real para começarmos.

— Tudo bem; sei que ela entregará. Vou correndo vê-la agora mesmo. — Eveline estava com boas cores agora. Levantou-se e curvou-se sobre a amiga e beijou-a. — Oh, Eleanor, você é maravilhosa.

— Espere um minuto, não pagamos o chá — disse Eleanor.

No mês seguinte, o escritório estava insuportável, com as queixas dos fregueses, a obrigação de deixar o Ivanhoé toda manhã e ser cortês com o sr. Spotmann e pensar em piadinhas para fazê-lo rir. Seu quarto no Ivanhoé parecia pequeno e sórdido, com aquele cheiro de cozinha que subia e entrava pela janela e o cheiro de graxa do velho elevador. Vários dias telefonava para dizer que estava doente e depois descobria que não podia ficar no quarto e vagava pela cidade, indo a lojas e cinemas, e então ficava subitamente morta de cansaço e tinha de voltar para casa num táxi que não podia dar-se o luxo de tomar. Voltava mesmo ao Instituto de Arte de vez em quando, mas conhecia todos os quadros de cor e não tinha mais paciência para olhá-los. Então, finalmente, Eveline conseguiu com que a sra. Philip Paine Emerson achasse que sua nova casa não podia passar sem um novo tom na sala de jantar e fizeram-lhe um orçamento muito menor que o de qualquer loja de decoração estabelecida, e Eleanor teve o prazer de observar o rosto espantado do sr. Spotmann quando se recusou a ficar no emprego mesmo com um aumento para quarenta por semana e disse que tinha um pedido com uma amiga para decorar a nova mansão dos Paine Emerson em Lake Forest.

— Bem, minha cara — disse o sr. Spotmann, movendo a boca quadrada —, se você quer cometer suicídio em sua carreira, não sou eu quem vai detê-la. Pode ir embora agora mesmo se quiser. E claro que perde a gratificação de Natal.

O coração de Eleanor batia rápido. Olhou a luz cinza que entrava no escritório, e a caixa amarela de amostras e as cartas num arquivo e os pequenos pedaços de amostra que pendiam deles. Na antessala, Ella Bowen, a estenógrafa, parara de datilografar; provavelmente estava à escuta. Eleanor aspirou o ar sem

vida que cheirava a chintz e verniz de móveis e calor de vapor e bafo humano e disse:

— Tudo bem, sr. Spotmann, vou-me embora.

Levou todo o dia para receber seu salário e recolher o dinheiro do seguro que lhe era devido e teve uma longa discussão com o caixa sobre a quantia certa, de modo que já era fim de tarde quando saiu para a neve de açoite das ruas e entrou numa drugstore para telefonar a Eveline.

A amiga já alugara dois andares de uma velha casa vitoriana perto da avenida Chicago, e passaram todo o inverno ocupadas decorando o escritório e a sala de amostras no térreo e o apartamento em cima onde iam morar, e fazendo a sala de jantar de Sally Emerson. Arranjaram uma empregada negra chamada Amelia, que era uma boa cozinheira, embora bebesse um pouco, e fumavam cigarros e tomavam coquetéis no fim da tarde e comiam jantarezinhos com vinho, e encontraram um costureiro francês na miséria que lhes fazia vestidos de soirée para usar quando saíam com Sally Emerson e seu grupo, e andavam em táxis e conheceram um monte de pessoas realmente interessantes. Na primavera, quando finalmente receberam um cheque de quinhentos dólares de Philip Paine Emerson, já estavam com um rombo de mil dólares, mas viviam como queriam. A sala de jantar foi considerada um pouco radical, mas algumas pessoas gostaram, e elas receberam mais alguns pedidos. Fizeram muitos amigos e recomeçaram a sair com artistas e com redatores especializados do *Daily News* e do *American*, que as levavam a jantar em restaurantes estrangeiros muito enfumaçados onde se falava um bocado de pintura francesa moderna e do Meio Oeste e de mudanças para Nova York. Foram ao Armory Show e puseram

uma foto do Pássaro Dourado de Brancusi sobre a mesa do escritório e cópias do *Little Review* e *Poetry* entre as pastas de cartas de clientes e contas atrasadas de fornecedores.

Eleanor saía muito com Tom Custis, um homem idoso de cara vermelha, que gostava de música, coristas e bebidas, pertencia a todos os clubes e durante anos fora um grande admirador de Mary Garden. Ele tinha um camarote na ópera e um Stevens-Duryea e nada a fazer a não ser ir a alfaiates e visitar especialistas e de vez em quando vetar um judeu ou um arrivista que solicitava admissão num dos clubes a que pertencia. Os Armour haviam comprado a empresa de embalagem de carne de seu pai quando ele ainda era um atleta na faculdade e jamais fizera o menor trabalho desde então. Dizia estar completamente nauseado da vida social e gostava de interessar-se pelo negócio de decoração das moças. Mantinha-se em estreito contato com Wall Street e de vez em quando transferia para Eleanor algumas ações com as quais negociava. Se subissem, o ganho era dela; se caíssem, a perda era dele. Tinha uma mulher num sanatório particular e decidiu, com Eleanor, que seriam apenas amigos. Às vezes tornava-se um pouco afetuoso demais, quando voltavam para casa à noite, mas Eleanor repreendia-o e ele se mostrava muito arrependido no dia seguinte, e enviava-lhe grandes caixas de flores brancas.

Eveline tinha vários pretendentes, escritores e ilustradores e pessoas desse tipo, que nunca tinham dinheiro e comiam e bebiam tudo em casa quando vinham jantar. Um deles, Freddy Seargeant, era ator e produtor, temporariamente encalhado em Chicago. Tinha amigos no escritório Shubert e sua grande ambição era montar uma pantomima como a *Sumurun* de Reinhardt,

só que baseada em histórias dos maias. Possuía um monte de fotos das ruínas maias, e Eleanor e Eveline começaram a desenhar roupas e cenários para a peça. Esperavam conseguir que Tom Custis ou os Paine Emerson entrassem com o dinheiro para uma produção em Chicago.

O principal problema era a música. Um jovem pianista que Tom Custis mandara a Paris para estudar começou a compô-la e veio tocá-la uma noite. Fizeram uma bela festa para ele. Apareceram Sally Emerson e um monte de pessoas da moda, mas Tom Custis bebeu coquetéis demais e não pôde ouvir uma nota e a cozinheira Amelia também se embebedou e estragou o jantar e Eveline disse ao jovem pianista que sua música parecia música de filme e ele saiu zangado. Quando todos se foram, Freddy Seargeant, Eveline e Eleanor ficaram rondando pelo apartamento, sentindo-se muito deprimidos. Freddy Seargeant retorcia com as mãos longas os cabelos negros, ligeiramente polvilhados de branco, e dizia que ia matar-se, e Eleanor e Eveline discutiram violentamente.

— Mas soava como música de filme, e, afinal, por que não devia soar? — dizia Eveline.

Então Freddy Seargeant pegou seu chapéu e saiu dizendo:

— Vocês mulheres tornam a vida um inferno para mim.

E Eveline caiu em prantos e ficou histérica e Eleanor teve de mandar chamar um médico.

No dia seguinte, rasparam cinquenta dólares para enviar Freddy Seargeant de volta a Nova York, e Eveline voltou a morar na casa do Boulevard Drexel, deixando a Eleanor o encargo de ir em frente com o negócio de decoração sozinha. Na primavera seguinte, Eleanor e Eveline venderam por quinhentos dólares

alguns castiçais que haviam encontrado numa loja de refugos da Zona Oeste por vinte e cinco dólares e estavam fazendo cheques para as dívidas mais prementes quando chegou um telegrama.

ASSINADO CONTRATO COM SHUBERT PARA PRODUÇÃO DO RETORNO DO NATIVO VOCÊS FARÃO GUARDA ROUPA E CENÁRIOS CENTO E CINQUENTA DÓLARES POR SEMANA CADA TEM DE VIR PARA NOVA YORK IMEDIATAMENTE PRECISO VOCÊS TELEGRAFEM IMEDIATAMENTE HOTEL DES ARTISTES CENTRAL PARK SOUTH FREDDY

— Eleanor, temos de fazer isso — disse Eveline, tirando um cigarro da bolsa e andando pela sala a fumá-lo furiosamente. — Será às carreiras, mas vamos pegar o Twentieth Century esta tarde.

— Já é mais ou menos meio-dia — disse Eleanor com voz trêmula.

Sem responder, Eveline foi até o telefone e chamou o escritório da Pullman. Nessa noite, as duas sentavam-se em seu vagão, olhando pela janela as fundições de Indiana Harbor, as grandes fábricas de cimento arrotando fumaça cinzenta, os altos-fornos ardentes de Gary, que desapareciam no crepúsculo invernal envolto em fumo. Nenhuma delas dizia coisa alguma.

O Olho da Câmera (19)

a esposa do pastor metodista era uma mulher alta e magra que cantava musiquinhas ao piano numa voz espiralada e sumida e

soubera que você gostava de livros e cultivava flores e legumes e ficara muito interessada porque fora outrora episcopalista e adorava coisas bonitas e escrevera histórias que haviam sido publicadas numa revista e era mais jovem que o marido que era um homem de cabelos negros com uma boca que parecia uma ratoeira com sumo de tabaco escorrendo pelo queixo e ela usava finos vestidos brancos e usava perfume e dizia com uma voz de sino que as coisas eram lindas como um lírio e a lua luminosa como uma bolha cheia a ponto de estourar por trás do pinheiro grande quando voltávamos caminhando pela praia e você sentia que devia passar o braço em torno dela e beijá-la apenas você não queria e de qualquer modo não teria coragem caminhando devagar sobre a areia e as agulhas de pinheiro sob a grande lua inchada a ponto de explodir como uma enorme gota de mercúrio e ela falava muito triste das coisas pelas quais esperara e você achava que era ruim demais

você gostava de livros e do *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbons, e dos romances do capitão Marryat e queria ir para o mar e cidades estrangeiras Carcassonne Marakesh Isfahan e gostava que as coisas fossem bonitas e desejava ter a coragem de abraçar e beijar Martha a moça preta diziam que ela era meio índia a filha da velha Emma e a ruivinha Mary que ensinei a nadar se ao menos eu tivesse coragem noites sem fôlego quando a lua estava cheia mas Oh Deus lírios não

Jornal da Tela XIV

LANÇADOR DE BOMBA DETÉM AUSTRALIANO

coronel diz que os democratas trouxeram sofrimento ao país renunciarei quando morrer rosna Huerta em sombrio défi e metade do México morrerá comigo não se viu nenhuma chama mas o imenso penacho de fumaça enegrecida da cratera subia a uma milha de altura no céu e a cinza vulcânica caía sobre Macomber Flats a treze milhas de distância

Ovos Barulhentos? Não Há Fichas de Pôquer.

Lá embaixo no dique
No velho Alabama
Estão papai e mamãe
E Ephram e Sammy

FADAS DA LUA DANÇAM EM RAVINIA GREENS

WILSON OUVIRÁ OPINIÃO DO COMÉRCIO

admite que jogou bomba mulher policial paga bebida depois de um prejuízo no trigo mata um arrombador

Numa noite de luar
Encontram-se todos
Enquanto esperam
Os banjos tocam ritmos sincopados
Que dizem todos
Que cantam todos

reconhecendo a letra de James o presidente pegou a bombinha e puxou o pavio. Um jorro de bolinhas de goma caiu sobre a mesa; depois, olhando o papel, o Chefe do Executivo leu: "Não coma muitas, porque mamãe diz que vão deixá-lo doente se o fizer".

CAVALGANDO O LOBO DO MAR EM ÁGUAS MEXICANAS

Ficavam todos oscilando
Trauteando e balançando
É o ótimo navio Robert E. Lee
Que veio buscar o algodão

A NOVA FELICIDADE DE ISADORA DUNCAN

agitadores da IWW atropelaram uma comemoração do aniversário de Garibaldi em Rosebank Staten Island esta tarde, insultaram a bandeira italiana, agrediram a socos e pauladas membros da Sociedade Italiana de Rifles e teriam jogado a bandeira americana no chão se

SEIS BANHISTAS DESPIDAS DEIXAM HOMEM HORRÍVEL DE OLHO ROXO

mergulhadores índios procuram corpo de menino afogado. Algumas das testemunhas dizem que viram uma mulher na multidão. Ela foi atingida por um tijolo. O homem de cinza se refugiou por trás das saias dela para disparar. Os conveses de cima e as partes escondidas do barco são o paraíso dos namorados, onde se tomam frequentemente liberdades com moças embriagadas, cujas mães não deviam permitir que viajassem num barco público sem acompanhante.

MEIO OESTE PODE FAZER OU DESTRUIR WILSON

REVELA CAUSAS DE INQUIETAÇÃO DOS TRABALHADORES

"Sou um almirante suíço a caminho da América", e o policial chamou um táxi

Veja-os arrastando os pés
Ouça a música e o canto deles
É simplesmente grande, companheiro,
Esperar no dique
Esperar
pelo
Robert
E.
Lee.

O Imperador do Caribe

Quando Minor C. Keith morreu, todos os jornais trouxeram seu retrato, um homem de olhos-brilhantes, com um nariz aquilino e uma bela pança, e uma expressão nervosa sob os olhos.

Minor C. Keith era filho de um homem rico, nascido numa família que gostava do cheiro do dinheiro, podiam farejar dinheiro a uma distância de metade do globo naquela família.

O tio dele era Henry Meiggs, o Don Enrique da Costa Oeste. O pai tinha uma grande empresa madeireira e lidava com imóveis em Brooklyn;

o jovem Keith era uma lasca da velha cepa

(Nos idos de quarenta e nove, Don Enrique fora atraído a San Francisco pela corrida do ouro. Não foi garimpar nas montanhas, não morreu de sede peneirando pós de álcalis no vale da Morte. Vendia equipamentos aos outros. Ficou em San Francisco fazendo política e alta finança até que se comprometeu demais e teve de tomar um navio às pressas.

O navio levou-o ao Chile. Ele farejava dinheiro no Chile.

Era o capitalista ianque. Construiria ferrovias de Santiago a Valparaíso. Havia depósitos de guano nas ilhas Chincha. Meiggs farejava dinheiro no guano. Cavou uma fortuna do guano, tornou-se uma potência na Costa Oeste, manipulou cifras, ferrovias, exércitos, as políticas dos caciques e políticos locais: eram todos fichas num imenso jogo de pôquer. Por trás de uma mão boa ele amontoava os dólares.

Financiou as incríveis ferrovias dos Andes.)

Quando Tomás Guardia se tornou ditador da Costa Rica, escreveu a Don Enrique para que lhe construísse uma ferrovia;

Meiggs estava ocupado nos Andes, um contrato de 75 mil dólares dificilmente valeria a pena;

por isso enviou seu sobrinho Minor Keith.

As pessoas daquela família não deixavam a grama nascer debaixo de seus pés:

aos dezesseis anos, Minor Keith já vivia por conta própria, vendendo colarinhos e gravatas numa loja de roupas.

Depois disso, foi inspetor de madeira e teve uma empresa madeireira.

Quando seu pai comprou a ilha Padre, ao largo de Corpus Christi, Texas, enviou Minor para fazer dinheiro lá.

Minor Keith começou criando gado na ilha Padre e pescando com rede de arrasto,

mas o gado e o peixe não davam dinheiro bastante

por isso ele comprou porcos e matou os bois e cozinhou a carne e deu-a aos porcos para comer e matou os peixes e deu-os aos porcos para comer,

mas os porcos não davam dinheiro com rapidez suficiente,

e por isso ele se sentiu feliz por ir para Limon.

Limon era um dos piores e mais pestilentos buracos das Caraíbas, até os índios morriam lá de malária, febre amarela, disenteria.

Keith retornou a Nova Orleans no vapor *John G. Meiggs*, a fim de contratar operários para construir a ferrovia. Oferecia um dólar por dia com comida e contratou setecentos homens.

Alguns deles tinham estado por lá antes nos dias de pirataria de William Walker.

Desse bando, cerca de vinte e cinco voltaram vivos.

O resto deixou as carcaças escaldadas de uísque apodrecendo nos pântanos.

Em outra carga, ele embarcou para lá mil e quinhentos; todos morreram, provando que só os negros da Jamaica podiam viver em Limon.

Minor Keith não morreu.

Em 1882, havia trinta quilômetros de ferrovia construídos e Keith estava um milhão de dólares no vermelho;

a ferrovia nada tinha para transportar.

Keith fez com que plantassem bananas, para que a ferrovia tivesse alguma coisa para transportar, e para vender as bananas teve de entrar no negócio de fretes marítimos;

esse foi o começo do negócio de frutas das Caraíbas.

Durante todo esse tempo, os trabalhadores morriam de uísque, malária, febre amarela, disenteria.

Os três irmãos de Minor Keith morreram.

Minor Keith não morreu.

Construiu ferrovias, abriu lojas de varejo acima e abaixo da costa, em Bluefields, Belize, Limon, comprou e vendeu borracha, baunilha, conchas de tartaruga, salsaparrilha, qualquer coisa que pudesse comprar barato comprava, qualquer coisa que pudesse vender caro vendia.

Em 1898, em cooperação com a Boston Fruit Company, formou a United Fruit Company, que desde então se tornou uma das unidades industriais mais poderosas do mundo.

Em 1912, ele incorporou a International Railroads of Central America;

tudo isso construído a partir das bananas;

na Europa e nos Estados Unidos as pessoas haviam começado a comer bananas,

de modo que derrubaram as florestas por toda a América Central para plantar bananas,

e construíram ferrovias para transportar as bananas,

e todo ano mais vapores da Grande Frota Branca

navegavam para o norte carregados de bananas,

e esta é a história do império americano nas Caraíbas,

e do Canal do Panamá e do futuro Canal da Nicarágua e dos fuzileiros navais e dos vasos de guerra e das baionetas.

Por que aquela aparência nervosa sob os olhos no retrato de Minor C. Keith, o pioneiro do comércio de frutas, o construtor de ferrovias, em todas as fotos que os jornais estamparam dele quando ele morreu?

O Olho da Câmera (20)

quando os trabalhadores dos bondes entraram em greve em Lawrence em solidariedade com quem diabos fosse um monte de carcamanos ou de qualquer modo boêmios húngaros que não lavavam o pescoço comiam alho com meninos chorões

e gordas esposas sebosas os malditos estrangeiros puseram um anúncio pedindo voluntários bons jovens limpos

para conduzir bondes e mostrar aos agitadores estrangeiros que esta ainda era uma terra de brancos

bem o tal cara vivia em Matthews e sempre quisera ser condutor de bonde diziam que o sr. Grover fora condutor de bonde em Albany e bebia e era visto nas ruas com prostitutas

bem o tal cara vivia em Matthews e foi para Lawrence com seu colega de quarto e os dois se apresentaram em Lawrence e as pessoas berravam para eles chamando-os de fura-greves mas aqueles que não eram carcamanos eram vagabundos um elemento baixo eles gostavam um bocado um do outro esse cara e seu colega de quarto e ele subiu no estribo e girou a manivela metálica e tocou a sineta

era no depósito de bondes seu colega mexia com alguma coisa entre os para-choques e o tal cara girou a brilhante manivela metálica e o bonde arrancou e ele atropelou o colega de quarto e a cabeça foi esmagada assim entre os para-choques matou-o assim sem mais bem ali no depósito de bondes e agora o tal cara tem de enfrentar os pais do colega de quarto

J. Ward Moorehouse

Em Pittsburgh, Ward Moorehouse arranjou um emprego de repórter no *Times Dispatch* e passou seis meses escrevendo sobre casamentos italianos, convenções locais de Elks, mortes obscuras, assassinatos e suicídios entre lituanos, albaneses, croatas, polacos, os problemas com os documentos de naturalização de donos

de restaurantes gregos, banquetes dos Filhos da Itália. Morava numa casa de madeira vermelha, no fim da avenida Highland, mantida por uma certa sra. Cook, uma velha excêntrica de Belfast, obrigada a aceitar hóspedes desde que o marido, outrora capataz numa das usinas Homestead, fora esmagado por um guindaste que deixara cair uma carga de ferro-gusa em cima dele. Ela fazia os desjejuns e jantares dominicais para Ward e ficava rondando-o enquanto ele os comia sozinho na sala de jantar abafada e atravancada de móveis falando-lhe de sua juventude no norte da Irlanda e da traição dos papistas e das virtudes do falecido sr. Cook.

Foi um tempo ruim para Ward. Não tinha amigos em Pittsburgh e sofreu de resfriados e garganta inflamada durante todo o frio inverno de neve suja e granizo. Odiava a redação do jornal e as ladeiras e os céus encobertos e as escadas de madeira de quebrar o pescoço que vivia a subir e descer, e o cheiro de pobreza e as crianças e as roupas lavadas nas ratoeiras onde vivia procurando a sra. Piretti, cujo marido fora morto numa briga de bar na rua Locust, ou Sam Burkovich, que fora eleito presidente da sociedade de canto ucraniana, ou alguma mulher de mãos cobertas de espuma de sabão cujo filho fora estripado por um degenerado. Jamais voltava para casa antes das três ou quatro da manhã e quando tomava o desjejum ao meio-dia nunca parecia haver tempo algum para fazer qualquer coisa antes de ir à redação receber novas tarefas. Quando chegara a Pittsburgh, fora ver o sr. McGill, que conhecera com Jarvis Oppenheimer em Paris. O sr. McGill lembrara-se dele, anotara seu endereço e dissera-lhe que se mantivesse em contato, porque esperava arranjar um lugar no novo escritório de informação que estava

sendo organizado pela Câmara de Comércio, mas as semanas passavam e ele não recebia notícia alguma do sr. McGill. Recebia de vez em quando um recado seco de Annabelle Marie sobre problemas técnicos legais: ela ia divorciar-se dele acusando-o de não sustentá-la, deserção e crueldade. Tudo que tinha a fazer era recusar-se a ir a Filadélfia quando lhe entregassem os papéis. O perfume no papel de carta azul despertou-lhe uma súbita fúria de desejo por mulher. Mas tinha de manter-se na linha e pensar em sua carreira.

Os piores dias eram os da folga semanal. Muitas vezes ficava o dia inteiro esparramado na cama, deprimido demais para sair para a lama negra das ruas. Escrevia aos cursos por correspondência solicitando cursos de jornalismo e publicidade e até um sobre o cultivo de árvores frutíferas, no impulso de abandonar tudo e ir para o Oeste e arranjar um emprego numa fazenda ou alguma coisa assim; mas sentia-se desencorajado demais para segui-los quando chegavam os folhetos que se acumulavam semana após semana sobre a mesa do quarto. Nada parecia levar a parte alguma. Passava e repassava todo o seu curso de ação desde que deixara Washington naquele dia, de trem, para descer até Ocean City. Devia ter cometido algum erro em algum ponto, mas não conseguia ver onde. Passou a jogar paciência, mas nem mesmo nisso conseguia manter a atenção. Esquecia as cartas e sentava-se à mesa coberta de veludo cor de pão de gengibre, olhando além da mancha das poeirentas samambaias artificiais, enfeitadas com uma capa de papel crepom e de um poeirento arco rosa numa caixa de doces, a rua larga lá embaixo, onde os bondes passavam continuamente rangendo na curva e onde as luzes dos postes, acendendo-se no escurecer de meados da tarde, reluziam um

pouco no negro gelo das sarjetas. Pensava muito nos velhos tempos em Wilmington e em Marie O'Higgins e suas aulas de piano e nas pescas de barco pelo Delaware quando era criança; ficava tão nervoso que tinha de sair e ia tomar um chocolate quente no bar da esquina e depois descia até o centro para ver um filme ou um vaudeville barato. Passou a fumar três charutos baratos por dia, um após cada refeição. Isso dava-lhe algo por que esperar vagamente.

Ia uma ou duas vezes por semana ver o sr. McGill em seu escritório no Edifício Frick. Toda vez ele estava fora, em viagem de negócios. Ward conversava um pouco com a secretária à mesa enquanto esperava e depois saía relutantemente, dizendo:

— Oh, sim, ele disse que ia viajar. — Ou: — Ele deve ter esquecido do encontro.

Com isso tentava disfarçar seu embaraço. Detestava deixar a antessala fartamente iluminada, as grandes e reluzentes cadeiras de mogno com cabeças de leões nos braços e as mesas com patas de leões nos pés e o matraquear das máquinas de escrever por trás das divisórias, e os telefones tocando e os funcionários e diretores bem vestidos entrando e saindo. A redação do jornal era barulhenta, com o clangor das impressoras e o cheiro azedo da tinta de impressão e dos rolos de papel úmidos e os mensageiros suados andando em volta com viseiras verdes. E sem conhecer nenhuma pessoa realmente interessante, nunca obter uma tarefa que não fosse ligada a operários ou estrangeiros ou criminosos; ele odiava isso.

Um dia, na primavera, foi a Schenley entrevistar um conferencista visitante. Sentiu-se bem com isso, pois esperava conseguir uma matéria assinada com o editor. Abria caminho em meio

ao saguão, lotado com a chegada de uma convenção estadual da Kiwanis International, quando deparou com o sr. McGill.

— Ora, olá, Moorehouse — disse o sr. McGill, num tom casual, como se o tivesse visto o dia todo. — Foi bom encontrar você. Aqueles idiotas do escritório perderam seu endereço. Pode me dar um minutinho?

— Sim, claro, sr. McGill — disse Ward. — Tenho um encontro com uma pessoa, mas ela pode esperar.

— Nunca faça um homem esperar se tem um encontro marcado com ele — disse o sr. McGill.

— Bem, não se trata de um encontro de negócios — disse Ward, erguendo o olhar para o sr. McGill, com seu sorriso de olhos azuis. — Ele não vai se importar de esperar um minuto.

Entraram no salão de imprensa e sentaram-se num sofá forrado de tapeçaria. O sr. McGill explicou que acabara de ser nomeado gerente geral interino para reorganizar a Companhia Bessemer de Móveis e Produtos Metálicos, que cuidava de uma grande linha de produtos laterais das Usinas Homestead. Estava procurando um homem ambicioso e cheio de energia para cuidar da publicidade e promoção.

— Lembro-me daquele panfleto que o senhor me mostrou em Paris, sr. Moorehouse, e acho que o senhor é o homem.

Ward baixou os olhos.

— Evidentemente, isso significaria desistir de meu trabalho atual.

— Qual é?

— Trabalho de jornal.

— Oh, largue isso; não há futuro nisso... Teríamos de ter outra pessoa como gerente de publicidade nominal por motivos nos

quais não entraremos agora... mas você será o verdadeiro chefe. Que salário esperaria?

Ward olhou McGill dentro dos olhos, o sangue parou em suas orelhas quando ouviu sua própria voz dizendo casualmente:

— Que tal cem por semana?

O sr. McGill alisou o bigode e sorriu.

— Bem, a gente resolve isso depois — disse, levantando-se. — Acho que posso aconselhá-lo seriamente a deixar seu atual trabalho... Vou falar com o sr. Bateman a esse respeito... para que ele entenda por que o estamos tirando dele... Sem ressentimentos, o senhor entende, por sua súbita demissão... não quero ressentimentos... Venha me ver amanhã às dez. Conhece o escritório no Edifício Frick.

— Creio que tenho algumas ideias valiosas sobre publicidade, sr. McGill. É o trabalho que estou mais interessado em fazer — disse Ward.

O sr. McGill não mais o olhava. Assentiu com a cabeça e saiu. Ward foi entrevistar seu conferencista, receoso de que ele notasse o júbilo em seus olhos.

O dia seguinte era o seu último dia na redação. Aceitou um salário de setenta e cinco dólares, com uma promessa de aumento assim que os retornos o permitissem, alugou um quarto com banheiro no Schenley, ganhou um escritório próprio no Edifício Frick, onde se sentava a uma mesa com um jovem chamado Oliver Taylor, sobrinho de um dos diretores, que estava sendo treinado nas várias seções da organização. Oliver Taylor era um jogador de tênis de primeira e pertencia a todos os clubes e sentia-se demasiado satisfeito em deixar que Moorehouse fizesse o trabalho. Quando descobriu que Moorehouse estivera no exterior e man-

dara fazer suas roupas na Inglaterra, inscreveu-o no Sewickley Country Club e saía com ele para beber após o trabalho. Pouco a pouco, Moorehouse foi conhecendo pessoas e sendo convidado como um bom partido. Começou a jogar golfe com um instrutor num pequeno campo em Allegheny, aonde esperava que ninguém soubesse que ia. Quando já podia jogar mais ou menos, foi a Sewickley experimentar.

Numa tarde de domingo, Oliver Taylor entrou com ele e apontou todos os grandes diretores das siderúrgicas e minerações e da indústria de petróleo espalhados pelo gramado, fazendo uns com os outros piadinhas obscenas que causaram alguns sorrisos em Ward, mas que lhe pareceram de muito mau gosto. Era uma ensolarada tarde de maio e ele sentia o cheiro das acácias na brisa, vindo das terras férteis ao longo do Ohio, e ouvia o ruído forte das bolas de golfe e o drapejar dos vestidos coloridos na grama em torno da sede do clube, e o som de risadas e trechos em voz de barítono da sóbria conversa dos homens de negócios na ensolarada brisa, que ainda tinha um pouco do calor da fumaça dos altos-fornos. Era difícil evitar que os homens a quem o apresentavam vissem como se sentia bem.

O resto do tempo, não fazia mais nada além de trabalhar. Mandou sua estenógrafa, a srta. Rodgers, uma solteirona de cara insossa que conhecia o negócio de produtos metálicos de cabo a rabo por ter trabalhado quinze anos nos escritórios de Pittsburgh, arranjar-lhe livros sobre a indústria e os lia em seu quarto de hotel à noite, de modo que nas conferências de diretores espantava-os com o seu conhecimento dos processos e produtos da indústria. Tinha a cabeça cheia de pontas de trado, ganchos de toros, malhos; caixilhos, machados, machadinhas, chaves-inglesas; às vezes,

na hora do almoço, parava numa casa de ferramentas a pretexto de comprar alguns pregos sem cabeça ou tachas e conversava com o lojista. Leu o *Crowds Junior* e vários livros sobre psicologia, tentava imaginar-se um comerciante de ferramentas ou o diretor da Hammacher Schlemmer ou de alguma outra grande casa de ferramentas, e quebrava a cabeça pensando em que tipo de leitura o atrairia nessas condições. Fazendo a barba enquanto a água escorria para seu banho, pela manhã, via passar entre seu rosto e o espelho longos desfiles de cavaletes, grades, guarnições de alto-forno, bombas, moedores de manivela, furadeiras, compassos de calibre, tornos de bancada, moldes, puxadores e perguntava-se como torná-los atraentes para o varejo. Barbeava-se com uma lâmina Gillette; por que se barbeava com uma lâmina Gillette e não com qualquer outro tipo de lâmina? "Bessemer" era um bom nome, cheirava a dinheiro e a usinas poderosas e grandes diretores desembarcando de limusines. O que tinha a fazer era interessar o comprador de ferramentas, fazê-lo sentir-se parte de algo poderoso e forte, pensava ao escolher uma gravata. "Bessemer", dizia a si mesmo ao comer o desjejum. Por que nossos contrapinos atrairiam mais que os outros?, perguntava-se ao tomar o bonde. Sacolejando em meio à multidão agarrada às alças do veículo a caminho do centro, olhando as manchetes do jornal sem vê-las, correntes e âncoras e garras de ferro e braços mecânicos e ligas e buchas e canos e tampas de canos sacolejavam-lhe na cabeça. "Bessemer."

Quando pediu um aumento, obteve-o, passando para cento e vinte e cinco dólares.

Num baile no Country Club, conheceu uma moça loura que dançava muito bem. Chamava-se Gertrude Staple e era a filha única do velho Horace Staple, diretor de várias corporações e tido

como dono de uma grande fatia das ações da Standard Oil. Gertrude era noiva de Oliver Taylor, embora os dois só brigassem quando estavam juntos, segundo ela confiou a Ward quando ficaram sentados durante uma dança. O terno de Ward assentava-lhe bem e ele parecia muito mais jovem que a maioria dos homens no baile. Gertrude disse que os homens de Pittsburgh não tinham porte. Ward falou de Paris e ela disse que se entediava até as lágrimas e preferia morar em Nome, no Alasca, a morar em Pittsburgh. Agradava-lhe muito que ele conhecesse Paris e ele falou da Tour d'Argent e do Hotel Wagram e do Ritz Bar e lamentou muito não ter um carro, porque percebeu que ela queria que ele lhe pedisse para levá-la em casa. Mas no dia seguinte enviou-lhe algumas flores com um bilhetinho em francês que achou que a faria rir. No sábado seguinte, à tarde, foi a uma autoescola tomar aulas de direção e passou pela agência de automóveis Stutz para ver em que termos conseguiria comprar um carro usado.

Um dia, Oliver Taylor entrou no escritório com um sorriso esquisito no rosto e disse:

— Ward, Gertrude está caída por você. Não fala de outra coisa... Vá em frente; eu não dou a mínima. Ela é problemática demais para mim. Me cansa em apenas meia hora.

- Provavelmente é porque não me conhece — disse Ward, corando um pouco.

— É chato que o velho dela só a deixe casar com um milionário. Você podia conseguir alguma coisa do namoro.

- Não tenho tempo para essas coisas — disse Ward.

— Essas coisas não me deixam tempo para mais nada — disse Taylor. — Bem, até logo... Deixo as coisas com você; eu tenho um

almoço com uma garota sensacional... é uma boneca quente e dança no *Moinho Vermelho*, na primeira fila, a terceira da esquerda. — Piscou o olho, deu um tapinha nas costas de Ward e saiu.

Na vez seguinte em que Ward apareceu na mansão dos Staple, que ficava recuada atrás das árvores, foi num Stutz vermelho que pegara para testar. Dirigia-o bastante bem, mas fez a curva rápido demais na estradinha de acesso à casa e esmagou algumas tulipas num canteiro. Gertrude avistou-o da janela da biblioteca e gozou-o por isso. Ele disse que era um péssimo motorista, sempre fora e sempre seria. Ela serviu-lhe chá e um coquetel numa mesinha debaixo de uma macieira no fundo da casa e ele se perguntava o tempo todo em que conversavam se devia falar-lhe de seu divórcio. Contou-lhe da vida infeliz que vivera com Annabelle Strang. Ela mostrou-se muito compreensiva. Conhecia o dr. Strang.

— E eu temia que você fosse apenas um aventureiro... do arado à presidência, você sabe... esse tipo de coisa.

— Mas eu sou — ele disse, e ambos riram e ele viu que ela estava realmente louca por ele.

Nessa noite, encontraram-se num baile e andaram até o fim da estufa, onde fazia muito calor entre as orquídeas, e ele beijou-a e disse-lhe que ela parecia uma pálida orquídea amarela. Depois disso, sempre se esgueiravam para algum lugar assim que tinham uma oportunidade. Ela tinha um jeito de desabar de repente em seus braços, quando a beijava, que lhe dava a certeza de que o amava. Mas quando voltava para casa após essas noites, vinha demasiado nervoso e excitado para dormir, e andava de um lado para outro dentro do quarto querendo uma mulher com quem dormir e maldizendo-se. Muitas vezes tomava um banho frio e

dizia a si mesmo que devia cuidar dos negócios e não se preocupar com essas coisas nem deixar uma garota obcecá-lo daquele jeito. As ruas na parte baixa da cidade viviam cheias de prostitutas, mas ele temia pegar uma doença ou ser chantageado. Então, uma noite, após uma festa, Oliver Taylor levou-o a uma casa que segundo ele era de toda confiança, onde conheceu uma bonita morena polonesa que não podia ter mais de dezoito anos, mas não voltou com muita frequência, porque custava cinquenta dólares e ele ficava sempre nervoso quando estava lá, receando uma batida policial e chantagem.

Numa tarde de domingo, Gertrude disse-lhe que sua mãe a repreendera por ser vista com ele tantas vezes, por causa de sua esposa em Filadélfia. O aviso do divórcio chegara na manhã anterior. Ward estava eufórico e falou-lhe disso e pediu-lhe que se casasse com ele. Estavam no recital de órgão livre no Instituto Carnegie, um bom lugar para encontrarem-se porque ninguém importante jamais ia ali.

— Venha ao Schenley e eu lhe mostro o papel.

A música começara. Ela balançou a cabeça, mas deu-lhe tapinhas na mão, que repousava no assento de veludo ao lado do seu joelho. Saíram no meio do número. A música dava-lhes nos nervos. Ficaram longo tempo parados no vestíbulo, conversando. Gertrude parecia infeliz e perturbada. Disse que tinha a saúde fraca e que o pai e a mãe jamais consentiriam em que se casasse com um homem que não tivesse uma renda igual à sua e que desejaria ser uma pobre estenógrafa ou telefonista para poder fazer o que quisesse e que o amava muito e sempre o amaria e achava que acabaria entregando-se à bebida ou às drogas porque a vida era simplesmente horrível demais.

Ward manteve-se muito calmo e com os maxilares cerrados e disse que ela realmente não podia pensar nele e que no que lhe dizia respeito aquilo era o fim e que se voltassem a encontrar-se seriam apenas bons amigos. Levou-a pela avenida Highland no Stutz ainda não pago e mostrou-lhe a casa onde morara quando chegara a Pittsburgh e disse que ia para o Oeste iniciar uma empresa de publicidade própria e finalmente deixou-a na casa de uma amiga em Highland Park, onde ela dissera ao seu chofer que a pegasse às seis.

Ele voltou ao Schenley e tomou uma xícara de café preto no quarto e se sentiu muito irado e sentou-se para trabalhar em um texto que estava escrevendo, murmurando o tempo todo:

— Ao diabo com essa cadela.

Nos meses seguintes, não pensou muito em Gertrude porque houve uma greve na Homestead e três grevistas foram mortos pelos guardas da mina e alguns jornalistas sentimentalistas de Nova York e Chicago começaram a ocupar muito espaço na imprensa com artigos que atacavam a indústria do aço e as condições feudais em Pittsburgh, como as chamavam, e os progressistas no Congresso faziam um barulho danado e falava-se que pessoas que queriam explorar o assunto politicamente exigiam uma investigação parlamentar. O sr. McGill e Ward jantaram juntos, a sós, no Schenley, para discutir a situação, e Ward disse que o que se precisava era de uma linha inteiramente nova de publicidade na indústria. Cabia à indústria educar o público com uma publicidade cuidadosamente planejada, que se estendesse durante anos. O sr. McGill ficou muito impressionado e disse que discutiria nas reuniões de diretores a viabilidade da fundação de um departamento de informação conjunto para toda a indústria.

Ward disse que achava que devia dirigi-lo, porque estava perdendo seu tempo na Produtos Bessemer; que tudo se reduzira a um trabalho de rotina que qualquer pessoa poderia fazer. Falou em ir para Chicago e abrir uma agência de publicidade própria. O sr. McGill sorriu e alisou seu bigode cinza-aço e disse:

– Não tão depressa, meu rapaz; fique aqui mais um pouco e, por minha honra, não se arrependerá.

Ward disse que estava disposto a ficar, mas já se achava ali há cinco anos e aonde estava indo?

O departamento de informação foi fundado, e Ward foi encarregado do trabalho de fato, a dez mil dólares por ano; e começou a jogar um pouco nas ações com o dinheiro que lhe sobrava, mas havia muita gente acima dele ganhando maiores salários e não fazendo nada senão atrapalhá-lo, e ele andava muito nervoso. Achava que devia casar-se e ter um estabelecimento próprio. Tinha muitos contatos em diferentes ramos das indústrias de ferro e aço e petróleo, e achava que devia receber pessoas. Dar jantares no Fort Pitt ou no Schenley era caro e de alguma forma não parecia muito sólido.

Então, certa manhã, abriu o jornal e descobriu que Horace Staple morrera de angina pectoris no dia anterior, quando subia no elevador do Edifício Carnegie, e que Gertrude e a mãe se achavam prostradas em sua suntuosa residência de Sewickley. Sentou-se imediatamente à escrivaninha, embora isso fosse atrasá-lo no escritório, e escreveu um bilhete a Gertrude:

Querida Gertrude,

Neste terrível momento de dor, permita-me lembrar-lhe que penso em você constantemente. Informe-me logo se posso ser de alguma utilidade para você, de qualquer

forma. No vale das sombras da morte, devemos entender que o Grande Doador a quem devemos todo amor e riqueza e todo afeto diante da alegre lareira é também o Sombrio Ceifador...

Após olhar as palavras, mordendo o cabo da caneta por um instante, decidiu que as sobre o Sombrio Ceifador estavam um pouco densas demais e recopiou o bilhete deixando de fora a última frase, assinou-a "Seu Dedicado Ward" e enviou-a a Sewickley por entrega especial.

Ao meio-dia, ia saindo para o almoço quando o boy do escritório lhe disse que uma senhora o chamava ao telefone. Era Gertrude. Tinha a voz trêmula, mas não parecia muito perturbada. Pediu-lhe que a levasse a jantar nessa noite em algum lugar onde não fossem vistos, porque a casa e tudo mais lhe davam arrepios e ficaria louca se ouvisse mais condolências. Ele disse-lhe que o encontrasse no saguão do Fort Pitt, que ele a levaria a um lugarzinho onde poderiam ficar a sós e conversar.

Nessa noite, soprava um gelado vento de açoite. O céu estivera carregado durante todo o dia, com nuvens escuras passando do noroeste. Gertrude estava tão protegida dentro de suas peles que ele não a reconheceu quando ela entrou no vestíbulo. Ela estendeu-lhe a mão assim que se aproximaram e disse-lhe:

— Vamos sair daqui.

Ward disse que conhecia um restaurantezinho de estrada a caminho de McKeesport, mas achava que a viagem seria fria demais para ela em seu carro aberto. Ela disse:

— Vamos; vamos... eu adoro uma nevasca. — Quando entrou no carro, disse numa voz trêmula:

— Está feliz por ver sua antiga paixão, Ward?

E ele disse:

— Nossa, se estou; mas você está feliz por me ver, Gertrude?

E então ela disse:

— Eu não pareço feliz? — Ele começou a murmurar alguma coisa sobre o pai dela e ela disse: — Por favor, não vamos falar disso.

O vento açoitou-os por detrás o tempo todo até o Monongahela Valley, com ocasionais revoluteios de neve. Montes de minérios e altos-fornos e compridas chaminés recortavam-se negros contra um céu baixo e nublado que captava todo o fulgor do metal em brasa e da lava vermelha e o branco dos arcos e os faróis das locomotivas. Num cruzamento, quase se chocaram com um trem de carvão. Ela apertou o braço dele quando o carro derrapou na freada.

— Essa foi por pouco — ele disse, por entre os dentes cerrados.

— Não me importa. Nada me importa esta noite — ela disse.

Ele teve de saltar para girar a manivela do carro, pois fizera o motor parar.

— Vai ficar tudo bem, se não morrermos congelados — disse.

Quando voltou para o carro, ela curvou-se e beijou-o no rosto.

— Ainda quer casar comigo? Amo você, Ward.

O motor roncava quando ele se voltou e beijou-a com força na boca, como beijara Annabelle naquele dia no bangalô de Ocean City.

— É claro que quero, querida — disse.

O restaurantezinho de beira de estrada era de um casal francês e Ward falou francês com eles e pediu um jantar de frango e vinho tinto e cordiais quentes de uísque para aquecê-los enquanto

esperavam. Não havia mais ninguém às mesas e ele mandou colocar uma mesa bem em frente à lareira a gás, no fundo de uma sala de jantar rosa e amarela pouco iluminada, uma comprida série de mesas espectrais e janelas grandes bloqueadas pela neve. Durante o jantar, falou a Gertrude de seus planos de formar uma agência própria e disse que esperava apenas encontrar um sócio adequado e tinha certeza de que poderia torná-la a maior do país, especialmente com o seu ângulo novo e inexplorado da relação entre o capital e o trabalho.

— Ora, eu poderei ajudar um bocado você, com capital e opiniões e todo tipo de coisas, assim que nos casarmos – ela disse, olhando-o com as faces ardentes e os olhos brilhantes.

— É claro que poderá, Gertrude.

Ela bebeu muito durante o jantar e quis mais uísques quentes depois, e ele beijou-a muito e correu-lhe a mão pela perna acima. Ela parecia não se importar com o que fazia e beijava-o na frente do dono da casa. Quando saíram para pegar o carro e voltar, o vento soprava a noventa quilômetros por hora e a neve cobrira a estrada e Ward disse que seria suicídio tentar dirigir até Pittsburgh numa noite daquelas e que o dono da casa dissera que tinha um quarto pronto para eles e que monsieur e madame seriam loucos se partissem, particularmente porque teriam o vento no rosto durante todo o caminho. A isso, Gertrude teve um minuto de pânico e disse que preferia matar-se a ficar. Depois, desabou de repente nos braços de Ward, soluçando histericamente:

— Quero ficar, quero ficar, amo tanto você.

Telefonaram para a casa dos Staple e falaram com a enfermeira noturna, que disse que a sra. Staple repousava mais calmamente, que tomara um opiato e dormia tranquilamente como

uma criança, e Gertrude pediu-lhe para dizer à mãe, quando acordasse, que ela ia passar a noite com sua amiga Jane English e que estaria em casa assim que a nevasca lhes permitisse pôr o carro na estrada. Depois telefonou para Jane English e disse que estava arrasada de dor e alugara um quarto no Fort Pitt para ficar sozinha. E se sua mãe ligasse dissesse que ela estava dormindo. Depois ligaram para o Fort Pitt e reservaram um quarto em nome dela. E foram para a cama. Ward estava muito feliz e decidido a amá-la muito e ela parecia já ter feito aquilo antes, porque a primeira coisa que disse foi:

— Não vamos fazer disso um casamento sob a mira de espingardas, vamos, querido?

Seis meses depois, estavam casados, e Ward demitiu-se de seu emprego no departamento de informações. Dera um golpe de sorte em Wall Street e decidira tirar um ano de folga para a lua de mel na Europa. Aconteceu que toda a fortuna de Staple fora deixada à sra. Staple, como curadora, e Gertrude só teria direito à sua anuidade, de quinze mil dólares, até a morte da mãe, mas eles planejavam encontrar a velha senhora em Carlsbad e arrancar algum capital dela para a nova agência de publicidade. Viajaram na suíte nupcial do *Deutschland* para Plymouth e fizeram uma bela travessia e Ward só ficou enjoado um dia.

O Olho da Câmera (21)

naquele agosto não choveu nem uma gota e mal choveu em julho a granja achava-se num estado terrível e por toda a Ponta Norte da Virgínia não adiantava colher o milho porque

as folhas de baixo estavam todas murchas e torcidas nas bordas só os tomates deram uma boa colheita

quando não usavam Rattler na fazenda a gente o cavalgava (era um alazão castrado de três anos e tropeçava) pelos altos bosques de pinheiros e as estradas de areia em chamas com o colorido das bignônias e pelos pântanos secos e rachados como couro de jacaré

passavam pela casa dos Morris onde todas as crianças Morris pareciam secas e poeirentas e pardas

e dobravam a margem do rio pelo Harmony Hall onde Sydnor um homenzarrão de dois metros de rosto e nariz compridos com uma grande verruga na ponta do nariz andava vagueando e não sabia o que fazer com a seca e a mulher doente e para ter outro filho e as crianças com coqueluche e ele com o estômago ruim

e por Sandy Pint de novo pelo pinheiro grande

e a srta. Emily olhava por cima da cerca de pé junto do mirto (a srta. Emily usava toucas de abas longas e sempre tinha algumas flores e alguns frangos para vender e o melhor sangue do Sul fluía em suas veias Tancheford é como a gente soletrava o nome mas pronunciava Tofford se ao menos os rapazes não fossem tão imprestáveis sempre bebendo e farreando na beira do rio e contrabandeando uísque de Maryland em vez de pescar e caindo de bêbados e cortando ou perdendo as redes a srta. Emily também tomava uns goles mas sempre fazia boa cara para as coisas olhando por cima da cerca junto ao canteiro de mirtos falando com as pessoas que passavam pela estrada)

depois descíamos para Lynch's Pint onde o velho Bowie Franklin vivia (ele não valia grande coisa nem parecia um galo

Bowie Franklin com seu pescoço comprido e pelancudo e seu andar incerto não podia fazer muito trabalho e não tinha dinheiro para gastar em bebida de modo que apenas alimentava suas galinhas carijós que não valiam grande coisa e pareciam exatamente com Bowie e rondava pelo ancoradouro e às vezes quando o barco estava lá ou havia algum pescador no rio por causa do vento forte lá na baía alguém lhe dava um gole de uísque e ele passava um dia inteiro curtindo a carraspana)

Rattler suava uma coisa terrível porque era alimentado com milho naquele tempo quente e a velha sela fedia e os moscardos zumbiam em torno de seu flanco e era hora do jantar e a gente cavalgava devagar para casa odiando a maldita terra exausta e a seca que não deixava a horta crescer e os grandes gafanhotos verdes e os moscardos zombando na resina dos brotos e nos caquizeiros fantasmagóricos com a poeira da estrada e a praia em forma de foice onde as águas-vivas queimavam a gente quando a gente tentava nadar e os bichos-de-pé e os farrapos de conversas sobre o que acontecia em Haia ou Varsóvia ou Pekatone e o telefone lá embaixo no bangalô que vivia tocando sempre que a mulher de algum fazendeiro ao longo da linha pegava o aparelho para conversar com a mulher de algum outro fazendeiro e por toda a linha a gente podia ver os aparelhos trinar quando todas corriam a escutar o que se dizia

e a terra entre os rios fora esgotada de toda força pelo tabaco nos velhos tempos de Walter Raleigh capitão John Smith Pocahontas mas que era isso diante da guerra que esgotava os homens e mulheres?

e eu cavalgava Rattler o alazão castrado de três anos que tropeçava tanto e eu odiava a terra crestada de sol e o subsolo de

barro e os pinheiros murmurantes e as resinas imprestáveis e os caquizeiros e o mato

havia apenas a baía que a gente podia gostar reluzindo no horizonte e o vento sudeste que refrescava toda tarde e as velas brancas dos barcos

Jornal da Tela XV

as luzes se apagam quando se toca "Lar Doce Lar" para os patrões baixos salários causam agitação, diz mulher

Há uma moça no coração de Maryland
Com um coração que me pertence

QUER GRANDE GUERRA OU NENHUMA

o manequim que é tal atração na corrida de cavalos de Paris se supera a si mesma no lançamento de novidades. Ela veste a mais espantosa roupa e usa-a com perfeito sangfroid. Inconsistência é sua palavra-chave

Três oficiais alemães de Estado-Maior que passavam perto quase foram esmagados por entusiastas que insistiam em apertar-lhes as mãos

Moça Pisa em Fósforo; Vestido Incendeia-se; Morre

E Mary-land
Era uma terra de fadas
Quando ela disse que seria minha

DANÚBIO DISPARA SINAL PARA LUTA ANTECIPADA

sou contra a pena capital como são todas as mulheres de mente equilibrada. Detesto pensar que alguma mulher assistiria a um enforcamento. É uma coisa terrível o Estado cometer assassinato

TSAR PERDE A PACIÊNCIA COM A ÁUSTRIA

pânico em êxodo de Carlsbad desaparecimento de Major revela longa série de assassinatos décolleté em camisas de lingerie em plena luz do dia que de modo algum poderia associar-se com o tubo Que se usará depois disso? grita Paris coroinhas vão acampar professor percorrerá bosques das cataratas de Belgrado

GENERAL ESTAVA PERTO

ASSASSINO MATA DEPUTADO JAURÈS

VIVE DUAS HORAS ANTES DE MORRER

eu perdi um amigo e um companheiro quando Garros entregou sua vida mas espero perder mais amigos na profissão antes que essa guerra acabe

BAÚS PERDIDOS APARECEM EM LONDRES

as convenções de qualquer tipo são inevitavelmente evitadas ou atropeladas durante os lânguidos e repousantes dias de verão, e devido ao relaxamento agora mesmo há vários membros

do grupo mais jovem cujos dias de debutante já distam dois ou mesmo três temporadas desfrutando as glórias de

PAPA NEGRO TAMBÉM MORTO

grandes quantidades de tabaco da Virgínia serão importadas pela Inglaterra para uso das tropas britânicas no continente

Há uma moça no coração de Maryland
Com um coração que pertence a mim

O Príncipe da Paz

Andrew Carnegie
nasceu em Dunfermline, na Escócia,
veio para os Estados Unidos num navio
de imigrantes trabalhou como bobineiro numa fábrica têxtil
alimentou caldeiras
foi funcionário numa fábrica de bobinas a U$ 2,50 por semana
correu Filadélfia com telegramas como mensageiro da Western Union aprendeu o código Morse foi operador de telégrafo nas linhas Pennsy
foi telegrafista na Guerra Civil e

sempre economizou seu salário;
sempre que tinha um dólar, investia-o.
Andrew Carnegie começou comprando ações da Adams Express e da Pullman quando estavam em baixa;
confiava nas ferrovias,

confiava nas comunicações,
confiava nos transportes,
acreditava no ferro.
Andrew Carnegie acreditava no ferro, construiu pontes usinas Bessemer altos-fornos laminações;
Andrew Carnegie acreditava em petróleo;
Andrew Carnegie acreditava em aço;
sempre economizava seu dinheiro
sempre que tinha um milhão de dólares investia-o.
Andrew Carnegie tornou-se o homem mais rico do mundo
e morreu.
Bessemer Duquesne Rankin Pittsburgh Bethlehem Gary
Andrew Carnegie doou milhões para a paz
e bibliotecas e instituições científicas e bolsas e poupanças
sempre que tinha um bilhão de dólares doava a uma instituição para promover a paz universal
sempre
a não ser em tempo de guerra.

O Olho da Câmera (22)

por toda a semana o nevoeiro pairou sobre o mar e os rochedos ao meio-dia o calor do sol mal atravessava o nevoeiro para manter o bacalhau salgado secando nos tabuleiros tabuleiros cinza mar verde casas cinza nevoeiro branco ao meio-dia mal havia sol suficiente para amadurecer as maçãs e as peras nas charnecas para aquecer as amoras e os fetos na hora das refeições na pensão todo mundo esperava pelos operadores de

rádio os operadores de rádio mal podiam comer sim era a guerra

Nós vamos entrar? a Inglaterra vai entrar?

Obrigações de acordo com o tratado de... entregou o embaixador seus passaportes toda manhã punham o bacalhau lá fora nos tabuleiros espalhando-os direito no fraco fulgor do sol através do nevoeiro

um vapor apitando na distância o lamber das ondas nos mourões ao longo das rochas cobertas de algas gritos de gaivotas barulho de pratos na pensão

Guerra declarada de pronto... Grande batalha no Mar do Norte frota alemã destruída FROTA BRITÂNICA DESTRUIU ESQUADRÃO ALEMÃO AO LARGO DE CAPE RACE *habitantes de Newfoundland leais à bandeira Porto fechado em Saint Johns Port aux Basques*

e toda noite punham o bacalhau para dentro tirando-o dos tabuleiros barulho de pratos da pensão e todo mundo esperando os operadores de rádio

o lamber das ondas nos mourões do ancoradouro gritos de gaivotas circulando e mergulhando branco no branco nevoeiro um vapor apitando na distância e toda manhã espalhavam o bacalhau nos tabuleiros

J. Ward Moorehouse

Quando Ward retornou de sua segunda lua de mel no exterior, estava com trinta e dois anos, mas parecia mais velho. Tinha o capital e as ligações e sentia que chegara o grande momento. As conversas sobre a guerra em julho haviam-no feito reduzir sua viagem. Em Londres, conhecera um jovem chamado Edgar Robbins,

que estava na Europa para a *International News*. Edgar Robbins bebia demais e era um tolo com as mulheres, mas Ward e Gertrude levavam-no a toda parte e confiavam um ao outro que queriam endireitá-lo. Então, um dia, Robbins chamou Ward a um lado e disse-lhe que estava com sífilis e teria de andar na linha. Ward pensou um pouco no assunto e ofereceu-lhe um emprego no escritório de Nova York que ia abrir assim que voltasse para casa. Disseram a Gertrude que era um problema de fígado e ela repreendia-o como a uma criança quando ele tomava uma bebida e no navio de volta para a América sentiram que ele lhes era inteiramente dedicado. Ward não teve de escrever mais texto algum depois disso e pôde dedicar todo o seu tempo a organizar a empresa. A velha sra. Staple fora induzida a investir cinquenta mil dólares na firma. Ward alugou um escritório na Quinta Avenida, 100, equipou-o com vasos de porcelana chinesa e cinzeiros cloisonnés da Vantine's e pôs uma pele de tigre em seu gabinete particular. Servia chá em estilo inglês toda tarde e inscreveu-se na lista telefônica como J. Ward Moorehouse, Assessor de Relações Públicas. Enquanto Robbins rascunhava a literatura a ser expedida, Ward foi a Pittsburgh, Chicago, Bethlehem e Filadélfia restabelecer contatos.

Em Filadélfia, ia entrando no vestíbulo do Bellevue Stratford quando encontrou Annabelle Marie. Ela cumprimentou-o amigavelmente e disse que soubera dele e de sua empresa de publicidade e jantaram juntos, falando dos velhos tempos.

— Você sem dúvida melhorou — repetia Annabelle.

Ward via que ela lamentava um pouco o divórcio, mas não podia dizer o mesmo a ela. As linhas do rosto dela haviam-se aprofundado e ela não concluía suas frases e tinha um guinchado

de papagaio na voz. Estava tremendamente maquiada e ele perguntava-se se não andava tomando drogas. Ela estava ocupada e divorciando do marido Beale, que dizia ter-se revelado homossexual. Ward disse secamente que se casara de novo e era feliz.

— Quem não seria, com a fortuna dos Staple por trás? — ela disse.

Seu arzinho de proprietária irritou Ward e ele se desculpou logo após o jantar, dizendo que tinha trabalho a fazer. Annabelle olhou-o através dos olhos entrecerrados, a cabeça inclinada para um lado, e disse:

— Desejo-lhe sorte.

E encaminhou-se para o elevador do hotel com um cacarejo agudo à guisa de risada.

No dia seguinte, ele tomou o Pennsylvania para Chicago, viajando num vagão-suíte. Acompanhavam-no a srta. Rosenthal, sua secretária, e Morton, seu criado inglês. Ward jantou no vagão com a srta. Rosenthal, uma moça de rosto pálido, inteligente e sem graça, que ele julgava dedicada aos seus interesses. Estivera com ele em Pittsburgh, na Produtos Bessemer. Depois de retirarem o café e de Morton servir-lhe um gole de conhaque, que fez a srta. Rosenthal dar uma risadinha, dizendo que ia subir-lhe à cabeça, ele começou a ditar. O trem roncava e sacudia e de vez em quando ele sentia o cheiro do carvão e o quente corpo graxoso da máquina lá na frente e o quente aço reluzente varando os negros Apalaches. Tinha de falar alto para ser ouvido. O rumor do trem fazia suas cordas vocais vibrarem. Esqueceu-se de tudo, ouvindo as próprias palavras... A indústria americana como uma máquina a vapor, como uma potente locomotiva, num grande trem expresso, varando a noite dos velhos métodos

individualistas... De que é que uma máquina precisa? Cooperação, coordenação do cérebro do inventor, o cérebro do empresário, que tornou possível o desenvolvimento desses produtos de alta potência... Coordenação de capital, a energia acumulada da raça sob a forma de crédito inteligentemente dirigido... mão de obra, o próspero e satisfeito trabalhador americano, ao qual as possibilidades sem precedentes do capital reunido em grandes corporações proporcionavam refeições completas, barato transporte a motor, assistência social, poucas horas de trabalho... um certo grau de conforto e prosperidade sem igual antes ou depois no trágico desfile da história escrita ou nas regiões conhecidas do globo habitável.

Mas teve de parar de ditar porque viu que perdera a voz. Mandou a srta. Rosenthal para a cama e foi também, mas não pôde dormir; palavras, ideias, planos, cotações de ações continuavam desenrolando-se como uma fita em sua mente.

Na tarde seguinte, no LaSalle, recebeu uma visita do juiz Bowie C. Planet. Ward ficou sentado à espera de que ele subisse, olhando o céu azul muito pálido do lago Michigan. Tinha na mão uma pequena ficha de arquivo na qual estava escrito:

> Planet, Bowie C... Juiz do Tennessee, casado com Elsie Wilson Denver; pequenos investimentos em cobre e chumbo... Anaconda? especulador malsucedido em petróleo... membro da firma de advogados de um só cliente Planet and Wilson, Springfield, Illinois.

— Tudo bem, srta. Rosenthal — disse, quando ouviu uma batida na porta. Ela saiu para a antessala com a ficha. Morton

abriu a porta e deixou entrar um homem de rosto redondo, com um chapéu de feltro preto e um charuto.

— Olá, juiz — disse Ward, levantando-se e estendendo a mão. — Como vão as coisas? Não quer sentar-se?

O juiz Planet avançou lentamente sala adentro. Tinha um andar curiosamente bem boleado, como se os pés lhe doessem. Apertaram-se as mãos, e o juiz Planet viu-se sentado de frente para a luz da rua que entrava pelas grandes janelas por trás da mesa de Moorehouse.

— Não quer uma xícara de chá, senhor? — perguntou Morton, que se adiantou lentamente com uma bandeja reluzente de prataria. O juiz estava tão surpreso que deixou a longa ponta de cinza que trazia no charuto, para provar a si mesmo que estava sóbrio, cair sobre o pançudo colete. Seu rosto continuava redondo e suave. Era um rosto de escroque do qual todos os traços do escroque haviam sido cuidadosamente removidos a massagem. O juiz viu-se bebericando uma xícara de chá morno com leite.

— Limpa a cabeça, juiz, limpa a cabeça — disse Ward, cuja xícara esfriava intocada à sua frente.

O juiz Planet chupou seu charuto em silêncio.

— Bem, senhor, é um prazer vê-lo.

Nesse momento, Morton anunciou o sr. Barrow, um homem magro, de olhos saltados e com um grande pomo de adão acima de uma gravata retorcida, que tinha uma maneira nervosa de falar e fumava cigarros demais. Parecia estar todo manchado de nicotina, o rosto, os dedos, os dentes amarelos.

Sobre a mesa de Ward havia outra ficha de arquivo que dizia:

Barrow, G. H., ligações com trabalhadores, tipo reformador. Foi secretário do sindicato de maquinistas de locomotivas; não muito digno de confiança.

Ao levantar-se, Ward virou o cartão para baixo. Depois de apertar a mão do sr. Barrow, colocou-o de frente para a luz, ocupou-o com uma xícara de chá, e começou a falar.

— Capital e trabalho — começou, em voz lenta e cuidadosa, como se ditasse. — Como devem ter notado, senhores, no curso de suas úteis e variadas carreiras, o capital e o trabalho, essas duas grandes forças de nossa vida nacional, nenhuma das quais pode existir sem a outra, estão se separando cada vez mais; qualquer olhada casual aos jornais lhes dirá isso. Bem, ocorreu-me que um dos motivos para esse infeliz estado de coisas tem sido a ausência de qualquer entidade particular que possa apresentar com justeza a situação ao público. A falta de informação adequadamente distribuída é a causa da maior parte dos mal-entendidos neste mundo... Os grandes líderes do capital americano, como o senhor provavelmente compreende, sr. Barrow, acreditam fielmente no jogo limpo e na democracia e estão simplesmente ansiosos por darem ao trabalhador sua parte nos ganhos da indústria se conseguirem ver como fazer isso com justiça para o público e o investidor. Afinal, o público é o investidor ao qual todos objetivamos servir.

— Às vezes — disse o sr. Barrow —, mas dificilmente...

— Talvez os cavalheiros queiram um uísque com soda. — Morton já se achava entre eles, com seus cabelos lambidos e uma bandeja na qual havia jarras, copos altos cheios de gelo e algumas garrafinhas abertas de Apollinaris.

— Eu gostaria — disse o juiz Planet.

Morton saiu em silêncio, deixando cada um deles com um copo tilintante. Lá fora, o céu começava a refulgir um pouco com o entardecer. Na sala, o ar tinha cor de vinho. Os copos tornavam as coisas mais amistosas. O juiz mastigava a ponta de um novo charuto.

— Agora, deixe-me ver se o estou entendendo direito, sr. Moorehouse. O senhor acha que, com suas ligações com a publicidade e o grande capital, pode abrir um novo campo, que seria uma agência para resolver pacífica e amistosamente as disputas trabalhistas. Como faria isso, exatamente?

— Estou certo de que o trabalho organizado cooperaria com um movimento desses — disse G. H. Barrow, chegando-se para a borda de sua cadeira. — Se ao menos pudesse ter certeza de que... bem, que...

— Que não estariam sendo tapeados — disse o juiz, com uma risada.

— Exatamente.

— Bem, senhores, vou pôr minhas cartas na mesa. O grande lema sobre o qual ergui minha firma foi sempre a cooperação.

— Eu sem dúvida concordo com o senhor nisso — disse o juiz, rindo de novo e dando um tapa no joelho. — O problema difícil é como criar essa feliz situação.

— Bem, o primeiro passo é estabelecer contato... Neste mesmo instante, aqui debaixo de nossos próprios olhos, vemos o estabelecimento de um contato amistoso.

— Devo admitir — disse G. H. Barrow com um riso nervoso. — Nunca esperei estar bebendo um highball com um membro da firma Planet and Wilson.

O juiz deu um tapa em sua gorda coxa.

— Quer dizer, por causa do problema do Colorado?... Não tem o que recear. Não vou comer o senhor, sr. Barrow... Mas francamente, sr. Moorehouse, este não me parece exatamente o momento para lançar seu pequeno projeto.

— Essa guerra na Europa... — começou G. H. Barrow.

— É a grande oportunidade da América... Os senhores conhecem o ditado sobre quando os ladrões brigam... Neste instante, admito que nos encontramos num momento de dúvida e incerteza, mas assim que o comércio americano se recuperar do primeiro choque e começar a se refazer... Ora, senhores, acabo de voltar da Europa; minha esposa e eu viajamos no dia em que a Grã-Bretanha declarou guerra... Posso dizer-lhes que foi por pouco... Uma coisa eu posso garantir aos senhores com relativa certeza: vença quem vencer, a Europa estará economicamente arruinada. Essa guerra é a grande oportunidade da América. O fato mesmo de nossa neutralidade...

— Não vejo quem será beneficiado, fora os fabricantes de munições — disse G. H. Barrow.

Ward falou por muito tempo, e depois olhou para seu relógio, que estava na mesa à sua frente, e levantou-se.

— Senhores, receio que terão de me desculpar. Tenho o tempo exato para me vestir para o jantar.

Morton já estava ao lado da mesa com os chapéus. Escurecera na sala.

— Luzes, por favor, Morton — disse Ward.

Quando saíam, o juiz Planet disse:

— Bem, foi uma conversa muito agradável, sr. Moorehouse, mas receio que seus planos sejam um pouco idealistas.

— Eu raramente ouvi um homem de negócios falar com tanta simpatia e compreensão da situação do trabalhador — disse G. H. Barrow.

— Eu apenas manifesto a opinião de meus clientes — disse Ward ao despedir-se deles com uma curvatura.

No dia seguinte, falou num almoço do Rotary Club sobre "Problemas do trabalho: uma saída". Sentava-se a uma longa mesa, no grande salão de banquete do hotel, em meio aos cheiros de comida e cigarros, e garçons correndo de um lado para outro. Espalhou um pouco a comida pelo prato com um garfo, respondendo quando lhe falavam, brincando um pouco com o juiz Planet, que se sentava à sua frente, tentando formular sentenças do emaranhado de frases em sua mente. Afinal, chegou a hora de levantar-se. Pôs-se de pé à extremidade da longa mesa, com um charuto na mão, olhando as duas filas de rostos de queixos duros voltados para ele.

— Quando eu era menino, às margens do Delaware... — Parou. Um barulho tremendo de pratos vinha de detrás das portas vaivém pelas quais os garçons continuavam passando com bandejas. O homem que fora para a porta fazê-los ficar em silêncio voltou sorrateiramente. Podiam-se ouvir os sapatos rangendo no piso assoalhado. Homens curvavam-se para a frente ao longo da mesa. Ward tornou a começar. Estava indo agora; mal sabia o que dizia, mas provocara uma risada. A tensão relaxou.

— O comércio americano tem sido lento em aproveitar as possibilidades da publicidade moderna... educação do público e dos patrões e empregados, todos igualmente servidores do público... Cooperação... distribuição de ações, dando ao empregado um interesse na indústria... evitar os grandes perigos do

socialismo e da demagogia e pior... É numa tal situação que o assessor de relações públicas pode intervir de maneira discreta e enérgica e dizer: Olhem aqui, homens, vamos discutir isso cara a cara... Mas sua principal importância é em tempos de paz industrial... quando dois homens estão irados e a ponto de bater um no outro, não é a hora de pregar serviço público a eles... O tempo de fazer-se uma campanha educacional e uma cruzada moral que porão nos trilhos os colossos da indústria americana moderna é agora, hoje.

Houve muitos aplausos. Ele sentou-se e procurou o rosto do juiz Planet com seu sorriso de olhos azuis. O juiz Planet parecia impressionado.

Jornal da Tela XVI

o homem de Filadélfia completara a décima terceira volta e fizera duas milhas da décima quarta. Sua velocidade, pensa-se, devia ser entre cento e cinquenta e cento e setenta quilômetros por hora. O carro rabeou por uma fração de segundo e depois embicou para a esquerda. Bateu numa pequena elevação e saltou. Quando caiu, foi sobre as quatro rodas, em cima de um alto barranco. Seu voo foi aparentemente livre. Wishart tirou o carro do barranco e tentou retomar a estrada. A velocidade não permitia a manobra necessária, porém, e o carro varou o terreiro de um fazendeiro que morava naquele campo. Ele escapou de uma árvore, mas foi de lado contra outra. As pernas, presas pelo volante, foram decepadas do tronco quando ele foi jogado

Eu quero ir
Para o México
Sob a bandeira americana combater o inimigo

cadeirinhas e mesinhas alegres jazem abandonadas na calçada porque pouca gente se acha rica o bastante para tomar mesmo uma bebidinha

BOMBEIRO TEM 100 AMORES

TRAZ MACACO PARA CASA

reitor desaparecido localizado perdas em relatório sobre safra americana deixe bebê sair nu se quer que seja saudável se esse mistério algum dia for solucionado encontrarão uma mulher no fundo do mistério disse o patrulheiro E. B. Garfinkle acontecimentos que levaram à atual guerra remontam sem interrupção à Revolução Francesa

UNIVERSIDADE EXPULSA GUM

pareciam cambalear como bêbados subitamente atingidos entre os olhos após o que correram para nós dando um grito fantástico que não conseguimos entender

E as mulheres do harém
Sabiam exatamente como usá-las
Na Oriental Bagdá há muito tempo

O Olho da Câmera (23)

a amiga de mamãe era uma mulher muito linda com lindos cabelos louros e tinha duas lindas filhas a loura casou-se com um homem do petróleo que era calvo como a palma da mão e foi

morar em Sumatra a morena casou-se com o homem de Bogotá e fez uma longa viagem em canoa subindo o rio Magdalena e os nativos eram índios e dormiam em redes e tinham doenças horríveis e quando a mulher tinha filho era o marido quem ia para a cama e usavam setas envenenadas e caso se fosse ferido naquela região a ferida nunca sarava mas se alastrava branca e madura e a canoa de tronco virava tão facilmente na água quente e fumegante cheia de peixes vorazes que se a gente tivesse um arranhão ou um ferimento não curado o cheiro de sangue atraía-os às vezes faziam as pessoas em pedaços

eram oito semanas subindo o rio Magdalena em canoa e depois se chegava a Bogotá

o coitado do Jonas Fenimore voltou de Bogotá muito doente e diziam que era elefantíase ele era um bom sujeito e contava histórias sobre a selva fumegante e as tempestades e os crocodilos e as horríveis doenças e os peixes vorazes e bebia todo o uísque na cômoda e quando ia nadar a gente via grossas manchas em suas pernas como cascas de maçã e ele gostava de tomar uísque e falava que a Colômbia ia tornar-se um dos países mais ricos do mundo em petróleo e madeiras raras para vernizes e borboletas tropicais

mas a viagem rio Magdalena acima era longa demais e quente demais e perigosa demais e ele morreu

disseram ter sido o uísque e a elefantíase

e o rio Magdalena

Eleanor Stoddard

Quando chegaram a Nova York pela primeira vez, Eleanor, que nunca estivera no Leste antes, teve de depender de Eveline para tudo. Fred foi recebê-las no trem e levou-as para arranjar quartos no Brevoort. Disse que ficava um pouco longe do teatro, mas era muito mais interessante que um hotel na zona residencial, todos os artistas e radicais e as pessoas realmente interessantes viviam ali e era muito francês. Descendo para lá no táxi, ele tagarelava sobre a linda e magnífica peça e seu grande papel, e dizia que o diretor Ben Freelby era uma besta, e que um dos patrocinadores pusera apenas metade do dinheiro que prometera; mas que Josephine Gilchrist, a gerente comercial, já tinha a soma praticamente levantada e os Shubert estavam interessados e iam estrear fora da cidade, em Greenwich, exatamente dentro de um mês. Eleanor olhou a Quinta Avenida lá fora e o vento gélido de primavera soprando as saias das mulheres, um homem correndo atrás de um chapéu derby, os ônibus verdes, táxis, o brilho das vitrinas; afinal, aquilo não era muito diferente de Chicago. Mas no almoço, no Brevoort, foi muito diferente, Freddy parecia conhecer muita gente e apresentou-as a todo mundo, como se estivesse muito orgulhoso delas. Eram todos nomes que ela ouvira ou lera na coluna de livros do *Daily News*. Todos pareciam muito amáveis. Freddy falou francês com o garçom e o sauce hollandaise foi a coisa mais deliciosa que ela já comera.

Nessa tarde, a caminho do ensaio, Eleanor teve sua primeira visão da Times Square pela janela do táxi. No teatro às escuras encontraram a companhia à espera do sr. Freelby. Era muito

misterioso, com apenas uma única lâmpada elétrica pendurada acima do palco e o cenário de uma outra peça parecendo totalmente aplastrado e poeirento.

Entrou um homem grisalho, de rosto largo e triste e grandes olheiras. Era o famoso Benjamin Freelby; tinha um jeito paternal e cansado e convidou Eveline e Eleanor ao seu apartamento para jantar com Freddy nessa noite, de modo a poderem falar à vontade sobre os cenários e o guarda-roupa. Eleanor sentiu-se aliviada pelo fato de ele ser tão bondoso e cansado e pensou que afinal ela e Eveline estavam muito mais bem vestidas que qualquer uma daquelas atrizes de Nova York. O sr. Freelby fez um grande barulho porque não havia luzes; será que esperavam que ele ensaiasse no escuro? O administrador de cena, com o manuscrito na mão, corria de um lado para outro em busca do eletricista e mandou-se alguém telefonar para o escritório. O sr. Freelby andava pelo palco e praguejava e fumegava e dizia:

— Isso é monstruoso.

Quando o eletricista chegou, limpando a boca com as costas da mão, e finalmente ligou as luzes da casa e alguns spots, o sr. Freelby exigiu uma mesa e uma cadeira e uma lâmpada de leitura sobre a mesa. Ninguém conseguia encontrar uma cadeira na altura certa para ele, que continuava fumegando de um lado para outro, puxando os crespos cabelos grisalhos e dizendo:

— Isso é monstruoso.

Afinal, sentou-se e disse ao sr. Stein, o administrador de cena, um homem magro que se sentou em outra cadeira a seu lado:

— Vamos começar com o ato um, sr. Stein. Todos já têm seus papéis?

Vários atores subiram ao palco e puseram-se em volta dele, enquanto o resto conversava em vozes baixas. O sr. Freelby fez-lhes "psiu" e disse:

— Por favor, crianças, precisamos fazer silêncio.

E o ensaio estava em marcha.

Desse momento em diante, tudo foi feito numa pressa terrível. Eleanor parecia jamais ir para a cama. O pintor de cenários, o sr. Bridgeman, em cujo estúdio os faziam, encontrava defeito em tudo; resultou que outra pessoa, um rapaz pálido, de óculos, que trabalhava para ele, foi chamado a pintar o cenário com base nos desenhos delas e que elas não podiam ter seus nomes no programa, a não ser pelo guarda-roupa, porque não pertenciam ao sindicato dos cenógrafos. Quando elas não estavam brigando nos estúdios de Bridgeman, estavam correndo pelas ruas em táxis com mostras de material. Pareciam nunca ir para a cama antes das quatro ou cinco da manhã. Todo mundo era muito temperamental e Eleanor tinha de realizar um verdadeiro sítio toda semana para receber seu cheque da srta. Gilchrist.

Quando os trajes estavam prontos, todos em estilo vitoriano, e Eleanor e Freddy e o sr. Freelby foram vê-los na costureira, realmente pareciam lindos, mas as costureiras não os entregavam sem pagamento e ninguém conseguia encontrar a srta. Gilchrist e todos começaram a correr de um lado para outro em táxis e afinal nessa noite o sr. Freelby disse que daria um cheque pessoal. A companhia de mudanças estava com o caminhão na porta trazendo o cenário, mas não deixava que levassem as telas para dentro se não recebesse o pagamento. Também o sr. Bridgeman estava lá, dizendo que seu cheque fora devolvido com o carimbo de *sem fundos* e ele e o sr. Freelby trocaram afrontas na bilheteria.

Finalmente Josephine Gilchrist apareceu num táxi com quinhentos dólares em dinheiro para o sr. Bridgeman e a companhia de mudanças. Todos sorriram quando viram as cédulas cor de laranja. Foi um grande alívio.

Depois de se assegurarem que o cenário estava entrando no teatro, Eleanor e Eveline e Freddy Seargeant e Josephine Gilchrist e o sr. Freelby foram todos ao Bustanoby's comer alguma coisa e o sr. Freelby ofereceu-lhes algumas garrafas de Pol Roger e Josephine Gilchrist disse que sentia nos ossos que a peça seria um sucesso e que isso não acontecia sempre com ela, e Freddy disse que a equipe técnica gostava e que isso era sempre um bom sinal e o sr. Freelby disse que Ike Gold, o mensageiro dos Shubert, assistira a um ensaio inteiro com lágrimas escorrendo pelas faces, mas ninguém sabia em que teatro estreariam após uma semana em Greenwich e uma semana em Hartford e o sr. Freelby disse que tinha de falar disso pessoalmente com J. J. logo na manhã seguinte.

Apareceram amigos de Chicago que queriam assistir ao ensaio geral. Isso fez Eleanor sentir-se muito importante, especialmente quando Sally Emerson ligou. O ensaio geral arrastou-se terrivelmente, metade do cenário não havia chegado e os aldeões de Wessex não tinham traje algum, mas todos disseram que era um bom sinal um ensaio geral ruim.

Na noite de estreia, Eleanor não ceou e teve apenas meia hora para vestir-se. Estava toda gelada de excitação. Esperava que o novo vestido de noite, de tule chartreuse, que encomendara na Tappé's, caísse bem, mas não tinha tempo de preocupar-se com isso. Tomou uma xícara de café preto e pareceu que o táxi jamais chegaria à zona residencial. Quando chegou ao teatro, o saguão estava todo iluminado e cheio de cartolas e costas nuas

empoadas e diamantes e vestidos de noite e todos olhavam-se uns aos outros e acenavam para os amigos e conversavam sobre quem estava ali e continuavam passando pelo corredor da plateia durante metade do primeiro ato. Eleanor e Eveline sentavam-se rígidas lado a lado no fundo do teatro e davam-se cotoveladas uma na outra quando um traje parecia bom e concordavam em que os atores eram ruins demais e Freddy Seargeant o pior deles. Na festa que Sally Emerson lhes ofereceu depois no apartamento dúplex de seus amigos Carrey todos disseram que o cenário e o guarda-roupa eram lindos e que tinham certeza de que a peça seria um grande sucesso. Eleanor e Eveline eram o centro de tudo e Eleanor aborreceu-se porque Eveline bebeu um pouco demais e tornou-se barulhenta. Eleanor conheceu muitas pessoas interessantes e decidiu que ia ficar em Nova York, acontecesse o que acontecesse.

A peça fracassou após duas semanas e Eleanor e Eveline jamais receberam os setecentos e cinquenta dólares que a gerência lhes devia. Eveline voltou para Chicago, e Eleanor alugou um apartamento na rua Oito. Sally Emerson decidira que ela possuía um grande talento e fizera o marido desembolsar mil dólares para iniciar a empresa de decoração dela em Nova York. O pai de Eveline Hutchins estava doente, mas ela escreveu de Chicago dizendo que estaria no negócio sempre que pudesse.

Enquanto Sally Emerson esteve em Nova York naquele verão, Eleanor saiu com ela o tempo todo e veio a conhecer muitas pessoas ricas. Foi através de Alexander Parsons que conseguiu a decoração da casa que J. Ward Moorehouse estava construindo perto de Great Neck. A sra. Moorehouse percorreu a casa inacabada com ela. Era uma loura desbotada que ficava explicando

que ela própria faria a decoração, só que não se sentia com forças após a operação. Estivera de cama a maior parte do tempo desde que o segundo filho nascera e contou a Eleanor tudo sobre sua operação. Eleanor detestava ouvir queixas femininas e assentia friamente de quando em quando com a cabeça, fazendo comentários objetivos sobre móveis e cortinas, e de vez em quando tomando notas sobre a decoração num pedaço de papel. A sra. Moorehouse convidou-a a ficar para almoçar no bangalozinho onde estavam morando até a conclusão da casa. O bangalozinho era uma casa grande em estilo colonial holandês cheia de cães pequineses e criadas em aventais folhudos e um mordomo. Quando entravam na sala de jantar, Eleanor ouviu uma voz de homem num aposento ao lado e sentiu cheiro de charuto. Ao almoço, foi apresentada ao sr. Moorehouse e a um certo sr. Perry. Eles haviam jogado golfe e conversavam sobre Tampico e poços de petróleo. O sr. Moorehouse ofereceu-se para levá-la de carro de volta à cidade após o almoço e ela sentiu alívio por fugir da sra. Moorehouse. Ainda não tivera uma oportunidade de falar de suas ideias para decorar a nova casa, mas no caminho o sr. Moorehouse fez-lhe muitas perguntas sobre o assunto e os dois riram juntos da feiura da maioria das casas das pessoas; e Eleanor achou muito interessante encontrar um homem de negócios que se interessasse por essas coisas. O sr. Moorehouse sugeriu que ela preparasse o orçamento e o levasse ao seu escritório.

— Que tal quinta-feira?

Quinta-feira estava ótimo, ele não tinha compromisso nesse dia e almoçariam juntos se ela quisesse.

— A hora das refeições é a única que eu tenho para dedicar às coisas do espírito — ele disse, com um piscar azul dos olhos.

E assim disseram "Quinta-feira" de novo, quando ele deixou Eleanor na esquina da rua Oito com a Quinta Avenida e ela pensou que ele parecia ter senso de humor e que gostava muito mais dele do que de Tom Custis.

Eleanor descobriu que precisava ter muitas entrevistas com o sr. Moorehouse, à medida que o trabalho prosseguia. Convidou-o a jantar em sua casa, na rua Oito, e mandou a criada martinicana Augustine preparar frango sauté com pimentas vermelhas e tomates. Tomaram coquetel preparado com absinto e uma garrafa de um Borgonha muito bom e Ward Moorehouse gostou de recostar-se no sofá e conversar e ela gostou de ouvir e começou a chamá-lo de J. W. Depois disso, ficaram amigos, independente do trabalho na casa de Great Neck.

Ele contou a Eleanor sua infância em Wilmington, Delaware, e falou do dia em que a milícia atirou no velho negro achando que era a frota espanhola e do seu primeiro casamento infeliz e disse que a segunda esposa era uma inválida e explicou seu trabalho como jornalista e nas agências de publicidade, e Eleanor, num vestido cinza com um leve toque de algo brilhante no ombro e agindo como uma discreta dona de casa, levou-o a explicar o trabalho que fazia mantendo o público informado sobre o estado das relações entre capital e trabalho e desviando a propaganda dos sentimentalistas e reformadores, sustentando os ideais americanos contra as loucas ideias socialistas alemãs e as panaceias dos fazendeiros descontentes do Noroeste. Eleanor achou as ideias dele muito interessantes, mas preferia saber da Bolsa e como fora fundada a Steel Corporation e os problemas das companhias de petróleo no México, e Hearst e as grandes fortunas. Consultou-o sobre o pequeno investimento que estava fazendo, e ele ergueu

para ela os reluzentes olhos azuis no rosto quadrado, onde a prosperidade começava a curvar a quadratura do queixo, e disse:

— Srta. Stoddard, posso ter a honra de ser seu consultor financeiro?

Eleanor achou muito atraente o seu leve sotaque e suas maneiras da velha escola cavalheiresca sulista. Desejava ter um apartamento de aparência mais distinta e manter para si alguns candelabros de cristal, em vez de vendê-los. Ele só saiu depois da meia-noite, dizendo que passara uma noite muito agradável, mas que precisava ir atender a uns telefonemas interurbanos. Eleanor sentou-se diante do espelho de sua penteadeira, passando creme no rosto à luz de duas velas. Desejava não ter um pescoço tão esquelético e imaginava como seria se começasse a usar um creme rinse de vez em quando ao lavar o cabelo.

O Olho da Câmera (24)

chovia na histórica Quebec chovia no Château da histórica Quebec quando o valente Wolfe num chapéu de três pontas sentava-se num barco numa litografia e lia a *Elegia*, de Gray, para seus homens o valente Wolfe subindo os penhascos para encontrar o valente Montcalm num chapéu de três pontas nas planícies de Abraham com elaboradas curvaturas e roçagar de rendas nos uniformes nas partes cavas e a galanteria e o comando de fogo e o roçagar das rendas arruinadas na lama das planícies de Abraham

mas o Château era o Château Frontenac hotelaria histórica mundialmente famosa na chuva cinza na cinzenta e histórica

Quebec e subíamos do vapor panorâmico do rio Saguenay Grande Rota Panorâmica no Mundo o Professor de Chautauqua e sua esposa e o barítono de Athens Kentucky onde tinham um morro chamado Acrópole exatamente como há em Atenas Grécia e cultura e uma reprodução do Partenon exatamente como há em Atenas Grécia

pétrea chuva em ruas pétreas e na plataforma as pessoas de St. Lawrence com guarda-chuvas abertos andando de um lado para outro na larga plataforma de madeira batida pela chuva dando para os tetos de ardósia pontudos de Quebec e os embarcadouros de carvão e os silos de grãos e as lanchas e a *Imperatriz da Irlanda* com chaminés cor de creme entrando a fumegar do Outro Lado e Levis e montanhas verdes do outro lado do rio e a ilha de Orleans contra o verde e a pétrea chuva nos reluzentes tetos pontudos de ardósia cor de cinza de Quebec

mas o professor de Chautauqua quer seu jantar e briga com a esposa e faz uma cena no histórico restaurante do histórico Château Frontenac e o maître vem e o professor de Chautauqua é um homenzarrão grosso de cabelos encaracolados com uma voz acostumada a berrar em tendas por toda a Acrópole exatamente como em Atenas Grécia e a Vitória Alada e o barítono está demasiado atento ao garotinho que quer dar o fora e deseja não ter dito que viria e quer largar todo o bando

mas chove na histórica Quebec e descendo a rua sozinho com o barítono ele repetia que havia moças más numa cidade daquelas e os rapazes não deviam sair com moças más e a Acrópole e o bel-canto e o Partenon e a cultura vocal e as belas estátuas de rapazes gregos e a Vitória Alada e as belas estátuas mas eu finalmente me livrei dele e fui nos bondes ver as cataratas de

Montmorency famosas em canções e histórias e uma igreja cheia de muletas deixadas pelos doentes em Sainte Anne de Beaupré
e as ruas cinza chuvosas cheias de moças

Janey

No segundo ano da guerra na Europa, o sr. Carroll vendeu sua parte na firma de Dreyfus e Carroll ao sr. Dreyfus e voltou para casa em Baltimore. Havia uma possibilidade de que a convenção estadual democrata o indicasse para governador. Janey sentia falta dele no escritório e acompanhava todo o noticiário político de Maryland com grande interesse. Quando o sr. Carroll perdeu a indicação, Janey sentiu muito. Começaram a aparecer cada vez mais estrangeiros no escritório e as conversas ali assumiram uma tendência claramente pró-Alemanha de que ela não gostava de modo algum. O sr. Dreyfus era muito cortês e generoso com os empregados, mas Janey pensava sempre na brutal invasão da Bélgica e naquelas horríveis atrocidades e não gostava da ideia de trabalhar para um huno, de modo que começou a procurar outro emprego. Os negócios andavam fracos em Washington e ela sabia que era bobagem deixar o sr. Dreyfus, mas não podia evitar e assim foi trabalhar para Smedley Richards, um operador de bens imóveis na avenida Connecticut, ganhando menos um dólar por semana. O sr. Richards era um homem robusto que falava muito no código de cavalheiros e cortejava-a. Durante algumas semanas, ela o manteve a distância, mas na terceira semana ele passou a beber e a pôr as grandes mãos carnudas em cima dela e um dia pediu um dólar emprestado e no fim da semana disse que não poderia pagar-lhe

por um ou dois dias, de modo que ela simplesmente não voltou e lá estava ela desempregada.

Era muito assustador estar desempregada; ela receava ter de voltar a morar na casa da mãe com os pensionistas e o barulho das irmãs. Lia os anúncios em *The Star* e *The Post* todo dia e candidatava-se a todo emprego que via, mas alguém sempre chegava na frente, embora ela fosse ao endereço logo pela manhã. Chegou mesmo a inscrever-se numa agência de empregos. A mulher à mesa era uma gorda com dentes ruins e com um sorriso mau, que fez Janey pagar dois dólares como taxa de inscrição e mostrou-lhe sua lista de espera de estenógrafas e disse que as moças deviam se casar e que tentar ganhar o próprio sustento era pura bobagem, porque não se podia fazer. O ar desleixado e as faces rubras das moças que esperavam nos bancos fizeram-na sentir-se nauseada e foi sentar-se por algum tempo ao sol na praça Lafayette, juntando coragem para dizer a Alice, que continuava na casa da sra. Robinson, que ainda não arranjara um emprego. Um jovem de rosto vermelho sentou-se a seu lado e tentou puxar conversa e ela teve de ir embora. Entrou numa drugstore e tomou um leite achocolatado, mas o atendente tentou dizer-lhe um pequeno gracejo e ela caiu em prantos. O atendente pareceu morto de medo e disse:

— Perdão, dona, eu não quis ofender.

Ainda tinha os olhos vermelhos quando encontrou Alice na saída do Edifício Riggs; Alice insistiu em pagar-lhe um almoço de trinta e cinco centavos em The Brown Teapot, embora ela não conseguisse comer coisa alguma. Alice tinha umas maneiras que enfureciam Janey, e ela disse que era tarde demais agora para voltar à casa da sra. Robinson, porque a sra. Robinson não tinha

trabalho nem para as moças que já estavam lá. Nessa tarde, Janey sentiu-se desanimada demais para procurar emprego e vagou pela Smithsonian Institution tentando interessar-se pelos espécimens de artesanato de contas e canoas de guerra e totens dos índios, mas tudo causava-lhe arrepios e ela subiu para o seu quarto e entregou-se a um bom choro. Pensou em Joe e Jerry Burnham e perguntou-se por que nunca recebia cartas deles, e pensou nos pobres soldados nas trincheiras e sentiu-se muito só. Quando Alice voltou para casa ela lavara o rosto e pusera pó e ruge e atarefava-se ativamente no quarto; gracejou com Alice sobre a depressão nos negócios e disse que, se não conseguia arranjar um emprego em Washington, iria para Baltimore ou Nova York ou Chicago arranjar um. Alice disse que esse tipo de conversa a deixava infeliz. Saíram e comeram um sanduíche de presunto e um copo de leite como ceia para economizar dinheiro.

Por todo aquele outono Janey rodou a cidade à procura de emprego. Ficou de tal modo que a primeira coisa de que tinha consciência ao despertar pela manhã era a negra depressão de não ter o que fazer. Participou da ceia de Natal com a mãe e as irmãs e disse que lhe haviam prometido vinte e cinco dólares por semana após o dia primeiro do ano, para evitar que se mostrassem condescendentes com ela. Não ia dar-lhes essa satisfação.

No Natal, recebeu pelo correio um embrulho de papel rasgado, de Joe, com um quimono bordado. Revolveu várias vezes o embrulho, esperando encontrar uma carta, mas não havia nada além de um pedacinho de papel com um Feliz Natal rabiscado. O pacote fora remetido de St. Nazaire, na França, e estava carimbado OUVERT PAR LA CENSURE. Aquilo fazia a guerra parecer muito próxima e ela esperava que Joe não estivesse em perigo por lá.

Numa gélida tarde de janeiro, quando Janey se achava deitada na cama lendo *The Old Wives' Tale*, ouviu a voz da sra. Baghot, a senhoria, que a chamava. Receava que fosse sobre o aluguel, que não tinham pago nesse mês ainda, mas era Alice ao telefone. A amiga disse-lhe que fosse imediatamente vê-la, pois um homem telefonara pedindo uma estenógrafa por alguns dias e como nenhuma das moças estava lá ela achava que Janey podia muito bem ir conferir se queria o emprego.

— Qual é o endereço? Vou imediatamente.

Alice deu-lhe o endereço. Sua voz gaguejava de excitação no outro lado da linha.

— Estou tão assustada... Se a sra. Robinson descobrir, vai ficar furiosa.

— Não se preocupe, eu explico ao homem — disse Janey.

O homem estava no Hotel Continental, na avenida Pensilvânia. Tinha um quarto e uma sala entulhados de páginas datilografadas e panfletos com capas de papel. Usava óculos de aros de tartaruga, que vivia pondo e tirando, como se não tivesse certeza se via melhor com ou sem eles. Começou a ditar sem olhar para Janey assim que ela se livrou do chapéu e tirou a prancheta e o lápis da bolsa. Falava em rajadas, como se fizesse um discurso, dando grandes passadas de um lado para outro sobre as pernas longas e finas o tempo todo. Era uma espécie de artigo a ser marcado "Para distribuição imediata", sobre capital e trabalho e o dia de oito horas e a Irmandade dos Maquinistas de Locomotivas. Foi com um ligeiro senso de preocupação que ela compreendeu que devia ser um líder trabalhista. Quando ele acabou de ditar, saiu abruptamente da sala e pediu-lhe por favor que datilografasse o artigo o mais breve possível, dizendo que estaria de volta num

minuto. Havia uma Remington na mesa, mas ela teve de mudar a fita, e datilografou com muita pressa, temendo que ele voltasse e o trabalho não estivesse concluído. Depois sentou-se ali, esperando, com o artigo e as cópias carbono empilhadas sobre a mesa, arrumadas e limpas. Passou-se uma hora e ele não voltou. Janey ficou nervosa, rodou pela sala, olhou os panfletos. Eram todos sobre mão de obra e economia e não a interessaram. Olhou pela janela e tentou esticar o pescoço para ver que horas marcava o relógio da torre do correio. Mas não podia vê-lo, e por isso foi ao telefone pedir que, se o sr. Barrow estivesse no hotel, lhe dissessem que seu manuscrito estava pronto. A recepção disse que eram cinco horas e que o sr. Barrow ainda não voltara, embora houvesse deixado recado dizendo que voltaria imediatamente. Ao colocar o fone no gancho, ela derrubou uma carta em papel lavanda da mesinha. Quando a pegou, como não tinha nada a fazer e estava cansada de ficar sozinha, pôs-se a lê-la. Envergonhava-se de si mesma, mas, uma vez que começou, não pôde mais parar.

Caro G. H.

Detesto fazer isso, mas honestamente, garoto, estou num aperto dos diabos por falta de dinheiro. Você tem de cair com dois mil bagarotes (2 mil dólares), senão juro que deixo de me comportar como uma dama e faço um escândalo. Detesto fazer isso, mas sei que você tem, senão não o aporrinharia como faço. Desta vez estou falando sério

— a garotinha que você amava

Queenie

Janey corou e pôs a carta de volta exatamente como estava. Não eram terríveis os homens, sempre com algum esqueleto no

armário? Estava escuro lá fora e ela começava a ficar com fome e inquieta quando o telefone tocou. Era o sr. Barrow, que disse sentir muito tê-la feito ficar esperando e que estava no Shoreham, na suíte do sr. Moorehouse, e pediu-lhe que fosse lá — não, não levasse o manuscrito —, mas tinha um ditado para ela lá mesmo, J. Ward Moorehouse, ela devia conhecer o nome. Janey não conhecia o nome, mas a ideia de ir pegar um ditado no Shoreham emocionava-a bastante, ainda mais com aquela carta. Era uma excitação como a de quando saía com Jerry Burnham. Pôs o chapéu e o casaco, arrumou um pouco o rosto no espelho sobre a lareira e cruzou a gelada noite de janeiro até a esquina da F com a Catorze, onde ficou à espera de um bonde. Queria ter um regalo; o vento de açoite mordia-lhe as mãos metidas nas luvas finas e as pernas logo acima dos sapatos. Queria ser uma rica mulher casada; morando em Chevy Chase e esperando sua limusine para pegá-la e levá-la para casa, para o marido e os filhos e uma lareira crepitante. Lembrava-se de Jerry Burnham e perguntava-se se poderia ter-se casado com ele se soubesse manejá-lo direito. Ou Johnny Edwards; ele fora para Nova York depois que ela o recusara, e estava ganhando dinheiro grosso num escritório de corretagem. Ou Morris Byer. Mas esse era judeu. Nesse ano, não tivera nenhum pretendente. Estava encalhada; essa era a verdade.

Desceu do bonde na esquina antes do Shoreham. O vestíbulo estava quente. Pessoas bem vestidas espalhavam-se em volta, conversando em vozes bem educadas. O ambiente cheirava a flores de estufa. Na recepção, disseram-lhe que fosse ao apartamento número oito, no primeiro andar. Um homem de enrugado rosto branco sob cabelos negros aplastrados abriu a porta. Usava um terno negro luzidio e tinha um discreto andar deslizante. Ela disse

que era a estenógrafa do sr. Barrow e ele convidou-a a passar ao aposento ao lado. No fim da sala havia uma grande lareira onde ardiam duas toras. Em frente à lareira, uma grande mesa coberta de revistas, jornais e manuscritos datilografados. Numa ponta ficava um serviço de chá em prata, na outra uma bandeja com garrafas, uma coqueteleira e copos. Tudo tinha um brilho de prata polida, as cadeiras, as mesas, o aparelho de chá, a corrente do relógio, os dentes e os aplastrados cabelos prematuramente grisalhos do homem que dava as costas para o fogo.

Assim que o viu, Janey achou que ele devia ser um homem de bem. O sr. Barrow e um homenzinho careca sentavam-se em poltronas de cada lado da lareira ouvindo com muita atenção o que ele dizia.

– É uma coisa muito importante para o futuro deste país — ele dizia, numa voz baixa e séria. — Posso garantir-lhes que os grandes diretores e os poderosos interesses em círculos industriais e financeiros observam esses acontecimentos com o mais profundo interesse. Não me citem sobre isso; posso garantir-lhes que o próprio presidente... — seus olhos encontraram-se com os de Janey. — Imagino que esta seja a estenógrafa. Pode entrar, srta...

— Williams — disse Janey.

Os olhos dele eram do azul da chama do álcool, com um tremular juvenil; devia ser o J. Ward Moorehouse cujo nome ela devia conhecer.

— Tem lápis e papel? Ótimo; sente-se à mesa. Morton, é melhor levar essas coisas do chá. — Morton fez as coisas do chá desaparecerem silenciosamente. Janey sentou-se à ponta da mesa e tirou sua prancheta e lápis. — Não seria melhor tirar o chapéu e o casaco? De outro modo, não os sentirá quando sair. — Havia

algo simpático na voz dele, diferente quando falava com ela de quando falava com os homens. Ela gostaria de trabalhar para ele. De qualquer modo, estava contente por ter vindo.

— Agora, sr. Barrow, o que queremos é uma declaração que afaste a agitação. Temos de fazer ambos os lados desta controvérsia compreenderem o valor da cooperação. Esta é uma grande palavra, cooperação... Primeiro, chegaremos a um esboço... O senhor, por favor, fará sugestões do ponto de vista da mão de obra organizada, e o senhor, sr. Jonas, do ponto de vista jurídico. Pronta, srta. Williams?... Emitido por J. Ward Moorehouse, Assessor de Relações Públicas, Hotel Shoreham, Washington, capital federal, 15 de janeiro de 1916...

Depois, Janey ficou ocupada demais tomando o ditado para pegar o sentido do que se dizia.

Nessa noite, quando voltou para casa, já encontrou Alice na cama. Alice queria dormir, mas Janey tagarelava como uma gralha sobre o sr. Barrow e os problemas trabalhistas e o belo homem que era J. Ward Moorehouse, tão bondoso e amável e com ideias tão interessantes para a colaboração entre o capital e o trabalho, e falando com tanta intimidade do que o presidente e Andrew Carnegie pensavam e o que pretendiam os interesses de Rockefeller ou do sr. Schick ou do senador La Follette, e com uns olhos azuis juvenis tão bonitos, e tão simpático, e o serviço de chá em prata, e como parecia jovem apesar de seu cabelo prematuramente grisalho, e a lareira e a coqueteleira de prata e os copos de cristal.

— Ora, Janey — interrompeu Alice, bocejando —, juro que você pegou uma paixonite por ele. Nunca ouvi você falar de um homem desse jeito em minha vida.

Janey corou e teve pena de Alice.

— Oh, Alice, você é tão tola... Não adianta falar de coisa alguma com você.

Despiu-se e apagou a luz. Só quando se meteu na cama se lembrou de que não ceara. Não disse nada sobre isso, porque tinha certeza de que Alice ia fazer algum comentário bobo.

No dia seguinte, concluiu o serviço para o sr. Barrow. Durante toda a manhã, quis perguntar-lhe sobre o sr. Moorehouse, onde ele morava, se era casado ou não, de onde vinha, mas refletiu que não adiantaria muito. Naquela tarde, depois de receber seu pagamento, ficou rondando pela rua H, diante do Shoreham. Dizia a si mesma que queria olhar as vitrinas. Não o viu, mas viu uma reluzente limusine negra com um monograma que não conseguia distinguir a não ser que se curvasse e seria esquisito se se curvasse; decidiu que era o carro dele.

Desceu a rua até a esquina oposta ao grande espaço entre as casas onde demoliam o Arlington. Era uma tarde de sol clara. Ela rondou pela praça Lafayette, olhando a estátua de Andrew Jackson sobre um cavalo empinado entre as árvores nuas.

Crianças e babás agrupavam-se nos bancos. Um homem de cavanhaque grisalho e com uma pasta preta debaixo do braço sentou-se num dos bancos e imediatamente levantou-se e afastou-se; diplomata estrangeiro, pensou Janey. Como era ótimo viver na capital, onde havia diplomatas estrangeiros e homens como J. Ward Moorehouse. Contornou mais uma vez a estátua de Andrew Jackson ereto verde e nobre no verde e nobre cavalo ao rubro sol da tarde de inverno e voltou ao Shoreham, andando rápido como se se dirigisse a um encontro. Perguntou a um rapaz onde ficava a estenógrafa pública. Ele mandou-a a uma sala no segundo andar, onde ela perguntou a uma mulher de olhos

azedos e queixo grande, que datilografava atenta ao pequeno pedaço do saguão acarpetado de verde que podia ver pela porta entreaberta, se sabia de alguém que precisasse de uma estenógrafa.

A mulher de olhos azedos olhou-a fixamente.

— Bem, isto aqui não é uma agência, você sabe.

— Eu sei; só pensei na possibilidade... — disse Janey, sentindo o chão subitamente desaparecer-lhe sob os pés. — Se importa se eu me sentar um momento?

A mulher de olhos azedos continuava fixando-a.

— Ora, onde foi que vi você antes?... Não, não me diga... Você... você estava trabalhando na casa da sra. Robinson no dia em que fui pegar um trabalhinho extra. Pronto, está vendo, lembro-me de você perfeitamente. — A mulher abriu um sorriso amarelo.

— Eu teria me lembrado de você — disse Janey —, só que estou tão cansada de andar por aí procurando emprego.

— E eu não sei? — suspirou a mulher.

Não sabe de alguma coisa que eu possa pegar?

— Vou lhe dizer o que você deve fazer... Telefonaram pedindo uma moça para tomar ditados no quarto oito. Estão usando coisa de umas... umas sessenta por lá, na incorporação de alguma empresa ou alguma coisa assim. Agora, minha cara, você me escute, entre lá, tire o chapéu como se estivesse chegando de algum lugar e comece a tomar ditados que não vão mandar você embora, minha cara, mesmo que a outra moça tenha vindo; eles usam elas rápido demais.

Antes que Janey soubesse o que estava fazendo, já beijara a mulher de olhos azedos na ponta do queixo, atravessara rápido o corredor até o número oito e era introduzida pelo homem de cabelos lambidos que a reconheceu e perguntou:

— Estenógrafa?

— Sim — disse Janey, e no minuto seguinte já sacara sua prancheta e papel, tirara o chapéu e o casaco e estava sentada na ponta da mesa de mogno reluzente, em frente ao fogo estralejante, cuja luz brilhava nas garrafas de prata e nos baldes de água quente e nas chaleiras e nos sapatos negros perfeitamente engraxados e nos olhos de chama azul de J. Ward Moorehouse.

Lá estava ela tomando um ditado de J. Ward Moorehouse. No fim da tarde, entrou o homem de cabelos lambidos e disse:

— Hora de vestir-se para o jantar, senhor.

O sr. J. Ward Moorehouse grunhiu e disse:

— Diabos.

O homem de cabelos lambidos deslizou para mais perto, atravessando o grosso carpete.

— Perdão, senhor, a sra. Rosenthal sofreu uma queda e fraturou a bacia. Caiu no gelo defronte do prédio do Tesouro, senhor.

— Caiu o diabo... Desculpe, srta. Williams — disse o patrão, e sorriu. Janey ergueu o olhar para ele, indulgente e compreensivamente, e sorriu também. — Ela foi bem atendida?

— O sr. Mulligan levou-a para o hospital, senhor.

— Está certo... Vá lá embaixo, Morton, e mande algumas flores para ela. Escolha flores bonitas.

— Sim, senhor. Uns cinco dólares, senhor?

— Dois e cinquenta é o limite, Morton, e junte o meu cartão.

Morton desapareceu. J. Ward Moorehouse pôs-se a andar de um lado para outro diante da lareira, durante algum tempo, como se fosse ditar. O lápis de Janey, preparado, pairava acima do papel.

J. Ward Moorehouse parou de andar de um lado para outro e olhou-a.

— Sabe, srta. Williams... Preciso de uma moça boa e inteligente como estenógrafa e secretária, alguém em quem eu possa depositar confiança... Diabos levem essa mulher por quebrar a bacia.

A cabeça de Janey começou a girar.

- Bem, eu estou procurando um emprego desses.

J. Ward Moorehouse ainda a olhava com um fixo olhar interrogador.

— Se importa de me dizer, srta. Williams, por que perdeu seu último emprego?

— De modo algum. Deixei a Dreyfus e Carroll, talvez o senhor os conheça... Não gostava do que acontecia por lá. Seria diferente se o velho sr. Carroll tivesse ficado, embora o sr. Dreyfus fosse muito bondoso... tenho certeza.

— Ele é um agente do governo alemão.

— É o que quero dizer. Eu não gostaria de ficar após a proclamação do presidente.

— Bem, por aqui somos todos a favor dos aliados, de modo que estará tudo bem. Penso que a senhorita é exatamente a pessoa de que eu gosto... Evidentemente, não podemos ter certeza, mas todas as minhas melhores decisões são tomadas de estalo. Que tal vinte e cinco por semana para começar?

— Tudo bem, sr. Moorehouse, tenho certeza de que vai ser um trabalho muito interessante.

— Amanhã às nove, por favor, e envie esses telegramas meus ao sair:

Sra. J. Ward Moorehouse
Great Neck Long Island Nova York

Posso ter de ir Cidade do México explique Saltworths impossibilitado de comparecer jantar Espero tudo bem amor a todos Ward

Srta. Eleanor Stoddard
Rua Onze 45E Nova York

Escreva o que você quer que eu traga do México como sempre JW

— Pode viajar, srta. Williams?

— Nunca viajei, mas tenho certeza de que gostaria.

— Talvez eu tenha de levar uma pequena equipe de escritório comigo... negócios de petróleo. Informo-a dentro de um ou dois dias...

James Frunze a/c J. Ward Moorehouse
Quinta Avenida 100 Nova York

Avise imediatamente situação desenvolvimento do Shoreham A e B Barrow nervosos distribua declaração de unidade de interesse americano versus lixo socialista estrangeiro. JWM

— Obrigado; é só isso por hoje. Depois de datilografar esses pode ir e mande os telegramas, está bem?

J. Ward Moorehouse saiu por uma porta no fundo, levando seu casaco. Depois que Janey datilografou os artigos e quando ia saindo do saguão do hotel para enviar os telegramas na Western Union, teve um vislumbre dele, de casaca, com um feltro cinza e um capote cor de couro no braço. Entrava apressado num táxi e não a viu. Era muito tarde quando ela foi para casa. Tinha as faces afogueadas, mas não se sentia cansada. Alice estava acordada, lendo sentada na beira da cama.

— Oh, eu estava tão preocupada... – ela começou, mas Janey passou-lhe os braços em torno e disse-lhe que tinha um emprego como secretária particular de J. Ward Moorehouse e que ia para o México. Alice caiu em prantos, mas Janey se sentia tão feliz que não pôde parar para tomar conhecimento disso, e continuou falando-lhe tudo sobre a tarde no Shoreham.

O Mago da Eletricidade

Edison nasceu em Milan, Ohio, em mil oitocentos e quarenta e sete;

Milan era uma cidadezinha às margens do rio Huron que por algum tempo fora o porto de embarque de trigo para toda a Reserva Oeste; as ferrovias se apoderaram do comércio de transporte, e a família Edison subiu para Port Huron, no Michigan, para crescer com o país;

o pai era um telheiro que se dedicava a pequenas especulações; negociava com grãos e alimentos e madeira e construiu uma torre de madeira de trinta metros de altura; os turistas e excursionistas pagavam vinte e cinco centavos cada para subir na torre e olhar a vista sobre o lago Huron e o rio St. Clair e Sam Edison tornou-se um sólido e respeitável cidadão de Port Huron.

Thomas Edison frequentou a escola durante apenas três meses, porque o professor achou que não era muito inteligente. A mãe ensinou-lhe o que sabia em casa e lia autores do século dezoito com ele, Gibbon e Hume e Newton, e deixou-o montar um laboratório no porão.

Sempre que ele lia sobre alguma coisa, descia ao porão e experimentava.

Quando tinha doze anos, precisou de dinheiro para comprar livros e produtos químicos; conseguiu uma concessão como distribuidor de jornais no trem diário de Detroit a Port Huron. Em Detroit havia uma biblioteca pública e ele lia lá. Montou um laboratório no trem e sempre que lia alguma coisa, experimentava-a. Montou uma impressora e imprimiu um jornal chamado *The Herald*, quando a Guerra Civil estourou organizou uma agência de notícias e faturou em cima das grandes batalhas. Então, deixou cair uma barra de fósforo e pôs fogo ao vagão e foi jogado fora do trem.

A essa altura, gozava de considerável fama no país como o garoto editor do primeiro jornal a ser publicado num trem em movimento. O *Times*, de Londres, contratou-o.

Ele aprendeu telegrafia e arranjou um emprego como operador noturno em Stratford Junction, no Canadá, mas um dia deixou um trem de carga passar por um desvio e teve de ir andando.

(Durante a Guerra Civil, um homem que soubesse telegrafia podia arranjar um emprego em qualquer parte.)

Edison viajou pelo país pegando empregos e largando-os e indo em frente, lendo todos os livros nos quais punha as mãos; sempre que lia sobre uma experiência científica, experimentava-a, sempre que podia se aproximar de uma máquina, mexia nela, sempre que o deixavam só numa agência telegráfica, fazia alguma coisa com os fios. Isso frequentemente custava-lhe os empregos e ele tinha de ir em frente.

Foi operador itinerante por todo o Meio Oeste: Detroit, Cincinnati, Indianápolis, Louisville, Nova Orleans, sempre duro, as roupas sujas de produtos químicos, sempre experimentando alguma coisa com o telégrafo.

Trabalhou para a Western Union em Boston.

Em Boston, registrou o modelo de sua primeira patente, um registrador de votos automático para uso no Congresso, mas ninguém queria um registrador de votos automático no Congresso, e Edison fez a viagem a Washington e contraiu algumas dívidas e foi tudo que conseguiu com essa invenção; fabricou um registrador de ações e alarmes contra ladrões e queimou toda a pele do rosto com ácido nítrico.

Mas Nova York já era o grande mercado de ações e ideias e ouro e cédulas verdes.

(*Esta parte foi escrita por Horatio Alger*):

Quando Edison foi para Nova York estava duro e tinha dívidas em Boston e Rochester. Isso foi quando o ouro andava nas alturas e Jay Gould tentava apoderar-se desse mercado. Wall Street estava louca. Um sujeito chamado Law montara um indicador elétrico (invenção de Callahan) que mostrava o preço do ouro nos escritórios dos corretores. Edison, em busca de um emprego, duro e sem lugar aonde ir, rondava o escritório central e passava o tempo com os operadores quando o transmissor geral parou com um estrondo no meio de um dia agitado de negócios nervosos; todo mundo no escritório perdeu a cabeça. Edison interveio e consertou a máquina e arranjou um emprego de trezentos dólares por mês.

Em sessenta e nove, o ano da Sexta-feira Negra, ele abriu uma firma de engenharia com um sujeito chamado Pope.

Daí em diante, estava por conta própria; inventou um registrador de ações e vendeu-o. Tinha uma loja de máquinas e um laboratório; sempre que pensava numa geringonça, experimentava-a. Faturou quarenta mil dólares com o Registrador de Ações Universal.

Alugou uma loja em Newark e trabalhou num telégrafo automático e em aparelhos para enviar duas e quatro mensagens ao mesmo tempo pelo mesmo fio.

Em Newark trabalhou com Sholes na primeira máquina de escrever, e inventou o mimeógrafo, o reóstato a carvão, o microtaxímetro e fez o primeiro papel parafinado.

Preocupava-se com uma coisa a que chamava de força etérica; quebrou a cabeça um bocado com ela, mas foi Marconi quem faturou as ondas hertzianas. O rádio ia despedaçar o antigo universo. O rádio ia matar o velho Deus euclidiano, mas Edison jamais foi homem de se preocupar com conceitos filosóficos;

trabalhava noite e dia mexendo com rodas dentadas e pedaços de fio de cobre e produtos químicos em vidros; sempre que pensava num aparelho, experimentava-o. Fazia as coisas funcionarem. Não era um matemático. Posso contratar matemáticos, mas os matemáticos não podem me contratar, dizia.

Em mil oitocentos e setenta e seis mudou-se para Menlo Park, onde inventou o transmissor de carvão que fez do telefone uma proposta comercial, que tornou possível o microfone

trabalhava dia e noite e produziu
o fonógrafo
a lâmpada elétrica incandescente

e sistemas de geração, distribuição, regulação e medição da corrente elétrica, bocais, interruptores, isolantes, bueiros. Edison criou os primeiros sistemas de luz elétrica usando a corrente direta e lâmpadas de pequena unidade e arco múltiplo que foram instaladas em Londres, Paris, Nova York e Sunbury Pensilvânia
o sistema trifásico
o separador magnético de minério
uma ferrovia elétrica.

Mantinha ocupado o pessoal do Escritório de Patentes entrando com patentes e requerimentos.

Para encontrar um filamento para sua lâmpada elétrica que fosse uma boa proposta comercial, experimentou todo tipo de papel e pano, cordão, linha de pescar, fibra, celuloide, compensado, casca de coco, abeto, nogueira, loureiro, pau-rosa, madeira podre, cortiça, linho, bambu e o fio de barba ruiva de um escocês;

sempre que tinha um palpite, experimentava-o.

Em mil oitocentos e oitenta e sete mudou-se para os enormes laboratórios em West Orange.

Inventou trituradores de rochas e o fluoroscópio e o filme em bobina para câmaras de cinema e a bateria alcalina e o longo forno para queima do cimento de Portland e o cinetofone que foi o primeiro filme falado e a casa de cimento armado que proporciona lares baratos artísticos idênticos higiênicos para os trabalhadores na era da eletricidade.

Thomas A. Edison aos oitenta e dois anos trabalhava dezesseis horas por dia;

nunca se preocupou com matemática ou o sistema social ou conceitos filosóficos generalizados;

em colaboração com Henry Ford e Harvey Firestone, que nunca se preocuparam com matemática ou o sistema social ou conceitos filosóficos generalizados;

trabalhava dezesseis horas por dia tentando descobrir um substituto para a borracha; sempre que lia sobre alguma coisa, experimentava-a; sempre que tinha um palpite, ia para o laboratório e experimentava-o.

O Olho da Câmera (25)

naquelas noites de primavera as rodas dos bondes guinchavam triturantes num barulho de caminhões desembestados dobrando os trilhos curvos na praça Harvard poeira paira no empoeirado fulgor da lâmpada de arco a noite toda até o amanhecer não posso dormir

não tive coragem de quebrar o sino de vidro

quatro anos sob o cone de éter respire fundo devagar assim é que é seja um bom menino um dois três quatro cinco seis consiga A em algumas matérias mas não seja um chato se interesse por literatura mas permaneça um cavalheiro não seja visto com judeus ou socialistas

e todos os contatos agradáveis serão úteis na Vida Posterior diga olá amavelmente a todo mundo que atravesse o pátio

sente-se olhando o crepúsculo da amabilidade por quatro anos de sua vida

esfrie com cultura como uma xícara de chá esquecida entre um queimador de incenso e um volume de Oscar Wilde frio e não forte como um refresco claret tomado num Concerto Popular em Symphony Hall

quatro anos eu não sabia que você podia fazer o que seu Michelangelo queria dizer

Marx

para todos

os professores com um pequeno Swift quebram todos os Greenoughs na galeria de tiro

mas se revirou com os olhos ardendo durante toda a noite primaveril lendo *A trágica história do doutor Fausto* e enlouqueceu ouvindo as rodas dos bondes guincharem num sacolejo de vagões soltos em volta da praça Harvard e os trens gritando do outro lado dos pântanos e a sirene rumorejante de um vapor deixando as docas e o pássaro azul voando e os operários das fábricas marchando com uma banda de cobre pelas ruas de Lawrence, Massachusetts

era como as esferas de Magdeburgo a pressão de fora mantinha o vácuo dentro

e eu não tinha a coragem

de saltar e caminhar ao ar livre e dizer a eles que tomassem um

Rimbaud voador

para a Lua

Jornal da Tela XVII

um ataque de vários aviões hostis se desencadeou antes da meia-noite. As bombas foram jogadas um tanto indiscriminadamente sobre localidades sem importância militar

FERROVIAS NÃO CEDEM UMA POLEGADA

Teremos de fazer a travessia em condições não inteiramente favoráveis a nós, disse o capitão Koenig do *Deutschland* noventa milhas a caminho passando pela ilha Salomão às 2h30m. Todo navio que passava apitava fazendo a saudação.

Você fez de mim o que hoje sou
Espero que esteja satisfeita
Você me arrastou para baixo e para baixo
Até que minha alma dentro de mim morreu

Sir Roger Casement foi enforcado na prisão de Pentonville às nove horas desta manhã.

SUBMARINO PASSA PELO CABO LIVREMENTE

vestindo apenas quimonos moças banhistas chocam almoço laticínios em vez de café de primeira no parque de diversões sérias perdas na safra americana reveladas informa que italianos aplaudiam enquanto austríacos deixam trouxas de roupas às pressas em fuga gigantesca parede de água precipita-se sobre o vale professor diz que Beethoven dá a impressão de um filé suculento

MÁGICO DA PRISÃO TRANSFORMA LIXO
DA CIDADE EM MINA DE OURO

A LUA OCULTARÁ O PLANETA SATURNO ESTA NOITE

IRMÃOS LUTAM NO ESCURO

Mac

Os rebeldes tomaram Juárez e Huerta fugiu e os navios para a Europa partiam cheios de científicos que iam para Paris e Venustiano Carranza era presidente na Cidade do México. Alguém arranjou um passe para Mac na Central até a capital. Encarnación chorou quando ele partiu e todos os anarquistas foram até a estação despedir-se dele. Mac queria juntar-se a Zapata. Aprendera com Encarnación um pouquinho de espanhol e alguma coisa da política da revolução. O trem levou cinco dias. Cinco vezes foi detido, enquanto os trabalhadores da seção consertavam os trilhos à frente. De vez em quando, à noite, entravam balas pelas janelas. Perto de Caballos, um bando de homens a cavalo cavalgou por toda a extensão do trem acenando com

grandes chapéus e dando tiros ao passar. Os soldados no vagão do pessoal despertaram e responderam ao fogo e os homens se afastaram em meio a uma nuvem de poeira. Os passageiros tinham de abrigar-se debaixo dos assentos quando começavam os tiros ou deitar-se no corredor. Depois que o ataque fora repelido, uma velha começou a guinchar e descobriu-se que uma criança fora atingida na cabeça. A mãe era uma mulher morena e gorda, com um vestido florido. Ela percorria o trem para cima e para baixo com o minúsculo bebê ensanguentado enrolado num xale, pedindo um médico, mas todos viam que a criança estava morta.

Mac achava que a viagem não terminaria nunca. Comprou comida apimentada e cerveja morna de velhas índias nas estações, tentou beber pulque e puxar conversas com os companheiros de viagem. Finalmente passaram por Queretaro e o trem começou a pegar velocidade, descendo longas encostas no frio ar translúcido. Depois os picos dos grandes vulcões começaram a tomar forma no azul além dos intermináveis campos de piteiras cultivados em xadrez e de repente o trem chocalhava entre muros de jardins e árvores folhudas. Parou com um clangor de engates: Cidade do México.

Mac sentiu-se perdido, rondando pelas ruas iluminadas entre multidões murmurantes, os homens todos vestidos de branco e as mulheres de preto ou azul-escuro. As ruas eram poeirentas, ensolaradas e silenciosas. Havia lojas abertas e coches e bondes e limusines reluzentes. Mac estava preocupado. Tinha apenas dois dólares. Passara tanto tempo no trem que esquecera o que pretendia fazer quando chegasse ao seu destino. Precisava de roupas limpas e um banho. Depois de vaguear bastante tempo, viu um lugar com a plaqueta de "American Bar". Tinha as pernas cansadas.

Sentou-se à mesa. Um garçom veio atendê-lo e perguntou-lhe em inglês o que desejava. Ele não pôde pensar em nada mais e pediu um uísque. Bebeu o uísque e ficou ali sentado com a cabeça nas mãos. No bar havia um bocado de americanos e uns dois mexicanos de chapelões disputando bebidas nos dados. Mac pediu outro uísque.

Um homem carnudo e vermelho com uma camisa cáqui amassada rondava nervoso pelo bar. Seus olhos deram com Mac e ele se sentou à sua mesa.

— Se importa se eu me sentar aqui um pouco, parceiro? — perguntou. — Esses filhos da puta são barulhentos demais. Aqui, sombrero... onde está o maldito garçom? Me dê um copo de cerveja. Bem, estou sem a velha e as crianças hoje... Quando vai se mandar?

— Ora, eu acabo de chegar — disse Mac.

— O diabo que chegou... Isto aqui não é lugar para um branco... Esses bandidos estarão na cidade qualquer dia... Vai ser horrível, estou lhe dizendo. Não vão deixar um branco vivo... Mas eu pego alguns deles antes de me rebentarem... Por Deus, eu dou conta de vinte e cinco deles, não, vinte e quatro. — Tirou um Colt do bolso, esvaziou o tambor na mão e começou a contar as balas. — Oito. — Começou a revistar os bolsos e a arrumar as balas numa fila sobre a mesa. Havia apenas vinte. — Algum filho da puta me roubou.

Um homem alto e magro aproximou-se do balcão e pôs a mão no ombro do homem de olhos vermelhos.

— Eustace, é melhor guardar isso até a gente precisar... Você sabe o que fazer, não sabe? — Voltou-se para Mac. — Assim que o tiroteio começar, todos os cidadãos americanos se concentram

na embaixada. Então venderemos caro nossas vidas, até o último homem.

— Ei, garotão, tome outra rodada.

E o homem alto voltou para o balcão.

— Vocês parecem esperar encrenca — disse Mac.

— Encrenca... meu Deus! Você não conhece este país. Acaba de chegar?

— Cheguei de Juárez há pouco.

— Mas não pode. A estrada de ferro está toda destroçada em Queretaro.

— Bem, devem ter consertado — disse Mac. — Escute, que dizem aqui de Zapata?

— Meu Deus, é o vilão mais sanguinário de todos... Eles assaram um sujeito que era capataz numa usina de açúcar lá em Morelos em fogo brando e estupraram a mulher e a filha dele bem diante de seus olhos... Meu Deus, parceiro, você não sabe que espécie de país é este! Sabe o que a gente deve fazer... sabe o que eu faria se a gente tivesse um homem na Casa Branca em vez de um reformista covarde e que só sabe falar?... A gente levantava um exército de cem mil homens e varria este lugar... É um diabo de um país bonito, mas não há um só desses malditos sebosos que valha a pólvora usada para atirar neles... a gente deve é fumigar eles como vermes, é o que eu digo... Todos esses filhos da puta são um Zapata por baixo da pele.

— Em que negócio você está?

— Sou prospector de petróleo e estou neste buraco imundo há quinze anos e estou farto. Partiria no trem para Vera Cruz hoje mesmo, só que tenho negócios a acertar e os móveis para vender... Não se pode saber quando vão cortar a estrada de ferro

e aí a gente não vai poder sair e o presidente Wilson deixará que a gente seja fuzilado aqui mesmo como ratos numa ratoeira... Se o público americano compreendesse as condições aqui embaixo... Qual é seu ramo de negócio, parceiro?

— Gráfico. Linotipista.

— Procurando emprego?

Mac tirara um dólar do bolso para pagar sua conta.

— Acho que vou ter de procurar — disse. — Este é meu penúltimo dólar.

— Por que não vai ao *Mexican Herald*? Estão sempre precisando de gráficos de língua inglesa... Não conseguem segurar ninguém aqui... Isto aqui não serve mais para um branco... Escute aqui, parceiro, esta bebida é por minha conta.

— Bem, então tomaremos outra, por minha conta.

— O negócio está pegando fogo neste país agora, parceiro... foi tudo pro inferno... a gente bem pode tomar um trago enquanto pode.

Nessa noite, depois de comer alguma coisa num restaurante americano, Mac percorreu a Alameda para tirar o uísque da cabeça antes de dirigir-se ao *Mexican Herald* e ver se conseguia um emprego. Seria apenas por algumas semanas, dizia a si mesmo, até conhecer melhor a terra. As altas árvores da Alameda, as estátuas brancas, as fontes, os casais bem vestidos passeando em volta da luz e os coches chocalhando sobre as pedras pareciam muito tranquilos, assim como a fila de índias de olhos pétreos vendendo frutos e castanhas e doces rosa e amarelo e verde em barracas ao longo do meio-fio. Mac decidiu que o homem com o qual conversara no bar estivera assustando-o porque era um moleirão.

Conseguiu o emprego, sem dúvida, no *Mexican Herald*, a trinta dólares mexicanos por semana, mas nas oficinas todo mundo falava como o homem do bar. Nessa noite, um velho polono-americano que era leitor de provas no jornal levou-o a um hotelzinho para arranjar-lhe um quarto e emprestou-lhe alguns trocados até o dia do pagamento.

– Você consegue tantos adiantamentos quantos quiser — disse o velho polonês. – Qualquer dia desses há uma revolução e aí adeus *Mexican Herald*... a menos que Wilson faça uma intervenção muito rápida.

— Tudo bem pra mim; quero ver a revolução social.

O velho polonês pôs o dedo ao longo do nariz, baixou a cabeça de um modo peculiar e deixou-o.

Quando Mac acordou pela manhã, viu-se num quartinho amarelo vivo. Os móveis eram pintados de azul e havia cortinas vermelhas na janela. Entre as cortinas, as longas folhas da janela eram batidas pelo vívido sol violeta que abria seu cálido caminho sobre os lençóis. Um canário cantava em alguma parte, e ele ouvia o flap-flap de uma mulher fazendo tortillas. Levantou-se e escancarou a janela. O céu não tinha uma nuvem acima dos telhados vermelhos. A rua estava vazia e ensolarada. Encheu os pulmões com o fino ar frio e sentiu o sol queimar-lhe o rosto e o pescoço e os braços e ficou ali parado. Devia ser cedo. Voltou para a cama e tornou a dormir.

Quando Wilson ordenou que os americanos deixassem o México, vários meses depois, Mac achava-se instalado num pequeno apartamento na Plaza del Carmen com uma moça chamada Concha e dois gatos persas brancos. Concha fora estenógrafa e intérprete numa firma americana e amante de um homem do

petróleo por três anos e por isso falava um inglês muito bom. O homem do petróleo pulara no trem em Vera Cruz, no pânico da época da fuga de Huerta, deixando Concha sem vintém. Ela se encantara com Mac assim que o vira pela primeira vez entrando nos correios. Dava-lhe todo o conforto e quando ele lhe falava em ir juntar-se a Zapata ela apenas sorria e dizia que os peões eram selvagens ignorantes e bons apenas para serem governados pela chibata. A mãe dela, uma velha com um xale perpetuamente na cabeça, vinha cozinhar para eles e Mac começou a gostar de comida mexicana, peru com molho grosso de chocolate e enchiladas com queijo. Os gatos chamavam-se Porfírio e Venustiano e sempre dormiam aos pés da cama deles. Concha era muito econômica e fazia o salário de Mac render muito mais do que ele e nunca se queixava quando ele saía para a farra pela cidade e voltava tarde com dor de cabeça de tanta tequila. Em vez de tentar tomar os trens lotados para Vera Cruz, Mac pegou um pouco de dinheiro que economizara e comprou os móveis de escritório que os comerciantes americanos apavorados estavam vendendo pelo que conseguissem. Empilhou-os no quintal da casa onde moravam. A compra fora ideia de Concha e ele gracejava com ela dizendo que jamais iam livrar-se daquilo, mas ela balançava a cabeça e dizia:

— Espere só.

Concha gostava muito quando ele trazia amigos para almoçar aos domingos. Servia-os com todo o prazer e mandava seu irmãozinho Antonio buscar cerveja e conhaque e sempre tinha bolos em casa para oferecer se alguém aparecia. Mac às vezes pensava que aquilo era muito mais agradável do que quando

vivia com Maisie em San Diego e começou a pensar cada vez menos em ir juntar-se a Zapata.

O leitor de provas polonês, que se chamava Korski, revelou ser um exilado político, socialista e homem bem informado. Sentava-se à tarde diante de um copo de conhaque pela metade falando da política europeia; desde o colapso dos partidos socialistas europeus no início da guerra não tomara parte em nada; de agora em diante seria um espectador. Tinha uma teoria de que a civilização e a dieta mista estavam causando o colapso da raça humana.

Depois havia Ben Stowell, um negociante de petróleo independente que tentava fazer um acordo com o governo de Carranza para operar alguns poços de acordo com a lei. Vivia duro a maior parte do tempo e Mac tinha de emprestar-lhe dinheiro, mas sempre falava em milhões. Chamava-se a si mesmo de progressista em política e achava que Zapata e Villa eram homens honestos. Ben Stowell sempre tomava o lado contrário em qualquer discussão com Korski e enfurecia o velho com suas atitudes antissocialistas. Mac queria ganhar algum dinheiro para enviar a Maisie para a educação das crianças. Fazia-o sentir-se bem mandar uma caixa de brinquedos para Rose de vez em quando. Ele e Ben tinham longas conversas sobre as possibilidades de ganhar dinheiro no México. Ben Stowell apareceu com alguns políticos radicais que gostavam de passar a tarde falando do socialismo, bebendo e aprendendo inglês. Geralmente Mac não falava muito, mas às vezes se ofendia e dava-lhes uma lição de doutrina da IWW. Concha encerrava todas as discussões trazendo a ceia e dizendo com um balançar de cabeça:

– Todo pobre socialista... ah, como no? Mas quando vocês ficam ricos, logo todos muito capitalistas.

Um domingo, Mac e Concha, alguns jornalistas mexicanos, Ben Stowell e sua namorada Angùstias, que era corista no Lírico, foram de bonde a Xochimilco. Alugaram um barco com uma mesa dentro, um toldo e um índio para remar pelos canais ladeados de álamos, entre os belos jardins e pomares. Tomavam pulque e tinham uma garrafa de uísque e compraram lírios para as moças. Um dos mexicanos tocava violão e cantava.

À tarde o índio trouxe-os de volta a um ancoradouro e eles se espalharam pela mata em casais. Mac sentiu-se de repente muito saudoso de casa e falou a Concha de seus filhos nos Estados Unidos, sobre Rose em particular, e ela caiu em prantos e disse-lhe que amava muito as crianças, mas que quando tinha dezessete anos ficara muito doente e acharam que ela ia morrer e agora não podia ter filhos, só Porfírio e Venustiano. Mac beijou-a e disse-lhe que sempre cuidaria dela.

Quando voltaram ao ponto do bonde, carregados de flores, Mac e Ben deixaram as moças ir para casa sozinhas e foram a uma cantina tomar uns tragos. Ben disse que estava demasiado cansado daquele tipo de coisa e desejava poder fazer seu pé-de-meia para voltar aos Estados Unidos e casar-se e ter um lar e uma família.

— Sabe, Mac — disse —, estou com quarenta anos. Cristo, um homem não pode vagabundar a vida inteira.

— Bem, eu não estou longe disso — disse Mac.

Não falaram muito, mas Ben acompanhou Mac até a redação do *Mexican Herald* e depois foi para o Iturbide, no centro, ver alguns homens do petróleo que estavam hospedados lá.

— Bem, é uma ótima vida quando a gente não enfraquece - disse ao acenar a mão para Mac e começou a descer a rua. Era um homem atarracado, de pescoço taurino e andar cambaio.

Vários dias depois, Ben apareceu na Plaza del Carmen antes que Mac levantasse da cama.

— Mac, venha almoçar comigo hoje — disse. — Tem aí um sujeito chamado G. H. Barrow, a quem eu quero mostrar um pouco da cidade. Ele pode ser útil à gente... De qualquer forma, quero saber atrás do que ele está.

O homem escrevia artigos sobre a situação mexicana e dizia-se que tinha algumas ligações com a AFL. No almoço, perguntou preocupado se a água era saudável e se não havia perigo em andar pelas ruas depois do anoitecer. Ben Stowell gracejou um pouco com ele e contou-lhe histórias de generais e seus amigos que irrompiam em bares e atiravam no chão para fazer os fregueses dançar e depois usavam o lugar como galeria de tiro.

— Galeria de tiro é como chamam o Congresso aqui — disse Mac.

Barrow disse que ia a uma reunião da Unión Nacional de Trabajadores naquela tarde e perguntou-lhes se podiam ir com ele para servir-lhe de intérprete. Era o dia de folga de Mac e eles disseram:

— Tudo bem.

Ele disse que fora instruído a fazer contatos com elementos trabalhistas estáveis no México, na esperança de recrutá-los para a Federação Pan-Americana do Trabalho. O próprio Gompers viria caso se pudesse arranjar alguma coisa nesse sentido. Disse que fora agente de embarques e condutor de Pullman e estivera no escritório da Irmandade da Ferrovia, mas agora trabalhava

para a AFL. Gostaria que os trabalhadores americanos tivessem mais ideias sobre a arte de viver. Estivera na Segunda Internacional em Amsterdã e sentia que os trabalhadores europeus entendiam a arte de viver. Quando Mac lhe perguntou por que diabos a Segunda Internacional não fizera nada para deter a Guerra Mundial, ele disse que ainda não chegara a época e falou das atrocidades alemãs.

— As atrocidades alemãs são um piquenique de escola dominical diante do que acontece todos os dias no México — disse Ben.

Então Barrow perguntou se os mexicanos eram tão imorais quanto se dizia. A cerveja que bebiam com o almoço era muito forte e todos relaxaram um pouco. Barrow queria saber se não havia muito risco em sair com moças ali devido à alta percentagem de sífilis. Mac disse que sim, mas que ele e Ben podiam mostrar-lhe alguns lugares limpos se ele quisesse dar uma olhada. Barrow deu uma risadinha, pareceu embaraçado e disse que queria.

— Um homem deve ver todos os lados das coisas se está investigando as condições.

Ben Stowell bateu com a mão na borda da mesa e disse que Mac era exatamente o homem adequado para mostrar-lhe o outro lado do México.

Foram a uma reunião onde se aglomerava um monte de homens morenos e magros vestidos de mescla azul. A princípio não conseguiram entrar devido à multidão amontoada nos corredores e no fundo da sala, mas Mac encontrou um funcionário a quem conhecia e que lhes deu assentos num camarote. O salão estava muito abafado e a orquestra tocava e houve cantos e os

discursos foram muito longos. Barrow disse que ouvir uma língua estrangeira dava-lhe sono e sugeriu que dessem uma volta pela cidade; soubera que a zona de prostituição era... estava interessado nas condições.

Defronte do salão encontraram Enrique Salvador, um jornalista que Ben conhecia. Estava num carro com chofer. Apertou-lhes as mãos, riu e disse que o carro pertencia ao chefe de polícia, que era seu amigo, e perguntou-lhes se não gostariam de ir a San Angel. Saíram pela longa avenida, passando por Chapultepec, o Champs Elysées do México, segundo Salvador. Perto de Tacubaya, Salvador indicou o local onde os soldados de Carranza tinham tido uma escaramuça com os zapatistas na semana anterior e uma esquina onde um rico negociante de roupas fora assassinado por bandidos, e G. H. Barrow perguntava o tempo todo se era seguro entrar tanto para o interior, e Salvador dizia:

— Eu sou jornalista. Sou amigo de todo mundo.

Em San Angel, tomaram uns tragos e quando retornaram ao centro contornaram o distrito de Pajaritos. G. H. Barrow ficou muito calado, os olhos de um azul aguado, quando viu os pequenos barracos iluminados, todos com uma cama, flores de papel e um crucifixo que se podiam ver pela porta aberta, além de uma cortina vermelha ou azul, e as escuras e caladas jovens índias em camisas curtas paradas diante de suas portas ou sentadas no batente.

— Está vendo — disse Ben Stowell —, é tão fácil quanto rolar um toro... Mas não aconselho você a se descuidar muito por aqui... Salvador vai nos mostrar uma boa espelunca depois da ceia. Ele deve conhecer, porque é amigo do chefe de polícia, que é dono da maioria delas.

Mas Barrow queria entrar numa das casas, de modo que saltaram e falaram com uma das moças e Salvador mandou o chofer buscar algumas garrafas de cerveja. A moça recebeu-os com a maior polidez e Barrow pediu a Mac que lhe fizesse perguntas, mas Mac não gostou da ideia, de modo que ele levou Salvador a fazê-las. Quando G. H. Barrow pôs a mão no ombro nu da moça e tentou tirar-lhe a camisa, perguntando-lhe quanto queria para deixá-lo vê-la inteiramente nua, ela não compreendeu e desvencilhou-se dele, gritou e xingou, e Salvador não quis traduzir o que dizia.

— Vamos tirar esse bastardo daqui — disse Ben a Mac em voz baixa —, antes que a gente se meta numa briga ou algo assim.

Tomaram uma tequila antes do jantar num barzinho onde não se vendia nada além de tequila em barris envernizados. Salvador mostrou a G. H. Barrow como bebê-la, primeiro pondo sal no vão entre o polegar e o indicador e depois engolindo o copinho de tequila, lambendo o sal e um pouco de molho de pimenta para finalizar, mas o americano bebeu errado e se engasgou.

No jantar, já estavam bastante bêbados e G. H. Barrow repetia que os mexicanos entendiam a arte da vida, o que era alimento para Salvador, que falou do gênio índio e do gênio latino, dizendo que Mac e Ben eram os únicos gringos que ele conhecera com os quais podia se dar e insistindo em que não pagassem a refeição. Ia debitá-la ao seu amigo, o chefe de polícia. Em seguida foram a uma cantina junto a um teatro, onde lhes disseram que havia moças francesas, mas as moças francesas não estavam lá. Três velhos, na cantina, tocavam um celo, um violino e um piccolo. Salvador mandou tocarem *La Adelita*, que todos cantaram,

e depois *La Cucaracha*. Um velho de chapéu de abas largas, com um imenso e reluzente coldre de pistola nas costas, tomou sua bebida rapidamente quando eles entraram e foi embora. Salvador sussurrou a Mac que era o general González e saíra para não ser visto bebendo com gringos.

Ben e Barrow sentaram-se cochichando a uma mesa no canto, falando sobre os problemas do petróleo. Barrow dizia que ia chegar um pesquisador de umas empresas de petróleo; estaria no Regis a qualquer dia. Ben dizia que queria conhecê-lo e Barrow pôs o braço sobre o seu ombro e disse ter certeza de que ele era exatamente a pessoa que o tal pesquisador precisava conhecer para ter um verdadeiro conhecimento das condições. Enquanto isso, Mac e Salvador dançavam o danzón cubano com as moças. Então Barrow levantou-se um pouco inseguro das pernas dizendo que não queria esperar pelas moças francesas e perguntou por que não iam para aquele lugar onde tinham estado e provavam um pouco de carne morena, mas Salvador insistia em levá-los à casa de Remédios, perto da embaixada americana.

— Quelque cosa de chic — dizia em mau francês.

Era uma casa grande com uma escadaria de mármore, candelabros de cristal e cortinados de brocado cor de salmão com cortinas de renda e espelhos por toda parte.

— Personne que les henerales vieng aqui — disse ao apresentá-los à madame, que era uma mulher morena de cabelos grisalhos, vestida de negro, com um xale negro, que mais parecia uma freira. Só restava uma moça desocupada, de modo que a arranjaram para Barrow, acertaram o preço e deixaram-no.

— Ufa, que alívio — disse Ben ao saírem. O ar estava frio e o céu era só estrelas.

Salvador mandara os três velhos com seus instrumentos entrarem no banco de trás do carro e disse que se sentia romântico e queria fazer serenata para sua novia e seguiram na direção de Guadalupe correndo feito loucos pela larga avenida. Mac, o chofer, Ben, Salvador e os três velhos cantavam *La Adelita* e os instrumentos arranhavam, todos fora do tom. Em Guadalupe, pararam embaixo de algumas árvores junto à parede de uma casa com grandes janelas gradeadas e cantaram *Cielito lindo*, *La Adelita*, *Cuatro milpas*, e Mac atacou com *Just to keep her from the foggy dew*, e começava *Oh, bury me not on the lone prairie* quando uma moça apareceu na janela e ficou falando um longo tempo em voz baixa com Salvador.

Salvador disse: — Ella dit que nous fazemos escandalo e temos de ir embora. Très chic.

A essa altura, uma patrulha de soldados aparecera e já ia prendê-los quando chegou o oficial e reconheceu o carro e Salvador e levou-os a tomar um trago em seu quartel. Quando voltaram para a casa de Mac, estavam todos muito bêbados. Concha, que tinha a cara amarrada da espera, preparou um colchão para Ben na sala de jantar e quando iam se recolher Ben disse:

— Por Deus, Concha, você é uma ótima moça. Quando eu fizer meu pé-de-meia vou lhe comprar o mais belo par de brincos de diamantes do Distrito Federal.

A última visão que tiveram de Salvador foi de pé no banco dianteiro do carro, dobrando a esquina sobre apenas duas rodas, regendo com grandes gestos os três velhos em *La Adelita* como um maestro.

Antes do Natal, Ben Stowell voltou de uma viagem a Tamaulipas sentindo-se ótimo. As coisas estavam dando certo para ele.

Conseguira um acordo com um general local, perto de Tampico, para operar um poço de petróleo na base de metade-metade. Através de Salvador, fizera amizade com alguns membros do gabinete de Carranza e esperava entrar num acordo com alguns dos grandes proprietários nos Estados Unidos. Estava cheio de dinheiro e alugou um quarto no Regis. Um dia, apareceu na oficina e pediu a Mac que saísse para o beco um minuto com ele.

— Escute aqui, Mac — disse. — Tenho uma oferta pra você... Conhece a livraria do velho Worthington? Bem, eu fiquei bêbado ontem à noite e comprei ela por dois mil pesos... Ele está levantando acampamento e vai pra casa, segundo diz.

— O diabo que você comprou!

— Bem, de qualquer modo, estou satisfeito por ter afastado ele.

— Ora, seu proxeneta, você está atrás de Lisa.

— Bem, talvez ela também esteja satisfeita por ele dar o fora.

— Ela é bonita, sem dúvida.

— Tenho um monte de novidades que lhe conto depois... As coisas não vão ficar muito saudáveis aqui no *Mexican Herald*, talvez... Eu tenho uma proposta pra você, Mac... Deus sabe que lhe devo um bocado... Sabe aquele monte de móveis de escritório que Concha fez você comprar aquela vez? – Mac fez que sim com a cabeça. — Bem, vou livrá-lo daquilo e lhe dar metade dos ganhos da livraria. Vou abrir um escritório. Você conhece o mercado de livros... você mesmo me disse que conhecia... os lucros do primeiro ano são seus, e depois disso a gente racha metade-metade, vê? É claro que você tem de fazer ela render. Aquele velho tolo do Worthington fazia, e eu fico com Lisa de quebra... Topa?

— Puxa, me deixe pensar um pouco, Ben... mas tenho de voltar à oficina do jornal.

Assim, Mac descobriu-se dono de uma livraria na calle Independencia, com um estoque de papelaria e algumas máquinas de escrever. Era bom sentir-se seu próprio patrão pela primeira vez na vida. Concha, que era filha de lojista, ficou deliciada. Mantinha a escrituração e conversava com os fregueses, de modo que Mac não tinha muito que fazer, a não ser sentar-se no fundo e ler e conversar com os amigos. Nesse Natal, Ben e Lisa, uma espanhola alta que diziam ter sido dançarina em Málaga e que tinha a pele branca como uma camélia e cabelos negros, davam todo tipo de festas no apartamento com banheiro e cozinha em estilo americano que Ben alugara num novo bairro para os lados de Chapultepec. No dia em que a Associación de Publicistas deu seu banquete anual, Ben passou na livraria sentindo-se ótimo e convidou Mac e Concha a jantar em sua casa e perguntou se Concha não queria levar algumas amigas, moças boas, bem-comportadas e sem muitos fricotes, das que ela conhecia. Ia dar uma festa para G. H. Barrow, que voltara de Vera Cruz, e um grande contato de Nova York que estava arranjando alguma coisa, ele não sabia exatamente o quê. Estivera com Carranza no dia anterior e no banquete todo mundo o bajulara.

— Puxa, Mac, você devia ter estado nesse banquete; pegaram um dos bondes e armaram uma mesa em todo o comprimento dele, com uma orquestra, e levaram a gente a San Angel e de volta e depois num passeio pela cidade.

— Eu vi eles partindo — disse Mac. — Me pareceu muito um funeral.

– Puxa, foi ótimo. Salvador e todo mundo estavam lá, e aquele tal Moorehouse, o grande hombre de Nova York, puxa, parecia não saber o que fazer. Era como se esperasse que uma bomba explodisse debaixo da cadeira a qualquer instante... seria ótimo para o México se explodisse mesmo, quando a gente pensa nisso. Todos os piores patifes do mundo estavam lá.

A festa na casa de Ben não foi tão boa. J. Ward Moorehouse não se deu com as moças como Ben esperava. Levou sua secretária, uma loura cansada, e ambos pareciam mortos de medo. Tiveram um jantar em estilo mexicano, com champanha e muito conhaque, uma vitrola tocando discos de Victor Herbert e Irving Berlin, e uma pequena orquestra itinerante atraída pela multidão tocou árias mexicanas na rua lá fora. Depois do jantar, as coisas começaram a ficar um tanto ruidosas do lado de dentro e por isso Ben e Moorehouse levaram cadeiras para a sacada e tiveram uma longa conversa sobre a situação do petróleo fumando charutos. J. Ward Moorehouse explicou que viera numa condição inteiramente não oficial, você sabe, para fazer contatos, descobrir como estava a situação e exatamente o que havia por trás da obstinada oposição de Carranza aos investidores americanos, e que o grande capital com o qual estava em contato nos Estados Unidos desejava apenas jogo limpo e que ele sentia que se a opinião deles pudesse ser plenamente entendida através de algum escritório de informação ou a amistosa cooperação de jornalistas mexicanos...

Ben voltou à sala e trouxe Enrique Salvador e Mac. Discutiram todos a situação e J. Ward Moorehouse disse que, falando como um velho jornalista ele próprio, entendia plenamente a

situação da imprensa, provavelmente não muito diferente na Cidade do México da de Chicago ou Pittsburgh, e que o que todos os jornalistas queriam era dar a cada novo ângulo da situação seu significado adequado num espírito de lisura e cooperação amistosa, mas achava que os homens de negócio do México, como a imprensa americana, estavam mal informados sobre os objetivos da política mexicana. Se o sr. Enrique desse uma passada no Regis, teria prazer em conversar com ele mais demoradamente, ou com qualquer um dos senhores cavalheiros, e se não estivesse lá, devido à grande pressão dos compromissos e aos pouquíssimos dias que passaria na capital mexicana, sua secretária, a srta. Williams, teria todo o prazer em fornecer-lhes qualquer informação de que precisassem e algumas poucas notas especialmente preparadas e estritamente confidenciais sobre a atitude das grandes corporações americanas com as quais ele tinha um contato puramente informal.

Depois disso, falou que sentia muito, mas tinha telegramas à sua espera no Regis e Salvador levou-o e à srta. Williams, sua secretária, para o hotel no automóvel do chefe de polícia.

— Puxa, Ben, está aí um bastardo consumado — disse Mac a Ben, depois que J. Ward Moorehouse partiu.

— Mac — disse Ben —, esse boneco tem um brilhante creme de milhões por todo o corpo. Por Deus, eu gostaria de fazer alguns desses contatos de que ele fala... Puxa, e posso fazer ainda... Observe só o degas aqui, Mac... Vou me ligar aos grandes hombres depois disso.

Depois disso, a festa não foi mais tão refinada. Ben trouxe um bocado mais de conhaque e os homens começaram a levar as moças para os quartos e corredores e até para a lavanderia e

a cozinha. Barrow grudou-se a uma loura chamada Nádia, que era meio inglesa, e conversou a noite toda com ela sobre a arte de viver. Depois que todos tinham ido embora, Ben encontrou-os atracados em seu quarto.

Mac passou a gostar da vida de lojista. Levantava-se quando queria e subia as ruas ensolaradas passando pela catedral, pela fachada do Palácio Nacional e pela calle Independencia; onde as calçadas tinham sido recentemente molhadas e um vento matinal soprava, doce com o cheiro de flores e café torrando. O irmão pequeno de Concha, Antonio, já tinha aberto as portas e varria a loja quando ele chegava. Mac sentava-se no fundo, lendo, ou vagava pela loja, conversando com as pessoas em inglês e espanhol. Não vendia muitos livros, mas tinha todos os jornais e revistas americanos e europeus, que vendiam bem, especialmente a *Police Gazette* e *La Vie Parisienne*. Abriu uma conta bancária e planejava representar algumas agências de máquinas de escrever. Salvador dizia-lhe que conseguiria um contrato para ele fornecer material de escritório a algum departamento do governo e o faria rico.

Uma manhã, ele notou uma grande multidão na praça em frente ao Palácio Nacional. Entrou numa das cantinas embaixo da arcada e pediu um copo de cerveja. O garçom disse-lhe que as tropas de Carranza haviam perdido Torreón e que Villa e Zapata fechavam o cerco sobre o Distrito Federal. Quando chegou à livraria, corria nas ruas o boato de que o governo de Carranza fugira e que os revolucionários estariam na cidade antes da noite. Os lojistas começaram a fechar seus estabelecimentos. Concha e a mãe apareceram chorando, dizendo que seria pior do que a terrível semana em que Madero caíra e que os revolucionários haviam jurado incendiar e saquear a cidade. Antonio chegou

dizendo que os zapatistas estavam bombardeando Tacuba. Mac tomou um coche e foi à Câmara dos Deputados para ver se encontrava alguém que conhecesse. Todas as portas estavam abertas para a rua e havia papéis jogados pelos corredores. Não havia ninguém no teatro além de um índio e sua mulher, que vagavam de mãos dadas olhando reverentemente o teto dourado, as pinturas e as mesas cobertas de veludo verde. O velho tinha o chapéu na mão, como se estivesse na igreja.

Mac disse ao chofer que o levasse ao jornal onde Salvador trabalhava, mas o servente lá disse-lhe com uma piscadela que o jornalista fora para Vera Cruz com o chefe de polícia. Então ele foi para a embaixada, onde não conseguiu falar com ninguém. Todas as antessalas estavam cheias de americanos que tinham vindo de fazendas e concessões e que maldiziam o presidente Wilson e se horrorizavam uns aos outros com histórias dos revolucionários. No consulado, Mac encontrou um sírio que se ofereceu para comprar seu estoque de livros.

— Não, você não — disse Mac e desceu de volta à Independencia.

Quando voltou à loja, jornaleiros já corriam pela rua gritando "Viva la revolución revindicadora". Concha e a mãe estavam em pânico e disseram que tinham de tomar o trem para Vera Cruz, senão seriam assassinadas. Os revolucionários estavam saqueando conventos e assassinando padres e freiras. A velha caiu de joelhos no canto da sala e começou a rezar ave-marias.

— Ah, diabos! — disse Mac. — Vou vender a loja e voltar para os Estados Unidos. Quer ir para os Estados Unidos, Concha? — Ela assentiu vigorosamente com a cabeça e começou a sorrir por entre as lágrimas. — Mas que diabos vamos fazer com

sua mãe e Antonio? Concha disse que tinha uma irmã casada em Vera Cruz. Ela podia ficar com eles se conseguissem chegar a Vera Cruz.

Mac, suando abundantemente, correu de volta ao consulado para buscar o sírio. Não conseguiam chegar a um preço. Mac estava desesperado porque todos os bancos haviam fechado e não se tinha meio de conseguir dinheiro algum. O sírio disse que era do Líbano e cidadão americano e cristão e que emprestaria cem dólares a Mac se ele lhe desse uma promissória de sessenta dias hipotecando sua parte na livraria por duzentos dólares. Disse que era cidadão americano e cristão e que estava arriscando a vida para salvar a mulher e os filhos de Mac. Mac estava tão apressado que quase não notou que o sírio lhe dava cem dólares mexicanos e que a promissória era em dólares americanos. O sírio invocou Deus em proteção de ambos, disse que fora um erro, e Mac saiu com duzentos pesos em ouro.

Já encontrou Concha de malas prontas. Ela fechara a loja e estava de pé na calçada do lado de fora com algumas trouxas, os dois gatos numa cesta e Antonio e a mãe embrulhados ambos em um cobertor.

Encontraram a estação tão apinhada de gente e bagagens que não puderam entrar. Mac contornou por fora, foi aos pátios de manobra e encontrou um sujeito chamado McGrath, a quem conhecia e que trabalhava na estrada de ferro. McGrath disse que podia embarcá-los, mas tinham de se apressar. Colocou-os num vagão de segunda classe no pátio de manobras e disse que compraria suas passagens, mas provavelmente teria de pagar o dobro por elas. O suor escorria por baixo do chapéu de Mac quando finalmente acomodou as duas mulheres, a cesta de gatos,

as trouxas e Antonio. O trem já estava cheio, embora não tivesse ainda entrado na estação. Após várias horas, partiu, uma fileira de soldados empoeirados na plataforma empurrando para trás as pessoas que tentavam invadir a composição que partia. Todos os assentos estavam tomados, os corredores cheios de padres e freiras, pessoas bem vestidas penduradas nos estribos.

Mac não tinha muito o que dizer, sentado junto a Concha no denso calor do lento trem. Ela suspirava um bocado e a mãe também.

— Ay de mi dios — dizia a velha.

E mastigava asas de frango e pasta de amêndoas.

O trem era frequentemente detido por grupos de soldados que patrulhavam a linha. Nos desvios, havia muitos vagões de carga cheios de soldados, mas ninguém parecia saber de que lado eles estavam. Mac olhava lá fora as intermináveis filas entrecruzadas de piteiras e as igrejas desmoronadas, e via os dois enormes vulcões nevados, o Popocatepetl e o Ixtacihuatl, mudarem de lugar no horizonte; depois vinha outro cone marrom-dourado de um vulcão extinto girando lentamente diante do trem; depois era o pico branco-azulado do Orizaba a distância tornando-se cada vez maior no céu sem nuvens.

Após Huamantla, viajavam por entre nuvens. Os trilhos ressoavam sob o alegre clangor das rodas, que desciam íngremes encostas em curva, no enevoado vale ondulante, através de florestas úmidas. Começaram a sentir-se mais à vontade. A cada volta do trem, o ar tornava-se mais quente e úmido. Começaram a ver laranjeiras e limoeiros. As janelas estavam todas abertas. Nas estações apareciam mulheres vendendo pulque e frango e tortillas.

Em Orizaba fazia sol de novo. O trem parou por um longo tempo. Mac sentava-se bebendo cerveja sozinho no restaurante da estação. Os outros passageiros riam e conversavam, mas ele se sentia lesado.

Quando o sino tocou, não quis voltar para Concha e a mãe, com aqueles suspiros e dedos gordurosos e asas de frango. Subiu em outro vagão. A noite caía cheia de cheiros de flores e terra quente.

Já era tarde no dia seguinte quando chegaram a Vera Cruz. A cidade estava cheia de bandeiras e grandes faixas vermelhas penduradas de uma parede a outra das ruas cor de laranja e limão e banana com suas janelas verdes e as palmeiras oscilando ao vento do mar. As faixas diziam: "Viva Obregón", "Viva la Revolución Revindicadora", "Viva el Partido Laborista".

Na praça principal uma orquestra tocava e as pessoas dançavam. Gralhas assustadas voavam crocitando entre as árvores escuras em forma de sombrinhas.

Mac deixou Concha, suas trouxas, a velha e Antonio num banco e foi ao escritório da Ward Line cuidar da passagem para os Estados Unidos. Ali, todos falavam de guerra submarina e de que a América ia entrar na Grande Guerra e das atrocidades alemãs e Mac descobriu que não havia navio em menos de uma semana e que não tinha dinheiro bastante para duas passagens. Comprou uma só, para si. Começara a desconfiar de que estava fazendo papel de idiota e decidiu partir sem Concha.

Quando voltou ao vagão onde ela se sentava, viu que comprara pinhas e mangas. A velha e Antonio tinham-se ido com suas trouxas procurar a casa da irmã. Os gatos brancos haviam saído de sua cesta e estavam enroscados no banco ao lado dela.

Concha ergueu o olhar para Mac com um imediato e confiante sorriso de olhos negros e disse que Porfírio e Venustiano estavam felizes porque sentiam cheiro de peixe. Ele ofereceu-lhe ambas as mãos para ajudá-la a levantar-se. Nesse momento, não podia dizer-lhe que decidira voltar para os Estados Unidos sem ela. Antonio apareceu correndo e disse que tinham encontrado sua tia e que ela os acomodara e que todo mundo em Vera Cruz era a favor da revolução.

Atravessando novamente a praça principal, Concha disse que estava com sede e queria algo para beber. Buscavam uma mesa vazia, diante de um dos cafés, quando avistaram Salvador. Ele ficou de pé em um salto e abraçou Mac e gritou:

— Viva Obregón.

Tomaram um coquetel de menta, estilo americano. Salvador disse que Carranza fora assassinado nas montanhas pelos oficiais de seu próprio estado-maior e que Obregón, que só tinha um braço, entrara a cavalo na Cidade do México vestido de algodão branco como um peão, com um grande chapéu de peão, à frente de seus índios Yaquis, e que não houvera desordens e que os princípios de Madero e Juárez seriam restabelecidos e se iniciaria uma nova era.

Tomaram vários coquetéis de menta e Mac não disse uma palavra sobre sua volta para a América.

Perguntou a Salvador onde estava seu amigo chefe de polícia, mas Salvador não o ouviu. Então Mac perguntou a Concha o que faria se ele voltasse para a América sem ela, mas ela disse que ele só podia estar brincando. Disse que gostava de Vera Cruz e que adoraria morar ali. Salvador disse que se aproximavam grandes dias para o México, que ele ia voltar no dia seguinte. Nessa noite,

todos jantaram na casa da irmã de Concha. Mac forneceu o conhaque. Todos brindaram aos trabalhadores, aos sindicatos, ao partido laborista, à revolução social e aos agraristas.

Na manhã seguinte, Mac acordou cedo com uma leve dor de cabeça. Esgueirou-se sozinho da casa e caminhou ao longo do quebra-mar. Começava a pensar que era tolice abrir mão de sua livraria assim. Foi ao escritório da Ward Line e devolveu a passagem. O funcionário restituiu-lhe o dinheiro e ele voltou para a casa da irmã de Concha a tempo de tomar chocolate e massa com elas como desjejum.

Proteu

Steinmetz era corcunda,
filho de um litógrafo corcunda.

Nasceu em Breslau, em mil oitocentos e sessenta e cinco, diplomou-se com as mais altas honras aos dezessete anos no Gymnasium de Breslau, foi para a Universidade de Breslau estudar matemática;

matemática para Steinmetz era força muscular e longas caminhadas pelas montanhas e o beijo de uma moça apaixonada e grandes noites passadas a beber cerveja com os amigos;

nas costas tortas sentia o peso esmagador da sociedade, como os trabalhadores o sentiam em suas costas retas, como os estudantes pobres o sentiam, era membro de um clube socialista, editor de um jornal chamado *A Voz do Povo*.

Bismarck sentava-se em Berlim como um grande peso de papéis mantendo a nova Alemanha feudal, mantendo o império para seus patrões, os Hohenzollern.

Steinmetz teve de fugir para Zurique, receando ir parar na cadeia; em Zurique, sua matemática despertou todos os professores da Politécnica;

mas a Europa nos anos oitenta não era lugar para um estudante alemão sem vintém, com as costas tortas e uma grande cabeça cheia de cálculos simbólicos e fantasias sobre eletricidade, que é matemática transformada em força

e socialista ainda por cima.

Com um amigo dinamarquês, viajou para a América num velho vapor de linha francesa, *La Champagne*,

morou em Brooklyn a princípio e viajava para Yonkers onde tinha um emprego de doze dólares por semana com Rudolph Eichemeyer que era um exilado alemão de quarenta e oito, inventor, eletricista e dono de uma fábrica onde fazia maquinaria para produzir chapéus e geradores elétricos.

Em Yonkers, ele elaborou a teoria da Terceira Harmonia

e a lei da histerese, que demonstra numa fórmula as cêntuplas relações entre o calor, a densidade e a frequência dos metais, quando os polos são invertidos no núcleo de um magneto sob uma corrente alternada.

É a lei da histerese de Steinmetz que torna possíveis todos os transformadores que se escondem em caixinhas e casas com torres no telhado em todas as linhas de alta tensão em toda parte. Os símbolos matemáticos da lei de Steinmetz são o símbolo de todos os transformadores em toda parte.

* * *

Em mil oitocentos e noventa e dois, quando Eichemeyer vendeu sua fábrica para a corporação que ia formar a General Electric, Steinmetz entrou no contrato, juntamente com outros aparelhos valiosos. Durante toda a sua vida, ele foi uma peça da aparelhagem da General Electric.

Primeiro seu laboratório foi em Lynn, depois mudou-se, e com ele o pequeno corcunda, para Schenectady, a cidade elétrica.

A General Electric fazia as vontades dele, deixava-o ser socialista, deixava-o manter uma estufa cheia de cactos iluminada com luzes de mercúrio, deixava-o ter jacarés, corvos falantes e um monstro de Gila como bichos de estimação e o departamento de publicidade alardeava o mago, o feiticeiro que conhecia os símbolos que abriam as portas da caverna de Ali Babá.

Steinmetz anotava uma fórmula no punho de sua camisa e na manhã seguinte mil novas usinas de força haviam brotado e os dínamos cantavam dólares e o silêncio dos transformadores era todo dólares,

e o departamento de publicidade despejava histórias fantásticas nos ouvidos do público americano todo domingo e Steinmetz tornou-se o pequeno mágico de salão,

que fazia uma tempestade de brinquedo em seu laboratório e todos os trens de brinquedo correrem no horário e a carne permanecer fria nas geladeiras e a lâmpada no salão e os grandes faróis e holofotes e os fachos circulantes de luz que orientam os aviões à noite em direção a Chicago, Nova York, St. Louis, Los Angeles,

e deixavam-no ser socialista e acreditar que a sociedade humana podia ser aperfeiçoada como se aperfeiçoa um dínamo e deixavam-no ser pró-germânico e escrever uma carta oferecendo seus serviços a Lênin, porque os matemáticos são tão não práticos que criam fórmulas pelas quais se podem construir usinas de força, fábricas, sistemas de metrô, luz, calor, ar, luz do sol, mas não relações humanas que afetem o dinheiro dos acionistas e os salários dos diretores.

Steinmetz foi um mágico famoso e conversava com Edison batendo o código Morse no joelho dele
porque Edison era muito surdo
e foi para o Oeste
fazer discursos que ninguém entendia
e falou com Bryan sobre Deus num trem da estrada de ferro
e todos os repórteres o cercaram quando ele e Einstein
se encontraram cara a cara,
mas não puderam pegar o que diziam
e Steinmetz era a peça mais valiosa da aparelhagem da General Electric
até gastar-se e morrer.

Janey

A viagem ao México e o vagão particular que o governo mexicano pôs à disposição de J. Ward Moorehouse para voltar ao norte foram adoráveis, mas um pouco cansativos, e havia muita poeira na travessia do deserto. Janey comprou muitas coisas

bonitas, muito barato, joias com turquesas e ônix rosa para levar para Alice e sua mãe e suas irmãs como presentes. Viajando no vagão particular, J. Ward Moorehouse mantinha-a ocupada ditando, e havia sempre um bando de homens bebendo e fumando charutos e rindo com piadas grosseiras na sala de fumar ou na plataforma de observação. Um deles era o tal Barrow, para o qual ela fizera alguns trabalhos em Washington. Agora ele sempre parava para conversar com ela e ela não gostava do jeito dos olhos dele quando se curvava sobre sua mesa para falar-lhe, embora fosse um homem interessante e bastante diferente do que ela imaginara fosse um líder trabalhista e divertia-a pensar que sabia sobre Queenie e o quanto ele ficaria espantado se soubesse que ela sabia. Ela brincava um bocado com ele e achava que talvez ele tivesse uma paixonitezinha por ela, embora fosse o tipo de homem que seria assim com qualquer mulher.

Depois de Laredo, não tiveram mais vagão particular e a viagem não foi mais tão boa. Foram direto a Nova York. Ela ocupava o beliche de baixo num vagão diferente do de J. Ward Moorehouse e no de cima ficava um jovem pelo qual se interessou muito. Chamava-se Buck Saunders, era de Panhandle, no Texas, e falava com o sotaque mais engraçado. Ele tocava vacas e trabalhava nos campos de petróleo de Oklahoma, economizara algum dinheiro e ia ver a cidade de Washington. Ficou excitadíssimo quando ela disse que era de Washington e falou-lhe do que devia ver, o Capitólio, a Casa Branca, o Lincoln Memorial, a Casa dos Veteranos e o monte Vernon. Disse-lhe que não deixasse de ir às Grandes Cataratas e falou-lhe dos passeios de canoa no canal e da terrível tempestade que pegara uma vez perto de Cabin John's Bridge. Fizeram várias refeições juntos no vagão-restaurante e ele

lhe disse que ela era uma garota elegante e danada de fácil de se conversar e que tivera uma namorada em Tulsa, Oklahoma, e ia arranjar um emprego na Venezuela, nos campos de petróleo de Maracaibo, porque ela o abandonara para casar-se com um rico fazendeiro que descobrira petróleo em seus pastos. G. H. Barrow brincava com Janey sobre sua bela e elegante conquista e ela perguntava o que dizer dele próprio, com sua ruiva que desembarcara em St. Louis, e ambos riam e ela se sentia muito demoníaca e pensava que G. H. Barrow não era tão mau sujeito assim, afinal. Quando Buck desceu do trem em Washington, deu-lhe um instantâneo seu, tirado ao lado de uma perfuradora de petróleo, disse que escreveria todo dia e viria a Nova York vê-la se ela o permitisse, mas ela nunca mais soube dele.

Ela também gostava de Morton, o criado cockney, porque ele sempre lhe falava muito respeitosamente. Toda manhã vinha dizer-lhe como J. Ward Moorehouse estava se sentindo.

— Ele parece muito brabo esta manhã, srta. Williams. — Ou: — Estava assobiando enquanto fazia a barba. Se está se sentindo bem? Mais ou menos.

Quando chegaram à estação Pensilvânia, em Nova York, ela teve de ficar com Morton a fim de providenciar para que a caixa de arquivos fosse enviada ao escritório na Quinta Avenida, 100, e não para Long Island, onde ficava a casa de J. Ward. Mandou Morton num Pierce Arrow, que fizera todo o percurso desde Great Neck para buscar a bagagem, e foi sozinha para o escritório num táxi com sua máquina de escrever, os papéis e arquivos. Sentia-se assustada e excitada, olhando pela janela do táxi os altos edifícios brancos, as caixas d'água redondas contra o céu, os rolos de fumaça lá em cima, as calçadas apinhadas de gente e todos os táxis

e caminhões e o brilho e sacolejo e barulho da cidade. Imaginava onde arranjaria um quarto para morar, como faria amizades, onde comeria. Parecia-lhe demasiado assustador ficar inteiramente só numa grande cidade como aquela e admirava-se de ter tido fibra para vir. Decidiu que tentaria encontrar um emprego para Alice e que as duas alugariam um apartamento juntas, mas aonde iria naquela noite?

Quando chegou ao escritório, tudo parecia natural e tranquilizador, um mobiliário muito elegante e com um polimento muito brilhante e as máquinas de escrever batendo muito rápido e uma agitação e atividade muito maiores do que nos escritórios de Dreyfus e Carroll; mas todos pareciam judeus e ela temia que não gostassem dela e que não conseguisse manter o emprego.

Uma moça chamada Gladys Compton mostrou-lhe sua mesa, que disse ter sido da srta. Rosenthal. Ficava num pequeno corredor, logo diante do escritório particular de J. Ward, defronte à porta do escritório do sr. Robbins. Gladys Compton era judia e estenógrafa do sr. Robbins e disse que a srta. Rosenthal era uma moça adorável e que todos no escritório estavam sentidos com o acidente que ela sofrera e Janey sentiu que estava entrando no lugar de outra pessoa e teria uma parada dura a enfrentar. Gladys Compton fitava-a com olhos castanhos ressentidos e um pouco estrábicos quando olhavam fixo para alguma coisa e disse esperar que ela pudesse dar conta do trabalho, que às vezes era simplesmente massacrante, e deixou-a.

Quando fechavam, às cinco, J. Ward saiu de seu escritório particular. Janey ficou muito contente por vê-lo parado junto à sua mesa. Ele disse que falara com a srta. Compton e pedira-lhe para orientá-la um pouco nos primeiros dias e que sabia

que era difícil para uma jovem adaptar-se numa cidade nova, encontrar um lugar adequado para morar e esse tipo de coisa, mas que a srta. Compton era uma moça muito boa e a ajudaria e ele tinha certeza de que tudo sairia bem. Deu-lhe um sorriso de olhos azuis, entregou-lhe um maço de notas escritas em letras miúdas e perguntou-lhe se se importaria de chegar ao escritório um pouco cedo na manhã seguinte e tê-las todas datilografadas e sobre a sua mesa às nove horas. Geralmente não lhe pediria para fazer esse tipo de trabalho, mas todas as datilógrafas eram muito estúpidas e tudo estava muito confuso devido à sua ausência. Janey sentiu-se simplesmente feliz por fazer aquilo e toda aquecida com o sorriso dele.

Ela e Gladys Compton deixaram o escritório juntas. Gladys sugeriu que, já que ela não conhecia a cidade, seria melhor ir para a sua casa. Morava em Flatbush com o pai e a mãe e certamente não seria nada daquilo a que a srta. Williams estava acostumada, mas tinham um quarto sobrando que podiam alugar-lhe até que ela pudesse se orientar na cidade, o quarto pelo menos era limpo, o que era mais do que se podia dizer de muitos lugares. Passaram pela estação para pegar a bagagem dela. Janey sentiu-se aliviada por não ter de se virar sozinha em meio àquela multidão. Depois desceram para o metrô, pegaram um expresso lotado até as portas e Janey achou que não aguentaria ficar imprensada no meio de tanta gente. Achou que jamais chegaria e os trens faziam tanto barulho no túnel que ela não ouvia o que a outra dizia.

Finalmente saíram numa rua larga, com um viaduto descendo-a, onde todos os prédios tinham dois andares e as lojas eram quitandas e casas de legumes e frutas. Gladys Compton disse:

— Nós comemos comida kosher, srta. Williams, por causa dos velhos. Espero que não se incomode; claro que Benny... meu irmão... e eu não temos preconceitos.

Janey não sabia o que era kosher, mas disse que certamente não se incomodava, e contou à outra como era esquisita a comida lá no México, tão apimentada que mal se podia comê-la.

Quando chegaram à casa, Gladys Compton começou a pronunciar as palavras com menos precisão, mostrando-se muito gentil e conscienciosa. Seu pai era um velhinho de óculos na ponta do nariz e a mãe uma gorda em forma de pera com uma peruca. Falavam iídiche entre si. Fizeram todo o possível para deixar Janey à vontade, deram-lhe um ótimo quarto e disseram que lhe forneceriam casa e comida por dez dólares por semana enquanto ela desejasse ficar e quando quisesse se mudar podia ir sem ressentimentos. A casa era uma construção de madeira para duas famílias, amarela, numa longa fileira de casas exatamente iguais, mas tinha bom aquecimento e a cama era confortável. O velho era relojoeiro e trabalhava numa joalheria da Quinta Avenida. Em seu país de origem, chamava-se Kompshchski, mas disseram que em Nova York ninguém podia pronunciar o nome. Comeram um bom jantar, com chá em taças e sopa com bolinhos de massa, caviar vermelho e gefültefisch e Janey achou que era muito bom conhecer pessoas como aquelas. O garoto, Benny, ainda estava no ginásio, um jovem desajeitado com óculos grossos que comia com a cabeça afundada no prato e tinha um jeito rude de contradizer qualquer coisa que alguém dissesse. Gladys disse para não ligar para ele, que era muito bom nos estudos e ia fazer Direito. Quando a estranheza diminuiu um pouco, Janey passou a gostar dos Compton, particularmente do velho sr. Compton, que era

muito bondoso e tratava tudo que acontecia com um delicado humor triste.

O trabalho no escritório era muito interessante. J. Ward começava a depender dela. Janey sentiu que aquele ia ser um bom ano para ela.

O pior eram os três quartos de hora de viagem no metrô até a Union Square pela manhã. Janey tentava ler o jornal e manter-se num canto longe da massa de corpos. Gostava de chegar ao escritório sentindo-se limpa e alinhada, com o vestido arrumado e o cabelo em ordem, mas a longa viagem sacolejante desarranjava-a, fazia-a sentir vontade de vestir-se e tomar outro banho. Gostava de andar pela rua Catorze toda vistosa e reluzente na ensolarada poeira matinal e subir a Quinta Avenida até o escritório. Ela e Gladys estavam sempre entre as primeiras a chegar. Janey mantinha flores sobre sua mesa e às vezes se esgueirava e punha algumas rosas em um vaso de prata sobre a grande mesa de mogno de J. Ward. Depois selecionava a correspondência, punha as cartas pessoais dele numa pilha arrumada no canto do borrador, que tinha uma espécie de moldura em couro vermelho italiano filigranado, lia as outras, pegava a agenda dele e fazia uma pequena lista datilografada de compromissos, entrevistas, textos a serem emitidos, declarações à imprensa. Punha a lista no meio do borrador sob um peso de papéis de cobre bruto da Alta Península de Michigan, assinalando com um nítido W. os assuntos que ela podia resolver sem consultá-lo.

Quando já estava de volta à sua mesa, corrigindo a ortografia dos textos vindos do escritório do sr. Robbins no dia anterior, começava a sentir uma sensação esquisita por dentro; logo J. Ward estaria chegando. Dizia a si mesma que era tudo bobagem, mas

toda vez que a porta da antessala se abria erguia o olhar, expectante. Começava a preocupar-se um pouco; ele poderia ter sofrido um acidente de carro na vinda de Great Neck. Então, quando já desistira de esperá-lo, ele passava apressado, com um sorriso rápido para todos em volta, e a porta de vidro fosco de seu escritório privado fechava-se às suas costas. Janey observava se usava um terno escuro ou claro, a cor da gravata, se cortara o cabelo ou não. Um dia ele apareceu com uma mancha de lama na perna da calça do terno de sarja azul e ela não pôde deixar de pensar nisso a manhã toda, tentando encontrar um pretexto para entrar e falar-lhe a respeito. Era raro ele olhá-la diretamente com um clarão de olhos azuis ao passar, ou parar e fazer-lhe uma pergunta. Nessas ocasiões, ela sentia-se ótima.

O trabalho no escritório era muito interessante. Punha-a bem no meio das manchetes, como quando ela conversava com Jerry Burnham lá na Dreyfus e Carroll. Havia a conta da Produtos Sal Onondaga, literatura sobre banhos de sais e produtos químicos, o time de beisebol dos empregados, a cafeteria, as pensões dos aposentados, a Marigold Cooper e o combate às tendências subversivas entre os mineiros, que eram em sua maioria estrangeiros e tinham de ser educados nos princípios do americanismo, a campanha da Câmara de Comércio do Centro Cítrico para educar os pequenos investidores do Norte sobre as qualidades de crescimento estável da indústria de frutas da Flórida, o slogan a ser lançado: "Ponha uma pera alligator em toda mesa de café da manhã" para a Cooperativa de Produtores de Abacate. Essa firma de vez em quando mandava uma caixa para que todos no escritório levassem uma pera alligator para casa, com exceção do sr. Robbins, que não levava a sua e dizia que elas tinham gosto de

sabão. A maior conta de todas era a campanha da South Western Oil para conter a insidiosa campanha antiamericana das companhias de petróleo britânicas no México e para opor-se ao grupo de pressão intervencionista das empresas Hearst em Washington.

Em junho, Janey foi ao casamento de sua irmã Ellen. Era engraçado estar em Washington de novo. Ainda no trem, sentia grande ansiedade por ver Alice, mas, quando a viu, as duas não conseguiram encontrar muito do que falar. Ela se sentia deslocada em casa da mãe. Ellen casara-se com um estudante de Direito da Universidade de Georgetown que fora pensionista e a casa estava cheia de universitários e moças doidas para casar. Todos riam ou davam risinhos em volta e a sra. Williams parecia se divertir muito, mas Janey ficou feliz quando chegou a hora de ir para a estação e tomar o trem para Nova York de novo. Quando se despediu de Alice, não disse nada sobre a ida dela para Nova York para dividirem um apartamento.

Sentiu-se muito infeliz no trem, sentada no abafado carro-salão, olhando as cidadezinhas e campos e cartazes. Voltar ao escritório na manhã seguinte foi como voltar para casa.

Era excitante em Nova York. O afundamento do *Lusitania* fazia todos acharem que a entrada da América na guerra era apenas uma questão de meses. Havia muitas bandeiras desfraldadas na Quinta Avenida. Janey pensava muito na guerra. Recebera uma carta de Joe enviada da Escócia dizendo que fora torpedeado no navio *Marchioness* e que haviam ficado dez horas num barco aberto numa tempestade de neve ao largo de Pentland Firth com a corrente levando-os para o mar alto, mas haviam alcançado terra e ele se sentia ótimo, a tripulação recebera um bônus e ele estava ganhando muito dinheiro mesmo. Quando lera

a carta, ela entrara para falar com J. Ward com um telegrama que acabara de chegar do Colorado, falou-lhe que seu irmão fora torpedeado e ele se mostrou muito interessado. Falou do patriotismo, da salvação da civilização e das belezas históricas da Catedral de Rheims. Disse que estava disposto a cumprir seu dever quando chegasse o momento e que achava que a entrada da América na guerra era apenas questão de meses.

Uma mulher muito elegante vinha frequentemente ver J. Ward. Janey olhava com inveja a linda pele dela, os belos vestidos, sem ostentação mas muito chiques, as unhas manicuradas, os pés minúsculos. Um dia a porta abriu-se e pôde ouvi-la falando em termos íntimos com J. Ward.

— Mas, J. W., querido — dizia —, este escritório é um pavor. É como os escritórios de antigamente em Chicago, no início dos anos oitenta.

Ele riu.

— Ora, Eleanor, por que não o redecora para mim? Só que o trabalho teria de ser feito sem interferir com os negócios. Não posso me mudar, com a pressão de questões importantes neste momento.

Janey sentiu-se muito indignada com aquilo. O escritório era adorável do jeito que estava, muito distinto, todos diziam. Perguntava-se quem era aquela mulher que estava pondo ideias na cabeça de J. Ward. No dia seguinte, quando precisou fazer um cheque de duzentos e cinquenta dólares em nome de Stoddard e Hutchins, Decoradores de Interiores, quase disse o que pensava, mas afinal aquilo dificilmente era de sua conta. Depois disso, a srta. Stoddard parecia estar no escritório o tempo todo. O trabalho era feito à noite e toda manhã, quando Janey chegava,

encontrava alguma coisa mudada. Tudo estava sendo refeito em preto e branco, com cortinas e guarnições de uma esquisita cor clarete. Janey não gostou nada daquilo, mas Gladys disse que era um estilo moderno e muito interessante. O sr. Robbins recusou-se a deixar que tocassem em seu covil e quase teve uma discussão com J. Ward por causa disso, mas no fim sua vontade prevaleceu e correu o boato de que J. Ward tivera de aumentar o salário dele para impedi-lo de ir para outra agência.

No Dia do Trabalho, Janey mudou-se. Sentia muito deixar os Compton, mas conhecera uma mulher de meia-idade, chamada Eliza Tingley, que trabalhava para um advogado no mesmo andar do escritório de J. Ward. Eliza Tingley era de Baltimore, passara no exame da Ordem dos Advogados, e Janey disse para si mesma que se tratava de uma mulher do mundo. Ela e seu irmão gêmeo, licenciado em contabilidade, haviam alugado um andar na rua Vinte e Três Oeste, no bairro de Chelsea, e convidaram Janey a ir morar com eles. Isso significava livrar-se do metrô e Janey achava que a pequena caminhada pela Quinta Avenida toda manhã lhe faria bem. No minuto em que vira Eliza Tingley no balcão da cantina do térreo, gostara dela. As coisas na casa dos Tingley eram liberais e confortáveis e Janey sentia-se à vontade. Às vezes tomavam uma bebidinha à noite. Eliza era uma boa cozinheira e demoravam-se um longo tempo à mesa do jantar, jogavam algumas mãos de bridge a três antes de irem para a cama. Nas noites de sábado, quase sempre iam ao teatro. Eddy Tingley conseguia os ingressos numa agência de preços reduzidos que conhecia. Assinavam o *Literary Digest*, o *Century* e o *Ladies' Home Journal* e aos domingos comiam frango ou pato assado e liam a revista do *New York Times*.

Os Tingley tinham muitos amigos, que gostavam de Janey, e incluíam-na em tudo e ela sentia que estava vivendo do jeito que gostaria de viver. Aquele inverno também foi excitante, com os rumores de guerra o tempo todo. Tinham um grande mapa da Europa pendurado na parede da sala de estar e assinalavam as posições dos exércitos aliados com bandeirinhas. Eram de corpo e alma a favor dos aliados e nomes como Verdun ou Chemin des Dames causavam-lhes pequenos arrepios na espinha. Eliza queria viajar e fazia Janey contar-lhe repetidas vezes cada detalhe de sua viagem ao México; começaram a planejar uma viagem ao exterior juntas quando a guerra acabasse e Janey passou a economizar dinheiro para isso. Quando Alice escreveu de Washington dizendo que talvez levantasse acampamento e viesse para Nova York, Janey respondeu que no momento talvez isso não fosse uma boa ideia.

Durante todo aquele outono, J. Ward mostrou um rosto pálido e franzido. Pegou o hábito de ir ao escritório nas tardes de domingo e Janey tinha todo o prazer em dar uma passada por lá após o jantar para ajudá-lo. Discutiam os acontecimentos da semana no escritório e J. Ward ditava muitas cartas particulares; dizia-lhe que ela era um tesouro e deixava-a lá datilografando, inundada de felicidade. Janey também tinha preocupações. Embora chegassem novas contas o tempo todo, a firma não andava em condições financeiras muito boas. J. Ward dera alguns mergulhos de mau jeito em Wall Street e tinha dificuldades para manter as coisas em pé. Ansiava por comprar a grande parte da firma ainda em mãos da velha sra. Staple, falava de notas promissórias de que a esposa se apoderara e receava que ela as usasse de maneira imprópria. Janey podia ver que a esposa dele era uma

mulher desagradável e rabugenta que tentava usar o dinheiro da mãe como um meio de segurar J. Ward. Jamais disse coisa alguma aos Tingley sobre J. Ward pessoalmente, mas falava um bocado sobre a firma e eles concordavam com ela em que o trabalho era muito interessante. Ela esperava ansiosamente por aquele Natal, porque J. Ward insinuara que lhe daria um aumento.

Numa chuvosa tarde de domingo, Janey datilografava uma carta confidencial para o juiz Planet, anexando um opúsculo de uma agência de detetives que descrevia as atividades de agitadores trabalhistas entre os mineiros do Colorado, e J. Ward andava de um lado para outro em frente à mesa olhando fixamente com o cenho franzido os polidos bicos de seus sapatos, quando se ouviu uma batida na porta da antessala.

— Quem pode ser? — disse J. Ward.

Havia algo de intrigado e nervoso na maneira como falou.

— Pode ser o sr. Robbins que esqueceu sua chave — disse Janey.

Foi atender. Quando abriu a porta, a sra. Moorehouse passou raspando por ela. Usava um impermeável molhado e trazia uma sombrinha, tinha o rosto pálido e suas narinas fremiam. Janey fechou delicadamente a porta, foi para a sua mesa e sentou-se. Estava preocupada. Pegou um lápis e começou a rabiscar na margem do papel ofício. Não pôde deixar de ouvir o que se passava no escritório de J. Ward. A sra. Moorehouse entrara como uma bala, batendo a porta de vidro fosco atrás de si.

— Ward, eu não suporto mais... Não vou suportar mais nem um minuto — gritava no máximo de sua voz. O coração de Janey começou a bater muito depressa. Ouviu a voz de J. Ward; baixa e conciliatória, e depois a da sra. Moorehouse:

— Não vou ser tratada assim, estou lhe avisando. Não sou criança para ser tratada desse jeito... Você está se aproveitando de minha doença. Minha saúde não aguentará ser tratada desse jeito.

— Agora escute, Gertrude, por minha honra de cavalheiro — dizia J. Ward. Não há nada disso, Gertrude. Você fica lá na cama imaginando coisas e não devia irromper aqui desse jeito. Sou um homem muito ocupado. Tenho transações importantes que exigem toda a minha atenção.

É claro que é ultrajante, dizia Janey a si mesma.

Você ainda estaria em Pittsburgh trabalhando para a Produtos Bessemer, Ward, se não fosse por mim, e sabe disso... Pode me desprezar, mas não despreza o dinheiro de papai... mas comigo acabou, estou lhe avisando. Vou entrar com uma ação de divórcio...

— Mas, Gertrude, você sabe muito bem que não há outra mulher em minha vida.

E essa mulher com quem você é visto por aí o tempo todo... como é o nome dela... Stoddard? Está vendo, sei mais do que você pensa... Não sou o tipo de mulher que você pensa que eu sou, Ward. Não pode me fazer de boba, está ouvindo?

A voz da sra. Moorehouse ergueu-se num guincho estridente. Depois ela pareceu desabar e Janey ouviu-a soluçando.

— Vamos, Gertrude — veio a voz de Ward, consoladora —, você se excitou por nada... Eleanor Stoddard e eu tivemos algumas transações comerciais... Ela é uma mulher inteligente e eu a acho estimulante... intelectualmente, você entende... Jantamos juntos uma vez ou outra, geralmente com amigos comuns, e isso

é absolutamente... — Sua voz baixou tanto que Janey não pôde ouvir o que dizia. Ela começou a pensar que devia dar o fora.

Já se levantava quando a voz da sra. Moorehouse se elevou novamente a um guincho histérico.

– Oh, você é muito cínico... É um cínico. Eu gostaria mais de você se fosse verdade, se estivesse tendo mesmo um caso com ela... Mas não me importa; não serei usada como um instrumento para aproveitar o dinheiro de papai.

A porta do escritório particular se abriu e a sra. Moorehouse apareceu, lançou a Janey um olhar irado, como se desconfiasse também das relações dela com J. Ward, e saiu. Janey tornou a sentar-se à sua mesa, tentando parecer tranquila. Dentro do escritório particular, ouvia J. Ward andando de um lado para outro, com passos pesados. Quando a chamou, sua voz soou fraca:

— Srta. Williams.

Ela se levantou e entrou no escritório particular com o lápis e a prancheta nas mãos. J. Ward começou a ditar como se nada houvesse acontecido, mas na metade da carta ao presidente da Ansonia Carbide Corporation disse de repente:

— Oh, diabos.

E deu um chute na cesta de papel que a mandou rodopiando contra a parede.

— Desculpe-me, srta. Williams; estou muito preocupado... srta. Williams, estou certo de que posso confiar em que a senhorita não falará disso a ninguém... A senhorita entende, minha esposa não está muito bem; esteve doente... o último parto... sabe que essas coisas às vezes acontecem com as mulheres.

Janey ergueu o olhar para ele, com lágrimas nos olhos.

— Oh, sr. Moorehouse, como pode pensar que eu não entenderia?... Oh, deve ser terrível para o senhor, este é um grande trabalho e tão interessante.

Não pôde falar mais nada. Seus lábios não conseguiam formar palavra alguma.

— Srta. Williams — disse J. Ward —, eu... ééé... agradeço... ééé...

Pegou a cesta de papel. Janey ficou de pé em um salto e ajudou-o a recolher os papéis embolados e o lixo que se espalhara pelo chão. Ele tinha o rosto corado de curvar-se.

— Graves responsabilidades... Uma mulher irresponsável pode causar um inferno de danos, a senhorita compreende. — Janey assentia com a cabeça. — Bem, onde estamos? Vamos acabar e sair daqui.

Puseram a cesta de papel embaixo da mesa e retomaram as cartas.

Durante todo o trajeto até Chelsea, escolhendo o caminho por entre a lama e as poças d'água, Janey pensava no que gostaria de ter dito a J. Ward para levá-lo a entender que todo mundo no escritório ficaria ao seu lado, acontecesse o que acontecesse.

Quando chegou ao apartamento, Eliza Tingley disse que um homem lhe telefonara.

— Parecia um tipo um tanto grosseiro; não quis deixar o nome; só disse para dizer que Joe tinha ligado e ia ligar de novo.

Janey sentiu os olhos de Eliza sobre ela, inquisitivamente.

— Acho que é meu irmão Joe... Ele é... está na marinha mercante.

Apareceram alguns amigos dos Tingley, armaram duas mesas de bridge e passavam uma noite divertida quando o telefone

tocou de novo, e era Joe. Janey sentiu-se corar ao falar com ele. Não podia convidá-lo a aparecer, mas queria vê-lo. Os outros chamavam-na para fazer sua jogada. Ele disse que acabava de chegar e que trazia alguns presentes para ela, que fora direto a Flatbush e que os judeus lá lhe haviam dito que ela morava em Chelsea e que estava numa tabacaria na esquina da Oitava Avenida. Os outros chamavam-na para fazer sua jogada. Ela viu-se dizendo que estava muito ocupada fazendo um trabalho e perguntou-lhe se não queria encontrar-se com ela às cinco no dia seguinte, no prédio do escritório onde ela trabalhava. Perguntou-lhe de novo como estava e ele disse "ótimo", mas pareceu decepcionado. Quando ela voltou à mesa, todos brincaram sobre o namorado e ela riu e corou, mas por dentro se sentia mesquinha porque não o convidara a aparecer.

Na noite seguinte, nevou. Quando ela saiu do elevador lotado até as portas às cinco horas, olhou ansiosamente o vestíbulo em torno. Joe não estava ali. Ao dizer boa-noite a Gladys, viu-o do outro lado da porta. Ele estava parado do lado de fora, com as mãos enfiadas nos bolsos de um agasalho azul. Grandes bolas de neve revoluteavam em torno de seu rosto, que parecia vincado, vermelho e curtido.

— Olá, Joe — ela disse.

— Olá, Janey.

— Quando chegou?

— Há uns dois dias.

— Está em boa forma, Joe? Como se sente?

— Estou com a cabeça podre hoje... Tomei um porre ontem à noite.

- Joe, eu senti tanto ontem à noite, mas havia um monte de gente lá e eu queria ver você sozinha, para podermos conversar.

Joe grunhiu.

— Tudo bem, Janey... Puxa, você está ótima. Se alguns dos caras me vissem com você pensariam que peguei uma coisinha fina mesmo.

Janey sentiu-se pouco à vontade. Joe usava sapatos pesados e tinha manchas de tinta cinza nas pernas das calças. Trazia um embrulho feito de jornal embaixo do braço.

— Vamos comer em algum lugar... Puxa, sinto não estar mais bem vestido. A gente perdeu todas as mochilas, sabe, quando foi torpedeado.

— Foram torpedeados de novo?

Joe riu.

— Claro, bem ao largo de Cape Race. É uma vida ótima... Bem, isso faz dois... Mas eu trouxe seu xale, por Deus se não trouxe... Sei onde vamos comer; vamos comer no Luchow's.

— A rua Catorze não fica um pouco?...

— Não, tem uma sala para damas... Janey, você acha que eu levaria você para um lugar que não fosse superior?

Ao atravessarem a Union Square, um jovem de suéter vermelho e aparência pobre disse:

— Olá, Joe.

Joe ficou para trás um pouco e conversou com o jovem, as cabeças juntas. Depois enfiou uma cédula na mão dele e disse:

— Té logo, Tex.

E correu atrás de Janey, que seguia andando, sentindo-se pouco à vontade.

Não gostava da rua Catorze depois do anoitecer.

— Quem era, Joe?

— Um maldito colega aí... Conheci ele lá em Nova Orleans... Chamo ele de Tex. Não sei o nome dele... Está por baixo.

— Você esteve em Nova Orleans? — Joe assentiu com a cabeça.

— Levei uma carga de melaço no *Henry B. Higginbotham*... Rabo de porco, a gente chamava a banheira. Bem, ela está quietinha agora no fundo do mar... no fundo dos Grand Banks.

Quando entraram no restaurante, o maître olhou-os atentamente e deu-lhes uma mesa no canto de uma salinha interna. Joe pediu uma grande refeição e cerveja, mas Janey não gostava de cerveja e ele teve de beber a dela também. Depois que Janey contou todas as notícias da família, disse que gostava do seu emprego e esperava um aumento no Natal e que estava muito feliz vivendo com os Tingley, que eram muito bondosos com ela, pareceu não haver muito mais a dizer. Joe comprara ingressos para o Hipódromo, mas tinham muito tempo antes de ir até lá. Ficaram sentados calados diante do café, Joe tirando baforadas de um charuto. Janey finalmente disse ser uma vergonha que o tempo estivesse tão feio, que devia ser terrível para os pobres soldados nas trincheiras, que achava que os hunos eram simplesmente bárbaros demais, falou do *Lusitania* e que era idiota a ideia do barco da paz de Ford. Joe ria da maneira engraçada e abrupta que tinha de rir agora e disse:

— Eu tenho pena dos pobres marinheiros em alto-mar numa noite dessas.

E levantou-se para ir buscar outro charuto.

Janey achava uma vergonha que ele mandasse raspar o pescoço quando cortava o cabelo; o pescoço era vermelho e tinha pequenas rugas e ela pensava na vida dura que ele devia estar levando, e quando ele voltou perguntou-lhe por que não arranjava um trabalho diferente.

— Quer dizer, num estaleiro? Estão ganhando dinheiro grosso nos estaleiros, mas diabos, Janey, eu prefiro zanzar por aí... E pela experiência, como disse o outro quando lhe estouraram os miolos.

— Não, mas há homens que não têm nem metade da sua inteligência com ótimos empregos, lá no meu escritório mesmo... e um futuro pela frente.

— Todo o meu futuro eu já deixei para trás — disse Joe com uma risada. — Podia ir para Perth Amboy arranjar um emprego numa fábrica de munições, mas prefiro ir pelos ares ao ar livre, sabe?

Janey passou a falar da guerra e disse que desejava que os americanos estivessem nela para salvar a civilização e a pobre e desamparada Bélgica, tão pequena.

— Pare com essa conversa, Janey — disse Joe. Fez um gesto cortante com a mão grande e vermelha sobre a toalha da mesa. — Vocês não compreendem, sabe?... Toda a maldita guerra é má do princípio ao fim. Por que não torpedeiam nenhum navio de carreira francês? Porque os alemães têm tudo combinado com os franceses, vê? Se os alemães deixarem os navios franceses em paz, os franceses não bombardeiam as fábricas alemãs atrás do front. O que a gente quer é ficar aqui e vender munição a eles, e deixar que eles se mandem uns aos outros para o inferno. E aquelas

belezas estão faturando dinheiro grosso em Bordeaux e Toulouse ou Marselha enquanto seus próprios filhos atiram uns nos outros de frente, e é a mesma coisa com os ingleses... Estou dizendo a você, Janey, essa guerra é corrupta, como tudo o mais.

Janey começou a chorar.

— Bem, você não precisa xingar e praguejar o tempo todo.

— Sinto muito, mana – disse Joe humildemente –, mas sou só um vagabundo e é isso, e não estou à altura de sair com uma moça elegante como você.

– Não, eu não disse isso — disse Janey, enxugando os olhos.

– Puxa, mas esqueci de lhe mostrar o xale. — Ele desembrulhou o pacote. Dois xales espanhóis estenderam-se sobre a mesa, um de renda negra, o outro de seda verde bordada com grandes flores.

— Oh, Joe, não devia me dar os dois... Devia dar um à sua namorada.

— As moças com quem eu saio não merecem coisas dessas... Comprei eles para você, Janey.

Ela achou os xales lindos e decidiu que daria um deles a Eliza Tingley.

Foram ao Hipódromo, mas não se divertiram muito. Janey não gostava muito de espetáculos daquele tipo e Joe dormitou o tempo todo. Quando saíram do teatro, fazia um frio mortal. Uma áspera neve açoitava a Sexta Avenida, quase apagando o "L". Joe levou-a para casa de táxi e deixou-a em sua porta com um abrupto "Té logo, Janey". Ela ficou um momento parada no degrau, com a chave na mão, e viu-o caminhando para oeste, em direção à Décima Avenida, com a cabeça afundada dentro do agasalho.

Naquele inverno, as bandeiras drapejavam todo dia na Quinta Avenida. Janey lia o jornal avidamente no café da manhã; no escritório, falava-se de espiões alemães e submarinos e atrocidades e propaganda. Certa manhã, apareceu uma missão militar francesa para falar com J. Ward, oficiais bonitos e pálidos de uniformes azuis e calças vermelhas e condecorações. O mais jovem andava de muletas. Todos tinham sido seriamente feridos no front. Quando partiram, Janey e Gladys quase discutiram porque Gladys disse que os oficiais eram um bando de vagabundos preguiçosos e que preferia ver uma missão de soldados rasos. Janey perguntava-se se não devia falar a J. Ward sobre o pró-germanismo de Gladys, se não seria esse o seu dever patriótico. Os Compton podiam ser espiões: não viviam com um nome que não era o deles? Benny era socialista ou coisa pior, isso ela sabia. Decidiu ficar de olhos abertos.

No mesmo dia, G. H. Barrow apareceu. Janey ficou com eles no escritório particular o tempo todo. Falaram do presidente Wilson e da neutralidade e do mercado de ações e da demora da transmissão da notícia sobre o *Lusitania*. G. H. Barrow tivera uma entrevista com o presidente. Fazia parte de uma comissão que tentava mediar entre as estradas de ferro e as irmandades, que ameaçavam com greve. Janey gostou mais dele do que gostara no vagão particular, na vinda do México, e por isso quando o encontrou no saguão, ao deixarem o escritório, ela ficou muito contente por conversar com ele e quando ele a convidou para jantar, aceitou e se sentiu muito demoníaca.

Durante todo o tempo em que G. H. Barrow esteve em Nova York, levou Janey a jantar e ao teatro. Ela divertiu-se muito e sempre podia gracejar com ele sobre Queenie se ele tentasse

tomar intimidade demais ao voltarem para casa no táxi. Barrow não conseguia imaginar onde ela descobrira o caso de Queenie e contou-lhe a história toda, dizendo que a mulher não parava de persegui-lo por dinheiro, mas que agora se divorciara de sua esposa e ela nada podia fazer. Após obrigar Janey a jurar que nunca contaria a ninguém, explicou que através de uma filigrana técnica legal casara-se com duas mulheres ao mesmo tempo e Queenie era uma delas e agora se divorciara de ambas e não havia nada no mundo que Queenie pudesse fazer, mas os jornais viviam sempre à procura de sujeira e gostavam sobretudo de descobrir alguma coisa de um liberal como ele, dedicado à causa do trabalho. Depois falou da arte de viver e disse que a mulher americana não a compreendia; pelo menos as mulheres como Queenie. Janey sentiu muito por ele, mas quando ele a pediu em casamento ela riu e disse que realmente teria de consultar um advogado antes de responder. Ele contou-lhe tudo sobre sua vida, que fora um garoto pobre e depois trabalhara como agente de estação e de fretes e condutor, falou do entusiasmo com que passara a trabalhar para a Irmandade, que seus artigos de denúncia das condições das estradas de ferro tinham-no feito famoso e rico e por isso todos seus antigos companheiros achavam que se vendera, mas que, Deus me livre, isso não era verdade. Janey foi para casa e falou aos Tingley sobre a proposta, só que teve o cuidado de não dizer nada sobre Queenie e a bigamia e todos riram e brincaram sobre o assunto e ela sentiu-se bem por ter recebido uma proposta de um homem tão importante, perguntou-se por que homens interessantes como aquele sempre caíam por ela e lamentou que eles sempre tivessem aparências dissipadas, mas não sabia se queria casar-se com G. H. Barrow ou não.

No escritório, na manhã seguinte, procurou-o no *Quem é Quem* e lá estava: "*Barrow, George Henry, publicista...*", mas não achava que algum dia pudesse amá-lo. No escritório, nesse dia, J. Ward parecia muito preocupado e doente e Janey teve tanta pena dele que quase esqueceu G. H. Barrow. Foi chamada a uma conferência privada que J. Ward estava tendo com o sr. Robbins e um advogado irlandês chamado O'Grady, e perguntaram-lhe se se importava que alugassem um cofre particular para ela no Bankers Trust. Estavam formando uma nova corporação. Havia motivos para que algo assim se tornasse imperativo. O sr. Robbins e J. Ward teriam mais da metade das ações de uma nova empresa e trabalhariam para ela na base de salários. O sr. Robbins parecia muito preocupado e um pouco bêbado, acendia cigarros e esquecia-os na borda da mesa e dizia o tempo todo:

— Você sabe muito bem, J. W., que qualquer coisa que faça, pra mim está bem.

J. Ward explicou a Janey que ela seria funcionária da nova corporação, mas de modo algum seria pessoalmente responsável por nada. Ela acabou sabendo que a velha sra. Staple estava processando J. Ward para recuperar uma grande soma de dinheiro e que a mulher dele entrara com uma ação de divórcio na Pensilvânia e se recusava a deixá-lo ir em casa ver os filhos e ele estava morando no McAlpin.

Gertrude perdeu a cabeça — disse o sr. Robbins jovialmente. Depois deu um tapa nas costas de J. Ward. — Parece que a gordura já está no fogo — trovejou. — Bem, vou sair para almoçar; a gente tem de comer... e beber... mesmo que esteja em suposta bancarrota.

J. Ward franziu o cenho e não disse nada e Janey achou de muito mau gosto falar daquele jeito e tão alto ainda por cima.

Quando voltou para casa nessa noite, ela falou aos Tingley que seria diretora de uma nova corporação e eles acharam maravilhoso que ela estivesse progredindo tão rápido e que realmente devia pedir um aumento, mesmo que os negócios estivessem em estado de depressão.

Janey sorriu e disse:

— Tudo no devido tempo.

A caminho de casa, parara na agência do telégrafo, na rua Vinte e Três, e telegrafara a G. H. Barrow, que fora a Washington: SEJAMOS APENAS BONS AMIGOS.

Eddy Tingley trouxe uma garrafa de xerez e no jantar ele e Eliza fizeram um brinde.

— À nova diretora.

Janey ficou roxa e muito contente. Depois, jogaram bridge.

O Olho da Câmera (26)

o jardim estava cheio e os arredores de Madison Square entupidos de tiras que faziam todo mundo circular e o esquadrão de bombas comparecera em peso

não conseguimos um assento e subimos a escada correndo para a galeria superior e olhávamos lá embaixo através do ar azulado os rostos densos como cascalhos e acima na plataforma dos oradores minúsculas figuras negras e um homem falava e sempre que dizia guerra havia assobios e sempre que dizia Rússia havia aplausos por causa da revolução eu não sabia quem estava

falando alguém disse que era Max Eastman e alguém disse que era outro sujeito mas a gente aplaudia e gritava a favor da revolução e vaiava Morgan e a guerra capitalista e um detetive olhava as caras da gente como se tentasse lembrá-las

depois fomos ouvir Emma Goldman no cassino do Bronx mas o comício fora proibido e as ruas em redor estavam cheias e caminhões de mudança varavam a multidão e diziam que os caminhões de mudança estavam cheios de tiras com metralhadoras e pequenos Fords do Departamento de Polícia com holofotes avançavam sobre a multidão com os Fords e os holofotes todo mundo falava metralhadoras revolução liberdade civil liberdade de expressão mas de vez em quando alguém cruzava com um tira e era espancado e enfiado num camburão e os tiras estavam assustados e disseram que estavam chamando o corpo de bombeiros para dispersar a multidão e todo mundo disse que era uma afronta e onde estavam Washington e Jefferson e Patrick Henry?

depois nós fomos para o Brevoort foi muito melhor todo mundo que era alguma coisa estava lá e lá estava Emma Goldman comendo frankfurters e sauerkraut e todo mundo olhava Emma Goldman e todos os demais e todo mundo era a favor da paz e da comunidade econômica cooperativa e da Revolução Russa e a gente falava de bandeiras vermelhas e barricadas e postos adequados para metralhadoras

e tomamos muitos tragos e comemos coelhos galeses e pagamos nossa conta e fomos para casa, e abrimos a porta com chave de trinco e vestimos pijamas e fomos para a cama e era confortável na cama

Jornal da Tela XVIII

Adeus, Piccadilly, adeus, Leicester Square
O caminho é longo até Tipperary

MULHER ENCURRALA MARIDO COM MOÇA EM HOTEL

a uma tal tarefa podemos dedicar nossas vidas
e nossas fortunas, tudo que somos,
e tudo que temos, com o orgulho daqueles que sabem
que chegou o dia em que a América tem o privilégio de
derramar seu sangue e sua força pelos princípios que a
fizeram nascer e a felicidade e a paz que ela entesoura.
Se Deus ajudá-la, ela não pode fazer outra coisa

Longo é o caminho até Tipperary
Um longo caminho a fazer
Longo é o caminho até Tipperary
E a mais meiga moça que conheço

TRAIDORES, CUIDADO

quatro homens multados em Evanston por matarem pássaros

WILSON FORÇARÁ O RECRUTAMENTO

especuladores de alimentos elevam o preço da comida enlatada medida para impor a Lei Seca nos USA na guerra entra com acusações quando homens ignoram o ar nacional

JOFFRE PEDE TROPAS AGORA

incentivo no caso Mooney

Adeus, Piccadilly, adeus, Leicester Square
Longo é o caminho até Tipperary
Mas meu coração está lá.

CÂMARA RECUSA PERMITIR QUE T. R. CONVOQUE TROPAS

a embaixada americana foi ameaçada hoje de ataque por uma multidão de socialistas liderada por Nicolai Lênin um exilado que recentemente voltou da Suíça via Alemanha

ALIADOS CRUZAM BANDEIRAS NO TÚMULO DE WASHINGTON

Eleanor Stoddard

Eleanor achava as coisas muito excitantes naquele inverno. Ela e J. W. saíam um bocado juntos, iam a todas as óperas francesas e às estreias. Comiam hors d'oeuvres num restaurantezinho francês lá para o leste, na rua Cinquenta e Seis. Iam ver

quadros franceses nas galerias da Madison Avenue. J. W. começou a interessar-se por arte, e Eleanor adorava sair pela cidade com ele porque ele tinha umas maneiras tão românticas em tudo, dizia-lhe que era sua inspiração e que sempre tinha boas ideias quando conversava com ela. Comentavam muitas vezes como eram tolas as pessoas que diziam que um homem e uma mulher não podiam ter uma relação platônica. Escreviam-se bilhetinhos em francês todos os dias. Eleanor muitas vezes achava uma vergonha J. W. ter uma mulher tão estúpida e ainda por cima inválida, mas achava as crianças lindas e era ótimo que ambas tivessem adoráveis olhos azuis como o pai.

Ela tinha um escritório agora, duas moças a seu serviço aprendendo o ofício e um monte de trabalho. O escritório ficava na primeira quadra acima da Madison Square, na avenida Madison, e ela acabara de pôr seu nome na porta. Eveline Hutchins nada mais tinha a ver com a firma desde que o dr. Hutchins se aposentara e os Hutchins haviam se mudado todos para Santa Fé. Eveline mandava-lhe de vez em quando uma caixa de curiosidades ou cerâmicas índias e as aquarelas que as crianças índias faziam nas escolas, e Eleanor descobriu que elas vendiam muito bem. Às tardes ela descia para o centro num táxi e olhava a torre do Metropolitan Life e o Edifício Flatiron e as luzes contra o céu de aço de Manhattan e pensava em cristais e flores de cristais e desenhos dourados em brocado azul e clarete.

A criada tinha o seu chá pronto e muitas vezes encontrava amigos à sua espera, jovens arquitetos e pintores. Sempre havia flores, copos de leite com a textura de sorvete ou um vaso de frísias. Ela conversava um pouco antes de retirar-se a fim de se vestir para o jantar. Quando J. W. telefonava dizendo que não

podia comparecer, sentia-se péssima. Se ainda tinha visitas das vindas para o chá convidava-as para ficar e comer o que houvesse com ela.

A visão da bandeira francesa sempre a excitava, o mesmo acontecendo quando uma orquestra tocava *Tipperary*; e uma noite, quando iam ver *The yellow jacket* pela terceira vez, usou um novo casaco de peles que não sabia como pagaria, e pensou em todas as contas no escritório e na casa em Sutton Place que estava remodelando numa especulação e quis perguntar a J. W. se já houvera algum retorno sobre os mil dólares que ele dissera ter investido para ela. Haviam conversado sobre os ataques aéreos e gases venenosos e o efeito das notícias da guerra no centro financeiro e os Arqueiros de Mons e a Donzela de Orleans e ela dissera que acreditava no sobrenatural, e J. W. insinuara alguma coisa sobre reviravoltas em Wall Street com o rosto franzido e preocupado; mas atravessavam a Times Square em meio à multidão das oito horas e os anúncios piscando contra o céu. O belo homenzinho triangular fazia exercícios no anúncio da Wrigley, de repente um realejo mecânico começou a tocar *A Marselhesa* e foi muito bonito; ela caiu em prantos, falaram sobre sacrifício e dedicação e J. W. passou o braço em torno dela, apertando-a forte por cima do casaco de pele, e deu um dólar ao homem do realejo. Quando chegaram ao teatro, Eleanor correu ao toalete feminino para ver se tinha os olhos vermelhos. Mas quando se olhou no espelho não estavam vermelhos de modo algum e havia um brilho de sincero sentimento neles, de modo que apenas refrescou o rosto e voltou ao saguão, onde J. W. a esperava com dois ingressos na mão; os olhos cinza dela reluziam cheios de lágrimas.

Então uma noite, ao levá-la para casa voltando da ópera, onde tinham visto *Manon*, J. W. pareceu muito preocupado e disse que sua mulher não entendia as relações deles dois e estava fazendo cenas e ameaçando divorciar-se. Eleanor ficou indignada e disse que ela devia ser muito grossa para não entender que as relações deles eram puras como a neve. J. W. disse que era verdade e que estava muito preocupado e explicou que a maior parte do capital investido em sua agência era de sua sogra e que ela podia levá-lo à bancarrota se quisesse, o que era muito pior que o divórcio. Ao ouvir isso, Eleanor mostrou-se muito calma e formal e disse que preferia sair da vida dele a desfazer o seu lar e que ele devia alguma coisa aos seus lindos filhos. J. W. disse que ela era uma inspiração e que precisava tê-la em sua vida e quando chegaram à rua Oito ficaram andando de um lado para outro na branca e brilhante sala de estar de Eleanor, em meio ao forte cheiro de lírios, perguntando-se o que podiam fazer. Fumaram muitos cigarros mas não conseguiam chegar a nenhuma conclusão. Quando J. W. saiu, disse com um suspiro:

— Talvez ela tenha detetives me seguindo agora mesmo.

E foi-se muito abatido.

Depois que ele se foi, Eleanor ficou andando de um lado para outro diante do longo espelho veneziano entre as janelas. Não sabia o que fazer. A firma de decoração mal se equilibrava. Tinha de pagar a amortização da casa de Sutton Place. O aluguel de seu apartamento estava dois meses atrasado e ainda havia o casaco de peles a pagar. Contava com os milhares de dólares que J. W. dissera que ela ganharia se ele obtivesse o lucro que esperava com as tais ações da Venezuela Oil. Alguma coisa devia ter saído errada, senão ele teria falado do assunto. Quando foi para a cama,

não conseguiu dormir. Sentia-se muito infeliz e solitária. Teria de voltar à vida maçante de uma loja de departamentos. Estava perdendo sua beleza e os amigos, e agora, se tivesse de abrir mão de J. W., seria terrível. Pensou na criada negra, Augustine, com seus amores infelizes de que sempre lhe falava e gostaria de ter sido assim. Talvez estivesse errada desde o começo querendo tudo tão certinho e bonito. Não chorou, mas ficou a noite toda de olhos abertos e ardendo, fitando os relevos florais em torno do teto, que podia ver à luz que penetrava da rua através das cortinas lavanda.

Alguns dias depois, no escritório, olhava algumas cadeiras espanholas antigas que um negociante de móveis velhos tentava vender-lhe quando chegou um telegrama: ACONTECIMENTOS DESAGRADÁVEIS TENHO DE VÊ-LA DESACONSELHÁVEL USO TELEFONE ME ENCONTRE CINCO HORAS HOTEL PRINCE GEORGE. Não estava assinado. Ela disse ao homem para deixar as cadeiras e quando ele se foi ficou um longo tempo olhando um vaso de açafrões lavanda com pistilos amarelos que tinha sobre a mesa. Perguntava-se se adiantaria alguma coisa ir a Great Neck e conversar com Gertrude Moorehouse. Chamou a srta. Lee, que arrumava algumas cortinas na outra sala, e pediu-lhe que tomasse conta do escritório, dizendo que telefonaria à tarde.

Entrou num táxi e subiu até a estação Pensilvânia. Era um dia de prematura primavera. As pessoas andavam pelas ruas com os casacos desabotoados. O céu era de um malva suave com nuvens esgarçadas como seda. Em meio ao odor de peles e capotes e canos de descarga e corpos agasalhados veio um inesperado cheiro de casca de vidoeiro. Eleanor sentava-se ereta no assento de trás do táxi enterrando as unhas afiadas nas palmas das mãos protegidas por luvas cinza. Odiava aqueles dias em que o inverno

parecia primavera. Faziam as rugas aparecerem em seu rosto, faziam tudo parecer desmoronar à sua volta, parecia não haver mais terra firme. Iria lá e falaria com Gertrude Moorehouse de mulher para mulher. Um escândalo poria tudo a perder. Se falasse um pouco com ela talvez a fizesse entender que nunca houvera nada entre ela e J. W. O escândalo de um divórcio arruinaria tudo. Ela perderia seus clientes e entraria em bancarrota e a única coisa a fazer seria voltar a Pullman para morar com o tio e a tia.

Pagou o chofer do táxi e desceu a escada para a Estrada de Ferro Long Island. Os joelhos tremiam e ela se sentia desesperadamente cansada ao abrir caminho em meio à multidão até o guichê de informação. Não, não podia tomar um trem para Great Neck até as 2h13. Ficou na fila um longo tempo para comprar a passagem. Um homem pisou em seu pé. A fila andava com uma lentidão de enlouquecer. Quando chegou ao guichê demorou vários segundos para lembrar o nome do lugar aonde queria ir. O homem olhava-a do outro lado do guichê com rabugentos olhos de botão. Usava uma viseira verde e tinha os lábios vermelhos demais para o rosto pálido. As pessoas atrás dela impacientavam-se. Um homem de paletó de *tweed* e com uma pesada mala já tentava passar à sua frente.

— Great Neck, ida e volta.

Assim que comprou a passagem ocorreu-lhe que não teria tempo de ir até lá e estar de volta às cinco horas. Guardou a passagem na bolsa de seda cinza que tinha um pequeno desenho em negro. Pensou em matar-se. Tomaria o metrô para o centro e subiria de elevador até o alto do Edifício Woolworth e se jogaria de lá.

Em vez disso, foi para o ponto de táxi. Um sol vermelho despejava sua luz por entre as colunas cinza, a fumaça azul dos canos

de descarga subia através da luz vermelha como seda aguada. Ela entrou em um táxi e disse ao motorista que contornasse o Central Park. Alguns dos galhos das árvores estavam vermelhos e via-se um certo brilho nos longos brotos das faias, mas a grama ainda estava parda e viam-se montes de neve suja na sarjeta. Um vento frio e cortante soprava por sobre os lagos. O chofer de táxi falava o tempo todo. Ela não entendia o que ele dizia e cansou-se de dar respostas casuais e mandou-o deixá-la no Metropolitan Art Museum. Enquanto pagava, um jornaleiro passou correndo, gritando:

— Extra!

Eleanor comprou um jornal por cinco centavos e o chofer de táxi também.

— Puta que o... — ela ouviu o chofer de táxi exclamar, mas subiu a escada correndo, temendo ter de conversar com ele. Quando chegou à luz silenciosa e prateada do museu, abriu o jornal. Um cheiro rançoso de tinta de impressão exalou-se das folhas; a tinta ainda estava pegajosa e soltava em suas luvas.

DECLARAÇÃO DE GUERRA

Agora, é uma questão de horas, declaram observadores.

Nota alemã inteiramente insatisfatória.

Ela deixou o jornal num banco e foi olhar os Rodin. Depois de olhá-los dirigiu-se à ala chinesa. Quando já estava pronta para descer a Quinta Avenida num ônibus — achava que andara gastando muito em táxis — sentia-se animada. Durante todo o percurso até o centro lembrava-se da Era do Bronze. Quando divisou J. W. na abafada luz rósea do saguão do hotel encaminhou-se para ele num passo saltado. Ele tinha as mandíbulas tensas e

os olhos azuis em chamas. Parecia mais jovem que da última vez em que o vira.

— Bem, aconteceu afinal — ele disse. — Acabo de telegrafar a Washington oferecendo meus serviços ao governo. Gostaria de ver esses caras tentarem fazer uma greve na estrada de ferro agora.

— É maravilhoso e terrível — disse Eleanor. — Estou tremendo como uma folha.

Foram para uma mesinha de canto por trás de uns pesados cortinados para tomar chá. Mal tinham sentado, a orquestra começou a tocar *The star-spangled banner* e tiveram de ficar de pé. Havia uma grande azáfama no hotel. As pessoas corriam de um lado para outro com novas edições de jornais, rindo e falando alto. Perfeitos estranhos tomavam jornais emprestados uns dos outros, discutiam a guerra, acendiam cigarros uns para os outros.

— Tenho uma ideia, J. W. — disse Eleanor, segurando uma torrada com canela nos dedos compridos. — Se eu fosse conversar com sua esposa, de mulher para mulher, ela entenderia melhor a situação. Quando eu estava decorando a casa, ela se mostrou tão bondosa, e nos demos muito bem.

— Ofereci meus serviços a Washington — disse Ward. — Talvez haja um telegrama no escritório neste momento. Estou certo de que Gertrude entenderá que é seu dever.

— Eu quero ir, J. W. — disse Eleanor. — Sinto que devo ir.

— Para onde?

— Para a França.

— Não faça nada apressado, Eleanor.

— Não, eu sinto que devo... Posso ser uma enfermeira muito boa... Não tenho medo de nada; você deve saber disso, J. W.

A orquestra voltou a tocar *The star-spangled banner*; Eleanor cantou parte do coro numa vozinha aguda e trêmula. Estavam excitados demais para continuar sentados e foram para o escritório de J. W. num táxi. O escritório estava na maior excitação. A srta. Williams pusera um mastro na janela do centro e hasteava a bandeira. Eleanor dirigiu-se a ela e as duas apertaram-se as mãos calorosamente. O vento frio espalhava os papéis e as páginas datilografadas voavam pela sala, mas ninguém dava a mínima atenção. Uma orquestra vinha descendo a Quinta Avenida tocando *Hail, hail the gang's all here*. Na rua, todas as janelas de escritórios estavam iluminadas, bandeiras drapejando em seus mastros no vento frio, escriturários e estenógrafas curvando-se para fora e aplaudindo, jogando papéis que flutuavam e revoluteavam no frio vento a redemoinhar.

— É o Sétimo Regimento — disse alguém, e todos aplaudiram e gritaram.

A banda tocava alto bem embaixo da janela. Ouvia-se o bater dos pés dos milicianos. Todos os automóveis buzinavam no trânsito engarrafado. Pessoas em cima dos ônibus acenavam bandeirolas. A srta. Williams curvou-se e beijou a face de Eleanor. J. W. ficou de lado, olhando por cima das cabeças com um sorriso orgulhoso no rosto.

Depois que a banda passou e o trânsito desemperrou, baixaram a janela e a srta. Williams começou a recolher e arrumar os papéis soltos. J. W. recebeu um telegrama de Washington aceitando seus serviços na Comissão de Informação Pública que o sr. Wilson estava formando e disse que partiria pela manhã. Telefonou para Great Neck e perguntou a Gertrude se podia ir jantar

com ela e levar uma amiga. Gertrude disse que podia e que esperava poder ficar para vê-los. Estava excitada com as notícias da guerra, mas disse que a ideia de toda aquela miséria e morticínio lhe causava dores horríveis na nuca.

— Tenho o palpite de que se levar você para jantar em casa de Gertrude tudo se acertará — ele disse a Eleanor. — Eu raramente me engano em meus palpites.

— Oh, eu sei que ela entenderá — disse Eleanor. Quando deixavam o escritório, encontraram o sr. Robbins no saguão. Ele não tirou o chapéu nem o charuto da boca. Parecia bêbado.

— Que diabo é isso, Ward? - perguntou. — Estamos em guerra ou não?

— Se não estamos, estaremos antes do amanhecer — disse J. W.

— É a mais maldita traição na história - disse o sr. Robbins. — Para que elegemos Wilson, em vez do Velho Suíças Foscas, a não ser para nos manter fora dessa maldita bagunça?

— Robbins, eu não concordo com você nem por um instante — disse J. W. — Acho que é nosso dever salvar...

Mas o sr. Robbins havia desaparecido pela porta do escritório, deixando atrás de si um forte cheiro de uísque.

— Eu lhe diria umas boas — disse Eleanor - se não visse que ele não estava em condições.

A viagem para Great Neck no Arrow Pierce foi emocionante. Um demorado crepúsculo vermelho permanecia no céu. Cruzar a ponte de Queensboro com o vento frio nas costas era como voar acima das luzes e das quadras de casas e da massa púrpura da Blackwell's Island e dos navios e das compridas chaminés e da

luz azul das usinas de força. Falavam de Edith Cavell e dos ataques aéreos e das bandeiras e holofotes e do rumor de exércitos avançando e de Joana d'Arc. Eleanor puxou o casaco de pele até o queixo e pensava no que diria a Gertrude Moorehouse.

Quando chegaram à casa, sentiu um pouco de medo de um escândalo. Parou no saguão para arrumar o rosto com um espelhinho que trazia na bolsa.

Gertrude Moorehouse sentava-se em uma comprida cadeira, ao lado de um fogo que estralejava. Eleanor olhou a sala em volta e ficou satisfeita com sua aparência agradável. Gertrude Moorehouse ficou pálida ao vê-la.

— Eu queria conversar com você — disse Eleanor.

Gertrude Moorehouse estendeu a mão sem se levantar.

— Desculpe-me por não me levantar, srta. Stoddard, mas estou absolutamente prostrada por essa terrível notícia...

— A civilização exige um sacrifício... de todos nós — disse Eleanor.

— Evidentemente, é terrível o que os hunos têm feito, decepando as mãos de crianças belgas e tudo o mais — disse Gertrude Moorehouse.

— Sra. Moorehouse — disse Eleanor. — Quero falar com a senhora sobre esse infeliz mal-entendido das minhas relações com seu marido... Será que a senhora acha que eu sou o tipo de mulher que poderia vir aqui na sua frente se houvesse alguma verdade nesses boatos horríveis? Nossas relações são puras como a neve que cai.

— Por favor, não fale nisso, srta. Stoddard. Acredito na senhorita.

Quando J. W. entrou, elas estavam sentadas uma em cada lado da lareira, falando da operação de Gertrude.

Eleanor levantou-se.

— Oh, acho que você foi maravilhoso, J. W.

Ele pigarreou e olhou de uma para outra.

— Nada mais que o meu dever — disse.

— Que é? — perguntou Gertrude.

— Ofereci meus serviços ao governo, para servir no que quer que eles queiram, durante a guerra.

– Não no front — disse Gertrude com uma expressão de espanto.

— Vou para Washington amanhã... Evidentemente, não receberei pagamento.

— Ward, isso é muito nobre de sua parte — disse Gertrude.

Ele adiantou-se lentamente até parar ao lado da cadeira dela, curvou-se e beijou-a na testa.

— Todos devemos fazer nossos sacrifícios... Minha querida, confio em que você e sua mãe...

– Claro, Ward, claro... Foi tudo um mal-entendido. — Gertrude ficou ruborizada. Levantou-se. — Fui uma tola desconfiada... mas você não deve ir para o front, Ward. Vou convencer mamãe...

Adiantou-se para ele e pôs as mãos em seus ombros. Eleanor recostava-se na parede olhando-os. Ele usava um smoking bem ajustado. O vestido de chá cor de salmão de Gertrude destacava-se contra o negro. O cabelo louro dele parecia cinzento à luz do candelabro de cristal, contra as altas paredes cinza-marfim da sala. O rosto dele estava na sombra e parecia muito triste.

Eleanor pensou em como as pessoas entendiam pouco um homem daqueles, como a sala era bonita, como uma peça, como um Whistler, como Sarah Bernhardt. A emoção turvou-lhe os olhos.

— Eu vou me alistar na Cruz Vermelha — ela disse. — Não vejo a hora de ir para a França.

Jornal da Tela XIX

USA EM GUERRA

DEFENDAM A NAÇÃO, GRITA CIDADE

Lá adiante
Lá adiante

na reunião anual dos acionistas da Companhia Fabricante de Armas de Fogo Colt cortou-se uma melancia de US$ 2.500.000. O capital em ações atual foi aumentado. Os lucros para o ano foram de 259 por cento

ALEGRE SURPRESA DOS BRITÂNICOS

Os ianques estão vindo
Estamos indo para lá-á-á

LEGISLAÇÃO IMPEDIRÁ ACESSO DE PESSOAS DE COR A ÁREAS BRANCAS

muitos milhões pagos por golfe em Chicago Agitadores hindus em pânico nacional Armour exorta USA a salvar a Terra da fome

OFENSA À BANDEIRA SERÁ PUNIDA

Deputados trabalhistas perigo atos da Rússia têm sinais de paz desonrosa soube Londres

BILHÕES PARA OS ALIADOS

E não voltaremos
Enquanto não acabar por lá.

O Olho da Câmera (27)

havia padres e freiras no *Espagne* o Atlântico estava de um verde vítreo e agitado as escotilhas foram fechadas e todas as luzes do convés protegidas e não se podia acender um fósforo lá

mas os comissários eram muito corajosos e diziam que os boches não afundariam um navio da Compagnie Générale de jeito nenhum, por causa dos padres e das freiras e da promessa do Comité des Forges de não bombardear a Bassin de la Brieye onde ficavam as grandes fundições e pelo fato de as ações da companhia pertencerem ao príncipe de Bourbon e aos jesuítas e aos padres e às freiras

de qualquer modo todo mundo era muito corajoso a não ser o coronel e a sra. Knowlton da Cruz Vermelha americana que tinham trajes à prova d'água à prova de frio à prova de submarino como trajes de esquimós e os usavam e sentavam-se no convés com

os trajes inflados só os rostos aparecendo e com estojos de primeiros socorros nos bolsos e no cinto um vasilhame com leite achocolatado e biscoitos e tabletes de leite maltado

e pela manhã a gente andava pelo convés e lá estava o sr. Knowlton inflando o traje da sra. Knowlton

ou a sra. Knowlton inflando o sr. Knowlton

os garotos Roosevelt eram muito corajosos em rígidos quepes pela pala do exército americano e medalhas de campeões de tiro no uniforme cáqui e falavam o dia todo em Nós devemos entrar Nós devemos entrar

como se a guerra fosse uma piscina

e o garçom do bar era corajoso e os comissários eram corajosos todos tinham sido feridos e estavam muito contentes por serem comissários e não nas trincheiras

e as massas eram magníficas

finalmente estávamos na zona e o curso era em ziguezague nós nos sentávamos calados no bar e então chegou a boca do Gironde e um torpedeiro francês circulando em torno do navio nas primeiras horas peroladas da manhã e os vapores seguindo o pequeno barco patrulha devido aos campos minados o sol erguia-se rubro sobre a terra vermelha das vinhas e o Gironde estava cheio de cargueiros e aviões no sol e vasos de guerra

o Garonne era vermelho era outono havia barris de vinho novo e caixas de granadas ao longo do cais diante de casas de fachada cinza e os mastros de gordos barcos a vela contra a grande ponte de ferro vermelha

no Hotel das Sete Irmãs todo mundo estava de luto mas os negócios seguiam ativos devido à guerra e a cada minuto esperavam que o governo viesse de Paris

lá para o norte morriam na lama e nas trincheiras mas os negócios iam bem em Bordéus e os vinhateiros e os agentes de embarques e os fabricantes de munições amontoavam-se no Chapon Fin e comiam hortulanas e cogumelos e trufas e havia um grande cartaz

MÉFIEZ-VOUS

les oreilles ennemies vous écoutent

vinho tinto crepúsculo e praças de cascalho amarelo ladeadas de barris de vinho e um cheiro de chocolate nas estátuas cinzentas do jardim e os nomes das ruas

rua das Esperanças Perdidas, rua do Espírito das Leis, rua dos Passos Esquecidos

e o cheiro de folhas queimando e as casas Bourbon de fachadas cinzentas desmoronando no crepúsculo cor de vinho tinto

no Hotel das Sete Irmãs depois que a gente estava na cama tarde da noite de repente acordava e via um agente de serviço das ruas revistando a mochila da gente

e ele franzia o cenho sobre seu passaporte e examinava seus livros e dizia Monsieur c'est la petite visite

Bob Lutador

La Follette nasceu nos arredores de Primrose; trabalhou numa fazenda em Dane County, Wisconsin, até os dezenove anos.

Na Universidade de Wisconsin, abriu seu caminho trabalhando. Queria ser ator, estudou elocução e Robert Ingersoll e Shakespeare e Burke;

(quem explicará algum dia a influência de Shakespeare no último século, Marco Antônio sobre a essa de César, Otelo ao Senado veneziano e Polônio, sempre Polônio?)

rodando para casa numa carroça após o início das aulas eram Booth e Wilkes escrevendo os documentos de Daniel Webster e Ingersoll desafiando Deus e os togados grandes graves e incorruptíveis como estátuas declamando magnificamente pelos séculos capitolinos;

era o astro dos debates em sua classe,

e ganhou um debate interestadual com uma oração sobre o caráter de Iago.

Foi trabalhar num escritório de advocacia e concorreu para ser promotor distrital. Seus colegas de escola cabalaram pela região cavalgando noites inteiras. Ele enfrentou a máquina e ganhou a eleição.

Era a revolta dos jovens contra a máquina republicana estadual

e o chefão Keyes, o carteiro de Madison que dominava a região, ficou tão surpreso que quase caiu da cadeira.

Isso proporcionou a La Follette um salário para poder casar-se. Estava com vinte e cinco anos.

Quatro anos depois concorreu ao Congresso; a universidade apoiou-o de novo; era o candidato mais jovem. Quando se elegeu, era o deputado mais jovem da Câmara.

Foi apresentado a toda a Washington por Philetus Sawyer, o rei da madeira do Wisconsin, que estava acostumado a empilhar e vender políticos como empilhava e vendia lenha.

Era um republicano e enfrentara a máquina. Agora achavam que o tinham nas mãos. Homem algum podia permanecer honesto em Washington.

Booth interpretou Shakespeare em Baltimore naquele inverno. Ele nunca ia a Washington devido à amarga lembrança de seu irmão. Bob La Follette e sua mulher foram a todas as apresentações.

No salão do Plankinton Hotel em Milwaukee, durante a feira estadual, o chefão Sawyer, rei da madeira, tentou subornã-lo para influenciar seu cunhado, que era o juiz presidente no processo do tesoureiro estadual republicano;

Bob La Follette saiu pisando forte do hotel, fumegando de raiva. A partir desse momento, foi a guerra sem quartel com a máquina republicana em Wisconsin, até que ele se elegeu governador e a despedaçou;

essa foi a guerra de dez anos que fez de Wisconsin o estado-modelo, onde os eleitores, alemães e finlandeses amantes da ordem, escandinavos amantes de suas próprias opiniões, aprenderam a usar a nova alavanca, primárias diretas, referendum e destituição de autoridades por voto popular.

La Follette taxou as estradas de ferro

John C. Payne disse a um grupo de políticos no grupo de pressão da Ebbitt House, em Washington: "La Follette é um maldito idiota se acha que pode enfrentar uma estrada de ferro com sete mil e quinhentos quilômetros de trilhos contínuos, descobrirá que cometeu um erro... Nós cuidamos dele quando chegar a hora".

Mas quando chegou a hora os agricultores de Wisconsin e os jovens advogados e médicos e comerciantes recém-saídos das escolas

cuidaram dele
e o elegeram governador três vezes
e depois para o Senado dos Estados Unidos,

onde ele trabalhou a vida inteira fazendo longos discursos recheados de estatísticas, lutando para salvar o governo democrático, para organizar uma comunidade econômica de agricultores e pequenos comerciantes, sozinho com as costas na parede, combatendo a corrupção e o grande capital e a alta finança e os trustes e combinações de combinações e a miasmática letargia de Washington.

Ele foi um dos membros daquele "pequeno grupo de homens voluntariosos que não manifestavam outras opiniões além das suas próprias"

que se levantou contra a lei do vaso de guerra de Woodrow Wilson que fez da guerra com a Alemanha uma certeza; chamaram-no de obstrucionista, mas eram seis homens com fibra para conter no braço um rolo compressor louco;

a imprensa injetava ódio nos leitores contra La Follette,
o traidor;
queimaram-no em efígie em Illinois;
em Wheeling recusaram-se a deixá-lo falar.

Em mil novecentos e vinte e quatro La Follette concorreu à presidência e sem dinheiro nem máquina política arrebanhou quatro milhões e meio de votos

mas era um homem doente, o trabalho incessante, o respirar contínuo do ar viciado das salas de convenções e Câmaras Legislativas sufocavam-no

e o cheiro fétido dos políticos,

e ele morreu,

um orador brigando no capitólio de uma república perdida;

mas nós nos lembraremos

como ele ficou firme em mil novecentos e dezessete quando Woodrow Wilson tomou posse pela segunda vez, e durante três dias manteve a imensa máquina num impasse. Não o deixavam falar; as galerias fuzilavam-no com o olhar; o Senado era um bando de linchadores,

um homem atarracado, de rosto enrugado, uma perna estendida para o corredor, os braços cruzados e um charuto mastigado no canto da boca

e um discurso não feito sobre a mesa,

um homem voluntarioso que não manifestava outras opiniões além das suas próprias.

Charley Anderson

A mãe de Charley Anderson tinha uma pensão de ferroviários perto da estação da Northern Pacific, em Fargo, Dakota do Norte. Era uma casa de madeira com torrezinhas e uma varanda em todo o redor, pintada de amarelo-mostarda com umbrais e colunas marrom-chocolate e no fundo sempre havia roupa estendida em cordas oscilantes que iam de um mourão perto da porta da cozinha até uma fileira de galinheiros despedaçados. A sra.

Anderson era uma mulher que falava baixo, de cabelos grisalhos e óculos; os pensionistas tinham medo dela e faziam suas queixas sobre camas, ou comida, ou que os ovos não estavam frescos, à bamboleante e forçuda Lizzie Green, que viera do norte da Irlanda e era a empregada e cozinhava e fazia todo o trabalho da casa. Quando algum dos rapazes chegava bêbado, era Lizzie, com um puído capote de homem por cima da camisola de dormir, quem saía para fazê-lo calar a boca. Um dos guarda-freios tentou se enfeitar para cima dela uma noite e tomou um tamanho soco no queixo que se esparramou na varanda da frente. Era Lizzie quem lavava e esfregava Charley quando pequeno, quem o fazia chegar à escola a tempo e punha arnica em seus joelhos quando ele os arranhava e sabão neutro em suas perebas infantis e remendava os buracos em suas roupas. A sra. Anderson já criara três filhos que haviam crescido e saído de casa antes de Charley nascer, por isso parecia não poder ocupar-se dele. O sr. Anderson também saíra de casa mais ou menos na época em que Charley nascera; tivera de ir para o Oeste devido aos pulmões fracos, não podia aguentar os invernos duros, era o que a sra. Anderson dizia. Ela mantinha a contabilidade, conservava ou enlatava morangos, ervilhas, pêssegos, feijão, tomate, peras, ameixas, calda de maçã quando começava cada estação, fazia Charley ler um capítulo da Bíblia todo dia e trabalhava muito na igreja.

Charley era um garotinho parrudo de cabelos louros revoltos e olhos cinza. Era querido dos pensionistas e gostava de tudo, a não ser dos domingos, quando tinha de ir duas vezes à igreja e à escola dominical e depois do jantar a mãe lia para ele seus trechos favoritos de Mateus ou Ester ou Rute e fazia-lhe perguntas sobre os capítulos que lhe haviam sido passados para a semana. Essa

aula era numa mesa com uma toalha vermelha, perto da janela, que a sra. Anderson mantinha cheia de vasos de labaças, judeus-errantes, begônias e fetos, no verão e no inverno. Charley sentia alfinetadas e agulhadas nas pernas e o farto jantar que comera tornava-o sonolento e tinha um medo terrível de pecar contra o Espírito Santo, que segundo a mãe era o que acontecia quando se distraía na igreja ou na escola dominical ou quando ela lia a Bíblia. No inverno, a cozinha ficava absolutamente silenciosa, a não ser pelo fraco crepitar do fogão ou os passos pesados e os arquejos de Lizzie empilhando no guarda-louça os pratos do jantar que acabara de lavar. No verão era muito pior. Os outros meninos contavam-lhe que desciam nadando o rio Vermelho ou pescavam ou brincavam no pátio de madeiras ou nos montes de carvão nos fundos da rotunda e as moscas apanhadas zumbiam fininho nas enfeitadas tiras de papel pega-mosca e ele ouvia a locomotiva de manobras engatando vagões de carga ou o trem direto para Winnepeg apitando para a estação e os sinos batendo, e sentia-se pegajoso e o colarinho duro causava-lhe coceira e ficava olhando o relógio de porcelana a tiquetaquear na parede. O tempo passava muito lento quando olhava o relógio a todo instante, e não se permitia fazê-lo enquanto não achasse que já se haviam passado quinze minutos, mas quando tornava a olhar tinham-se passado apenas cinco minutos, e sentia-se desesperado. Talvez fosse melhor cometer logo o pecado contra o Espírito Santo e ser condenado de uma vez por todas e fugir com um vagabundo como fizera Dolphy Olsen, mas não tinha coragem.

Quando chegou a hora de ir para o ginásio, começou a achar coisas engraçadas na Bíblia, coisas como as que os meninos

falavam quando se cansavam de brincar de sapo no buraco no meio do mato, atrás da cerca do pátio de lenha, as partes sobre Onã, o Levita, e sua concubina e o Cântico de Salomão, que o faziam sentir-se estranho e o coração bater forte, como quando ouvia trechos de conversa entre os ferroviários na pensão, e soube o que eram as prostitutas e o que acontecia quando as mulheres ficavam com a barriga grande e ficava preocupado e tinha cuidado quando falava com a mãe para não a deixar saber que ele sabia dessas coisas.

Jim, o irmão de Charley, casara-se com a filha do dono de uma estrebaria em Minneapolis. Na primavera em que Charley se preparava para diplomar-se na oitava série, eles vieram visitar a sra. Anderson. Jim fumava charutos ostensivamente, gracejava com a mãe e enquanto esteve lá não se falou em leituras da Bíblia. Levou Charley a pescar um domingo, subindo o Sheyenne, e disse-lhe que se ele fosse para as Cidades Gêmeas quando acabasse a escola lhe daria um emprego de ajudante na garagem que estava abrindo numa parte da estrebaria do sogro. Causou bom efeito entre os garotos na escola ao contar que tinha um emprego na cidade no verão. Estava contente por dar o fora, uma vez que sua irmã Esther retornara de um curso de enfermagem e chateava-o o tempo todo por falar gíria e sujar as roupas e comer torta demais.

Sentia-se ótimo na manhã em que foi sozinho para Moorhead, carregando a mala que Esther lhe emprestara, para tomar o trem para as Cidades Gêmeas. Na estação, tentou comprar uma carteira de cigarros, mas o homem do quiosque zombou dele e disse-lhe que era jovem demais. Quando partiu, era um belo dia de primavera, um pouco quente demais. O suor escorria

pelos flancos dos cavalos que puxavam a longa fila de vagões de farinha que atravessava a ponte. Enquanto esperava na estação, o ar tornou-se sufocante e surgiu uma névoa vaporosa. O sol brilhava rubro atrás dos enormes silos de grãos ao longo dos trilhos. Ouviu um homem dizer a outro:

— Me parece que pode ser um tufão.

E quando entrou no trem curvou-se para fora de uma janela aberta para olhar as nuvens roxas de trovoada que se avolumavam no noroeste além do verde luminoso dos trigais que se estendiam visíveis até as nuvens. Ele meio esperava que fosse um furacão porque nunca vira um, mas quando os relâmpagos começaram a estalar como açoites nas nuvens sentiu-se um tanto assustado, embora o fato de estar no trem com o condutor e os outros passageiros o fizesse sentir-se mais seguro. Não era um furacão, mas uma pesada tromba d'água e os campos de trigo foram se tornando cor de zinco à medida que as grandes e sibilantes cortinas de chuva atravessavam-nos, esmagando-os lentamente. Depois o sol apareceu e Charley abriu a janela e tudo cheirava a primavera e os pássaros cantavam em todos os vidoeiros e nos negros pinheiros em torno dos lagos reluzentes.

Jim esperava-o na estação da União com um caminhão Ford. Pararam na estação de carga e Charley teve de ajudar a carregar um monte de pacotes de peças, remetidas de Detroit para a "Garagem do Vogel". Charley tentava agir como se tivesse vivido a vida toda numa cidade grande, mas o clangor dos bondes e os cascos ferrados dos cavalos de carroças tirando faíscas das pedras da rua e as lindas louras e as lojas e as grandes cervejarias alemãs e o zumbido das fábricas e lojas de máquinas lhe subiram

à cabeça. Jim parecia alto e magro em seu macacão e tinha um modo novo e incisivo de falar.

— Menino, vê se toma um pouco de jeito lá em casa; o velho é um velho alemão, o velho de Hedwig, e um pouco ranzinza, como todo velho alemão — disse Jim quando encheram o caminhão e rodavam lentamente em meio ao pesado tráfego.

— Claro, Jim — disse Charley, e começou a sentir-se um tanto inquieto com o que ia ser em Minneapolis. Gostaria que Jim sorrisse mais um pouco.

O velho Vogel era um homem vermelho e atarracado, de cabelos grisalhos assanhados e barrigudo, que gostava de bolinhos de carne e de cozidos com bastante molho grosso e de cerveja, e a mulher de Jim, Hedwig, era sua filha única. A esposa morrera, mas ele tinha uma alemã de meia-idade a quem todos chamavam Tia Hartmann, que cuidava da casa. Ela seguia os homens o tempo todo com um escovão na mão e com a ajuda de Hedwig, cujos olhos azuis tinham uma aparência rabugenta porque ia ter bebê no outono, deixava a casa tão imaculada que se podia comer um ovo frito em cima do linóleo em qualquer parte. Nunca deixavam que se abrissem as janelas, para não entrar poeira. A casa dava para a rua e a estrebaria ficava no quintal atrás, onde se entrava por um beco ao fundo do qual se via a velha casa de seleiro que fora transformada em garagem. Quando Jim e Charley chegaram, os pintores de tabuletas equilibravam-se numa escada na frente pregando a nova e reluzente tabuleta vermelha e branca que dizia: GARAGEM DO VOGEL.

– O velho bastardo — sussurrou Jim. — Disse que ia se chamar do Vogel e do Anderson, que diabos!

Tudo cheirava a estábulo e um negro passou conduzindo um matungo coberto com uma manta.

Durante todo aquele verão, Charley lavou carros e trocou óleo de caixas de marcha e realinhou freios. Vivia sempre sujo e coberto de graxa, em macacões duros de graxa, na garagem das sete da manhã até tarde da noite, quando se sentia cansado demais para fazer qualquer coisa que não fosse cair no catre que fora preparado para ele no sótão em cima da oficina. Jim dava-lhe um dólar por semana para seus gastos e explicava-lhe que estava sendo generosíssimo, uma vez que era vantagem para Charley aprender o ofício. Nos sábados à noite ele era o último a tomar banho e geralmente só restava água morna, de modo que tinha dificuldade para limpar-se. O velho Vogel era socialista e não frequentava igreja e passava o domingo inteiro tomando cerveja com os amigos. No jantar dominical todos falavam alemão, e Jim e Charley sentavam-se à mesa amuados, sem dizer coisa alguma, mas o velho Vogel oferecia-lhes cerveja e fazia piadas das quais Hedwig e a Tia Hartmann sempre riam ruidosamente, e depois do jantar Charley sentia a cabeça rodando por causa da cerveja, que lhe parecia muito amarga, mas que achava que tinha de beber, e o velho Vogel provocava-o a fumar um charuto e depois dizia-lhe que saísse para ver a cidade. Ele saía sentindo-se empanturrado e um pouco tonto e tomava o bonde para St. Paul para ver o novo Capitólio estadual ou para o lago Harriet ou para o parque da Big Island, onde andava na montanha-russa, ou então caminhava pela Parkway até os pés parecerem que iam cair. A princípio, não conhecia garoto algum de sua idade, e por isso adotou a leitura como companhia. Comprava todo número de *Mecânica Popular*, *Scientific American*, *Aventura* e *Revista Vasto Mundo*. Tinha tudo planejado para começar a construir um escaler com plantas

da *Scientific American* e fazer uma viagem descendo o rio Mississipi até o golfo. Viveria da caça e da pesca. Começou a economizar seus dólares para comprar uma espingarda.

Mas gostava da casa do velho Vogel, por não ter de ler a Bíblia ou ir à igreja, e de mexer com motores e aprendeu a dirigir o caminhão Ford. Após algum tempo, veio a conhecer Buck e Slim Jones, dois irmãos mais ou menos da sua idade, que moravam na mesma quadra, um pouco abaixo. Para os outros dois, ele era um garoto grande, por trabalhar numa oficina. Buck vendia jornais e tinha um sistema de entrar nos cinemas pelas portas de saída e conhecia todas as cercas de onde se viam melhor os jogos. Assim que Charley passou a conhecer os meninos Jones, corria para a casa deles tão logo acabava o jantar aos domingos e divertiam-se à grande pegando caronas para toda parte em caminhões de grãos, subindo nos para-choques traseiros dos bondes e sendo perseguidos por policiais e indo para os montes de madeira e descendo o rio a nado e escalando as encostas das quedas d'água e retornava todo suado e com a única roupa boa suja e era censurado por Hedwig por voltar tarde para o jantar. Sempre que o velho Vogel encontrava os garotos Jones rondando a oficina expulsava-os, mas quando ele e Jim estavam fora, Gus, o cavalariço negro, aparecia cheirando a cavalo e contava-lhes histórias sobre corridas de cavalos e mulheres fáceis e bebedeiras em Louisville e dizia-lhes como se deitar com uma garota logo na primeira vez e que ele e sua namorada firme faziam isso a noite toda, sem parar um minuto sequer.

No Dia do Trabalho, o velho Vogel levou Jim e a filha e a Tia Hartmann a passear na charrete, puxada por dois belos baios que lhe haviam deixado para vender, e Charley ficou tomando conta da oficina para o caso de alguém aparecer querendo gasolina ou

óleo. Buck e Slim apareceram e falaram sobre o que era o Dia do Trabalho e se não era o diabo não saírem para algum lugar. Havia dois jogos seguidos de beisebol em Fair Grounds e montes de outros jogos na cidade. O problema começou com Charley mostrando a Buck como dirigir o caminhão; depois, para mostrar-lhe melhor, teve de engrená-lo, e depois, antes mesmo de saber o que acontecia, estava dizendo-lhes que os levaria para um passeio em volta da quadra. Após contornarem a quadra, voltou e fechou a oficina e saíram a passear em direção a Minnehaha. Charley dizia-se que ia dirigir com muito cuidado e voltar antes do pessoal, mas de algum modo viu-se disparando por uma avenida asfaltada abaixo e quase bateu numa carroça cheia de meninas pequenas que saiu de repente de uma estrada lateral. No trajeto de volta bebiam salsaparrilha em garrafas e divertiam-se a valer quando Buck de repente disse que vinha um policial numa motocicleta atrás deles. Charley acelerou para fugir, fez uma curva muito fechada e parou com um estrondo contra um poste de telégrafo. Buck e Slim deram o fora o mais rápido possível e lá ficou ele sozinho para enfrentar o policial.

O homem era um sueco que maldizia e praguejava e berrava com ele dizendo que o levaria para o xadrez por dirigir sem carteira, mas Charley encontrou a carteira de seu irmão Jim debaixo do assento e disse que o irmão o mandara levar o carro de volta à oficina depois de entregarem uma carga de maçãs em Minnehaha e o policial deixou-o ir-se, recomendando que dirigisse com mais cuidado na próxima vez. O carro andava, mas um para-lama estava amassado e o volante parecia um tanto esquisito. Charley dirigiu tão devagar que o radiador fervia ao chegar e lá estava a charrete diante da casa, Gus segurando os baios pela cabeça e toda a família saltando.

Não havia nada que ele pudesse dizer. A primeira coisa que os outros viram foi o para-lama amassado. Caíram em cima dele e a Tia Hartmann berrando mais alto e o velho Vogel com o rosto roxo e todos falando alemão com ele e Hedwig puxando-o pelo paletó e esbofeteando-lhe o rosto e todos dizendo que Jim devia dar-lhe uma surra. Charley ofendeu-se e respondeu que ninguém ia bater nele e Jim disse que achava melhor que ele voltasse para Fargo mesmo, ao que ele subiu e fez a mala e partiu sem se despedir de nenhum deles naquela mesma noite, com a mala na mão e cinco números atrasados de *Argosy* debaixo do braço. O dinheiro que economizara mal dava para comprar uma passagem até Barnesville. Depois disso, teve de brincar de esconde-esconde com o condutor até desembarcar do trem em Moorhead. A mãe ficou contente por vê-lo e disse que ele era um bom menino voltando a tempo para ficar um pouco com ela antes do ginásio e falou de sua confirmação como cristão. Charley não disse nada sobre o caminhão Ford e decidiu para si mesmo que não seria confirmado em nenhuma maldita igreja. Comeu um enorme desjejum que Lizzie lhe preparara e foi para seu quarto e deitou-se na cama. Imaginava se não querer ser confirmado era pecado contra o Espírito Santo, mas a ideia não o assustava tanto quanto antes. Estava com sono, por ter ficado sentado no trem a noite toda, e adormeceu imediatamente.

Charley arrastou-se por uns dois anos no ginásio, ganhando um dinheirinho na Oficina Moorhead à noite, mas não gostava mais de sua terra depois de voltar da viagem às Cidades Gêmeas. A mãe não o deixava trabalhar aos domingos e enchia-lhe o saco sobre a confirmação e a irmã Esther enchia-lhe o saco sobre tudo e Lizzie tratava-o como se ele ainda fosse um garotinho, chamando-o "Bichinho" na frente dos pensionistas, e estava farto

dos estudos, e assim, na primavera em que fez dezessete anos, após o início do período escolar, foi outra vez para Minneapolis à procura de um emprego, para viver por conta própria dessa vez. Como tinha dinheiro para aguentar-se alguns dias, a primeira coisa que fez foi ir ao Parque da Big Island. Queria andar na montanha-russa e atirar nas galerias de tiro e nadar e pegar garotas. Não queria mais saber de cidadezinhas como Fargo ou Moorhead, onde nada jamais acontecia.

Era quase noite quando chegou ao lago. À medida que o naviozinho se aproximava do porto, ele ouvia a orquestra atrás das árvores, o matraquear da montanha-russa e os berros quando os vagões mergulhavam. Havia um pavilhão de dança e luzes coloridas entre as árvores e um cheiro de perfume de moças e pipocas e balas de melaço e pólvora da galeria de tiro e os anunciantes gritavam à frente de suas barracas. Como era uma noite de segunda-feira, não havia muita gente. Charley andou na montanha-russa umas duas vezes e puxou conversa com um rapazinho que a operava sobre as possibilidades de arranjar um emprego ali.

O rapazinho disse que ele ficasse por perto, pois Svenson, o gerente, apareceria quando fechassem às onze, e ele achava que o patrão podia estar precisando de alguém. O rapaz chamava-se Ed Walters; disse que o salário não era grande coisa, mas Svenson era muito correto; deixou Charley andar umas duas vezes de graça para ver como funcionava a montanha-russa e deu-lhe uma garrafa de refrigerante e disse-lhe para não tirar a camisa. Era seu segundo ano no parque de diversão e tinha um rosto afilado de raposa e um jeito experiente.

Charley sentia o coração batendo forte quando um homenzarrão de rosto cavo e ásperos cabelos arenosos apareceu para recolher a féria na bilheteria. Era Svenson. Ele examinou Charley de alto a baixo e disse que faria uma experiência com ele por uma semana e que se lembrasse de que aquilo era um pacato parque de diversão familiar e que não toleraria nenhuma violência e mandou-o aparecer na manhã seguinte às dez. Charley disse "Até logo" a Ed Walters e pegou o último barco e o último bonde de volta à cidade. Quando desceu do bonde, era tarde demais para pegar sua mochila no bagageiro da estação; não queria gastar dinheiro com um quarto ou ir para a casa de Jim e por isso dormiu num banco diante da prefeitura. A noite era quente e ele se sentiu bem dormindo num banco, como um verdadeiro vagabundo. Mas as luzes dos postes incomodavam-lhe os olhos, e tinha medo do policial; seria o diabo ser preso como vagabundo e perder o emprego no parque. Batia os dentes quando acordou na manhã cinzenta. As luzes dos postes reluziam róseas contra o pálido céu amarelo-limão; as quadras das grandes empresas, com todas as janelas vazias, pareciam estranhas e cinzentas e abandonadas. Teve de andar pisando forte na calçada para fazer o sangue voltar a circular pelas veias.

Encontrou uma barraca onde podia tomar uma xícara de café e um biscoito por cinco centavos e foi para o lago Minnetonka no primeiro bonde. Era um luminoso dia de verão e soprava um fraco vento norte. O lago estava muito azul e os troncos dos vidoeiros pareciam muito brancos e as folhinhas dançavam no vento, amareladas contra as escuras sempre-vivas e o azul-escuro do céu. Charley achava que era o mais belo lugar que

já vira. Esperou um longo tempo, cochilando ao sol na extremidade do ancoradouro, que o barco partisse para a ilha. Quando chegou lá, o parque estava todo fechado, painéis tapavam todas as barracas e os imóveis carros vermelhos e azuis da montanha-russa pareciam abandonados à luz da manhã. Charley vagou por ali durante algum tempo, mas seus olhos ardiam e as pernas doíam e a mala pesava demais, de modo que encontrou um local protegido do vento pela parede de um barraco e deitou-se ao sol cálido com a mala ao lado.

Acordou com um susto. Seu relógio Ingersoll marcava onze horas. Teve uma sensação gélida. Seria horrível perder o emprego por chegar atrasado. Svenson estava lá na bilheteria da montanha-russa, com um chapéu de palha jogado para trás na cabeça. Não disse nada sobre a hora. Apenas mandou Charley tirar o paletó e ajudar o maquinista MacDonald a lubrificar o motor.

Charley trabalhou nessa montanha-russa durante todo o verão, até o parque fechar em setembro. Morava num pequeno acampamento em Excelsior com Ed Walters e um carcamano chamado Spagnolo, que tinha concessão para vender doces.

No acampamento vizinho morava Svenson com suas seis filhas. A esposa morrera. Anna, a mais velha, tinha cerca de trinta anos e era caixa do parque de diversão, duas das outras eram garçonetes no Tonka Bay Hotel e as outras estavam no ginásio e não trabalhavam. Eram todas altas e louras e tinham uma pele bonita. Charley apaixonou-se pela mais nova, Emiscah, mais ou menos da sua idade. Tinham uma balsa e um trampolim e iam nadar todos juntos. Charley usou um traje de banho e calças cáqui durante todo o verão e ficou muito bronzeado. A namorada

de Ed chamava-se Zona e os quatro saíam de canoa quando o parque de diversões fechava, particularmente nas quentes noites de lua. Não bebiam, mas fumavam cigarros e tocavam o fonógrafo e beijavam-se e abraçavam-se no fundo da canoa. Quando voltavam para o acampamento dos rapazes, Spagnolo estava na cama e eles mexiam um pouco com ele e punham besouros debaixo de seu lençol e ele praguejava e xingava e virava-se de um lado para outro. Emiscah tinha boa mão para fazer doces. Charley estava louco por ela e ela parecia gostar dele. Ensinou-lhe o beijo francês e alisava seu cabelo e esfregava-se nele como uma gata, mas nunca o deixava ir longe demais e de qualquer modo ele não acharia isso correto. Uma noite, os quatro saíram juntos e fizeram uma fogueira debaixo de um pinheiro num trecho de floresta densa, no alto da colina atrás do acampamento. Assaram marshmallows e sentaram-se em torno do fogo contando histórias de fantasmas. Haviam levado cobertores e Ed sabia fazer cama com galhos de pináceas espetadas no chão e os quatro deitaram-se juntos e bolinaram-se e excitaram-se e demoraram muito para dormir. Parte do tempo, Charley ficou entre as duas moças e elas se aconchegavam contra ele, causando-lhe uma ereção que o impedia de adormecer por medo que elas notassem.

Aprendeu a dançar e jogar pôquer e quando chegou o Dia do Trabalho não tinha economizado dinheiro algum, mas sentia que passara um verão magnífico.

Ele e Ed arranjaram um quarto juntos em St. Paul. Conseguiu um emprego como ajudante de maquinista nas oficinas da North Pacific e ganhou bom dinheiro. Aprendeu a operar um torno elétrico e iniciou um curso numa escola noturna a fim de preparar-se para fazer engenharia civil no Mechanical Arts

High. Ed parecia não ter muita sorte com empregos, tudo que conseguia era arranjar alguns dólares de vez em quando como ajudante numa pista de boliche. Aos domingos, frequentemente jantavam com os Svenson. O sr. Svenson tinha um pequeno cinema chamado Leif Ericsson na rua Quatro, mas as coisas não iam muito bem. Ele estava certo de que os rapazes estavam comprometidos com duas de suas filhas e tinha todo o prazer em vê-los aparecer. Charley saía com Emiscah todo domingo e gastava um bocado com doces e levando-a a espetáculos musicais e a um restaurante chinês onde se podia dançar depois. No Natal, deu-lhe um anel de noivado e então ela reconheceu que estavam noivos. Voltavam para a casa dos Svenson e sentavam-se no sofá da sala abraçando-se e beijando-se.

Ela parecia gostar de deixá-lo todo excitado e depois escapulir, para ir arrumar o cabelo ou pôr um pouco de ruge no rosto e ficar fora um longo tempo e ele a ouvia dando risinhos com as irmãs lá em cima. Ele andava de um lado para outro na sala, iluminada apenas por uma lâmpada num abajur florido, sentindo-se nervoso e inquieto. Não sabia o que fazer. Não queria casar-se, porque isso o impediria de viajar pelo país e ir em frente com seus estudos de engenharia. Os outros sujeitos na oficina que não eram casados decaíam ou pegavam prostitutas nas ruas, mas Charley receava pegar uma doença e parecia nunca ter tempo para isso, com a escola noturna e tudo, e ademais era Emiscah que desejava.

Depois de dar-lhe um último e tórrido beijo, sentindo a língua da moça e as narinas cheias dos cabelos dela e o gosto de sua boca, ia para casa com os ouvidos zumbindo, sentindo-se nauseado e fraco; quando se deitava não podia dormir e virava-se de um lado para outro a noite toda, pensando que ia enlouquecer, e Ed

resmungava com ele do outro lado da cama, pelo amor de Deus fique quieto.

Em fevereiro, Charley teve uma séria infecção na garganta e o médico a quem consultou disse que era difteria e mandou-o para o hospital. Esteve muito doente durante vários dias, depois de lhe darem a antitoxina. Quando melhorou, Ed e Emiscah vieram visitá-lo; sentaram-se na beira da cama e fizeram-no sentir-se bem. Ed estava todo enfatiotado e disse que tinha um novo emprego e estava ganhando muito dinheiro, mas não quis dizer quanto. Charley ficou com a ideia de que Ed e Emiscah saíam juntos, às vezes, desde que ele adoecera, mas não ligou muito.

O homem no leito ao lado, que também se recuperava de difteria, era um sujeito magro e grisalho chamado Michaelson. Trabalhara num armazém naquele inverno e passava um mau pedaço. Até uns dois anos antes, tivera uma fazenda em Iowa, no cinturão do milho, mas uma série de más colheitas o arruinara, o banco executara as hipotecas e tomara-lhe a fazenda e propusera deixá-lo trabalhando nela como rendeiro, mas ele respondera que diabos o levassem se ia trabalhar como rendeiro para qualquer um e levantara acampamento e viera para a cidade e ali estava, com cinquenta anos, uma mulher e três filhos para sustentar, tentando recomeçar do nada. Era um grande admirador de Bob La Follette e tinha a teoria de que os banqueiros de Wall Street conspiravam para tomar o governo e dirigir o país pauperizando o agricultor. Falava o dia todo numa voz fraca e fanhosa, até que a enfermeira o obrigava a calar-se, sobre a Liga Não Partidária e o Partido Trabalhista Rural e o destino do Grande Noroeste e a necessidade de operários e camponeses se unirem para eleger homens de bem como Bob La Follette. Charley filiara-se a um ramo local da AFL

naquele outono e as conversas de Michaelson, interrompidas por acessos de espirro e tosse, deixavam-no excitado e curioso sobre a política. Decidiu ler mais os jornais e manter-se atualizado com o que se passava no mundo. Com a guerra e tudo o mais, não se podia saber o que poderia acontecer.

Quando a mulher e os filhos de Michaelson vieram visitá-lo, ele apresentou-os a Charley e disse que ficar de cama junto a um rapaz inteligente daqueles tornava a doença um prazer. Charley sentiu-se mal vendo como todos pareciam miseravelmente pálidos e desnutridos e as roupas pobres que usavam naquela temperatura de zero grau. Deixou o hospital antes de Michaelson e a última coisa que o outro lhe disse, quando ele se curvou para apertar-lhe a mão seca e ossuda, foi:

— Rapaz, leia Henry George, está ouvindo... Ele sabe qual é o problema deste país; diabos me levem se não sabe.

Charley estava tão contente por andar sobre os próprios pés ao descer a rua coberta de neve, no vento gelado e seco, e por tirar da cabeça o cheiro de iodofórmio e gente doente da cabeça, que esqueceu de tudo isso.

A primeira coisa que fez foi ir à casa dos Svenson. Emiscah perguntou-lhe onde andava Ed Walters. Ele disse que não estivera em casa e não sabia. Ela pareceu preocupada quando ele disse isso e ele ficou desconfiado.

— Zona não sabe? — perguntou Charley.

– Não, Zona tem um novo namorado; e só pensa nisso. — Sorriu, deu-lhe tapinhas na mão, paparicou-o um pouco e sentaram-se no sofá. Ela trouxe um pouco de doce de chocolate que fizera, deram-se as mãos, trocaram beijos molhados e Charley sentiu-se feliz. Quando Anna chegou, disse que ele parecia muito

magro e que teriam de alimentá-lo e ele ficou para o jantar. O sr. Svenson convidou-o a jantar todas as noites até restabelecer-se inteiramente. Depois do jantar, jogaram cartas na sala da frente e divertiram-se muito.

Quando Charley voltou à pensão, encontrou a senhoria no saguão. Ela disse que o amigo dele se fora sem pagar o aluguel e que ele tinha de pagar ali e na hora, caso contrário não o deixaria subir para o seu quarto. Ele argumentou com ela e disse que acabara de sair do hospital e ela finalmente deixou-o ficar mais uma semana. Era uma mulher grandona, de aparência flácida, com as bochechas pregueadas e um avental de chintz amarelo cheio de bolsinhos. Quando Charley subiu para o quarto em que dormira todo o inverno com Ed, encontrou-o miseravelmente frio e solitário. Meteu-se na cama entre os lençóis gelados e ali ficou tremendo, sentindo-se fraco e infantil e à beira das lágrimas, perguntando-se por que diabos Ed se fora sem deixar-lhe uma palavra e por que Emiscah parecera tão estranha quando lhe dissera que não sabia dele.

No dia seguinte foi para a oficina e retomou seu emprego, embora estivesse tão fraco que não fosse grande coisa. O capataz mostrou-se muito decente a esse respeito e disse-lhe para ir devagar nos primeiros dias, mas que não lhe pagaria o tempo que estivera doente porque ele não era um empregado antigo e não pegara um certificado do médico da empresa. Naquela noite, foi ao boliche que Ed costumava frequentar. O garçom do bar no andar de cima disse que Ed tivera de dar o fora para Chicago devido a uma confusão sobre um roubo de relógio.

— Se quer saber a verdade, foi bom se livrar dele — disse. — Aquele cara tinha toda a pinta de coisa ruim.

Ele recebeu uma carta de Jim informando-lhe que a mãe escrevera de Fargo dizendo que estava preocupada com ele e que era melhor deixar Jim dar-lhe uma olhada, de modo que foi à casa dos Vogel no domingo seguinte. A primeira coisa que fez quando viu Jim foi dizer que a batida com o Ford fora uma traquinagem tremendamente infantil e apertaram-se as mãos a esse respeito e Jim disse que ninguém diria uma palavra sobre o assunto e que era melhor ficar e comer com eles. A comida e a cerveja foram ótimas. O filho de Jim era danado de bonito; engraçado pensar que já era tio. Nem mesmo Hedwig parecia tão rabugenta quanto antes. A oficina estava dando bom dinheiro e o velho Vogel ia acabar com a estrebaria e aposentar-se. Quando Charley disse que estava estudando na escola noturna, o velho Vogel começou a dar-lhe mais atenção. Alguém falou alguma coisa sobre La Follette e Charley disse que se tratava de um grande homem.

— Que atianta zer um grrande homem guando focê eztá errrrado? — perguntou o velho Vogel, com espuma nos bigodes. Tomou outro gole de sua caneca e olhou para Charley com olhos azuis reluzentes. — Mas izzo é zó o gomezo... Vamos facer de fozê um sozialisda.

E a Tia Hartmann despejava outra porção de hasenpfeffer, talharim e purê de batatas em seu prato.

Numa fria noite de março, levou Emiscah a ver *O nascimento de uma nação*. As batalhas, a música e os clarins fizeram-nos sentir-se como se suas entranhas se derretessem. Ambos tinham lágrimas nos olhos quando os dois rapazes se encontraram no campo de batalha e morreram nos braços um do outro no campo de batalha. Quando a Ku Klux Klan atacava na tela, Charley tinha a coxa contra a coxa de Emiscah e ela comprimiu os dedos

no joelho dele com tanta força que doeu. Quando saíram do cinema, Charley disse que, diabos, achava que queria ir para o Canadá e alistar-se e ver a Grande Guerra. Emiscah respondeu-lhe que deixasse de ser idiota e olhou-o meio esquisito e perguntou-lhe se era pró-ingleses. Ele disse que não ligava e que as únicas pessoas que ganhariam seriam os banqueiros, vencesse quem vencesse. Ela disse:

— Não é terrível? Não vamos mais falar nisso.

Quando chegaram à casa dos Svenson, o sr. Svenson estava sentado na sala, em mangas de camisa, lendo o jornal. Levantou-se e foi receber Charley com uma expressão preocupada no rosto e já ia dizer alguma coisa quando Emiscah balançou a cabeça. Ele deu de ombros e saiu. Charley perguntou a Emiscah o que estava roendo o velho. Ela se agarrou a ele e encostou a cabeça em seu ombro e irrompeu em lágrimas.

— Que é que há, gatinha? — ele perguntava. Mas ela apenas chorava e chorava, até ele sentir as lágrimas em seu próprio rosto e pescoço e dizer: – Pelo amor de Deus, deixe disso, gatinha; está estragando meu colarinho.

Emiscah deixou-se cair no sofá e ele viu que ela fazia esforço para recompor-se. Sentou-se ao lado dela e continuou a dar tapinhas em sua mão. De repente, ela se levantou e ficou de pé no meio da sala. Ele tentou abraçá-la, para acarinhá-la, mas ela empurrou-o.

— Charley — disse, numa voz dura e tensa —, preciso lhe dizer uma coisa... Acho que vou ter um bebê.

— Mas você está louca. Nós nunca...

– Talvez seja de outra pessoa... Oh, Deus, vou me matar.

Charley pegou-a pelos braços e fez com que se sentasse no sofá.

— Agora se recomponha e me diga qual é o problema.

— Eu gostaria que você me batesse — disse Emiscah, rindo como uma louca. — Vá em frente, me dê uns socos.

Charley sentiu uma fraqueza no corpo todo.

— Me diga qual é o problema — disse. — Por Deus, não pode ter sido Ed.

Ela ergueu o olhar para ele, assustada, o rosto franzido como o de uma velha.

— Não, não... Foi assim. Estou atrasada um mês em minha regra, sabe, e não sei bastante sobre essas coisas, por isso perguntei a Anna e ela me disse que vou ter um bebê com certeza e que a gente tem de se casar imediatamente e contou a papai, a fuxiqueirinha suja, e não pude dizer a eles que não era você... Eles pensam que é você, sabe, e papai diz que está tudo certo, sendo os jovens como são hoje em dia e tudo o mais e diz que a gente tem de casar e eu pensei que se eu não dissesse você nunca ia saber, mas, rapaz, tinha de contar.

— Oh, Deus — disse Charley. Olhou o abajur rosa florido com uma franja sobre a lâmpada na mesa a seu lado e a toalha da mesa com franjas e os seus sapatos e as rosas no tapete. — Quem foi?

— Foi quando você estava no hospital, Charley. A gente tomou muita cerveja e ele me levou pra um hotel. Eu acho que sou simplesmente má, só isso. Ele jogava dinheiro pra todos os lados e entramos num táxi e acho que fiquei louca. Não, eu sou uma mulher completamente má, Charley. Saí com ele todas as noites quando você estava no hospital.

— Meu Deus, foi Ed.

Ela assentiu com a cabeça e recomeçou a chorar.

— Filho da putinha sujo — Charley dizia.

Ela desabou sobre o sofá com o rosto nas mãos.

— Ele foi pra Chicago... É uma coisa ruim mesmo — disse Charley.

Sentiu que precisava sair para respirar ar puro. Pegou seu casaco e chapéu e começou a pô-los. Ela se levantou e lançou-se contra ele. Segurava-o perto de si e apertava os braços em torno de seu pescoço.

Palavra de honra, Charley, eu amava você o tempo todo... Eu fingia pra mim mesma que era você.

Beijou-o na boca. Ele empurrou-a, mas sentia-se fraco e cansado e pensava nas ruas geladas na volta para casa e em seu frio tugúrio e perguntou-se que diabos importa, de qualquer modo? E tornou a tirar o casaco e o chapéu. Ela beijou-o e amou-o e fechou a porta da sala e se amaram no sofá da sala e ela deixou que ele fizesse tudo que queria. Depois, após algum tempo, ela acendeu a luz e ajeitou as roupas e foi até o espelho arrumar o cabelo e ele tornou a pôr a gravata e ela alisou seus cabelos o melhor que pôde com os dedos e destrancaram a porta da sala com todo o cuidado e ela saiu para o saguão para chamar o pai. Tinha o rosto afogueado e parecia novamente muito linda. O sr. Svenson, Anna e todas as moças estavam na cozinha e Emiscah disse:

— Pai, Charley e eu vamos nos casar no mês que vem. — Todos disseram "Parabéns", todas as moças beijaram Charley e o sr. Svenson abriu uma garrafa de uísque e todos tomaram uns tragos e Charley foi para casa sentindo-se um cão surrado.

Na oficina, havia um sujeito chamado Hendriks que parecia muito experiente. Charley perguntou-lhe na tarde seguinte se não

sabia de alguma coisa que uma moça pudesse tomar e ele disse que tinha uma receita de umas pílulas e no dia seguinte a trouxe e recomendou a Charley para não dizer ao farmacêutico para que as queria. Era dia de pagamento e Hendriks foi ao quarto de Charley depois de tomar banho naquela noite e perguntou-lhe se arranjara mesmo as pílulas. Charley trazia o pacotinho no bolso e ia faltar à escola noturna e levá-lo para Emiscah. Primeiro foi com Hendriks tomar um trago na esquina. Não gostava de uísque puro e Hendriks disse-lhe que tomasse com ginger ale. O sabor era ótimo e Charley sentia-se magoado e infeliz por dentro e não queria ver Emiscah mesmo. Tomaram mais alguns tragos e foram jogar boliche por algum tempo. Charley venceu Hendriks quatro vezes em cinco e Hendriks disse-lhe que a farra era por sua conta a partir de então.

Hendriks era um sujeito atarracado, ruivo, de rosto sardento e nariz torto e começou a contar histórias sobre coisas engraçadas que lhe aconteceram com rabos de saia e que isso era o que queria na vida. Estivera em toda parte e tivera negras e morenas cor de foca em Nova Orleans e chinesas em Seattle, Washington, e uma squaw índia puro-sangue em Butte, Montana, e francesas e judias alemãs em Colon e uma antilhana com mais de noventa anos em Port of Spain. Disse que as Cidades Gêmeas eram ruins e que o que um sujeito devia fazer era descer e arranjar um emprego nos campos de petróleo em Tampico ou em Oklahoma, onde se podia ganhar um dinheiro decente e viver como branco. Charley disse que daria o fora de St. Paul num minuto se não fosse por querer concluir seu curso na escola noturna e Hendriks chamou-o de maldito idiota, disse que o aprendizado dos livros nunca levara ninguém a parte alguma e que o que queria era se divertir

enquanto tinha sua força e depois disso ao diabo com tudo. Charley disse que tinha vontade de mandar tudo ao diabo mesmo.

Foram a vários bares, e Charley, que não estava acostumado a beber muito de nada, a não ser cerveja, começou a ficar enjoado, mas era ótimo rodar pela cidade com Hendriks de bar em bar. Hendriks cantou *My mother was a lady* num lugar e *The bastard king of England* em outro, onde um sujeito velho, de rosto vermelho e com um charuto na boca, pagou-lhes uns tragos. Depois tentaram entrar num salão de danças, mas o sujeito na porta disse que estavam muito bêbados e botou-os para fora e isso pareceu muito engraçado, mas havia duas moças ali que Hendriks conhecia e ele acertou tudo por dez dólares cada para a noite toda, depois tomaram mais um trago antes de irem para a casa das moças e Hendriks cantou:

Dois caixeiros-viajantes sentavam-se num banquete em um grande hotel um dia
Enquanto jantavam, conversavam com toda a alegria
E quando uma garçonete bonita lhes trouxe uma bandeja de comida
Tomaram intimidades com ela de um modo meio rude

— É um sujeito doido — disse uma das moças à outra. Mas a outra estava meio bêbada e começou a chorar quando Hendriks e Charley juntaram as cabeças e cantaram:

Minha mãe era uma dama como a sua, vai admitir
E você pode ter uma irmã precisando de proteção agora
Vim a esta grande cidade procurar um irmão querido
E você não ousaria me insultar, senhor, se Jack estivesse aqui.

Choravam e a outra moça empurrava-a e dizia:

— Enxugue as lágrimas, querida, você é piegas.

E foi engraçado pra burro.

Nas semanas seguintes, Charley sentiu-se nervoso e infeliz. As pílulas tinham feito Emiscah sentir-se muito mal, mas finalmente a curaram. Charley não ia muito lá embora ainda dissessem: "Quando a gente se casar" e os Svenson o tratassem como genro. Emiscah chateava Charley um pouco por causa das bebedeiras e saídas dele com o tal Hendriks. Ele deixara a escola noturna e procurava uma oportunidade de arranjar um emprego que o levasse para alguma parte, não se importava muito para onde. Então, um dia, estourou um torno e o capataz despediu-o. Quando falou disso a Emiscah, ela ficou sentida e disse achar que era tempo de deixar a bebida e de andar por aí, mas ele pouca atenção lhe deu e disse que era hora de dar o fora, pegou o chapéu e o paletó e partiu. Ao descer a rua, desejava ter-se lembrado de pedir-lhe que lhe devolvesse o anel de noivado, mas não quis voltar para pegá-lo.

Naquele sábado, foi comer na casa do velho Vogel, mas não lhes contou que perdera o emprego. Era um inesperado dia de primavera. Estivera andando a manhã toda, com uma dor de cabeça da farra com Hendriks na noite anterior, olhando os açafrões e jacintos nos jardins e os botões de flor nas frentes das casas. Não sabia o que fazer da vida. Estava atrasado uma semana no aluguel e não tinha aula nenhuma e não tinha namorada e sentia vontade de mandar tudo para o inferno e alistar-se na milícia e descer para a fronteira mexicana. A cabeça doía-lhe e estava cansado de arrastar os pés nas calçadas na manhã quente. Homens e mulheres elegantes passavam em limusines e sedãs. Um rapaz passou chispando numa motocicleta vermelha. Desejou ter grana

para comprar uma motocicleta e sair em viagem a alguma parte. Na noite anterior tentara convencer Hendriks a ir para o sul com ele, mas o outro dissera que pegara outro rabo de saia, uma boneca quente, e dormia toda noite com ela e ia ficar por ali mesmo. Ao diabo com isso, pensou Charley; quero ver algumas terras.

Parecia tão abatido que Jim disse:

— Que é que há, Charley? quando ele entrou na oficina.

— Ah, nada — disse Charley, e começou a ajudar a limpar as partes do carburador de um caminhão Mack em que Jim mexia.

O chofer do Mack era um rapaz de cabelo escovinha e rosto curtido. Charley gostou da aparência dele. O rapaz disse que ia pegar um carregamento de artigos de armazém no dia seguinte e estava procurando um sujeito para ir com ele. — Me aceita? — perguntou Charley. O chofer de caminhão pareceu intrigado.

· É meu irmão caçula, Fred; está tudo bem... Mas e seu emprego?

Charley ficou vermelho.

— Ah, me demiti.

— Bem, venha comigo ver o meu patrão disse o chofer de caminhão. — E se estiver bem pra ele, está bem pra mim.

Partiram na manhã seguinte antes do alvorecer. Charley sentia-se mal por esgueirar-se dessa maneira de sua senhoria, mas deixou um bilhete na mesa dizendo que lhe mandaria o que lhe devia assim que arranjasse um emprego. Era ótimo deixar a cidade e as usinas e os silos de grãos na luz da madrugada cinza e fria. A estrada acompanhava o rio e as encostas íngremes e o caminhão roncava chapinhando por entre poças e buracos de lama. Fazia frio, embora o sol estivesse quente quando as nuvens não o encobriam. Ele e Fred tinham de gritar um com o outro

para se fazerem ouvir, mas contavam histórias e faziam comentários sobre uma e outra. Passaram a noite em LaCrosse.

Chegaram ao frege bem a tempo de pedir hambúrgueres antes que fechassem, e Charley achou que faria sucesso com a garçonete, que era de Omaha e se chamava Helen. Tinha uns trinta anos e uma aparência cansada nos olhos que o faziam pensar que talvez fosse uma mulher fácil. Ficou rondando por ali até que ela fechou e levou-a a passear e andaram ao longo do rio, sentindo o vento quente e cheirando a vinho das serrarias, uma luazinha por trás de nuvens encaracoladas; sentaram-se na grama nova, no escuro atrás das pilhas de madeira recém-cortada, expostas para secar. Ela deixou cair a cabeça no ombro dele e chamou-o de "menininho".

Fred dormia no caminhão, enroscado num lençol em cima dos sacos, quando ele voltou. Charley abrigou-se em seu capote no outro lado do caminhão. Fazia frio e os caixotes eram desconfortáveis, mas estava cansado e o rosto parecia queimado pelo vento e logo adormeceu.

Partiram antes do alvorecer.

A primeira coisa que Fred disse foi:

— Bem, conseguiu, rapaz?

Charley riu e assentiu com a cabeça. Sentia-se bem e pensava consigo mesmo que tinha uma sorte dos diabos, dando o fora das Cidades Gêmeas e de Emiscah e daquele filho da puta daquele capataz. O mundo todo estendia-se diante dele como um mapa, o caminhão Mack roncando pelo meio: cidades à sua espera em toda parte, onde podia arranjar empregos e ganhar bom dinheiro e encontrar garotas bonitas prontas para chamá-lo de "menininho" delas.

Não ficou muito tempo em Milwaukee. Não tinham vagas nas oficinas e ele arranjou um lugar de lavador de pratos num restaurante. Era um emprego miserável e sujo, de muitas horas. Para economizar dinheiro, não alugou um quarto, mas dormia num caminhão numa oficina onde trabalhava um amigo de Jim. Planejava ir-se embora no navio tão logo recebesse sua primeira semana de salário. Um dos pobres-diabos que trabalhavam no restaurante era um sujeito trêmulo chamado Monte Davis. Fez todos pararem o trabalho devido a uma manifestação pela liberdade de expressão que a IWW promovia na cidade, de modo que Charley não recebeu um centavo de pagamento por toda a semana que trabalhara e já não comia há um dia e meio quando Fred voltou com outra carga em seu Mack e pagou-lhe uma refeição. Beberam umas cervejas depois e tiveram grandes discussões sobre greves. Fred disse que toda aquela agitação da IWW era uma maldita idiotice e que achava que os policiais estariam certos se pusessem até o último deles na cadeia. Charley disse que os pobres trabalhadores deviam unir-se por condições de vida decentes e que se aproximava o tempo em que haveria uma grande revolução como a Revolução Americana, só que maior, e após isso não haveria mais patrões e os operários seriam donos da indústria. Fred disse que ele falava como um maldito estrangeiro e devia envergonhar-se e que um branco devia acreditar na liberdade individual e se fosse lesado num emprego podia muito bem encontrar outro. Despediram-se zangados, mas Fred era um sujeito generoso e emprestou a Charley cinco paus para ir para Chicago.

No dia seguinte, ele foi no navio. Havia ainda alguns bancos de gelo derretido no lago, de um azul muito claro e frio, com cumes

brancos. Charley nunca estivera numa grande massa d'água antes e sentiu-se meio enjoado, mas era ótimo ver as chaminés e os grandes blocos de prédios, perolados onde o sol batia, erguendo-se em meio à fumaça das fábricas, e os quebra-mares e os grandes navios de minérios singrando os mares azuis, e passear de um lado para outro pelo porto, achando tudo novo, mergulhar na multidão e no fluxo de automóveis e ônibus verdes e amarelos bloqueados pela ponte retrátil na avenida Michigan, e andar em meio ao vento de açoite olhando as vitrines reluzentes e as moças bonitas com os vestidos levantados pela ventania.

Jim dissera-lhe que fosse ver um amigo dele que trabalhava numa autorizada da Ford na avenida Blue Island, mas isso ficava tão longe que quando ele chegou lá o sujeito já se fora. Contudo, o patrão estava e disse a Charley que se ele aparecesse na manhã seguinte teria um emprego. Como não tinha lugar algum aonde ir e não queria dizer ao patrão que estava duro, deixou a mala na oficina e andou pela cidade a noite toda. De vez em quando, tirava uns cochilos num banco de jardim, mas acordava rígido e gelado até os ossos e tinha de dar corridas para aquecer-se. A noite parecia não acabar nunca e ele não tinha um tostão para tomar uma xícara de café pela manhã, e estava lá, andando de um lado para outro diante da oficina, uma hora antes de aparecer alguém para abri-la.

Trabalhou no posto de atendimento da Ford durante várias semanas até que um domingo encontrou Monte Davis na rua North Clark e foi com ele a uma reunião da IWW em frente à Biblioteca Newberry. Os policiais dispersaram a manifestação e Charley não foi rápido bastante e antes que soubesse o que lhe acontecera vira-se estonteado por um cassetete e empurrado

para dentro de um camburão. Passou a noite numa cela, com dois barbudos mortos de bêbados, e que de qualquer modo pareciam não saber falar inglês. No dia seguinte, foi interrogado por um magistrado policial e quando disse que era mecânico de oficina um tira telefonou ao posto de atendimento para conferir; o magistrado liberou-o, mas quando ele voltou à oficina o patrão disse que não queria malditos grevistas em sua equipe e pagou-lhe seu salário e liberou-o também.

Ele empenhou a mala e o terno bom e fez uma pequena trouxa com algumas meias e camisas e foi ver Monte Davis, a fim de dizer-lhe que ia para St. Louis de carona. Monte disse que havia uma manifestação em favor da liberdade de expressão em Evansville e perguntou-lhe se não queria ir também para ver no que dava. Foram no trem para Joliet. Quando passaram pela prisão, Monte disse que uma tal vista sempre o deixava nauseado e dava-lhe uma espécie de pressentimento. Ficou muito triste e disse que achava que os patrões logo o pegariam, mas haveria outros. Monte Davis era um jovem magro de rosto fino, de Muscatine, Iowa. Tinha um longo nariz em bico e gaguejava e não se lembrava de época nenhuma em que não vendesse jornais ou trabalhasse numa fábrica de botões. Não pensava em nada além da IWW e da revolução. Berrou com Charley porque ele riu da maneira como os ativistas corriam quando os policiais dispersavam as manifestações e disse-lhe que devia ter consciência de classe e levar as coisas a sério.

Nos arredores da cidade de Joliet, pegaram um caminhão que os levou a Peoria, onde se separaram, porque Charley encontrou um chofer de caminhão que conhecera em Chicago e que lhe ofereceu carona até St. Louis. Em St. Louis, as coisas não

pareciam tão boas, e ele se meteu numa briga com uma prostituta que pegara na rua Market e que tentara enrolá-lo, e assim, como um sujeito lhe disse que havia muitos empregos em Louisville, começou a se deslocar para o Leste. Quando chegou a New Albany, fazia um calor dos infernos; tivera pouca sorte com as caronas e tinha os pés inchados e cheios de bolhas. Ficou parado um longo tempo na ponte, olhando a rápida e parda corrente do Ohio lá embaixo, cansado demais para dar mais um passo. Odiava a ideia de correr ruas em busca de emprego. O rio tinha a cor de pão de gengibre; começou a pensar no cheiro dos doces de gengibre que Lizzie Green fazia na cozinha de sua mãe e sentiu-se um maldito idiota por andar vagabundeando daquele jeito. Iria para casa e se plantaria entre os matos, era o que iria fazer.

Nesse momento, apareceu um caminhão Ford caindo aos pedaços, rodando com um pneu furado.

— Ei, está com um pneu furado — gritou Charley.

O chofer freou com um estrondo. Era um homenzarrão de cabeça pontuda e suéter vermelho.

— Que diabos você tem com isso?

— Puxa, eu só pensei que você não tinha visto.

— Eu vejo tudo, rapaz... só tive problema o dia todo. Quer uma carona?

— Claro — disse Charley.

— Não posso ficar parado na ponte... Foi a mesma maldita coisa o dia inteiro. Levanto de manhã cedo antes do sol e vou pegar umas barricas de tabaco e o maldito do negro perdeu as chaves do depósito. Juro que se tivesse um revólver eu matava o filho da puta.

No fim da ponte, parou e Charley ajudou-o a mudar o pneu.

De onde é você, rapaz? ele perguntou ao levantar-se, espanando a poeira das calças.

— Eu sou do Noroeste — disse Charley.

— Imagino que não é sueco, é?

Charley deu uma risada.

Não; sou mecânico de oficina e estou procurando emprego.

— Entra aí, rapaz; vamos ver o velho Wiggins... é o meu patrão... e ver o que a gente pode fazer.

Charley ficou todo o verão em Louisville, trabalhando nas Oficinas de Consertos Wiggins. Morava num quarto com um jovem italiano chamado Grassi, que viera para a América a fim de escapar do serviço militar. Grassi lia os jornais todos os dias e tinha muito medo de que os Estados Unidos entrassem na guerra. Disse que se isso acontecesse teria de cruzar a fronteira para o México. Era anarquista e um tipo caladão que passava as noites cantando baixinho para si mesmo e tocando acordeom nos degraus da pensão. Falou a Charley das grandes fábricas Fiat em Turim onde trabalhara e ensinou-o a comer espaguete e beber vinho tinto e tocar *Funiculì, funiculà* no acordeom. Sua grande ambição era ser piloto de avião. Charley arranjou uma moça judia que trabalhava como selecionadora num depósito de tabaco. Chamava-se Sarah Cohen, mas disse-lhe que a chamasse de Belle. Ele gostava muito dela, mas teve o cuidado de fazê-la entender que não era do tipo casadouro. Ela disse que era radical e acreditava no amor livre, mas isso tampouco interessava muito a ele. Levava-a a espetáculos e a passeios no Cherokee Park e comprou-lhe um broche de ametista quando ela disse que essa era a pedra do seu signo.

Quando pensava em si mesmo, ele se sentia muito preocupado. Ali estava, fazendo o mesmo trabalho dia após dia, sem nenhuma oportunidade de ganhar mais dinheiro, nem ir à escola, nem ver o país. Quando chegou o inverno, sentiu-se inquieto. Recuperou um velho automóvel Ford que iam rebocar para o ferro-velho, recompondo-o com peças jogadas fora.

Convenceu Grassi a ir a Nova Orleans com ele. Haviam economizado algum dinheiro e iriam lá e arranjariam um emprego e ficariam para o Carnaval. O primeiro dia em que se sentiu muito bem desde que deixara St. Paul foi o chuvoso dia de janeiro em que saíram de Louisville com o motor batendo todos os quatro cilindros e uma pilha de pneus de terceira mão na carroceria, em direção ao sul.

Desceram passando por Nashville e Birmingham e Mobile, mas as estradas estavam terríveis e tinham de refazer o carro enquanto viajavam e quase morreram congelados numa nevasca perto de Guntersville e tiveram de ficar parados uns dois dias, de modo que quando chegaram à baía St. Louis, rodando pela estrada praiana sob um céu azul, sentindo o sol quente e vendo coqueiros e bananeiras e Grassi falando do Vesúvio e da Bella Napoli e de sua namorada em Turim, que jamais tornaria a ver devido à bastarda guerra capitalista, o dinheiro acabara. Chegaram a Nova Orleans com um dólar e cinco centavos e não mais que uma xícara de gasolina no tanque, mas graças a um golpe de sorte Charley conseguiu vender o carro como estava por vinte e cinco dólares a um papa-defunto preto.

Arranjaram um quarto numa casa perto do cais por três dólares por semana. A senhoria era uma mulher de rosto amarelo, do Panamá, e havia um papagaio na sacada do quarto deles e o sol

ardia em seus ombros quando andavam pelas ruas. Grassi estava muito feliz.

— Isto aqui parece a Itália — dizia.

Andaram pela cidade tentando saber de empregos, mas não descobriram nada além de que o Carnaval era na semana seguinte. Percorreram a rua do Canal, que estava apinhada de negros, chineses, moças bonitas em vestidos coloridos, viciados em corridas de cavalos, velhos altos em trajes de praia. Pararam para tomar uma cerveja num bar que dava para a rua e tinha mesas na frente onde todo tipo de homem se sentava fumando charutos e bebendo. Quando saíram, Grassi comprou um jornal vespertino. Ficou pálido e mostrou a manchete: IMINENTE A GUERRA COM A ALEMANHA.

— Se a América entrar em guerra com a Alemanha, os tiras prenderão todos os italianos e os mandarão de volta para lutar, sabe? É o que diz o meu amigo que trabalha no consulado. Eu não vou lutar numa guerra capitalista.

Charley tentou brincar com ele, mas uma expressão preocupada surgira no rosto de Grassi e assim que escureceu ele deixou Charley, dizendo que ia voltar para a pensão e deitar-se.

Charley vagou pelas ruas sozinho. Das refinarias de açúcar vinha um cheiro cálido de melaço, das casas emanações de jardins e alho e pimenta e óleo de cozinha. Havia mulheres por toda parte, nos bares, paradas nas esquinas, olhando para fora, convidativamente, de detrás de todas as portas e janelas entreabertas; mas ele estava com vinte dólares e receava que uma delas pudesse roubá-lo, de modo que apenas andou até cansar-se e aí voltou para o quarto, onde encontrou Grassi já adormecido, com o cobertor sobre a cabeça.

Quando acordou, era tarde. O papagaio tagarelava no balcão além da janela, o sol quente infiltrava-se no quarto. Grassi não estava.

Charley já se vestira e penteava o cabelo quando o italiano entrou muito excitado. Arranjara um emprego num cargueiro que se dirigia para a América do Sul.

Quando chegar a Buenos Aires, adeus, nada mais de guerra — disse. — Se a Argentina entrar na guerra, adeus de novo.

Beijou a boca de Charley e insistiu em dar-lhe seu acordeom e tinha lágrimas nos olhos quando saiu para pegar o navio, que partia ao meio-dia.

Charley andou pela cidade toda, perguntando nas oficinas e lojas de motores se havia alguma perspectiva de emprego. As ruas eram largas e poeirentas, ladeadas por baixas casas de madeira com janelas e as distâncias eram enormes. Terminou cansado e empoeirado e suado. As pessoas com as quais falava mostravam-se muito agradáveis, mas ninguém sabia onde ele poderia arranjar um emprego. Decidiu que ficaria até o Carnaval de qualquer modo e depois voltaria para o Norte. Os homens com os quais falava diziam-lhe que fosse à Flórida ou Birmingham, no Alabama, ou a Memphis ou Little Rock, mas todos concordavam em que, a menos que quisesse embarcar como marinheiro, não havia um só emprego dando sopa na cidade. Os dias arrastavam-se quentes e longos e ensolarados e cheirando a melaço das refinarias. Ele passava muito tempo lendo na biblioteca pública ou deitado no cais, olhando os negros descarregarem os navios. Tinha tempo demais para pensar e preocupava-se com o que ia fazer da vida.

À noite, não conseguia dormir bem, porque não fizera nada durante o dia que o cansasse.

Uma noite, ouviu música de violão que saía de uma espelunca chamada A Trípoli Original, na rua Chartres. Entrou, sentou-se a uma mesa e pediu uma bebida. O garçom era um chinês. Casais dançavam numa espécie de abraço de luta livre no extremo escuro da sala. Charley decidiu que se conseguisse arranjar uma garota por menos de cinco paus aceitaria. Não demorou muito e viu-se convidando uma moça que disse chamar-se Liz a beber e comer. Ela disse que não comera nada o dia todo. Ele perguntou-lhe sobre o Carnaval e ela disse que era uma época ruim, porque a polícia fechava tudo.

— Prenderam todas as prostitutas do cais ontem à noite e as mandaram rio acima.

— Que fazem com elas?

Levam pra Memphis e soltam lá... Não há uma prisão no estado em que caibam todas as meninas desta cidade. Riram, tomaram outra bebida e dançaram. Charley apertava-a. Era uma garota magra, com pequenos seios pontudos e grandes quadris.

— Puxa, menina, você tem pimenta ele disse, depois de dançarem um pouco.

— Não é minha obrigação divertir os rapazes?

Ele gostava da maneira como ela o olhava.

— Escute, menina, quanto você cobra?

— Cinco paus.

— Puxa, eu não sou nenhum milionário... e não lhe paguei um jantar?

— Está bem, doçura; vamos dizer três.

Tomaram outra bebida. Charley notou que toda vez ela tomava uma espécie de refresco.

— Nunca bebe nada, Liz?

— A gente não pode beber neste jôgo, queridinho; quando menos a gente espera, está dando de graça.

Um bêbado grandão, com uma camiseta suja e parecendo foguista de navio, vagueava pelo salão. Pegou a mão de Liz e obrigou-a a dançar com ele. Os braços grandes do homem, tatuados de azul e vermelho, agarravam-na. Charley via que ele puxava o vestido dela enquanto dançava.

— Pare com isso, seu filho da puta — ela gritava.

Isso chateou Charley, que se levantou e empurrou o grandalhão para longe da moça. O outro virou-se e avançou para ele. Charley abaixou-se e saltou para o centro do salão de punhos erguidos. O grandalhão estava cego de bêbado e quando desfechou outro soco Charley pôs o pé na frente dele, que tropeçou e caiu de cara no chão, derrubando uma mesa e um homenzinho moreno de bigode negro. Num segundo, o moreno estava de pé com um facão na mão. Os chineses corriam em volta piando como um bando de malditas gaivotas. O dono, um espanhol gordo de avental, saíra de detrás do balcão e gritava:

— Deem o fora, todos vocês.

O homem com o facão partiu para cima de Charley. Liz deu-lhe um tranco de lado e, antes que Charley soubesse o que acontecera, ela o puxava para as fedorentas latrinas e um corredor que levava a uma porta dos fundos e dava para a rua.

— Não sabe que ninguém briga por causa de uma maldita puta? — ela perguntava-lhe ao ouvido.

Uma vez na rua, Charley quis voltar para pegar seu chapéu. Liz não o deixou.

— Pego ele pra você de manhã — disse.

Percorreram a rua juntos.

— Você é uma moça danada de boa; gosto de você — disse Charley.

— Não pode arranjar dez dólares pra gente ficar a noite toda?

— Puxa, garota, estou quebrado.

— Bem, vou ter de botar você pra fora e batalhar mais um pouco, acho... Só tem um cara no mundo que ganha de graça, e não é você.

Divertiram-se muito. Sentaram-se na beira da cama conversando. Ela estava afogueada e de certa forma linda em sua camisola rosa tremulante. Mostrou-lhe um instantâneo de seu namorado, que era segundo-maquinista num navio-tanque.

— Não é bonitão? Eu não faço a vida quando ele está na cidade. Ele é forte. Quebra uma noz-pecã com o bíceps.

Mostrou o lugar no braço onde o namorado quebrava a pecã.

— De onde você é? — perguntou Charley.

— Que é que você tem com isso?

— Você é do Norte; sei pela maneira de falar.

— Claro. Sou de Iowa, mas não vou mais lá... É um inferno de vida, rapaz, e a gente não esquece... "Mulheres do prazer" uma ova. Eu pensava que era uma dama de classe lá em minha terra e uma manhã acordei e descobri que era só uma maldita puta.

— Já esteve em Nova York?

Ela balançou a cabeça.

– Não é uma vida tão ruim, se a gente se mantém afastada da bebida e dos cafetões — disse, pensativamente.

— Acho que vou me mandar pra Nova York logo depois do Carnaval. Não consigo encontrar um patrão nesta cidade.

— O Carnaval não é grande coisa se você está quebrado.

— Bem, eu vim aqui pra ver e acho melhor ver.

Amanhecia quando ele a deixou. Ela desceu com ele. Ele beijou-a, disse-lhe que lhe daria os dez dólares se ela pegasse seu chapéu e seu paletó e ela mandou-o aparecer em sua casa naquela tarde, lá pelas seis, mas que não voltasse ao Trípoli, porque o mexicano era um coisa-ruim e estaria à sua espera.

Uma neblina azul cobria as ruas de velhas casas de estuque guarnecidas com sacadas de ferro fundido. Umas poucas mulatas com lenços na cabeça moviam-se nos pátios. Na feira, velhos negros expunham frutas e verduras. Quando voltou à sua espelunca, a panamenha estava na sacada de seu quarto com uma banana na mão e chamando:

Ven, Polly... Ven, Polly — numa voz um pouco esganiçada.

O papagaio empoleirava-se na beira do telhado, dirigindo um olho vítreo à sua dona e cacarejando baixinho.

Eu aqui tudo bem — disse a panamenha com um sorriso choroso. — Polly no quiere vir.

Charley subiu pela janela e tentou pegar o papagaio, mas o bicho afastou-se de lado, subindo a quina do telhado, e tudo que ele conseguiu foi derrubar uma telha sobre a própria cabeça.

— No quiere vir - disse a panamenha com tristeza. Charley deu-lhe um sorriso e entrou em seu quarto, onde desabou sobre a cama e caiu no sono.

Durante o Carnaval, Charley vagou pela cidade até os pés lhe doerem. Por toda parte havia multidões e luzes e balsas e desfiles e orquestras e moças passando em vestidos vistosos. Ele pegou muitas delas, mas assim que descobriam que estava quebrado largavam-no. Ele gastava seu dinheiro o mais devagar que podia. Quando tinha fome, entrava num bar, tomava um copo de cerveja e comia tanta coisa gratuita quanto se atrevia.

No dia seguinte ao Carnaval, a multidão começou a diminuir e Charley não tinha dinheiro nenhum para cerveja. Rodou pela cidade faminto e infeliz; o cheiro de melado e absinto dos bares no Bairro Francês, no pesado ar úmido, causava-lhe náuseas. Não sabia o que fazer da vida. Não tinha a energia de se pôr a andar ou pegar carona de novo. Foi à Western Union e tentou telegrafar para Jim a cobrar, mas o sujeito disse que não aceitaria um telegrama pedindo dinheiro a cobrar.

A panamenha o pôs para fora quando ele não pôde pagar outra semana adiantada e lá estava ele descendo a avenida Esplanade, com o acordeom de Grassi num braço e um pequeno embrulho de suas roupas enroladas em jornal debaixo do outro. Desceu o dique e sentou-se ao sol num lugar gramado por um longo tempo. O negócio era jogar-se no rio ou alistar-se no exército. Então, lembrou-se de repente do acordeom. Um acordeom valia um bocado de dinheiro. Deixou a trouxa de roupa debaixo de algumas tábuas e correu todas as casas de penhor que conseguiu encontrar com o acordeom, mas não davam mais de quinze paus por ele em parte alguma. Depois de percorrer todas as casas de penhor e lojas de instrumentos musicais, já estava escuro e tudo fechado. Ele cambaleava pela calçada, sentindo-se doente

e zonzo de fome. Na esquina da Canal com a Rampart, parou. De um bar vinha som de canto. Teve o palpite de entrar e tocar *Funiculi, funiculà* no acordeom. Podia conseguir um pouco de comida grátis e um copo de cerveja com aquilo.

Mal começara a tocar e o leão de chácara acabava de pular o balcão para jogá-lo para fora quando um homem alto esparramado numa mesa chamou-o.

— Irmão, venha cá e sente aqui. — Era um homenzarrão com um longo nariz quebrado e pômulos altos. — Irmão, sente. — O leão de chácara voltou para detrás do balcão. — Irmão, você sabe tocar esse acordeom tanto quanto um coelho. Eu não passo de um matuto de Okachobee City, mas se não tocasse melhor que isso...

Charley riu.

— Eu sei que não sei tocar. Está tudo bem.

O sujeito da Flórida puxou uma grande carteira recheada de notas.

— Irmão, sabe o que vai fazer? Vai me vender essa maldita coisa... Eu não passo de um matuto que está por baixo, mas, por Jesus Cristo...

— Ei, Doc, cuidado... Você não precisa dessa maldita coisa. — Seus amigos tentaram fazê-lo guardar o dinheiro.

Doc varreu o ar com o braço, num movimento que enviou três copos para o chão com um estrondo.

— Seus urubus-perus, falem quando chegar a vez de vocês... Irmão, quanto quer pelo acordeom? — O leão de chácara voltara e estava parado ameaçadoramente junto da mesa. — Tudo certo, Ben — disse Doc. — É tudo por conta do Tio Henry. Irmão, quanto quer por ele?

— Cinquenta paus — disse Charley, pensando rápido.

Doc entregou-lhe cinco notas de dez. Charley engoliu um trago; pôs o acordeom sobre a mesa e saiu depressa. Temia que, se ficasse por ali, o matuto curasse a bebedeira e tentasse reaver o dinheiro, e além disso precisava comer.

No dia seguinte, comprou uma passagem de proa no vapor *Momus*, com destino a Nova York. O rio ficava num plano mais alto que a cidade. Era engraçado ficar no convés do vapor e olhar os telhados e as ruas e bondes de Nova Orleans lá embaixo. Quando o vapor deixou o porto, Charley começou a sentir-se bem. Encontrou o comissário negro e conseguiu que ele lhe desse um leito na casa de convés. Quando pôs seu embrulho de jornal debaixo do travesseiro, olhou o leito embaixo. Lá estava Doc, ferrado no sono, todo enfatiotado num terno cinza-claro e com um chapéu de palha e um charuto apagado saindo do canto da boca e o acordeom ao lado.

Passavam por entre os Eads Jetties e sentiam o vento marinho no rosto e o primeiro ondular incômodo do Golfo sob os pés quando Doc apareceu esgueirando-se no convés. Reconheceu Charley e aproximou-se dele com a mãozona estendida.

— Bem, macacos me mordam se não é o músico... Aquele é um bom acordeom, rapaz. Eu pensei que você tinha se aproveitado de mim por eu ser apenas um rapaz pobre do campo e essa coisa toda, mas macacos me mordam se não vale o dinheiro. Aceita uma bebida?

Foram ao catre de Doc e sentaram-se e Doc abriu uma garrafa de Bacardi e tomaram alguns tragos e Charley contou que antes estava inteiramente quebrado; não fosse pelos cinquenta paus, ainda estaria sentado no cais. Doc disse que, não fosse por aqueles cinquenta paus, estaria viajando de primeira classe.

Doc disse que ia a Nova York embarcar para a França num corpo voluntário de ambulâncias; não era todo dia que se tinha uma oportunidade de ver uma grande guerra como aquela e queria entrar nela antes que a coisa toda fosse pelos ares; contudo, não gostava da ideia de atirar num monte de brancos com os quais não tinha disputa e achava que aquele era o melhor meio; se os hunos fossem negros, seus sentimentos seriam diferentes.

Charley disse que ia para Nova York porque achava que havia boas oportunidades de estudar numa cidade grande como aquela, que era mecânico de automóveis e queria ser engenheiro civil ou algo assim, porque não havia futuro para um operário sem estudo.

Doc disse que aquilo tudo era bobagem e que o que um rapaz como ele devia fazer era alistar-se como mecânico de ambulância, que pagavam cinquenta dólares por mês e talvez mais, muita grana mesmo, e que devia ver a maldita guerra antes que a maldita coisa fosse pelos ares.

Doc chamava-se William H. Rogers, vinha de Michigan, seu velho fora plantador de uvas em Frostproof e ele próprio fatura-ra umas duas boas safras de verduras no lodo das Everglades e agora estava indo ver as mademosels antes que a coisa toda fosse pelos ares.

Ao cair da noite, já estavam bastante bêbados e sentados na popa com um homem de aparência miserável e de chapéu derby que disse ser um oriental do Báltico. O oriental e Doc e Charley subiram para a pequena ponte acima da casa da popa depois do jantar; o vento amainara e fazia uma noite estrelada com um leve ondular e Doc disse:

— Por Deus, tem alguma coisa esquisita neste navio aqui. Antes da gente descer para o jantar a Grande Ursa estava no norte e agora passou para o sudoeste.

É o gue ze ezberaria de uma zoziedade gabidalisda – disse o oriental.

Quando descobriu que Charley tinha uma carteirinha vermelha e Doc não acreditava em atirar em nada a não ser nos negros, fez um grande discurso, dizendo que a revolução estourara na Rússia e que o tsar estava sendo obrigado a abdicar e que isso era o começo da regeneração da humanidade a partir do Leste. Disse que os orientais conquistariam sua independência, em breve toda a Europa seria os livres e sozialistitchesky Estados Unidos da Europa, sob uma bandeira vermelha, e Doc comentou:

Que foi que eu lhe disse, Charley? A maldita coisa vai pelos ares breve... O que você tem de fazer é vir comigo e ver a guerra enquanto ela dura.

Charley disse que Doc tinha razão e Doc disse:

— Eu levo você comigo, rapaz, e só vai precisar mostrar sua carteira de motorista e dizer a eles que é universitário.

O oriental ficou magoado com isso e disse que o dever de todo operário com consciência de classe era recusar-se a combater numa guerra e Doc respondeu:

– Nós não vamos combater, oriental velho. O que vamos fazer é transportar os rapazes antes que deem eles por mortos, vê? Eu seria um filho da puta decepcionado se a coisa toda fosse pelos ares antes da gente chegar lá, você não seria, Charley?

Discutiram mais um pouco sobre onde estava a Ursa Maior e Doc continuou repetindo que ela se movera para o sul e quando terminaram o segundo quartilho Doc dizia que não achava

direito os brancos atirarem uns nos outros, só nos negros, começou a rodar o navio em busca do maldito camareiro negro para matá-lo, só para provar o que dizia, e o europeu oriental cantava *A Marselhesa* e Charley dizia a todo mundo que queria era entrar na grande guerra antes que ela fosse pelos ares. O oriental e Charley tiveram bastante trabalho segurando Doc no catre quando o puseram para dormir. Ele ficava levantando-se e gritando que queria matar uns dois negros.

Chegaram a Nova York numa tempestade de neve. Doc disse que a Estátua da Liberdade parecia estar usando um vestido de noite branco. O oriental olhou em volta, trauteou *A Marselhesa* e disse que as cidades americanas não eram artísticas, porque não tinham torres nas casas como na Europa báltica.

Quando desembarcaram, Charley e Doc foram juntos para o Hotel Broadway Central. Charley jamais estivera num grande hotel como aquele e queria procurar uma espelunca mais barata, mas Doc insistiu em que fosse junto com ele e que tinha bastante dinheiro para os dois e que não adiantava poupar dinheiro porque breve tudo iria pelos ares. Nova York estava cheia de marchas de carro arranhando e bondes ruidosos e zumbido de elevadores e jornaleiros gritando edições extras. Doc emprestou a Charley um bom terno e levou-o ao escritório de alistamento, num grande e reluzente edifício de escritórios no bairro financeiro. O cavalheiro que alistou os rapazes era um advogado de Nova York que os chamou de cavalheiros voluntários e que se portavam como cavalheiros, um crédito para a causa dos aliados e a bandeira americana e a civilização que os bravos soldados franceses defendiam há tantos anos nas trincheiras. Quando descobriu que Charley era mecânico, alistou-o sem esperar para escrever ao diretor do ginásio e

ao pastor da igreja luterana em Fargo, cujos nomes ele dera como referências. Falou-lhes que tinham de tomar injeções antitifo e fazer um exame físico e que se apresentassem no dia seguinte para saber a data de embarque. Quando saíram do elevador, havia um grupo de homens no reluzente saguão de mármore, com as cabeças curvadas sobre um jornal; os Estados Unidos estavam em guerra com a Alemanha. Naquela noite, Charley escreveu para sua mãe, dizendo que estava indo para a guerra e pediu-lhe por favor que lhe enviasse cinquenta dólares. Depois, ele e Doc saíram para dar uma olhada na cidade.

Havia bandeiras em todos os prédios. Passaram por quadras comerciais sem conta, procurando a Times Square. Por toda parte, pessoas liam jornais. Na Catorze, ouviram um rufar de tambores e uma banda e esperaram na esquina para ver qual seria o regimento, mas era apenas o Exército da Salvação. Quando chegaram à Madison Square, já era hora do jantar e as ruas estavam desertas. Começou a chuviscar um pouco e as bandeiras da Broadway e da Quinta Avenida pendiam moles dos mastros.

Foram comer no Hofbrau. Charley achou que parecia caro demais, mas Doc disse que era por sua conta. Um homem, no alto de uma escada na porta, atarraxava lâmpadas num painel elétrico da bandeira americana. O restaurante estava coberto de bandeiras americanas lá dentro e uma orquestra tocava *The star-spangled banner* entre um número e outro, de modo que tinham de ficar levantando-se.

– Que é que eles acham que é isso, exercício de sentar e levantar? — resmungou Doc.

Um grupo, a uma mesa redonda no canto, não se levantava quando a orquestra tocava *The star-spangled banner*, e permanecia

ali conversando baixo e comendo como se nada tivesse acontecido. As pessoas no restaurante começaram a reparar neles e a fazer comentários.

Aposto que são... hunos... espiões alemães... pacifistas.

A uma mesa, sentava-se um oficial do exército com uma moça que ficava vermelho toda vez que olhava para eles. Finalmente um garçom, um velho alemão, foi até eles e murmurou alguma coisa.

— Macacos me mordam se vou fazer isso — veio a voz da mesa do canto.

O oficial do exército aproximou-se deles e disse alguma coisa sobre cortesia para com nosso hino nacional. Voltou com o rosto mais vermelho que nunca. Era um homenzinho de pernas cambaias e compridas em perneiras reluzentes.

— Bastardos pró-alemães — desabafou ao sentar.

Teve de levantar-se imediatamente, porque a orquestra tocou *The star-spangled banner*.

– Por que não chama a polícia, Cyril? — perguntou a moça que estava com ele.

A essa altura, pessoas de todo o restaurante avançavam para a mesa redonda.

Doc puxou a cadeira de Charley para ele ver.

— Veja isso; vai ser bom.

Um homenzarrão, com a fala arrastada dos texanos, arrancou um dos homens de sua cadeira.

— Se levante ou dê o fora.

— Vocês não têm o direito de interferir com a gente — começou um dos homens à mesa redonda. Vocês manifestam sua aprovação à guerra pondo-se de pé, nós manifestamos nossa desaprovação...

Uma mulherona de chapéu vermelho com uma pluma, à mesa, dizia:

— Cale a boca; não fale com eles.

A essa altura a orquestra parara. Todos aplaudiam o mais forte que podiam e gritavam: "Toquem de novo; está bem". Os garçons corriam em volta nervosamente e o proprietário, no centro da pista, enxugava a calva.

O oficial do exército foi ao regente da orquestra e disse:

— Por favor, toque nosso hino nacional de novo.

Ao primeiro compasso, pôs-se rigidamente em posição de sentido. Os outros precipitaram-se sobre a mesa redonda. Doc e o homem de sotaque inglês lutavam. Doc preparou-se para acertar o outro.

Vamos lá fora se quer brigar — dizia o homem com sotaque inglês.

Deixe eles comigo, rapazes — gritava Doc. — Eu levo eles lá pra fora, dois de cada vez.

A mesa foi derrubada e o grupo começou a recuar em direção à porta. A mulher de chapéu vermelho pegou um prato de maionese de lagosta e mantinha a multidão a distância jogando punhados da pasta nos rostos dos atacantes. Nesse momento, apareceram três policiais e prenderam os malditos pacifistas. Todos em volta limpavam a maionese das roupas. A orquestra tocou *The star-spangled banner* de novo e todos tentaram cantar, mas isso não fez muito efeito, porque ninguém sabia a letra.

Depois disso, Doc e Charley foram a um bar tomar um uísque sour. Doc queria ver um teatro de revista e perguntou onde havia um ao homem do bar. Um homenzinho gordo com uma bandeirinha americana na lapela do casaco ouviu-o e disse que

o melhor teatro rebolado em Nova York era o Minsky's, na rua Houston Leste. Pagou-lhes algumas bebidas quando Doc disse que estavam indo ver aquela guerra e disse que os levaria pessoalmente ao Minsky's. Chamava-se Segal e disse que fora socialista até o afundamento do *Lusitania*; mas agora achava que deviam dar uma surra nos alemães e destruir Berlim. Estava no negócio de roupas e sentia-se feliz porque pegara um contrato de uniformes do exército.

— Bresisamos da guerrra bra nos dornar homens — dizia e batia no peito.

Foram para o centro num táxi, mas quando chegaram ao espetáculo de burlesque, estava tão cheio que não conseguiram um ingresso.

— Lugar de pé, diabos... Eu quero mulheres — dizia Doc.

O sr. Segal pensou um pouco, com a cabeça virada para um lado.

— Vamoz para a Beguena Hungrria — disse.

Charley sentia-se decepcionado. Esperava divertir-se muito em Nova York. Gostaria de estar na cama. Na Pequena Hungria havia muitas moças alemãs e judias e russas. O vinho era servido em garrafas esquisitas, de cabeça para baixo, numa prateleira no meio de cada mesa. O sr. Segal disse que a farra era por sua conta dali por diante. A orquestra tocava música estrangeira. Doc já estava bastante bêbado. Sentaram-se a uma mesa comprimida entre outras. Charley rondou um pouco e convidou uma moça a dançar, mas por algum motivo ela não quis.

Ele começou a conversar com um jovem de rosto estreito, no balcão, que acabara de participar de um comício pela paz no Madison Square Garden. Charley ergueu as orelhas quando o sujeito

disse que haveria uma revolução em Nova York se tentassem impor o alistamento ao país. O sujeito chamava-se Benny Compton e estudara Direito na Universidade de Nova York. Charley foi sentar-se a uma mesa com ele e outro sujeito de Minnesota, que era repórter de *O Apelo*. Charley perguntou-lhes sobre as possibilidades de fazer, trabalhando, a escola de engenharia. Já quase decidira recuar de sua proposta quanto às ambulâncias. Mas eles pareciam não acreditar que houvesse muita possibilidade, se não se tivesse economizado dinheiro para começar. O homem de Minnesota disse que Nova York não era lugar para pobres.

Ah, diabos; acho que vou pra guerra disse Charley.

— O dever de todo radical é ir primeiro para a cadeia — disse Benny Compton. — De qualquer modo, vai haver uma revolução. A classe operária não tolerará isso por muito mais tempo.

— Se você quer ganhar algum dinheiro, o que tem a fazer é ir para Bayonne e arranjar um emprego numa fábrica de munições disse o homem de Minnnesota, com uma voz cansada.

— Um homem que faz isso é um traidor de sua classe — disse Benny Compton.

Um operário duro fica numa situação dos diabos disse Charley. – Diabos, não quero passar minha vida toda remendando calhambeques de lata a setenta e cinco por mês.

— Eugene V. Debs não disse: "Quero subir com as fileiras, não partindo delas"?

— Afinal, Benny, você não estuda noite e dia para ser advogado e deixar a classe operária? – disse o homem de Minnesota.

— Isso é pra eu ter alguma utilidade na luta... Quero ser um instrumento afiado. Devemos combater o capitalismo com suas próprias armas.

— Imagino o que farei quando fecharem *O Apelo*.

— Não se atreverão a fechar.

— É claro que vão fechar. Estamos nesta guerra para defender os empréstimos de Morgan... Usarão ela pra varrer a oposição interna, tão certo quanto eu me chamo Johnson.

- Por falar nisso, eu tenho algum material. Minha irmã, sabe, é estenógrafa... Trabalha para J. Ward Moorehouse, o advogado de relações públicas, sabe... ele faz propaganda para os Morgan e os Rockefeller. Bem, ela disse que durante todo este ano ele trabalhou com uma missão secreta francesa. Os grandes interesses estão mortos de medo de uma revolução na França. Pagaram dez mil dólares a ele por seus serviços. Ele coordena material pró-guerra através de uma cooperativa jornalística. E chamam isto de país livre.

— Eu não me surpreenderia com nada — disse o homem de Minnesota, servindo-se do resto da garrafa de vinho. Ora, qualquer um de nós pode ser um agente do governo ou espião agora mesmo.

Os três ficaram parados, olhando-se uns aos outros. A sugestão deu calafrios na espinha de Charley.

É o que estou tentando dizer a vocês... Minha irmã sabe tudo sobre isso por trabalhar no escritório desse sujeito... É uma conspiração dos grandes interesses, Morgan e os outros, para derrotar os operários enviando-os à guerra. Uma vez que metem a gente no exército, a gente não pode berrar sobre liberdades civis ou a Constituição... Podem fuzilar a gente sem julgamento, vê?

— É um insulto... O pessoal do Noroeste não tolerará isso — disse o homem de Minnesota. — Escute aqui, você esteve lá mais

recentemente do que eu. La Follette expressa a opinião do povo de lá, não expressa?

— Claro — disse Charley.

— E então, que diabos?

— É complicado demais pra mim — disse Charley e começou a abrir caminho entre as mesas apinhadas para encontrar Doc. Doc estava morto de bêbado, e Charley receava que a noite começasse a custar dinheiro, por isso se despediram do sr. Segal, que lhes pediu o favor de matarem um monte de alemães por ele e saíram e se puseram a andar para oeste, pela rua Houston. Havia carrinhos de mão ao longo do meio-fio, com fogos que faziam os rostos comprimidos na calçada fulgirem rubros na chuvosa escuridão.

Chegaram à extremidade de uma larga avenida apinhada de gente que saía de um teatro. Em frente ao Cosmopolitan Café, um homem discursava sobre um caixote de sabão. As pessoas que deixavam o teatro contornavam-no. Doc e Charley abriram caminho para ver qual era o problema. Pegavam apenas pedaços do que o homem gritava, numa voz rouca e latida.

— Há poucos dias eu estava no Instituto Cooper, ouvindo Eugene V. Debs, e que dizia ele?... "Que é esta civilização, esta democracia que os patrões estão pedindo a vocês, operários, que deem suas vidas para salvar, que significam elas para vocês senão a escravidão do salário, que é?..."

— Ei, cale a boca, você... Se não gosta dela, volte para o lugar de onde veio — gritavam vozes da multidão.

— Liberdade para trabalhar e enriquecer os patrões... Oportunidade para morrer de fome se for despedido do trabalho.

Doc e Charley eram empurrados por trás. O homem despencou de seu caixote e desapareceu. Todo o fim da avenida foi tomado pela multidão. Doc trocava socos com um homenzarrão de macacão. Um policial se meteu entre os dois, distribuindo cacetadas a torto e a direito. Doc ergueu-se para liquidar o tira, mas Charley pegou o seu braço e tirou-o da escaramuça.

— Ei, pelo amor de Deus, Doc, ainda não é a guerra — disse Charley.

Doc tinha o rosto afogueado.

— Não gostei da cara daquele sujeito — disse.

Por trás dos tiras, dois carros-patrulha do departamento de polícia, com grandes holofotes, investiam contra a multidão. Braços, cabeças, chapéus, ombros em ação, cassetetes que subiam e desciam destacavam-se negros contra o tremendo branco dos holofotes. Charley puxou Doc contra a janela de vidro do café.

— Escute, Doc, não queremos ir pra cadeia e perder o navio — sussurrou Charley na orelha dele.

— Que adianta? — disse Doc. Vai tudo pelos ares antes da gente chegar lá.

— Hoje os pacifistas correm dos tiras, amanhã os tiras correrão dos pacifistas — gritou alguém.

Outro começou a cantar *A Marselhesa*. Vozes juntaram-se a ele. Doc e Charley foram comprimidos contra o vidro. Atrás deles, o café estava cheio de rostos que nadavam na fumaça azulada e ondulada de tabaco como peixes num aquário. A vidraça quebrou de repente. As pessoas dentro do café saltaram de pé.

— Cuidado com os cossacos — berrou uma voz.

Um cordão de policiais varria a avenida. A calçada vazia atrás deles ampliava-se. No sentido contrário, a polícia montada

avançava, partindo da rua Houston. No espaço vazio, um carro-patrulha estacionava. Policiais empurravam homens e mulheres para dentro dele.

Doc e Charley passaram agachados por um polícia-montada que trotava em seu cavalo com grande rumor pela calçada, e dispararam depois da esquina. A Bowery estava vazia e escura. Encaminharam-se para oeste, em direção ao hotel.

— Deus do céu — disse Charley —, você quase fez com que a gente fosse preso desta vez... Estou decidido a ir pra França agora e quero ir.

Uma semana depois, estavam no *Chicago*, da French Line, atravessando o Estreito. Curtiam uma ressaca da festa de despedida e sentiam-se meio enjoados com o cheiro do navio e ainda ouviam a música da orquestra de jazz no porto ressoando na cabeça. O dia estava nublado, com uma baixa camada de nuvens pesadas, parecia que ia nevar. Os marinheiros eram franceses e os camareiros também. Tomaram vinho na primeira refeição. Havia uma mesa cheia de outros sujeitos que iam para o serviço de ambulâncias.

Depois do jantar, Doc subiu para a cabina, para dormir. Charley vagou pelo navio com as mãos nos bolsos, sem saber o que fazer da vida. Na proa, tiravam a capa de lona do canhão de setenta e cinco milímetros. Ele percorreu o convés de baixo, cheio de barris e caixas e tropeçou em rolos de grossos cabos em direção à proa. Na proa havia um pequeno marinheiro francês de rosto rosado, com um pompom vermelho no gorro, de sentinela.

O mar parecia de vidro, com pequenas manchas sujas e ondulantes de sargaços e lixo. Gaivotas boiavam na água ou

empoleiravam-se em pedaços de toros flutuantes. De vez em quando uma delas abria as asas preguiçosamente e partia a voar.

A proa do navio cortava duas ondas iguais na densa água de um verde vítreo. Charley tentou puxar conversa com o sentinela. Ele indicou a frente.

— Leste — disse. — França.

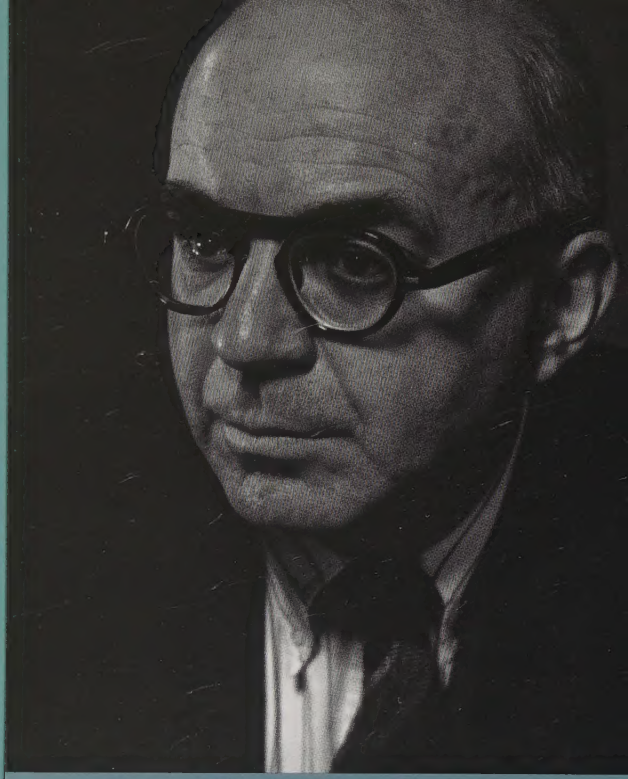
O sentinela não lhe deu atenção. Charley apontou para trás, para o enevoado oeste.

— Oeste — disse e bateu no próprio peito. — Minha terra, Fargo, Dakota do Norte.

Mas o sentinela apenas balançou a cabeça e pôs o dedo nos lábios.

— França muito longe a leste... submarinos... guerra — disse Charley.

O sentinela pôs a mão na boca. Finalmente, fez Charley compreender que não devia falar com ele.



© Latinstock/Philippe Halsman/Magnum Photos

Descendente de portugueses, **John dos Passos** nasceu em Chicago, Illinois (EUA), em 1896. Jornalista, correspondente de guerra, pintor, poeta, tradutor e romancista, é considerado um dos mais importantes escritores do século XX. Escreveu mais de trinta livros, entre ficção e não ficção. Caracterizada pela crítica social, sua obra também inclui relatos de viagem e um grande perfil de Thomas Jefferson, terceiro presidente americano. Morreu em 1970, aos 74 anos.

Com **USA**, trilogia que compreende **PARALELO 42**, **1919** e **O GRANDE CAPITAL**, John dos Passos se impôs como um dos maiores escritores norte-americanos do século XX.

"Dos Passos inventou apenas uma coisa, uma arte de contar histórias. Mas isso é o bastante... Eu o considero o maior escritor dos nossos tempos."

JEAN-PAUL SARTRE

VOLUME 1 DA TRILOGIA **USA**

www.benvira.com.br

ISBN 978-85-64065-41-3

9 788564 065413